



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TRÓPICO ÚMIDO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**



FRONTEIRAS INVISÍVEIS DE GÊNERO: impactos da dominação masculina em viagens solo de brasileiras.

JAMYLE CRISTINE ABREU AIRES

**BELÉM - PA
2024**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TRÓPICO ÚMIDO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**



FRONTEIRAS INVISÍVEIS DE GÊNERO: impactos da dominação masculina em viagens solo de brasileiras.

JAMYLE CRISTINE ABREU AIRES

Trabalho apresentado à banca de defesa de dissertação no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Planejamento do Desenvolvimento.

Linha de Pesquisa: Sociedade, Urbanização e Estudos Populacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Ramos de Castro.

**BELÉM - PA
2024**

JAMYLE CRISTINE ABREU AIRES

FRONTEIRAS INVISÍVEIS DE GÊNERO: IMPACTOS DA DOMINAÇÃO MASCULINA EM VIAGENS SOLO DE BRASILEIRAS.

Trabalho apresentado à banca de defesa de dissertação no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Planejamento do Desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Maria Ramos de Castro.

Data de aprovação: __/__/____

Resultado: _____

Banca examinadora:

_____ - Orientadora.

Prof.^a Dr.^a Edna Maria Ramos de Castro.

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) Universidade Federal do Pará (UFPA).

_____ - Examinador Interno.

Prof. Dr. Silvio José de Lima Figueiredo

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) Universidade Federal do Pará (UFPA).

_____ - Examinadora Externa.

Prof.^a Dr.^a Voyner Ravena-Cañete

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA),
Núcleo de Ecologia Aquática e Pesca da Amazônia (NEAP)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Dedico a minha mãe, e a minha avó (in memoriam), pelo exemplo de dedicação, em vários sentidos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a tudo e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

À Deus e Nossa Senhora de Nazaré, pelo alento e força.

À minha mãe, Maria Joana Assunção Abreu, e à minha vó, Carmosa Assunção Abreu (*in memoriam*), por me educarem da melhor forma possível, com todo o amor e empenho que estavam ao seu alcance. Ambas sempre deram tudo de si, sem medir esforços, para me proporcionar a melhor das criações. Sua dedicação, carinho e apoio incondicional foram fundamentais para a realização deste trabalho e para todas as minhas conquistas até aqui. A elas, devo muito do que sou e do que ainda almejo ser.

À minha namorada, Larissa Gaia, pelo companheirismo, apoio, amor e doídes constantes. Sou imensamente grata por sua presença e por todo o apoio que você me ofereceu ao longo desta jornada.

À minha gatinha, que não faz a mínima ideia do quanto é importante para mim.

À minha família, de modo geral, que em algum período da minha vida esteve disponível para ajudar a mim e a minha mãe.

Agradeço profundamente às professoras que, com empenho e sabedoria, me ajudaram a desenvolver o pensamento feminista crítico. Seus ensinamentos me desafiaram a questionar e a buscar sempre uma compreensão mais profunda do mundo.

À professora Prof.^a Neila Cabral pelas várias oportunidades acadêmicas e profissionais.

Às colegas do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Ingrid Martins, Rosa Magalhães e, principalmente, Mara Raiol, pelo incentivo e compreensão quando precisei.

À minha orientadora, Prof.^a Edna Castro, pela orientação, paciência e apoio incondicional durante todo o desenvolvimento desta pesquisa. Foi incrível poder absorver tanto conhecimento de um ser humano tão especial. Suas sugestões e direcionamentos foram fundamentais para a construção deste estudo.

À banca, Prof.^a Voyner Ravena-Cañete e Prof. Silvio Figueiredo, não apenas pelas valiosas contribuições dadas ao trabalho, mas por me inspirarem tanto enquanto pesquisadores.

Às pessoas que tenho imensa gratidão de poder chamar de amigos, faça chuva ou faça sol (eu respondendo ou não no wpp), Beatriz, Ana Paula, galera do Rock Infinito, meus primos, Danillo, Naila e Carime, à Stephanie, que me auxiliou no campo e na realização de um sonho.

Em especial ao Flavio, minha alma gêmea da vida, sem teu incentivo eu com toda certeza não estaria aqui, me inspiras muito.

Aos meus colegas de curso, Cassia, Laiane, Alan, e todos os outros que entraram no mesmo período, não foi fácil, mas progredimos sempre.

Agradeço aos estagiários bolsistas, funcionários e docentes do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pelo apoio, paciência e troca de conhecimentos ao longo desta jornada. Estendo minha gratidão ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e a todos os seus dedicados funcionários, bolsistas, secretárias e servidores, incluindo os terceirizados.

Agradeço, também, à Universidade Federal do Pará (UFPA), por me proporcionar o acesso ao ensino público de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa que oportunizou a construção deste trabalho.

Agradeço profundamente a cada mulher que dedicou seu tempo e confiança ao responder aos questionários e às entrevistas, compartilhando suas experiências e percepções de maneira generosa e honesta. Meu reconhecimento também se estende àquelas que, mesmo sem participarem formalmente, dividiram valiosas reflexões que enriqueceram esta jornada de investigação. Cada relato, dúvida e história trouxe novas perspectivas, inspirando e fortalecendo o propósito desta pesquisa, reitero minha gratidão e o compromisso de que suas vozes ecoem em cada página desse trabalho.

“It's just a spark, but it's enough to keep me going.”

Obrigada!

“Nas mãos, os riscos de seguir.”

(Felipe Cordeiro e Renato Torres)

AIRES, Jamyle Cristine Abreu. **Fronteiras invisíveis de gênero: impactos da dominação masculina em viagens solo de brasileiras.** 2024. 227 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

RESUMO

A atividade turística desempenha um papel central na vida social, facilitando intercâmbios culturais e gerando impactos sociais, culturais e políticos. Este estudo investiga a dominação masculina nas experiências de turismo solo de mulheres brasileiras na Europa, com ênfase nas dinâmicas de gênero que moldam suas percepções de agência, liberdade e segurança. O aumento da participação feminina no turismo solo reflete mudanças socioeconômicas que proporcionaram maior autonomia às mulheres, mas ainda persistem desafios, como a sexualização de seus corpos e situações de assédio, que afetam suas percepções de liberdade e segurança. A partir de uma abordagem qualitativa fundamentada na teoria crítica, a pesquisa busca entender como as dinâmicas de gênero influenciam as experiências dessas mulheres durante suas viagens solo. A metodologia adotada incluiu uma revisão bibliográfica, coleta de dados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas, além de uma análise crítica dos dados, permitindo identificar as complexas relações de poder que moldam as experiências de viagem. Os resultados indicam que, ao revelarem sua nacionalidade, as mulheres brasileiras frequentemente enfrentam estereótipos de hipersexualização e subserviência, levando a situações de discriminação e assédio. No entanto, essas experiências também desafiam normas patriarcais, ampliando a percepção de autonomia, liberdade e autoestima das viajantes, e evidenciam a resistência das mulheres à dominação de gênero no contexto turístico. Com base nos achados, a pesquisa propõe diretrizes para estratégias institucionais que possam contribuir para a reinterpretação das relações de poder de gênero em contextos de viagens solo femininas.

Palavras-chave: relações de gênero; turismo solo; dominação masculina; mulheres brasileiras.

AIRES, Jamyle Cristine Abreu. **Invisible gender boundaries:** impacts of masculine domination on Brazilian women's solo travel. 2024. 227 p. Dissertation (Master's in Development Planning) – Center for High Amazon Studies, Federal University of Pará, Belém, 2021.

ABSTRACT

Tourism plays a central role in social life, facilitating cultural exchanges and generating social, cultural, and political impacts. This study investigates masculine domination in the solo travel experiences of Brazilian women in Europe, with an emphasis on the gender dynamics that shape their perceptions of agency, freedom, and safety. The increase in female participation in solo tourism reflects socioeconomic changes that have provided women with greater autonomy; however, challenges still persist, such as the sexualization of their bodies and experiences of harassment, which affect their perceptions of freedom and safety. Using a qualitative approach grounded in critical theory, the research aims to understand how gender dynamics influence these women's experiences during solo travel. The methodology involved a literature review, data collection through questionnaires and semi-structured interviews, and a critical data analysis, allowing for the identification of complex power relations that shape travel experiences. The results indicate that, by revealing their nationality, Brazilian women often face stereotypes of hypersexualization and submissiveness, leading to situations of discrimination and harassment. However, these experiences also challenge patriarchal norms, enhancing the women's perceptions of autonomy, freedom, and self-esteem, and highlight their resistance to gender domination in the tourism context. Based on the findings, the research proposes guidelines for institutional strategies that could contribute to the reinterpretation of gender power relations in the context of solo female travel.

Keywords: gender relations; solo tourism; masculine domination; Brazilian women.

AIRES, Jamyle Cristine Abreu. **Fronteras invisibles de género: impactos de la dominación masculina en los viajes en solitario de brasileñas.** 2024. 227 p. Disertación (Maestría en Planificación del Desarrollo) – Centro de Altos Estudios Amazónicos, Universidad Federal de Pará, Belém, 2024.

RESUMEN

La actividad turística desempeña un papel central en la vida social, facilitando intercambios culturales y generando impactos sociales, culturales y políticos. Este estudio investiga la dominación masculina en las experiencias de turismo en solitario de mujeres brasileñas en Europa, con énfasis en las dinámicas de género que moldean sus percepciones de agencia, libertad y seguridad. El aumento de la participación femenina en el turismo en solitario refleja cambios socioeconómicos que han otorgado mayor autonomía a las mujeres, pero aún persisten desafíos, como la sexualización de sus cuerpos y situaciones de acoso, que afectan sus percepciones de libertad y seguridad. A partir de un enfoque cualitativo basado en la teoría crítica, la investigación busca comprender cómo las dinámicas de género influyen en las experiencias de estas mujeres durante sus viajes en solitario. La metodología adoptada incluyó una revisión bibliográfica, recolección de datos mediante cuestionarios y entrevistas semiestructuradas, además de un análisis crítico de los datos, lo que permitió identificar las complejas relaciones de poder que moldean las experiencias de viaje. Los resultados indican que, al revelar su nacionalidad, las mujeres brasileñas enfrentan frecuentemente estereotipos de hipersexualización y sumisión, lo que lleva a situaciones de discriminación y acoso. Sin embargo, estas experiencias también desafían las normas patriarcales, ampliando la percepción de autonomía, libertad y autoestima de las viajeras, y evidencian la resistencia de las mujeres a la dominación de género en el contexto turístico. Con base en los hallazgos, la investigación propone directrices para estrategias institucionales que puedan contribuir a la reinterpretación de las relaciones de poder de género en contextos de viajes en solitario femeninos.

Palabras clave: relaciones de género; turismo en solitario; dominación masculina; mujeres brasileñas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Países visitados pelas respondentes.	128
Figura 2 - Resultado de busca no portal com o termo “turismo sexual”.....	225
Figura 3 - Resultado de busca no portal com os termos “mulher AND brasileira AND turismo”.	225
Figura 4 - Resultado de busca no site com o termo “sex tourism”.....	226
Figura 5 - Resultado de busca no site com os termos “brazilian woman tourism”.....	226
Figura 6 - Resultado de busca no site com os termos “brazilian woman image”.	226
Figura 7 - Resultado de busca no site com o termo “turismo sexual”.....	227
Figura 8 - Resultado de busca no site com o termo “turismo sexual”.....	227

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Quadro de avisos de voos internacionais saindo de Guarulhos – São Paulo...	121
Fotografia 2 - Área de desembarque internacional do aeroporto de Belém	129
Fotografia 3 - Mulher sozinha no aeroporto de Belém após desembarque.	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de produções acadêmicas por ano.....	53
Gráfico 2 - Porcentagem de autoras mulheres e autores homens em publicações sobre turismo, gênero e dominação.....	67
Gráfico 3 - Faixa etária das respondentes.....	123
Gráfico 4 - Autodeclaração de raça/cor/sexualidade das respondentes.....	124
Gráfico 5 - Quantidade de viagens realizadas para a Europa das respondentes.....	127
Gráfico 6 - Países mais visitados por mulheres em viagens solo.....	128
Gráfico 7 - Motivação principal para a viagem.....	130
Gráfico 8 - Países visitados pelas locutoras.....	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções que abordam sexualização, representações e estereótipos de gênero...54	54
Quadro 2 - Produções que abordam trabalho, empoderamento e desafios profissionais. 58	58
Quadro 3 - Produções que abordam relações de gênero desigualdades e assédio..... 60	60
Quadro 4 - Produções que abordam dominação de gênero no turismo rural. 63	63
Quadro 5 - Produções que abordam experiência de mulheres viajantes. 65	65
Quadro 6 - Metodologias e instrumentos de pesquisa dos trabalhos stricto sensu..... 69	69
Quadro 7 - Metodologias e instrumentos de pesquisa dos artigos. 70	70
Quadro 8 - Quadro sinótico das entrevistas realizadas junto as interlocutoras 135	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASD	Agentes Sociais Dominantes
ASd	Agentes Sociais Dominados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Covid-19	<i>Corona Virus Disease 19</i>
EUA	Estados Unidos da América
Embratur	Empresa Brasileira de Turismo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPA	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará
MRE	Ministério das Relações Exteriores
NAEA	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
ONU	Organização das Nações Unidas
ONGs	Organizações Não Governamentais
PF	Polícia Federal
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGDSTU	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Scielo	Scientific Electronic Library Online
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRVL LAB	Laboratório de Inovação em Turismo
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNWTO	United Nations World Tourism Organization

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Objetivo Geral	22
1.2. Objetivos específicos.....	22
2. ROTA METODOLÓGICA	29
2.1. Etapas da pesquisa	30
2.1.1. Revisão bibliográfica.....	30
2.1.2. Coleta de dados.....	32
2.1.3. Entrevistas semiestruturadas.....	33
2.1.4. Questionários	33
2.1.5. Critérios de inclusão, exclusão e a centralidade da Europa como destino.	35
2.1.6. Análise crítica dos dados	47
2.1.7. Processo de codificação.....	48
3. ELAS TRAÇAM UM CAMINHO QUE É PRECISO ENCONTRAR.....	49
3.1. Panorama da revisão bibliográfica brasileira nas plataformas de bases de dados da CAPES.....	51
3.1.1. Gênero dos autores e trajetória acadêmica	67
3.1.2. Metodologias utilizadas	68
4. A CONVERGÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO ...	72
4.1. Gênero, raça e classe nas relações sociais contemporâneas.....	78
4.2. Colonialidade e interseccionalidade: um olhar sobre a dominação contemporânea	84
4.3. Roteiros de poder: agência, performatividade e o <i>habitus</i> da dominação masculina sob uma perspectiva feminista	88
5. O TURISMO COMO CAMPO DE DOMINAÇÃO	100
5.1. Sexualização do turismo.....	104
5.2. Turismo, lazer, espaço e o corpo	106
5.3. Mulheres viajantes e assédio no turismo	109

5.4. Quem te viu, quem te vê: a brasileira	113
6. MULHER BRASILEIRA EM PRIMEIRO LUGAR (?).....	119
6.1. Um olhar preliminar: resultados obtidos com os questionários	120
6.1.1. Panorama geral dos resultados	122
6.2. Tudo que você vê sair da boca de grandes mulheres	132
6.2.1. Cidadãs do planeta.....	134
6.3. Desafios sociopolíticos e estratégias de segurança das mulheres	138
6.4. “É mais fácil ir pra lá”: escolha dos destinos e perfil das viagens	149
6.5. “Sim, sou brasileira”: percepção da nacionalidade e noção de si.....	156
6.6. “A solidão é uma dessas circunstâncias que pode se transformar em força.”: superando o assédio e redefinindo a liberdade de viajar	163
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICE A – DESENHO DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO.	210
APÊNDICE B – ESQUEMA METODOLÓGICO DA PESQUISA I	211
APÊNDICE C – ESQUEMA METODOLÓGICO DA PESQUISA II.....	212
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA TESTE	213
APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	215
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO	217
APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	223
ANEXO A – CAPTURAS DE TELA DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. ..	225
ANEXO B – CAPTURAS DE TELA DO SITE GOOGLE SCHOLAR.....	226
ANEXO C – CAPTURAS DE TELA DO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES.....	227

1. INTRODUÇÃO

A atividade turística constitui um componente fundamental na dinâmica da vida social, não apenas por facilitar a interação e a troca cultural entre diferentes povos, mas também por sua expressiva dimensão econômica, que impulsiona a produção de bens e serviços destinados a atender a múltiplas necessidades dos indivíduos. Além disso, o turismo reflete os desejos de seus clientes (turistas), que buscam conhecer e usufruir de novos locais e culturas, permanecendo temporariamente longe de suas obrigações cotidianas. Entretanto, dependendo da forma como o turismo é abordado, a atividade pode carregar consigo dinâmicas de poder que reproduzem desigualdades que podem posicionar mulheres como “produtos” da própria atividade, mesmo em um cenário em que elas são consumidoras do turismo.

O aumento da participação feminina em atividades de lazer e turismo a partir dos anos 2000 refletiu as mudanças significativas no status socioeconômico das mulheres, visto que elas passaram a ter mais oportunidades de participação em atividades de lazer de modo geral (Khan, 2011; Wilson e Little, 2005). As mulheres, especialmente em viagens solo, superaram os números masculinos em termos de participação em segmentos como turismo de aventura, ecoturismo e mochilões (Wilson e Harris, 2006; Yang; Khoo-Lattimore e Arcodia, 2017). Este fenômeno ganhou destaque acadêmico, especialmente no contexto das viagens solo femininas, onde as mulheres enfrentam desafios e ganham autonomia, expressando independência e ampliando suas interações sociais (Jordan e Aitchison, 2008; Jordan e Gibson, 2005).

A viagem solo realizada por mulheres desafia convenções sociais e culturais que ainda consideram a independência feminina inadequada ou arriscada. Ao se aventurarem nessa jornada, elas não apenas quebram essas normas, mas também buscam afirmar sua autonomia, fortalecer o empoderamento e consolidar aspectos fundamentais de sua identidade e autoestima. (Chiang e Jogaratnam, 2006; Wilson e Little, 2005). Contudo, apesar de uma crescente conscientização sobre igualdade de gênero, as mulheres ainda enfrentam restrições em suas decisões de viagem e engajamento em atividades de lazer (Khan, 2011). Viajantes solo são submetidas a diferentes normas socioculturais e de gênero, enfrentando medos e constrangimentos tanto temporais quanto espaciais (Wilson e Little, 2005).

Além das questões de gênero, mulheres que viajam sozinhas estão frequentemente sujeitas a diversas formas de assédio, um fenômeno prevalente, mas frequentemente subestimado (Macmillan; Nierobisz e Welsh, 2000; Su e Wu, 2020). Esses casos de assédio por diversas vezes estão intimamente relacionados ao assédio sexual, podendo resultar em experiências difíceis para as vítimas (Fairchild e Rudman, 2008). Infelizmente, devido à

natureza efêmera e transitória dos incidentes de assédio, assim como às frequentes dificuldades em identificar e responsabilizar os perpetradores, esse problema é frequentemente subestimado, sendo a falta de registros e a complexidade de reunir provas os principais fatores para a não investigação deles (Bowman, 1993; Mcelroy, Carlisle e Tarlow, 2007; Su e Wu, 2020). Viajantes solo, especialmente as mulheres, são alvos fáceis devido à sua (in)visibilidade e desconhecimento do ambiente estrangeiro.

Dentro de um contexto em que as brasileiras são mulheres que viajam sozinhas, acrescenta-se uma camada adicional de complexidade, uma vez que seus corpos são frequentemente erotizados no mercado sexual global. O Brasil ainda é imaginado como um "paraíso tropical" repleto de mulheres negras ou mestiças prontamente disponíveis e sexualmente aventureiras (Piscitelli, 2008; Williams, 2013). Este estereótipo influencia profundamente as experiências de viagem dessas mulheres, que precisam negociar a estigmatização sexual ao mesmo tempo em que buscam mobilidade e oportunidades (Alfonso, 2006; Pravaz, 2000). Assim, torna-se crucial compreender como essas mulheres lidam com esses desafios únicos, afirmando sua respeitabilidade e identidade em um contexto de viagens solo, e de que maneira essa negociação impacta suas percepções e experiências de liberdade e agência.

A sexualização do turismo exacerba essa dinâmica de dominação, com as mulheres sendo muitas vezes tratadas como objetos de consumo, conforme evidenciam estudos que discutem a indústria do turismo em um ambiente sexualizado (Jordan, 1997; Pritchard e Morgan, 2000). Esse olhar sexualizado, que posiciona as mulheres como passivas e disponíveis, é permeado por uma vigilância social que influencia a maneira como as mulheres interagem com os espaços turísticos (Enloe, 1989; Richter, 1994). Embora as viagens solo representem uma oportunidade de empoderamento e autoconhecimento, elas também expõem as mulheres a riscos, criando um paradoxo entre liberdade e vulnerabilidade (Jordan e Aitchison, 2008). A análise das experiências turísticas femininas deve considerar essas interações complexas, onde a normatividade do olhar masculino e a construção social do espaço configuram não apenas a experiência do turismo, mas também as identidades de gênero em constante transformação (Aitchison, 2005).

No âmbito deste tema, é importante destacar que há uma vasta quantidade de pesquisas que, sob uma perspectiva macroanalítica, abordam o turismo e as relações de gênero, com um foco predominante no turismo sexual. Nesse sentido, conforme Dencker (2007), a construção do conhecimento no campo do turismo requer um exame rigoroso das fontes bibliográficas e documentais disponíveis, aliado a uma abordagem crítica das produções anteriores.

Embora existam limitações impostas por fatores como tempo e recursos, é essencial que o pesquisador explore de maneira abrangente todas as fontes relevantes. Reconhece-se, contudo, que essa tarefa apresenta desafios, especialmente devido ao fato de que grande parte da literatura sobre o tema é gerada em diversas línguas, nem sempre acessíveis ou traduzidas para os idiomas dominados pelo pesquisador. Dessa forma, a pesquisa se concentrou em obras relacionadas ao tema em questão, priorizando fontes que pudessem ser facilmente acessadas e traduzidas. O inglês e o espanhol foram as línguas predominantes utilizadas, devido à sua maior disponibilidade e acessibilidade para este estudo.

Embora existam diversas investigações que abordem o turismo e suas implicações de gênero, muitas delas têm como foco principal o turismo sexual. Este estudo, contudo, visa explorar uma lacuna significativa ao investigar as experiências de mulheres brasileiras que viajam sozinhas pela Europa, indo além das análises tradicionais. Ao adotar uma abordagem crítica e interseccional, esta pesquisa pretende ampliar a compreensão de como as práticas socioculturais contribuem para a construção de subjetividades dessas mulheres, bem como examinar de que forma as relações de poder de gênero influenciam e moldam suas vivências no contexto turístico.

Em uma busca simples no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando como entrada o termo “turismo sexual”, usando como referência de data trabalhos publicados a partir de 1985, nas línguas português, espanhol, inglês e francês, obtém-se um resultado de 162 artigos (ver Figura 1 no anexo A). Já ao utilizar a ferramenta de pesquisas Google Scholar com o termo em inglês (*sex tourism*), e utilizando o filtro para somente mostrar artigos revisados por pares a partir do ano 2000, obtém-se um número ainda mais expressivo: 885 resultados (ver figura 3 no Anexo B). Também foi utilizada a ferramenta de buscas do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, novamente com o termo “turismo sexual”, com o resultado de 75 trabalhos encontrados (ver figura 6 no Anexo C), sendo 48 dissertações e 16 teses.

Ao refazer a busca simples no Portal de Periódicos da CAPES, agora utilizando como entrada os termos “mulher”, “brasileira” e “turismo”, usando como referência de data trabalhos publicados a partir de 1996, nas línguas português, espanhol, inglês e francês, obtém-se um resultado de 12 artigos (ver figura 2 no Anexo A). Já ao utilizar a ferramenta de pesquisas Google Scholar com os termos em inglês (*brazilian + woman + tourism*), e utilizando o filtro para somente mostrar artigos revisados por pares, não se pode obter nenhum resultado (ver figura 4 no Anexo B), contudo, ao modificar o termo *tourism* para *image*, fazendo uma alusão à imagem das mulheres brasileiras em trabalhos revisados se obteve um número

impressionante: 19.300 resultados (ver figura 5 no Anexo B). Também foi utilizada a ferramenta de buscas do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com os termos “mulher+brasileira+turismo”, com o resultado de 16 trabalhos encontrados (ver figura 7 no Anexo C), sendo 11 dissertações e 3 teses, com o detalhe que os trabalhos têm em comum a investigação sobre a representação e o papel das mulheres no contexto do turismo e das práticas sociais e culturais associadas a ele. Eles abordam como as mulheres são retratadas na mídia e no marketing turístico, a construção da identidade feminina e os impactos das políticas públicas e práticas sociais sobre as mulheres. Somente um dos trabalhos listados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES trata diretamente sobre o tema “mulheres que viajam sozinhas”. O restante se concentra em temas como a sexualização das mulheres no turismo, a mão-de-obra de mulheres no turismo, o impacto da mídia na construção da identidade feminina, a exploração sexual no contexto turístico.

O conhecimento e empirismo da pesquisadora na área de estudo tornaram o plano de pesquisa viável dentro do prazo estipulado, evidenciando um comprometimento genuíno com a análise das questões críticas relacionadas a gênero e turismo. A formação acadêmica em Turismo da autora é complementada por um envolvimento anterior com a área, iniciado ainda no ensino médio, quando concluiu o curso técnico em eventos no Instituto Federal do Pará e integrou um projeto de iniciação científica. Esse contato precoce com o turismo foi fundamental para moldar sua trajetória acadêmica e profissional, proporcionando uma base sólida de conhecimento teórico e empírico. A inserção no curso técnico e o engajamento em atividades científicas permitiram uma compreensão mais ampla e crítica do setor, capacitando-a para lidar com os desafios e complexidades que envolvem o turismo, especialmente no que tange à abordagem de questões de gênero e dominação masculina no campo turístico.

Em primeiro lugar, o presente projeto fundamenta-se na pesquisa desenvolvida pela autora em 2012, que investigou os impactos do turismo ilegal sobre as mulheres da Ilha de Cotijuba, localizada em Belém/PA. Este estudo ressaltou a importância de compreender a relação entre gênero e turismo, uma questão particularmente relevante para a região amazônica. Além disso, a familiaridade da autora com o tema foi ampliada por sua experiência prévia profissional em uma agência de viagens e de intercâmbios, onde monitorava o pós-viagem das clientes. Essa vivência resultou em uma diversidade de relatos que abordam questões pertinentes e que são refletidas nos resultados da pesquisa em questão. A continuidade dos estudos sobre gênero no turismo se deve à necessidade de uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e dominação, que muitas vezes leva as mulheres a serem marginalizadas em diversos contextos.

Em segundo lugar, a escolha do tema também se apoia na vivência pessoal da pesquisadora, que, entre 2014 e 2017, participou de dois intercâmbios acadêmicos, totalizando 12 meses em dois países europeus, especificamente Inglaterra e Portugal. Durante esse período, além de suas atividades acadêmicas, a pesquisadora realizou diversas viagens solo pela Europa, o que lhe proporcionou uma experiência direta com situações análogas às questões investigadas. Essas vivências não apenas contribuíram para a formulação da problemática central do estudo, como também influenciaram de maneira significativa a construção da metodologia de pesquisa. A imersão nesses contextos permitiu uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados por mulheres que viajam sozinhas, oferecendo uma perspectiva empírica que enriquece o rigor teórico da investigação.

Esse panorama evidencia a complexidade do turismo como um espaço de negociação e conflito para as mulheres que viajam sozinhas, uma vez que as questões de gênero se manifestam tanto no campo simbólico quanto no material. As dinâmicas de dominação masculina no turismo, intensificadas pelo imaginário da mulher brasileira, implicam a necessidade de examinar como essas viajantes lidam com as pressões socioculturais que restringem sua liberdade e mobilidade. A pesquisa, ao investigar esses fenômenos, busca compreender como as mulheres lidam com essas pressões, desafiando normas e construindo suas identidades ao longo de suas jornadas.

O fenômeno do turismo revela uma intrincada teia de relações de poder, na qual a **problemática** deste estudo se manifesta na dominação de gênero como um fator determinante na experiência das mulheres brasileiras que viajam sozinhas pela Europa. Diante disso, é crucial investigar como a narrativa de dominação masculina no contexto europeu molda a compreensão e a vivência da independência dessas viajantes. Além disso, é essencial considerar de que forma ações estratégicas e iniciativas governamentais podem ser adotadas para abordar as dinâmicas de gênero no setor turístico, com o objetivo de desmistificar as relações de poder e promover transformações que favoreçam a autonomia e segurança das mulheres nesses contextos.

Desta forma, o projeto encontrou um espaço apropriado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), que é conhecido por sua abordagem multi, inter e transdisciplinar. Isso ofereceu um ambiente propício para explorar a interseccionalidade das questões de gênero, dominação masculina e turismo. Ao explorar as relações entre dominação masculina, viu-se a necessidade de abordar também a performatividade de gênero e a agência, iluminando as tensões entre reprodução e subversão das normas de gênero no contexto do turismo. Contudo, mesmo se tratando de um tema com contribuições pontuais academicamente, é evidente que as

complexidades que cercam essa problemática não podem ser completamente abordadas por um único trabalho. Em razão disso, esta pesquisa se propôs a investigar os seguintes questionamentos:

1. Quais formas de dominação de gênero emergem no contexto turístico e como elas afetam a experiência de mulheres brasileiras em viagens solo pela Europa?;
2. De que maneiras as mulheres brasileiras performam o gênero para lidar com normas, expectativas ou situações de dominação em suas viagens solo?; e
3. Como as narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo pela Europa revelam formas de agência e negociação diante de contextos de dominação de gênero?

Estas perguntas culminaram então na seguinte questão problema: **como as dinâmicas de dominação de gênero no turismo moldam a performatividade de gênero e ampliam ou restringem a percepção de agência de mulheres brasileiras em viagens solo na Europa?**

A fim de abordar essa questão, é fundamental considerar a relevância da investigação sobre o impacto das dinâmicas de gênero nessas experiências de viagens solo, o que abre caminho para a apresentação dos objetivos desta pesquisa.

1.1. Objetivo Geral

Investigar criticamente as narrativas de mulheres brasileiras sobre a dominação masculina, analisando como suas experiências de viagem solo moldam sua compreensão de liberdade, autonomia e segurança.

1.2. Objetivos específicos

- Analisar como a dominação masculina molda a percepção de liberdade e autonomia das mulheres brasileiras em viagens solo pela Europa.
- Investigar como as relações de gênero afetam a percepção de segurança nas interações sociais de brasileiras em viagens solo, com ênfase em questões relacionadas à percepção de nacionalidade.
- Propor, com base nos resultados, diretrizes para estratégias institucionais que contribuam para a reinterpretação das relações de poder de gênero em contextos de viagens solo femininas.

Após a delimitação dos objetivos geral e específicos, é crucial contextualizar a fundamentação teórica que sustentará este estudo. Na seção de revisão da bibliografia, serão

explorados os principais conceitos e teorias que embasam a análise das relações de gênero e da dominação masculina especialmente no contexto do turismo.

A globalização é discutida como um fenômeno que, embora permita novas construções identitárias, reforça desigualdades, especialmente de gênero e raça, impactando diretamente as identidades e dinâmicas de poder (Sardenberg, 2015; Crenshaw, 1991). Explora-se como o feminismo atua globalmente para questionar hierarquias de gênero, enquanto a diversidade nas configurações sociais, como a individualização e a complexidade familiar, reflete a busca por direitos. As mudanças nas configurações sociais e familiares são analisadas, incluindo a individualização e a redefinição de normas, refletindo na busca por direitos e convivência justa. A crítica às concepções tradicionais de classe, inicialmente desenvolvida por Thompson (1980) e expandida por Saffioti (1992) e Crenshaw (1991), evidencia a interação entre raça, classe e gênero, mostrando como essas dimensões criam experiências sociais complexas. A colonialidade, estudada por Quijano (2000a e 2000b) e Lugones (2008), é vista como um sistema que perpetua desigualdades de gênero e raça, e autores como Oyêwùmí (2021) demonstram que muitas sociedades pré-coloniais não operavam com as hierarquias impostas pelo colonialismo. Essa análise interseccional desafia as visões eurocêtricas, propondo uma abordagem inclusiva para entender e resistir às opressões contemporâneas.

A análise das relações de gênero será realizada à luz da dominação masculina europeia, com o intuito de identificar como esse contexto molda as experiências turísticas de mulheres brasileiras que optam por realizar viagens solo. Para isso, é essencial compreender o conceito de dominação masculina, que, conforme Bourdieu (2019), se refere a uma estrutura de poder profundamente enraizada na sociedade, na qual os homens mantêm uma posição de superioridade sobre as mulheres por meio de mecanismos simbólicos e materiais. Bourdieu (2019) pontua que essa dominação é naturalizada e perpetuada por instituições como a família, a igreja e o sistema educacional, que reproduzem as disposições de gênero desde a infância (Mottier, 2002).

Entretanto, críticas feministas foram feitas à teoria de Bourdieu, apontando a insuficiência de sua abordagem em considerar a especificidade de gênero na formação do *habitus*, além de ressaltarem a necessidade de integrar uma análise melhor desenvolvida do poder de gênero (Mcnay, 2000; Kraus, 1993). Autores como Butler (1990; 1993) oferecem uma perspectiva crítica alternativa ao enfatizar a performatividade de gênero e a possibilidade de resistência às normas estabelecidas, desafiando a visão mais estática de Bourdieu sobre a reprodução social. Bourdieu (2002) realizou uma revisão de seus conceitos, mas a problemática do gênero continuou a ser identificada como um tema que ele não explorou de forma

aprofundada, no entanto, ele deixou claro que outros autores poderiam fazê-lo, o que efetivamente ocorreu. Assim, embora a dominação masculina se constitua como um conceito central para a compreensão das dinâmicas de poder e desigualdade de gênero, é necessário adotar uma abordagem crítica e multidimensional que permita capturar plenamente suas implicações nas experiências das mulheres em diferentes contextos sociais e culturais.

A masculinidade exerce significativa influência nas dinâmicas de poder do turismo, visto que estrangeiros ainda mantêm um imaginário distorcido sobre a mulher brasileira. A questão de diferenciação de “cor” para com a imagem das mulheres brasileiras ainda está muito associada ao turismo sexual, assim como, o clima e a paisagem à expressão de beleza exuberante. É ainda alusivo observar que as mesmas características atribuídas à venda do Brasil e de suas riquezas naturais, são muitas vezes, as mesmas que descrevem o exotismo das mulheres brasileiras, (Piscitelli, 1996), e isto atrai atenção de homens para o Brasil com finalidades eróticas, refletindo ainda na prática do turismo por brasileiras fora do país.

Tudo o que aqui foi exposto é resultado de uma política pública que um dia foi feita justamente com a finalidade de atrair fluxo turístico através do “exotismo” da mulher brasileira, que atrelado ao modelo patriarcal de sociedade que ainda influencia consideravelmente no modo de se relacionar do povo brasileiro, acabou por se enraizar na concepção da mulher enquanto produto. O início do processo de comercialização da beleza das mulheres brasileiras ocorreu com a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur¹), que iniciou campanhas publicitárias destacando não apenas as belezas naturais e culturais, mas também a sexualidade feminina. Tal ação desencadeou a comercialização do polêmico “turismo sexual”, que cresce absurdamente por sua lucratividade, sendo facilitado por agentes indiretos desta prática (Alfonso, 2006).

Dando continuidade à estrutura deste estudo, torna-se imprescindível delinear as hipóteses que orientaram a presente pesquisa, as quais se configuram da seguinte forma:

a) A dominação de gênero exerce uma influência direta nas percepções de capacidade de agência das mulheres brasileiras que viajam sozinhas pela Europa, manifestando-se nas experiências de liberdade e autonomia.

b) As experiências de viagem solo vivenciadas por mulheres brasileiras na Europa são moldadas por relações de gênero que impactam negativamente sua segurança e acesso a serviços, refletindo a dominação masculina no turismo.

¹ A Empresa Brasileira de Turismo passou a ser denominada Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo a partir da **Lei nº 14.002, de 22 de Maio de 2020.**

c) As narrativas de mulheres brasileiras sobre suas experiências de viagem solo na Europa revelam como a dominação masculina afeta sua capacidade de agência, influenciando suas percepções de liberdade e segurança durante as jornadas.

Diante desse prisma, a pesquisa adotou uma abordagem aplicada para explorar as relações de dominação de gênero de mulheres brasileiras em turismo solo na Europa, investigando o impacto em suas experiências. A escolha por uma metodologia qualitativa, segundo Creswell (2014), permitiu uma análise detalhada da dominação de gênero e suas implicações nas vivências turísticas, abordando questões como segurança, acesso a serviços e interações sociais. Neste estudo, optou-se pela aplicação de entrevistas semiestruturadas, auxiliadas de informações secundárias vindas de questionários, com um enfoque qualitativo, o que permitiu uma coleta de dados que transcende as meras respostas numéricas, que, embora presentes, servem apenas como um panorama preliminar em relação ao aprofundamento proporcionado pelas entrevistas. Essa abordagem favoreceu uma exploração mais rica das experiências e percepções das participantes, permitindo uma análise contextualizada e aprofundada das narrativas de brasileiras que viajam sozinhas.

O estudo seguiu quatro etapas principais: revisão bibliográfica, coleta de dados e análise dos dados, conforme indicado por Denzin e Lincoln (1998). A primeira etapa, dedicada à revisão bibliográfica, teve como objetivo contextualizar o tema e identificar as principais abordagens teóricas e conceituais, com foco na compreensão da dominação de gênero feminino na Europa e no turismo solo de mulheres. A partir da análise dos estudos que abordam conceitos e ideias relevantes para este trabalho, foi possível traçar um panorama da produção acadêmica nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, em relação à temática do turismo como espaço de dominação por meio das plataformas de banco de dados da CAPES, Portal de Periódicos e Banco de Teses e Dissertações.

A análise dessas produções acadêmicas brasileiras revelou uma evolução significativa nas abordagens ao longo das últimas duas décadas. Entre 2000 e 2003, não foram encontrados trabalhos sobre o tema, com a primeira publicação surgindo em 2004, focando na sexualização e na imagem da mulher no turismo. Nos anos seguintes, o foco se expandiu, abordando práticas sociais, interseccionalidades entre raça e gênero, e a exploração da imagem feminina, especialmente em contextos de turismo sexual. A partir de 2009, as pesquisas passaram a examinar a relação entre gênero, sexualidade e marketing turístico, bem como a violência e exploração sexual no setor. Nos anos mais recentes, especialmente após 2020, o campo se diversificou, com ênfase em questões como o empoderamento feminino, a discriminação no

trabalho, e o papel das mulheres no turismo comunitário e de eventos. Foi nesse ano também que a mulher como viajante passou a figurar no debate sobre gênero e turismo.

Quanto a segunda etapa da pesquisa, foi realizada a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com 27 mulheres que já praticaram turismo solo na Europa, complementada pela aplicação de um questionário aplicado com 83 respondentes, visando obter uma amostra diversificada de mulheres brasileiras de diferentes estados (Terrell, 2016; Creswell, 2014; Denzin; Lincoln, 1998). A amostragem por conveniência foi adotada em razão da necessidade de agilizar a coleta de dados. Os critérios de inclusão para a participação nesta pesquisa englobam mulheres brasileiras que viajaram sozinhas para a Europa nos últimos cinco anos, com idades a partir de 18, dispostas a compartilhar suas experiências. As exclusões envolveram mulheres que não tenham realizado viagens solo, assim como aquelas que não se identificam como brasileiras ou que não se sentiram à vontade para participar.

A terceira etapa do estudo consistiu na análise dos dados coletados, adotando uma abordagem crítica que visou compreender as experiências das participantes por meio de uma análise reflexiva e contextualizada das dinâmicas de poder e dominação de gênero no turismo. Essa análise crítica foi realizada através de um processo de codificação interpretativa, onde os dados das entrevistas foram examinados em várias fases, incluindo a identificação de temas e padrões que emergiram das narrativas das participantes. Essa abordagem permitiu discernir como as experiências e percepções das mulheres brasileiras sobre a dominação de gênero são influenciadas por estruturas de dominação masculina durante suas viagens solo. Ademais, outras técnicas de análise qualitativa, como a análise temática, para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, conforme apontam Denzin e Lincoln (2005) e Flick (2009).

O estudo foi conduzido com rigorosa observância dos princípios éticos na pesquisa, assegurando o consentimento informado e a confidencialidade das participantes. Todas as participantes foram devidamente informadas sobre os objetivos da pesquisa, a natureza das informações coletadas e seu direito de desistir a qualquer momento. Os dados coletados foram armazenados de maneira segura, garantindo que as identidades das participantes sejam mantidas em sigilo. Adicionalmente, foram implementadas medidas para proteger a privacidade das participantes, como a utilização de pseudônimos nas análises e publicações, assegurando que nenhuma informação pessoal possa ser rastreada de volta aos indivíduos.

Caracterizado por uma abordagem descritiva e exploratória o estudo buscou aprofundar a compreensão da dominação masculina e seus efeitos nas experiências de turismo, conectando ideias e elucidando as causas e efeitos dessa dominação. Além disso, é importante ressaltar que esta pesquisa teve limitações. A amostragem por conveniência pode resultar em uma falta de

generalização dos resultados, uma vez que as experiências das participantes podem não refletir a totalidade das vivências de mulheres brasileiras que viajam sozinhas na Europa. Ademais, a natureza qualitativa da análise implica uma subjetividade inerente, que pode influenciar a interpretação dos dados e as conclusões. Essas considerações são cruciais para contextualizar os resultados e sugerir que mais pesquisas sejam necessárias para aprofundar a compreensão desse fenômeno.

Dito isto, os questionários foram aplicados presencialmente nos aeroportos de Belém e Guarulhos, com coleta via Google Forms, garantindo a participação de 83 viajantes reais e evitando lacunas nas respostas. Os principais resultados obtidos na análise sobre a percepção da nacionalidade das participantes revelam que o fato de serem brasileiras teve um impacto significativo em suas interações durante viagens solo na Europa. A nacionalidade foi frequentemente associada a estereótipos, moldando a forma como essas mulheres eram percebidas e tratadas por estrangeiros. Esses estereótipos, como discutido por autores como Pontes (2004) e Said (2003), refletem dinâmicas coloniais e exóticas, nas quais as brasileiras são vistas como "outras", o que limitou sua agência e exacerbou experiências de vulnerabilidade.

A reação das mulheres brasileiras a esses estereótipos variou entre a aceitação silenciosa e a adoção de estratégias de autoproteção, como manter contato com familiares e evitar interações indesejadas. Embora muitas relatem experiências de empoderamento ao desafiarem esses papéis, a presença constante de situações de assédio e objetificação demonstrou a fragilidade desse empoderamento diante de um sistema patriarcal que persiste no turismo. Dessa forma, o estudo evidencia que, ao mesmo tempo que o turismo solo pode ser um espaço de autodescoberta e fortalecimento, ele é igualmente atravessado por desafios que refletem estruturas de dominação de gênero e raça.

Para uma melhor organização, além deste capítulo introdutório e das considerações finais, esta dissertação é composta por mais cinco capítulos. No segundo capítulo, "*Rota metodológica*", são apresentados os métodos de investigação, os procedimentos, os instrumentos, os dados e as fontes que compuseram a dimensão técnico-metodológica da pesquisa, descrevendo-se como a abordagem foi concebida, aprimorada, embasada e aplicada durante a concepção do trabalho de campo e no campo em si. Foi incluída nessa seção também uma contextualização da trajetória acadêmica e profissional da autora.

No terceiro capítulo "*Elas traçam um caminho que é preciso encontrar.*" É feita uma análise da produção acadêmica brasileira em duas plataformas da CAPES, com o objetivo de ilustrar como a tríade turismo, gênero e dominação é abordada no contexto nacional. Essa

análise revela uma guinada significativa nos estudos, que, anteriormente centrados predominantemente na questão sexual, agora se voltam para a análise das experiências individualizadas e do empoderamento feminino no âmbito da atividade turística.

No quarto capítulo, “*A convergência da globalização e das relações de gênero*” foi discutida a categoria de análise das relações de gênero, servindo para analisar a intersecção entre globalização e relações de gênero, destacando a colonialidade e a interseccionalidade como ferramentas analíticas para compreender a dominação contemporânea. Ao explorar como a globalização gera novas desigualdades e oportunidades, enfatiza a atuação do feminismo como força globalizadora que desafia hierarquias de gênero. Além disso, critica as concepções tradicionais de classe, evidenciando a interação entre raça, classe e gênero na formação de experiências sociais complexas.

O quinto capítulo “*Turismo como campo de dominação*” analisa o turismo como um campo de dominação, evidenciando a sexualização das mulheres viajantes e o assédio que elas enfrentam, particularmente em contextos de viagens solo. Nele é explicado como as estruturas sociais, influenciadas por um habitus patriarcal, perpetuam a violência simbólica que subordina as mulheres, objetificando seus corpos e naturalizando desigualdades. Fala ainda sobre como as práticas turísticas, embora ofereçam oportunidades para a autodescoberta e resistência, ainda refletem relações de poder que moldam a experiência feminina, tornando-a vulnerável ao olhar masculino. O turismo, desde seu surgimento no século XIX, é também apresentado como um fenômeno cultural complexo, onde as representações da mulher brasileira perpetuam estereótipos de sensualidade e subserviência, dificultando a desconstrução dessa imagem.

O sexto capítulo “*Mulher brasileira em primeiro lugar (?)*” contempla a análise qualitativa dos dados coletados por meio de questionários e entrevistas, traçando o perfil das participantes e discutindo a dominação masculina em suas experiências de viagem. As mulheres relatam um tratamento variado ao revelarem sua nacionalidade, enfrentando estereótipos como hipersexualização e subserviência, que afetam tanto sua apresentação quanto a percepção alheia. Apesar de algumas interações positivas, a maioria compartilha vivências de discriminação e assédio, evidenciando dinâmicas de dominação de gênero. O capítulo também aborda a importância de discutir o assédio e as barreiras linguísticas enfrentadas pelas viajantes. Embora desafiadoras, essas experiências contribuem para o fortalecimento da autonomia e autoestima das mulheres, que confrontam normas patriarcais e buscam autodescoberta, apesar das violências estruturais no turismo.

2. ROTA METODOLÓGICA

A orientação teórico-metodológica desta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, considerada mais adequada para investigar a experiência de mulheres brasileiras em viagens solo pela Europa, especialmente à luz da dominação masculina. Essa escolha metodológica baseia-se na busca por uma compreensão profunda das experiências subjetivas das participantes. Diferentemente da abordagem quantitativa, focada em dados numéricos e generalizações, a metodologia qualitativa explora as nuances e complexidades que não podem ser capturadas por estatísticas (Creswell, 2014). Assim, essa abordagem oferece uma investigação rica em detalhes sobre questões como segurança, acesso a serviços turísticos e interações sociais.

Considerando a complexidade da ciência, conforme Feyerabend (2007), pode-se afirmar que ela consiste em um conjunto intrincado de ideias e interpretações, em constante tensão entre harmonia e conflito, fundamentado em múltiplas epistemologias originadas de contextos históricos distintos. Essa construção do conhecimento é moldada por agentes sociais que interagem em redes de interesses e disputas, buscando controle e eficácia simbólica. Para uma compreensão mais completa das ciências, Bourdieu (2021) destaca a importância de reconhecer as raízes sociais dessas construções e as crenças que as sustentam, incluindo os jogos de linguagem que permeiam essas dinâmicas.

A pesquisa qualitativa é particularmente valiosa em estudos sociais, pois permite uma análise aprofundada das complexas relações humanas e das construções sociais, como afirmam Creswell (2014) e Terrell (2016). Essa metodologia é essencial para investigar como as dinâmicas de gênero e a dominação masculina moldam suas vivências durante as viagens solo. A profundidade e riqueza dos dados qualitativos exigem um planejamento cuidadoso, que vai desde a revisão bibliográfica até a coleta e análise de dados.

A pesquisa qualitativa é particularmente valiosa em estudos sociais, permitindo uma análise aprofundada das complexas relações humanas e das construções sociais, conforme Creswell (2014) e Terrell (2016). Por meio de entrevistas e questionários, a pesquisa revela como percepções de segurança e acesso a serviços turísticos variam entre mulheres de diferentes idades e contextos socioeconômicos, e como experiências de discriminação ou apoio afetam suas vivências e decisões durante a viagem. Além disso, essa abordagem promove uma relação colaborativa entre o pesquisador e os participantes, valorizando a voz e a agência dos sujeitos na construção do conhecimento.

Ao possibilitar o acesso a emoções, pensamentos e interações sociais que não podem ser capturados por métodos quantitativos, a pesquisa qualitativa revela como normas culturais locais influenciam a autonomia e liberdade das mulheres brasileiras em suas viagens. A inclusão de participantes de diversas regiões do Brasil enriquece a análise, evidenciando como fatores geográficos e culturais moldam essas experiências, fortalecendo a compreensão da relação entre turismo solo e as dinâmicas de gênero.

A flexibilidade da abordagem qualitativa é um de seus principais pontos fortes, permitindo que os pesquisadores adaptem as perguntas e os métodos de coleta de dados ao longo do processo, conforme Creswell (2014) e Terrell (2016). Essa dinâmica possibilita uma exploração profunda das experiências dos participantes, contribuindo para uma revisão crítica das normas de gênero e identificando caminhos para mudanças nas estruturas sociais. Assim, a abordagem qualitativa não apenas enriquece a análise, mas também orienta a estruturação das etapas da pesquisa.

As etapas fundamentais do processo incluíram a revisão da literatura, a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários, e a análise crítica das informações obtidas. Essas etapas visaram garantir uma compreensão abrangente das dinâmicas de dominação de gênero enfrentadas pelas participantes, assegurando que os dados coletados contribuam para construir uma narrativa significativa sobre suas vivências (ver desenho do projeto e esquemas metodológicos nos Apêndices A, B, e C).

2.1. Etapas da pesquisa

2.1.1. Revisão bibliográfica

Com relação às técnicas de pesquisa empregadas, a primeira etapa caracterizou-se pela revisão da bibliografia, que teve como objetivo contextualizar o tema e identificar as principais abordagens teóricas e conceituais, fundamentando-se na compreensão da dominação de gênero no turismo e de que maneira ela molda a percepção da capacidade de agência de brasileiras em viagens solo. A revisão da literatura relevante para a pesquisa envolveu a análise das principais obras publicadas sobre o tema em questão (Cooper, 1998; Galvin, 2012; Jesson e Matheson, 2011; Machi e McEvoy, 2012; Pan, 2014), essa etapa não visa comprovar nenhuma ideia preconcebida, mas apenas identificar e apresentar o conhecimento existente sobre a área problemática investigada, segundo Terrell (2016).

A técnica empregada possibilitou revisar e ajustar o problema de pesquisa, os objetivos e a metodologia proposta (Marconi; Lakatos, 2003). O levantamento de dados foi realizado em repositórios institucionais, como o da Universidade Federal do Pará (UFPA), além de plataformas científicas, como o Portal de Periódicos CAPES, *Scopus* e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), complementando-se com leituras das disciplinas do PPGDSTU. Dito isso, essa revisão formal da literatura serviu a três propósitos principais.

Como primeiro propósito se estabeleceu o contexto do estudo, essencial para a "capacidade de gerar", ou seja, a capacidade do estudo de contribuir para o campo da literatura. O objetivo é que os achados sobre a área problemática possam ser utilizados por futuros pesquisadores para apoiar seus estudos. O segundo propósito, como afirmou Ollhoff (2011), consistiu na revisão da literatura como um documento sobre o que já se sabe sobre o problema de pesquisa, identificando e delimitando da melhor forma o que se desejou investigar. Esse processo envolveu compreender a história da área de estudo, identificar as principais teorias e pesquisadores, sugerir novas ideias de pesquisa e construir uma base teórica sólida para o estudo.

A análise das obras revisadas revelou quatro categorias de análise fundamentais: **relações de gênero**, onde se explora a convergência da globalização com as dinâmicas de gênero, as interseções entre gênero, além de uma abordagem crítica da colonialidade e interseccionalidade (Bordo, 1993; Beauvoir, 2014; Crenshaw, 1989; Saffiotti, 2013; Sardenberg, 2015); e **dominação masculina**, que evidencia como as estruturas de poder patriarcais influenciam vivências sociais de mulheres em diversos contextos (hooks, 2014; Giddens, 1982; Moi, 1985; Benhabib; Cornell, 1987; Grosz, 1989; Butler, 1990; Mottier, 2002; Bourdieu, 2019); **sexualização do turismo** e suas implicações sociais e culturais para as mulheres que viajam sozinhas (Pritchard e Morgan, 2000b; Pritchard, 2001; Gabrielli, 2006; Piscitelli, 2006; Jordan; Aitchison, 2008; Kempadoo, 2009; Moraes; Queiroz; Lima, 2011); e **gênero, turismo e imaginário**, mais especificamente sob um contexto que investiga a complexidade das experiências de mulheres que viajam sozinhas, bem como os desafios enfrentados por mulheres nesse contexto (Wearing e Wearing, 1996; Aitchison, 1996; Gibson e Jordan, 1998; Jordan, 1998; Pritchard e Morgan, 2000; Bignami, 2002; Löw, 2006; Fairchild e Rudman, 2008; Jordan e Aitchison, 2008; Jordan, 2007; Wilson e Little, 2005; Wilson e Harris, 2006; Yang e Tung, 2018; Yang *et al.*, 2018b; Su e Wu, 2020). Essas categorias não apenas estruturam a análise teórica, mas também servem como um guia para a compreensão das dinâmicas de gênero que permeiam a dominação masculina no contexto das viagens solo.

O terceiro propósito da revisão da literatura serviu para identificar estratégias de pesquisa, instrumentos de coleta de dados e procedimentos apropriados (Terrell, 2016). Em outros casos, a literatura pode indicar instrumentos de pesquisa adequados ou guiar o desenvolvimento de ferramentas de pesquisa válidas quando não há testes ou pesquisas apropriadas disponíveis. Assim, conforme Terrell (2016), é de suma importância que ela seja utilizada para identificar as ferramentas necessárias para desenvolver um método de pesquisa robusto e válido que auxilie na resposta às questões de pesquisa.

2.1.2. Coleta de dados

A coleta de dados foi essencial para obter informações relevantes e robustas que sustentassem as análises e conclusões (Creswell, 2014; Terrell, 2016). No contexto deste estudo, foram adotados dois métodos principais de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas e questionários, visando obter uma amostra diversificada de mulheres brasileiras de diferentes estados (Creswell, 2014; Denzin; Lincoln, 1998). Além disso, foram utilizadas diversas fontes de dados, incluindo análise de documentos, análise de políticas públicas e informações de redes sociais.

Para garantir uma pesquisa robusta, como argumenta Yin (2013), é imprescindível utilizar uma variedade de instrumentos de coleta de dados que se complementem e se integrem de forma eficaz. Nesse sentido a **pesquisa documental**, abrangendo leis e documentos oficiais, foi implementada com a finalidade de corroborar e valorizar evidências provenientes de outras fontes. Essa abordagem permitiu uma validação das informações e oferece um contexto jurídico e institucional relevante para a análise.

A revisão bibliográfica foi continuamente otimizada por meio de diversas fontes (artigos, teses, dissertações, jornais, sites, etc.), buscando compreender as narrativas previstas conforme os objetivos desse projeto. Consolidar ainda mais a teoria prévia a esse estudo implica assumir o compromisso de sempre passar as informações da forma mais embasada possível para os leitores, além de aprimorar as outras técnicas de obtenção de dados, tais como as entrevistas questionários.

A análise dos dados começou de forma indutiva, identificando padrões, categorias e temas emergentes das entrevistas e outros dados coletados. Posteriormente, foi aplicada uma abordagem dedutiva para validar esses temas e verificar a consistência das evidências coletadas. O plano de pesquisa flexível e adaptável, permitiu ajustes conforme a coleta de dados avançou.

As questões de pesquisa, métodos de coleta e análise foram refinados com base nas descobertas preliminares, garantindo uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado.

2.1.3. Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas são uma técnica qualitativa essencial para a coleta de dados, permitindo uma exploração aprofundada das experiências dos participantes. Segundo Triviños (1987), essa modalidade é caracterizada pela utilização de perguntas básicas, que são fundamentadas em teorias e hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa, possibilitando a emergência de novas hipóteses a partir das respostas dos informantes. Manzini (2003) complementa, destacando que, embora as entrevistas sejam guiadas por um roteiro de perguntas principais, elas também permitem a inclusão de questionamentos adicionais, ajustados às circunstâncias do momento, promovendo um diálogo mais fluido. Essa flexibilidade é crucial para a coleta de informações significativas, já que as respostas não estão restritas a opções padronizadas, permitindo que os participantes expressem suas percepções de maneira mais livre (Manzini, 1990/1991).

Além disso, Triviños (1987) diferencia tipos de perguntas que podem ser utilizadas, como descritivas, explicativas e hipotéticas, as quais visam atingir diferentes objetivos analíticos, desde a compreensão dos significados sociais até a identificação de causas de fenômenos. Manzini (2003) ainda enfatiza a importância de considerar aspectos como linguagem, forma e sequência das perguntas, assegurando que a coleta de dados seja eficaz e alinhada aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, a entrevista semiestruturada se trata de uma ferramenta indispensável na compreensão de experiências humanas, oferecendo um espaço para a reflexão crítica e a análise das interações sociais.

2.1.4. Questionários

O questionário é um importante instrumento de coleta de dados em pesquisas, desenvolvido pelo pesquisador e preenchido pelo informante, logo, sua linguagem deve ser simples e direta, garantindo que as perguntas sejam compreendidas com clareza, evitando o uso de gírias, exceto quando necessário para se adequar a características linguísticas de grupos específicos (Kauark; Manhães e Medeiros, 2010). É fundamental que todo questionário passe por uma etapa de pré-teste em um universo reduzido, a fim de corrigir eventuais erros de

formulação². Antes do questionário, deve ser enviada uma carta de explicação ou autorização para a pesquisa, que contenha informações sobre o conteúdo, instruções para a realização da pesquisa, um pedido de autorização e um agradecimento pela atenção e veracidade das informações fornecidas. Juntamente com o questionário, deve-se incluir a carta de explicação que descreve a proposta da pesquisa, instruções para o preenchimento e devolução, incentivo ao preenchimento e agradecimento. As questões devem ser bem formuladas e claras, contemplando hipóteses de veracidade, e podem incluir perguntas diretas e indiretas, fechadas e abertas, objetivas e subjetivas, permitindo respostas por alternativas ou descritivas.

Para esse estudo, o questionário elaborado conta com uma variedade de tipos de perguntas, que se alinham com a intenção de contemplar hipóteses de veracidade e permitir uma coleta de dados rica e diversificada. As questões podem ser classificadas da seguinte forma:

- a) Perguntas fechadas: A maioria das perguntas apresenta alternativas pré-definidas, onde o respondente deve escolher uma opção, como nas seções de informações demográficas (ex: idade, estado de origem, nível de escolaridade) e na seção de experiência de viagem (ex: quantas vezes você viajou sozinha para a Europa?).
- b) Perguntas abertas: Algumas questões permitem respostas descritivas, como “Qual foi o principal motivo das suas viagens solo para a Europa?” e “Você tem alguma sugestão ou comentário sobre como melhorar a experiência de mulheres que viajam sozinhas?”. Essas perguntas promovem uma reflexão mais profunda e permitem que os respondentes compartilhem suas experiências de forma mais livre.
- c) Perguntas de múltipla escolha: Existem questões que pedem aos respondentes para selecionar todas as opções que se aplicam, como nas perguntas sobre os países visitados e as situações de influências positivas ou negativa devido à condição de mulher. Essa estrutura possibilita captar uma gama mais ampla de experiências.

² Para a elaboração do questionário utilizado no estudo, foi realizado um teste prévio com uma entrevista semiestruturada. Essa etapa inicial permitiu identificar as questões mais relevantes e pertinentes ao tema da pesquisa, além de ajustar a linguagem e a formulação das perguntas de modo a garantir a clareza e a compreensão por parte dos respondentes. A experiência adquirida com as entrevistas contribuiu significativamente para a definição das categorias e tópicos que compõem o questionário, assegurando que ele aborde de maneira eficaz as dinâmicas de gênero e as experiências subjetivas das mulheres brasileiras que praticam turismo solo na Europa.

- d) Perguntas de escala: Na seção sobre impactos da experiência de viagem, uma pergunta avalia a percepção do impacto das viagens na autoestima e independência, utilizando uma escala de respostas (muito positivo, positivo, neutro, negativo, muito negativo).
- e) Perguntas de sim/não: Muitas questões pedem uma resposta simples de sim ou não, como nas seções sobre segurança e percepções de dominação masculina. Isso facilita a coleta de dados que podem ser analisados de forma objetiva.

2.1.5. Critérios de inclusão, exclusão e a centralidade da Europa como destino.

A construção da identidade europeia está intrinsecamente ligada ao processo de colonização iniciado em 1492, quando os europeus chegaram à América Latina, apagando culturas locais e estabelecendo a Europa como o centro da narrativa histórica (Maia e Farias, 2020; Mignolo, 2007). Esse ano, descrito por Dussel (1993) como o marco inicial da modernidade, representa o entrelaçamento entre colonização e formação dos valores ocidentais, evidenciado pela ideologia que relegava a rica diversidade cultural americana ao status de "Outro". Lander (2005) destaca que a chegada europeia deu início à organização colonial do mundo, moldando relações de poder, saberes e memória cultural, enquanto Dussel (1993) identifica quatro momentos fundamentais desse processo — invenção, descobrimento, conquista e colonização —, todos marcados por violências que consolidaram a superioridade europeia. Ademais, Quijano (2005) ressalta que a noção de raça emergiu como base do novo padrão de poder colonial, instituindo uma hierarquização das identidades sociais que ainda persiste na contemporaneidade.

A colonialidade do poder emergiu como uma lógica que sustentou a dominação europeia, abrangendo esferas cruciais da vida social, como a economia, a política e o conhecimento. Mignolo (2007) analisa que essa colonialidade se manifestou na apropriação de terras e na exploração de mão de obra, estabelecendo um modelo de capitalismo que favoreceu as potências europeias em detrimento dos povos colonizados. O capitalismo, nesse contexto, não apenas se desenvolveu a partir da exploração colonial, mas também perpetuou uma estrutura de dependência, relegando a América Latina a uma condição de servidão e subalternidade dentro do sistema capitalista global (Maia e Farias, 2020).

Mesmo com a independência política conquistada pelos países latino-americanos, sua condição de dependência em relação ao mercado internacional não foi alterada, pelo contrário, se consolidou a partir da Revolução Industrial (Maia e Farias, 2020). Marini (2000) observa

que a participação da América Latina no sistema capitalista mundial foi construída sob o princípio da exploração do trabalho, o que perpetuou a divisão internacional do trabalho e a posição subordinada da região. Assim, compreender as dinâmicas sociais e econômicas da América Latina exige uma análise que considere a interdependência entre os países periféricos e os centros de poder, bem como as estruturas internas que sustentam essa dependência.

A herança da colonialidade, que posicionou a Europa como centro do poder global, moldou profundamente não apenas as relações econômicas e políticas, mas também essas interações culturais e sociais contemporâneas. Essa dinâmica de poder continua a influenciar as trocas entre Europa e América Latina, refletindo-se nas trajetórias migratórias e nas experiências de brasileiros que buscam no continente europeu melhores condições de vida e novas oportunidades. A narrativa histórica de dominação, aliada à construção ideológica da Europa como "primeiro mundo", vincula uma série de imaginários que impactam diretamente tanto as vivências migratórias quanto as turísticas, em especial no que tange às dinâmicas de gênero.

A Europa é um dos principais destinos turísticos globais, com uma diversidade de países que apresentam diferentes dinâmicas de gênero. Aspectos de identidade, como a nacionalidade e o imaginário europeu de "primeiro mundo", permitem uma análise rica de como essas interações impactam as vivências turísticas femininas. Outrossim, a Europa tem se consolidado como um dos principais destinos para brasileiros que buscam melhores condições de vida, educação de qualidade, segurança e oportunidades de emprego. Fatores como a facilidade de obtenção de vistos em alguns países e o acesso a instituições de ensino renomadas tornam o continente europeu especialmente atrativo para quem deseja viver fora do Brasil.

De acordo com dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE) (Brasil, 2024), até o ano de 2023, aproximadamente 1.677.241 brasileiros residiam na Europa, representando 33,6% de todos os brasileiros vivendo no exterior. Esse número coloca a Europa como o segundo continente mais popular entre brasileiros que buscam morar fora do país, atrás apenas da América do Norte, que concentra 45,3% dos expatriados brasileiros. A distribuição dos brasileiros entre continentes reflete, em grande parte, as diferenças regionais em termos de oportunidades econômicas e políticas migratórias. Além de ser um destino turístico relevante, a Europa atrai brasileiros não apenas pelos seus aspectos culturais e turísticos hegemônicos, mas também pelas condições favoráveis para estabelecer residência de forma legal e segura.

A emigração brasileira para a Europa é marcada pela crescente participação de mulheres, seja em projetos autônomos ou acompanhando seus familiares (Assis e Siqueira, 2021). Esse movimento reflete um fenômeno mais amplo de feminização das migrações

internacionais, evidenciado pelos dados do Censo brasileiro de 2010³, que apontam para uma proporção de 53,8% de mulheres entre os imigrantes brasileiros. Assis e Siqueira (2021) pontuam também que, apesar de os Estados Unidos da América (EUA) serem o principal destino, a intensificação desse fluxo para a Europa, especialmente a partir dos anos 2000, está relacionada a fatores como a restrição de entrada nos EUA após o 11 de setembro e a crise financeira de 2008, além da mobilidade estudantil e da migração de descendentes europeus.

As supracitadas autoras discorrem sobre o processo de feminização da migração também estar relacionado às segmentações de gênero no mercado de trabalho e à demanda por mão de obra no setor de cuidados. A concentração das brasileiras em setores como os serviços domésticos e a estética, em países como Portugal e Alemanha, evidencia a formação de nichos étnicos que, por vezes, ressignificam os atributos da brasilidade para superar os mecanismos de sexualização e racialização. Além disso, mulheres brasileiras que migram para estudar ou trabalhar enfrentam desafios tanto por sua condição de imigrantes quanto por sua posição de gênero (Piscitelli, 2008; Assis e Siqueira, 2021).

Outrossim, as estratégias delineadas pela União Europeia para consolidar sua centralidade no turismo global estão enraizadas em narrativas que, muitas vezes, perpetuam a hegemonia cultural europeia como padrão universal de qualidade e diversidade. A valorização de patrimônios culturais e naturais europeus, enquanto ignora ou minimiza as contribuições das culturas colonizadas, reflete a continuidade de uma lógica colonial e está presente em documentos oficiais do Parlamento Europeu (2011). Essa perspectiva molda a oferta turística, onde a Europa se apresenta como o centro de experiências autênticas e exclusivas, enquanto reproduz imaginários que reforçam sua posição hierárquica no sistema global de turismo.

A construção da imagem da Europa como destino turístico exemplar também está imersa em discursos que projetam o continente como detentor de um passado cultural e histórico superior. A criação de uma “marca Europa” e a promoção de eventos como as Capitais Europeias da Cultura e os jogos olímpicos reforçam a narrativa de uma história linear e eurocêntrica (Parlamento Europeu, 2011). Essa estratégia, ao omitir as implicações das trocas coloniais que moldaram a riqueza cultural e material da Europa, invisibiliza as contribuições e os sofrimentos das populações colonizadas, reificando a centralidade europeia como destino turístico global.

³ Os dados utilizados referem-se ao Censo de 2010, uma vez que, apesar de o IBGE ter realizado um novo Censo em 2022, as informações atualizadas sobre a emigração de brasileiras para o exterior ainda não foram disponibilizadas, portanto, as análises baseiam-se nas últimas estatísticas oficialmente divulgadas.

Embora necessária, a promoção do turismo sustentável e responsável é frequentemente implementada sem um reconhecimento crítico das desigualdades estruturais originadas pela colonialidade do poder. A alocação de recursos para o desenvolvimento de regiões rurais e costeiras na Europa pode ser vista como uma tentativa de preservar o patrimônio local (Parlamento Europeu, 2011), mas também consolida um modelo que prioriza os interesses europeus em detrimento de uma colaboração mais equitativa com os países historicamente explorados. Essa dinâmica reforça o papel da Europa como curadora global de experiências turísticas, perpetuando a assimetria entre o centro e as periferias.

Por fim, o uso de fundos estruturais e instrumentos financeiros para fortalecer o setor turístico europeu (Parlamento Europeu, 2011) reflete um esforço para manter sua hegemonia em um mercado global cada vez mais competitivo. No entanto, a ausência de um engajamento crítico com as dinâmicas coloniais que sustentam a centralidade da Europa no imaginário turístico global impede a desconstrução de hierarquias históricas. Assim, as políticas da UE continuam a reproduzir narrativas que projetam o continente como *locus* de modernidade, riqueza e progresso, perpetuando a colonialidade subjacente às relações internacionais e culturais.

O turismo na Europa é amplamente reconhecido como uma das principais indústrias econômicas globais, desempenhando um papel significativo na criação de valor e crescimento econômico no continente (Zieba, 2020; Noonan e Rizzo, 2017). A Comissão Europeia, ciente dessa importância, foca significativamente no setor, destacando o papel dos turistas culturais, que tendem a gastar mais e a possuir níveis educacionais mais elevados (Falk e Hagsten, 2017). No entanto, a pandemia de *Corona Virus Disease 19* (Covid-19) trouxe repercussões severas para o turismo europeu, causando um impacto sem precedentes no setor, o qual se projeta como o mais lento a se recuperar (Falk, Hagsten e Lin, 2022). Essa crise também intensificou discussões sobre sustentabilidade, como o problema do overtourism em cidades históricas e áreas naturais protegidas na Europa, que afetam tanto a experiência dos visitantes quanto a integridade dos locais turísticos (Adie, Falk e Savioli, 2020; Amore, Falk e Adie, 2020). Além disso, o fenômeno da turistificação, caracterizado pela transformação de lugares em objetos de consumo turístico, tem sido observado em várias localidades europeias, levantando preocupações sobre os impactos negativos do turismo excessivo.

As dinâmicas de poder que moldaram a identidade europeia, intrinsecamente ligadas ao processo de colonização, permanecem presentes nas relações contemporâneas entre Europa e América Latina, manifestando-se em vários campos, incluindo o turismo. A colonialidade do poder, que posicionou a Europa como centro de dominação, ecoa nas experiências de mulheres

brasileiras que viajam sozinhas para o continente, portanto a centralidade da Europa nesse estudo se baseou na relevância que o continente europeu ainda exerce enquanto *locus* de poder e de construção de imaginários globais. A escolha da Europa como destino não é arbitrária, mas está profundamente enraizada em uma história de hegemonia econômica, cultural e política, a qual também molda as expectativas das mulheres brasileiras que viajam sozinhas para a região.

2.1.5.1. Por que elas e não as outras?

Gostaria de abrir este espaço para algo que, por preferência pessoal e por recomendações metodológicas, geralmente evito. Acredito que esse estilo de escrita deve ser evitado, mas decidi adotá-lo por uma razão específica: escrever em primeira pessoa; inspirada pela abordagem empregada por um excelente pesquisador e amigo na construção de sua dissertação, também no PPGDSTU. Lobato (2021), rompe com o rigor acadêmico tradicional ao adotar um estilo de escrita mais pessoal para se aproximar de seu objeto de estudo. Ele justifica essa mudança pela conexão emocional e histórica com a comunidade investigada, adotando uma perspectiva "de perto e de dentro" para revelar práticas e atores que normalmente escapam às lógicas dominantes. Ao fazer isso, busca compreender como os indivíduos vivenciam e falam sobre suas rotinas e, no caso do seu estudo, sobre as percepções de lazer dos seus locutores, destacando elementos invisíveis do cotidiano.

Decidi iniciar esta seção em resposta a uma pergunta feita durante a qualificação deste projeto. A relevância desse questionamento foi tamanha que senti a necessidade de respondê-lo de forma clara e direta não apenas para elucidar o questionamento da banca, mas também para enriquecer e manter relevante o debate sobre a "posicionalidade" do pesquisador com relação a sua pesquisa. Aproveito, então, para fazer e trazer essa reflexão de modo mais pessoal, ao mesmo tempo em que esclareço minha trajetória acadêmica.

O conceito de 'posicionalidade' do pesquisador, conforme discutido por Sardenberg (2014), é fundamental para entender as dinâmicas da pesquisa. Essa análise da "persona" do pesquisador em diferentes contextos temporais e espaciais permite compreender como essas dinâmicas moldam os encontros e desencontros com os interlocutores no processo de coletas de dados qualitativos. Assim, as interseções presentes nas vivências de campo não apenas impactam a coleta de dados, mas também contribuem para o entendimento das experiências de gênero tanto dos pesquisados quanto dos próprios pesquisadores.

O conceito de "posicionalidades" (ou "mosaicos") é especialmente relevante, pois ele reflete o lugar social que ocupamos em determinados contextos e influencia diretamente nossas

vivências e experiências (Sardenberg, 2015). Essas posicionalidades moldam as identidades "possíveis", ou seja, aquelas com as quais mais nos identificamos, a depender dos marcadores de diferença, como privilégios e vulnerabilidades, que coexistem simultaneamente (Sardenberg, 2015). Um exemplo disso é o estudo de Mary Castro (1992), que demonstrou como as trabalhadoras domésticas de Salvador inicialmente se identificavam com a classe social, mas, com o fortalecimento do movimento negro, passaram também a se reconhecer pela raça, o que evidencia a dinâmica de múltiplas identidades em constante transformação.

A trajetória acadêmica é fundamental para compreender minha "posicionalidade" enquanto pesquisadora neste estudo sobre as narrativas de mulheres brasileiras em experiências de viagem solo. Desde o início da minha formação técnica em Eventos pelo Instituto Federal do Pará iniciada em 2009, tive oportunidades de vivenciar a atividade de diferentes formas e com isso me envolvi no Projeto de Pesquisa sobre a resiliência de gênero no turismo comunitário, explorando questões de gênero dentro do contexto turístico enquanto cursava também o ensino médio. Essa experiência inicial formou as bases para meu entendimento das interações sociais que ocorrem dentro da atividade turística, fornecendo uma perspectiva valiosa sobre o poder, o gênero e, naquele contexto, o turismo comunitário. Graças a esse curso técnico eu me interessei na área do Turismo e ingressei o bacharelado na área em 2012.

Em 2014, durante minha graduação em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA), aprofundi meu interesse em políticas públicas e governança no setor turístico como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa que desenvolvi sobre as políticas públicas de turismo na cidade de Vigia fortaleceu meu olhar sobre como estruturas institucionais moldam as experiências e oportunidades de diferentes grupos, e isso também foi crucial ao analisar as experiências de mulheres em um contexto de viagem solo. Esse entendimento é essencial para esta pesquisa, pois coloca em foco a importância do papel das instituições governamentais no turismo e sua relação com as experiências de liberdade e autonomia dessas mulheres.

Outrossim, gostaria de elucidar também que já me vi em situação correlata às das respondentes desta pesquisa. Em 2014-2015, fui selecionada e financiada para realizar uma capacitação em Hospitalidade, Viagens e Turismo no Reino Unido, uma experiência transformadora que consolidou minhas habilidades técnicas e reflexivas, agregando uma perspectiva internacional que acredito ter enriquecido a análise das narrativas. Posteriormente, em 2016-2017, realizei outro intercâmbio na Universidade de Coimbra, no curso de Licenciatura em Turismo, Lazer e Patrimônio, o que ampliou ainda mais minha compreensão

sobre as questões transnacionais do turismo. Essas experiências internacionais me proporcionaram uma visão mais profunda das dinâmicas culturais e das relações de poder em contextos globais, visto que tive oportunidade de realizar algumas viagens sozinha.

Outra informação relevante para minha trajetória acadêmica é o fato de eu já ter estagiado em duas agências de viagens, sendo uma delas especializada em intercâmbios. Essa experiência me proporcionou uma compreensão mais ampla sobre a logística e os desafios do turismo e me aproximou de relatos de mulheres que viajam sozinhas. A partir dessas interações, pude observar padrões recorrentes de dificuldades e preconceitos enfrentados, bem como o impacto das desigualdades de gênero e raça no planejamento e na vivência dessas viagens. Essa trajetória, portanto, foi a faísca que acendeu a chama da problemática central que estudo aqui.

Embora me identifique como mulher branca amazônida, é importante esclarecer que minha identidade nem sempre é lida dessa forma em outras regiões do Brasil, especialmente no Centro-Sul. Minhas experiências internacionais também proporcionaram uma compreensão mais profunda sobre a racialização de mulheres em diferentes contextos, tanto nacionais quanto internacionais. Durante meu intercâmbio no Reino Unido, convivi com nove brasileiras, todas oriundas do Sul e Sudeste, e o resultado desse processo seletivo foi o primeiro choque de realidade em relação às dinâmicas de regionalismo e racialização⁴.

Minha mãe é uma mulher negra e meu pai, um homem pardo, e de ambos herdei uma ancestralidade que reflete a miscigenação característica de grande parte da população paraense⁵, composta por heranças afrodescendentes, indígenas e europeias. Mas por que é importante explicitar essa informação? Ao viver minha realidade restrita ao ambiente familiar e, “aqui em casa”, na Amazônia, não enfrentei situações de discriminação racial que sei que muitos amigos negros já experienciaram ao longo de suas vidas, ou pelo menos não percebi. Através do meu primeiro intercâmbio, tive a oportunidade de estabelecer um contato mais profundo com diferentes culturas e com as diversas percepções raciais brasileiras, mesmo em um contexto internacional. Além disso, essa experiência também me proporcionou um primeiro acesso ao imaginário europeu a respeito da mulher brasileira.

⁴ Dos 50 selecionados, a ampla maioria (88%) era proveniente de instituições das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste reflete a concentração de oportunidades acadêmicas nessas áreas, reforçando disparidades regionais no acesso e na competitividade em processos seletivos. Apenas 12% dos selecionados eram de instituições localizadas nas regiões Norte e Nordeste, o que revela um desequilíbrio histórico e estrutural no sistema educacional brasileiro. No entanto, esta pesquisa não se aprofundará nessa questão.

⁵ Com uma população total de 7,5 milhões de habitantes, o estado do Pará destaca-se como a unidade federativa com o maior contingente de pessoas autodeclaradas pretas ou pardas no Brasil. Tal constatação foi evidenciada por estudo inédito realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em colaboração com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Perceber que sou branca, mas não de forma absoluta para outras realidades brasileiras, me levou a questionar as nuances da branquitude e como a racialização opera de maneira diferente dependendo do contexto. Essa percepção revelou as complexidades das hierarquias raciais no Brasil, onde, embora eu seja vista como branca em um contexto amazônico, em outros espaços, minha aparência e herança miscigenada podem não conferir o mesmo privilégio. Isso me levou a refletir sobre como os sistemas de poder racial e regional influenciam não apenas a percepção individual, mas também o acesso a oportunidades e os processos de exclusão sutis que permeiam as interações sociais e acadêmicas no país.

Então, perceber que eu não sou considerada completamente branca por alguns brasileiros me levou a questionar ainda mais minhas interações em solo europeu, onde as dinâmicas de raça, nacionalidade e identidade se entrelaçam de maneiras diferentes. Essa experiência me fez refletir sobre como minha identidade racial, que já é complexa no contexto brasileiro, é reinterpretada em um cenário europeu, onde a colonização e a construção da alteridade latino-americana moldam as interações com pessoas de fora do continente. Esses questionamentos são cruciais para entender as camadas de discriminação e privilégio que moldam as experiências de mulheres brasileiras, como eu, que viajam sozinhas e precisam lidar com as múltiplas formas de dominação, sejam elas de gênero, raça ou nacionalidade, especialmente em um espaço historicamente marcado pela colonialidade.

Interseccionando discussões sobre gênero e raça, há de se considerar também o apagamento e desrespeito às populações amazônidas, mais precisamente a invisibilidade das características inerentes a mulher amazônida. Desde o século XVI, por influência das classes hegemônicas do Brasil, a população amazônica passou a ser considerada classe subalterna (Bittencourt, 2013). Esse menosprezo às características populares deu início ao mito do vazio demográfico, bem como uma falsa unificação cultural dentro de uma espacialidade muito vasta, dessa forma nota-se sutilmente que esse “apagamento” se trata, na verdade, da total desconsideração de amazônidas importantes para a sociedade brasileira, ignorando o mérito das comunidades tradicionais e seus aspectos culturais (Bittencourt, 2013).

Cabe destacar também que os critérios para a escolha dos sujeitos analisados nessa pesquisa foram: 1) interlocutoras do sexo feminino; 2) interlocutoras viajantes reais, em razão da escolha por abordar mulheres em aeroportos, evitando respondentes falsos comuns aos questionários online; 3) predisposição em participar da pesquisa; e 4) interlocutoras que já haviam realizado alguma viagem ou trecho solo para a Europa. No que concerne à questão amostral, justifica-se a adoção de uma amostra não probabilística por conveniência,

considerando a viabilidade operacional, as limitações de recursos humanos e a impossibilidade de determinar o universo amostral exato.

Nenhum ponto de saturação foi preestabelecido, uma vez que se defende que a quantidade de dados a serem analisados não deve ser restrita a um número fixo. Segundo Minayo (2017), é essencial que o pesquisador tenha a certeza de que, mesmo que de maneira provisória, conseguiu apreender a lógica interna do objeto de estudo, que também atua como sujeito, em suas múltiplas relações e interconexões. Nesse contexto, a investigação não se baseia na saturação, mas busca conferir robustez à pesquisa, conforme salientado por Mason (2010). Em vez de priorizar generalizações, o enfoque recai sobre um aprofundamento dialético, visando uma compreensão mais abrangente das narrativas das mulheres que realizam viagens solo.

Dito isso, durante o processo de coleta de dados me deparei com algo que me levou a refletir sobre a postura e as reações de algumas das interlocutoras durante o processo de coleta de dados. Como já observado em estudos urbanos, a atitude *blasé* descrita por Simmel (1967) e retomada por Magnani (2002) pode, de certa forma, emergir em contextos de interação que envolvem indivíduos acostumados a um alto volume de estímulos e à impessoalidade característica de espaços metropolitanos e turísticos. No decorrer da pesquisa, percebi que essa indiferença e apatia – típicas da atitude *blasé* – também se manifestaram entre algumas das participantes, sobretudo nas interações em aeroportos, que são espaços turísticos movimentados, onde as interlocutoras, apesar de partilharem o mesmo ambiente, não estabeleciam vínculos profundos com os demais, sejam eles outros turistas, trabalhadores locais ou quaisquer sujeitos que compartilhavam o espaço.

Tal comportamento não apenas reflete o ambiente urbano, como também revela uma forma de defesa emocional frente ao turbilhão de experiências e estímulos sensoriais. A atitude *blasé*, que pode ter sido observada em algumas das participantes ao responderem os questionários, contribuiu para uma neutralização de certos aspectos subjetivos, como emoções ou sentimentos, o que, por um lado, facilitou o processo de coleta ao eliminar barreiras emocionais, mas, por outro, pode ter limitado a profundidade das respostas fornecidas, principalmente ao serem abordadas estando sozinhas, mesmo que por uma mulher. Essa reação, ainda que inconsciente, sugere uma resistência em expor suas vulnerabilidades, o que levanta questões sobre a forma como as mulheres brasileiras se protegem em espaços públicos, particularmente em suas viagens solo.

Seguindo os princípios elencados por Magnani (2002), foi fundamental manter certa distância analítica durante esse processo, reconhecendo os limites de minha própria

posicionalidade como pesquisadora e viajante solo, e tentando, ao mesmo tempo, dar voz ao “outro”, mas também observei uma resistência significativa por parte das respondentes. Essa resistência se manifestava de diversas formas, revelando as complexas dinâmicas de poder e subjetividade envolvidas. Da mesma forma, senti o impacto de não ser lida como branca por algumas pessoas durante minha primeira experiência fora do Pará, o que me fez perceber como minhas identidades — tanto racial quanto geográfica — moldavam as interações e a maneira como era percebida, tanto pelas respondentes quanto pelos contextos que investigava. Isso evidenciou ainda mais a necessidade de uma abordagem reflexiva, capaz de capturar as nuances dessas trocas e a maneira como minhas próprias experiências influenciavam o processo de pesquisa sem, claro, me fazer de coitadinha por isso.

A justificativa para o perfil predominante branco das mulheres entrevistadas no estudo pode ser ancorada na metodologia adotada para seleção das participantes. O filtro principal utilizado, o qual **exigia que as respondentes tivessem realizado viagens ou trechos solo para a Europa**, resultou em um grupo de **maioria branca**, o que reflete uma característica demográfica específica dentro do recorte de viajantes. Este fenômeno pode ser interpretado a partir de variáveis socioeconômicas e históricas: a capacidade de realizar viagens internacionais, especialmente solo, está intrinsecamente ligada a privilégios de acesso, que muitas vezes são distribuídos de maneira desigual em termos de raça, gênero e classe social. A seleção não foi orientada por questões de cor ou etnia, mas pelo critério da experiência de viagem, o que resultou em uma amostra que, naturalmente, reproduziu, pelo menos nesse universo de respondentes, um padrão de acesso ao turismo, não somente em território europeu, mas como um todo.

Ademais, as visitas de campo realizadas nos aeroportos de Belém e São Paulo revelaram diferentes composições demográficas, mas em ambos os casos, o fator determinante foi a experiência prévia de viagem, e não características físicas ou identitárias das mulheres abordadas. Assim, a composição majoritariamente branca das respondentes dos questionários deve ser compreendida como reflexo de uma realidade mais ampla de acesso desigual a esse tipo de turismo, em vez de uma escolha consciente ou inconsciente na abordagem das entrevistadas.

Realizou-se um pré-teste do questionário com 10 participantes para avaliar a clareza e a compreensão das afirmativas, o que resultou em ajustes, como substituição de termos e eliminação de questões problemáticas. Em seguida, foi desenvolvida uma versão piloto da entrevista semiestruturada, com questões padronizadas e flexíveis (Batista, Matos e Nascimento, 2017), permitindo o surgimento de questões complementares e garantindo que as

principais categorias de análise fossem abordadas sob a perspectiva do público-alvo (ver Apêndice D). Dez entrevistas-teste foram realizadas com mulheres que compartilhavam características das participantes da pesquisa principal, utilizando a plataforma Meet, em condições similares às das entrevistas oficiais, assegurando a validade dos resultados (Gil, 2008; Manzini, 2012). Após essa etapa, iniciou-se a coleta de dados em campo, envolvendo mulheres que haviam realizado uma ou mais viagens solo para a Europa.

Com a finalidade de garantir a efetividade do roteiro, cada pergunta foi elaborada com objetivos claros, para que a avaliação das informações coletadas fosse relevante para o andamento deste estudo. Apenas perguntas que contribuam diretamente para a resolução do problema de pesquisa foram incluídas. Além disso, buscou-se utilizar um roteiro de linguagem acessível ao público-alvo, evitando termos mais técnicos e utilizando perguntas abertas, as quais são recomendadas para evitar respostas direcionadas e garantir a coleta de dados rica e variada.

O levantamento foi realizado por meio de um survey, utilizando um questionário presencial (ver Apêndice F) composto por afirmativas, nas quais as respondentes se posicionaram conforme suas percepções. No total, foram aplicados 83 questionários. O instrumento de pesquisa foi elaborado com base em estudos anteriores sobre as experiências de mulheres viajantes, adaptado do trabalho de Chedid (2020), "*A subalternização de agentes do Norte Global às mulheres brasileiras em um contexto de turismo: uma análise pós-colonial.*"

A partir da aplicação do questionário, foram filtradas 16 mulheres que se dispuseram a aprofundar suas narrativas por meio de entrevistas semiestruturadas. Ademais, com base na minha experiência prévia com viagens internacionais, seja por meio de intercâmbios ou pelo período de estágio em agências de turismo, consegui entrar em contato com mais 10 mulheres, compondo, assim, um quadro geral de 27 entrevistadas (ver roteiro da entrevista no Apêndice D). A escolha dos aeroportos de São Paulo e Belém para a coleta de dados reflete tanto a lógica de demanda internacional quanto fatores econômicos. Embora a inclusão de outros aeroportos com fluxo internacional, especialmente no Nordeste, pudesse diversificar o universo da pesquisa, as limitações financeiras para me deslocar até essas localidades me impediram de fazê-lo. São Paulo, além de ser um ponto estratégico devido à sua alta movimentação, foi uma escolha financeiramente adequada para o momento da pesquisa. Belém, por sua vez, é meu local de residência, o que facilitou o acesso às participantes.

São Paulo é, indiscutivelmente, o maior centro urbano e econômico do Brasil, com um papel essencial nas redes de transporte aéreo internacional. O Aeroporto Internacional de São Paulo-Guarulhos (GRU) é um dos maiores e mais movimentados do país, com uma significativa quantidade de voos internacionais. De acordo com dados mais recentes do Relatório de

Performance do Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro realizado pelo Departamento de Controle do Espaço Aéreo, o Aeroporto GRU é o mais movimentado do Brasil ano após ano (Brasil, 2022). A cidade é um ponto de convergência de passageiros de diversas partes do país, o que a torna um local ideal para captar uma amostra diversificada de mulheres que viajam solo para a Europa, visto que somente em 2024 (até novembro) foram realizados mais de 13 milhões de movimentações aeroportuárias internacionais (Aeroporto Internacional de São Paulo, 2024).

Historicamente, São Paulo se consolidou como um polo de intercâmbio cultural e de negócios, o que implica uma grande circulação de pessoas que, em grande parte, viajam para a Europa em busca de oportunidades acadêmicas, profissionais e de lazer. A alta mobilidade das mulheres brasileiras na cidade, somada à sua conectividade com outros países, faz de São Paulo um ponto de partida lógico para uma pesquisa que visa entender as dinâmicas de viagens solo de mulheres para destinos europeus. A cidade também se destaca pelo seu perfil cosmopolita, com um público diversificado que facilita o acesso a diferentes narrativas e experiências.

Belém apresenta uma configuração única que se alinha aos objetivos desta pesquisa, especialmente devido à sua proximidade com a pesquisadora. Como cidade de residência, Belém facilita o acesso às participantes, o que otimiza a logística de coleta de dados. Embora o Aeroporto Internacional de São Paulo possua um volume maior de voos internacionais, o Aeroporto Internacional de Belém/Val de Cans (BEL) desempenha um papel relevante na mobilidade internacional, sendo uma das principais portas de entrada para o Norte do Brasil, com voos diretos para destinos como Lisboa, Portugal, importante conexão histórica entre Belém e a Europa.

A escolha das duas cidades também leva em consideração fatores econômicos, como o custo de deslocamento e a acessibilidade às participantes. São Paulo, apesar de ser uma cidade com um custo de vida mais elevado, oferece uma infraestrutura de pesquisa mais robusta e uma maior quantidade de mulheres que viajam para a Europa. Já Belém, sendo um centro regional, oferece vantagens logísticas para a pesquisadora, ao mesmo tempo em que permite capturar as narrativas de mulheres de uma região menos centralizada do país, enriquecendo a análise comparativa entre diferentes perfis de viajantes.

Em termos acadêmicos, diversas pesquisas apontam a importância de São Paulo e Belém no contexto das viagens internacionais. Por exemplo, estudos sobre mobilidade internacional apontam São Paulo como um epicentro de fluxos migratórios (Escudero, 2022) e turísticos (Marques, 2024), enquanto Belém é discutido no contexto de regiões periféricas que começam a ganhar relevância nas rotas internacionais. Historicamente, Belém tem se consolidado como um centro urbano em expansão, com destaque para sua conexão com Portugal, decorrente da

forte presença de imigrantes portugueses e de laços históricos com o continente europeu (Cancela; Guimarães, 2018). Entre setembro de 2023 e julho de 2024, o aeroporto registrou aproximadamente 3,5 milhões de movimentações aeroportuárias (Aeroporto Belém, 2024).

Nesse processo, a escolha das entrevistadas refletiu não apenas os critérios estabelecidos, mas também as barreiras e facilitadores inerentes ao acesso a determinados grupos sociais. Embora tenha havido uma tentativa deliberada de incluir diversidade racial e de classe nas entrevistas, o recorte final revelou a persistência de perfis majoritariamente brancos e de classe média, o que é um reflexo das dinâmicas de poder que permeiam o turismo internacional e a construção de redes de contato. A pergunta "*Por que elas e não outras?*" emergiu como uma provocação central, levando-me a questionar os próprios limites da pesquisa, especialmente no que se refere à intersecção entre privilégios sociais e a disponibilidade de mulheres dispostas a compartilhar suas experiências de viagem solo.

Esse desafio me impulsiona a um compromisso mais consciente na busca por mitigar essas disparidades em futuras investigações. Ao reconhecer minha posição como uma "iniciante" no mundo acadêmico, percebo essa reflexão como um exercício fundamental para o desenvolvimento de uma prática de pesquisa que seja mais inclusiva e crítica ao longo da minha trajetória. "Encerro" aqui minha participação pessoal na pesquisa, distancio-me novamente para assegurar que minha análise permaneça objetiva e não seja influenciada por experiências individuais, uma vez que esse não foi o foco da análise dos dados, mas sim uma faísca para a formulação desta pesquisa como um todo.

2.1.6. Análise crítica dos dados

A teoria crítica, enraizada na Escola de Frankfurt, é essencial para a compreensão de dinâmicas de poder no turismo (Chambers, 2007; Tribe, 2007). É importante que exista um diálogo entre o pesquisador e seu contexto, na medida em que a teoria crítica moderna busca superar o dualismo entre o cientista e a totalidade da atividade social (Habermas, 1988 Tribe (2007) destaca que a análise crítica do turismo se concentra nos interesses dominantes e no exercício do poder. O autor enfatiza, ainda, o objetivo de promover a emancipação e a construção de uma utopia turística. Chambers (2007) complementa que a pesquisa crítica precisa ser interdisciplinar, reflexiva, dialética e desafiadora das estruturas de poder.

A guinada crítica nos estudos de turismo aborda questões de identidade, gênero e dominação, influenciada pela geografia cultural (Ateljevic, Morgan e Pritchard, 2007; Aitchison, 2006). Chambers (2007) examina o uso do termo "crítico" em publicações

acadêmicas, observando que diversos autores o utilizam em análises e avaliações, embora poucos enfoquem o turismo crítico como um novo paradigma. As guinadas crítica e cultural no turismo se interrelacionam, conforme Aitchison (2005, 2006) e Ateljevic, Morgan e Pritchard (2007), que reconhecem a relevância da teoria pós-estrutural no campo.

O pós-estruturalismo, conforme Escobar (1996), destaca a influência do discurso na construção da realidade social, enquanto Peet e Watts (1996) relacionam conhecimento e poder. Foucault argumenta que os discursos são ações inseridas em contextos históricos e políticos (Dreyfus e Rabinow, 1982), e sua análise é crucial para entender a relação entre práticas sociais e organizações de poder. Nesse sentido, as contribuições da guinada crítica podem ser observadas nas discussões sobre representação e pós-colonialismo, como exemplificado por Said (2003), que argumenta que as representações ocidentais do Oriente são distorcidas. Portanto, a literatura de turismo crítico também aborda questões de corpo, mercantilização e reflexividade, embora determinadas áreas, como a análise das relações de poder, ainda demandem maior atenção (Andrews, 2005; Crouch e Desforges, 2003; Ateljevic *et al.*, 2005).

A análise crítica foi conduzida por meio de um processo de codificação interpretativa, examinando os dados das entrevistas em várias etapas e incluiu a identificação de temas e padrões emergentes nas narrativas das participantes. Essa metodologia permitiu compreender como as experiências e percepções das mulheres brasileiras são influenciadas por estruturas de dominação masculina durante suas viagens solo.

2.1.7. Processo de codificação

A codificação ou análise é um procedimento fundamental para dividir, conceitualizar e estabelecer relações entre os dados coletados. Esse processo analítico inicial visa construir uma teoria robusta, assegurar a rigorosidade metodológica, identificar vieses, e desenvolver a profundidade, sensibilidade e integração necessárias para gerar uma proposição consistente (Strauss e Corbin, 1990). A codificação dos dados será realizada em etapas distintas neste projeto: preparação dos dados; codificação inicial; identificação de temas; desenvolvimento de códigos; revisão dos códigos; refinamento; codificação axial; codificação seletiva; análise e interpretação; interpretação crítica; contextualização; e validação e reflexividade.

3. ELAS TRAÇAM UM CAMINHO QUE É PRECISO ENCONTRAR

Inspirado no trecho “elas traçam um caminho que é preciso reencontrar” do livro “*Os excluídos da História*”, de Michelle Perrot (2017, p. 193), o título deste capítulo evoca a busca por histórias e interpretações que superem as visões estereotipadas sobre a sexualização e objetificação da mulher brasileira no turismo. Assim como Perrot sugere a existência de resistências e práticas de autonomia que desafiam estruturas de poder, este primeiro capítulo se dedica à produção acadêmica brasileira que explora as intersecções entre turismo, gênero e dominação. O título reforça a ideia de que as mulheres traçam caminhos próprios, ressignificando suas práticas em um contexto social e acadêmico que, frequentemente, invisibiliza suas experiências. Dessa forma, a seção destaca tendências e lacunas nas abordagens sobre a imagem e representatividade da mulher no turismo.

Para aprofundar a análise, foi conduzida uma revisão bibliográfica contemplando teses, dissertações e artigos nas bases de dados da CAPES, essencial para explorar como as publicações brasileiras abordam o papel e as experiências das mulheres no turismo, com foco em temáticas como sexualização, empoderamento feminino e desigualdades de gênero. Essa investigação revelou as principais abordagens teóricas e metodológicas que sustentam essas discussões, oferecendo uma base sólida para o aprofundamento dos objetivos da pesquisa. A revisão bibliográfica enriqueceu também a análise dos dados coletados nas entrevistas, fornecendo uma visão abrangente das abordagens e lacunas observadas na literatura e permitindo uma compreensão ampliada das imagens e representações da mulher brasileira no turismo e dos contextos de poder que moldam suas experiências, o que possibilitou o surgimento da problemática desta pesquisa.

O conceito de **estado da arte** na pesquisa representa uma análise crítica e sistemática das produções acadêmicas sobre um tema específico, sendo essencial para situar o estudo em um contexto teórico consolidado. De acordo com Creswell (2017), essa revisão não se limita a listar os trabalhos existentes, mas deve ser uma síntese das principais teorias e metodologias adotadas, além de identificar as lacunas que permanecem no campo. Dessa forma, a revisão bibliográfica é um exercício de análise e reflexão que orienta a construção de novos caminhos para a pesquisa, sendo, portanto, um processo contínuo e dinâmico que exige uma interpretação cuidadosa das produções anteriores. Através dessa prática, o pesquisador pode posicionar sua investigação de forma crítica dentro do panorama acadêmico e contribuir para o avanço do conhecimento.

Kuhn (1997) introduz a ideia de que a ciência avança por meio de mudanças paradigmáticas, e essa perspectiva é fundamental para compreender o processo evolutivo do estado da arte. Para o autor, as revisões da literatura revelam mudanças significativas nas abordagens teóricas e metodológicas, especialmente durante as transições paradigmáticas, quando novas perspectivas emergem e transformam a forma de compreender os problemas de pesquisa. No campo dos estudos de gênero no turismo, essas mudanças paradigmáticas podem ser observadas na transição de narrativas que perpetuam a sexualização e a objetificação das mulheres para abordagens que destacam sua agência, resistências e experiências complexas. Assim, compreender essas transições permite identificar como as revisões da literatura contribuem para a construção de novos caminhos teóricos e metodológicos no estudo das dinâmicas de gênero no turismo.

Nesse sentido, a revisão da literatura também deve ser entendida como um processo de diálogo contínuo com o conhecimento preexistente. Creswell (2017) aponta que, além de situar a pesquisa dentro do estado da arte, a revisão bibliográfica deve destacar as contribuições inéditas do estudo, evidenciando como ele pode expandir ou desafiar as teorias e abordagens predominantes. Dessa forma, a análise crítica das produções existentes não apenas contextualiza o trabalho do pesquisador, mas também justifica sua relevância e a necessidade de novas investigações. Ao realizar essa tarefa, o pesquisador constrói uma base sólida para sua pesquisa, incorporando as diferentes perspectivas teóricas que permeiam o campo de estudo.

Ridley (2012) reforça que a revisão da literatura deve ser uma análise crítica e contextualizada, considerando tanto as convergências quanto as divergências entre os estudos. A autora sugere que, ao realizar a revisão, o pesquisador deve avaliar as metodologias utilizadas nos trabalhos anteriores, refletindo sobre suas implicações e limitações. Esse processo permite que o pesquisador identifique claramente as lacunas na literatura, essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa inovadora. A crítica cuidadosa das produções anteriores é, portanto, um passo necessário para a construção de um estado da arte robusto, que não só resume, mas também questione e amplie as abordagens estabelecidas.

A perspectiva de Descola (2006) contribui para ampliar a análise das imagens e representações culturais que moldam as narrativas sobre mulheres no turismo ao discutir as “formas do visível”, oferece uma reflexão sobre como diferentes culturas percebem e representam o mundo. Essa perspectiva é particularmente importante ao pensar no estado da arte, pois amplia a compreensão sobre como o conhecimento é construído a partir de diferentes cosmovisões. Em sua obra, o autor sugere que o conhecimento não é homogêneo, mas sim multifacetado, moldado pelas diversas formas de percepção e simbolização presentes em

diferentes culturas. Assim, ao revisar a literatura, o pesquisador deve estar atento às contribuições que provêm de diferentes tradições epistemológicas, ampliando o escopo do estado da arte e fortalecendo a análise do tema pesquisado.

3.1. Panorama da revisão bibliográfica brasileira nas plataformas de bases de dados da CAPES

Para analisar as dimensões de gênero no turismo, Kinnaird e Hall (1996) propuseram um "marco consciente do gênero", fundamentado em três premissas principais as atividades e os processos ligados ao desenvolvimento turístico são construídos em sociedades marcadas por relações de gênero; essas relações permeiam e são influenciadas pelas práticas políticas, econômicas, sociais e culturais nas quais o turismo se desenvolve; e as discussões e dinâmicas de gênero no turismo estão intrinsecamente relacionadas ao poder, controle e equidade. Esse quadro teórico sustenta a análise de como o turismo se apresenta como um espaço onde as construções de gênero se manifestam e, por vezes, se reforçam (Suárez *et al.*, 2016).

A literatura internacional sobre turismo e gênero já identificou três grandes áreas de pesquisa (Gibson, 2001), observadas também por Suárez *et al.* (2016) na produção ibero-americana: (1) estudos sobre turistas, que examinam diferenças de gênero no consumo e comportamento turístico; (2) estudos sobre anfitriões do turismo, que analisam a segmentação de gênero no mercado de trabalho, incluindo a discriminação e segregação laboral, especialmente para as mulheres; e (3) a representação do turismo como elemento das construções sociais de gênero, abrangendo a análise de objetos e imagens em materiais promocionais turísticos com conotações masculinas ou femininas. No entanto, na literatura ibero-americana, há uma lacuna significativa na aplicação de teorias e métodos específicos sobre gênero, turismo e mulheres (Suárez *et al.*, 2016). Essa lacuna ressalta a necessidade de investigações que articulem a interseccionalidade entre gênero, turismo e dominação, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais, como o brasileiro.

O trabalho de Castro (2018) propõe reflexões que valorizam a pluralidade epistemológica em contextos sociais, étnicos e políticos diversos, fundamentadas na pesquisa e na pesquisa-ação-política. A autora ressalta a invisibilidade de múltiplos saberes no pensamento moderno ocidental, propondo uma crítica à epistemologia dominante. Essa abordagem busca romper com o evolucionismo e transformar narrativas hegemônicas, reconhecendo o conhecimento como produto da práxis e da experiência coletiva.

A autora discute o campo científico como um espaço de disputas simbólicas na consolidação da sociologia latino-americana, especialmente na lacuna de conhecimento da sociologia brasileira em relação à produção intelectual na América Latina. Ela analisa o conceito de desenvolvimento como uma expressão de dominação colonial e a resistência crítica de autores que promovem essa inversão de perspectiva; examina as repercussões da modernidade e do progresso na hegemonia da razão, bem como a supervalorização do conhecimento científico em comparação a outras formas de saber; e reflete sobre o capitalismo, o crescimento da desigualdade e a formação de zonas de sacrifício em contextos sociais e étnicos.

Nesse contexto de análise crítica, Castro (2018) ressalta que o campo científico é um espaço onde se travam disputas simbólicas, refletindo a necessidade de reconhecimento e valorização das contribuições da sociologia latino-americana. Esta discussão é essencial, uma vez que revela a lacuna existente na sociologia brasileira em relação à produção intelectual da América Latina, e permite que se compreenda melhor as estruturas de dominação que permeiam as experiências sociais. Com base nessas considerações, a investigação se volta para as produções acadêmicas que abordam temas como turismo, mulheres, gênero e dominação. Nesse sentido, foram analisadas publicações disponíveis em duas plataformas de banco de dados da CAPES.

Após uma busca detalhada na plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, foram selecionadas 5 teses e 21 dissertações entre os 179 trabalhos encontrados com os termos "turismo", "mulheres", "gênero" e "dominação", considerando também combinações de "turismo" com as demais palavras-chave. Da mesma forma, no Portal de Periódicos da CAPES, entre os 497 artigos identificados, 17 foram selecionados após uma análise rigorosa de qualidade e aplicabilidade ao estudo. Essa seleção criteriosa garantiu a inclusão de produções acadêmicas altamente relevantes, oferecendo um panorama representativo e confiável sobre as temáticas investigadas, o que contribui diretamente para a credibilidade do levantamento.

Todas as produções foram lidas, organizadas em planilhas e tabelas no software Excel, e categorizadas conforme os eixos temáticos de cada pesquisa. Esses eixos foram agrupados em categorias correlatas, abrangendo: **sexualização, representações e estereótipos de gênero; trabalho, empoderamento e desafios profissionais; relações de gênero, desigualdades e assédio; dominação de gênero no turismo rural; e experiências de mulheres viajantes.** Essa organização permitiu uma análise detalhada das recorrências e lacunas no campo, consolidando a base para as discussões e reflexões apresentadas nos resultados.

Para a descrição e análise dos achados, foram consideradas: a) a caracterização geral dos estudos (ano de publicação, instituição de origem) e dos autores e orientadores (formação acadêmica e gênero); b) a metodologia empregada nas pesquisas; c) a análise das categorias e termos mais recorrentes. A quinta, bem como a sexta etapa, com a apresentação dos resultados obtidos, serão expostas a seguir. Primeiramente um quadro geral sobre os anos de produções e a quantidade de produções publicadas por ano (Gráfico 1), bem como os temas abordados nesses trabalhos podem ser analisados a seguir.

Gráfico 1 - Número de produções acadêmicas por ano.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O levantamento das produções acadêmicas sobre turismo, gênero e dominação revela uma ausência de publicações entre 2000 e 2003, com a primeira contribuição registrada em 2004. Esse marco inicial foi seguido por um aumento gradual, ainda que modesto, de trabalhos nos anos seguintes. Entre 2004 e 2008, houve uma média anual de dois trabalhos, com destaque para temáticas que abordaram a sexualização da mulher e a construção de sua imagem no turismo. Nesse período, observa-se a predominância de discussões centradas na promoção de estereótipos de gênero e no turismo sexual, refletindo a preocupação com os impactos sociais dessas práticas.

A partir de 2009, o campo de estudo mostrou uma expansão significativa, com o registro de cinco produções, o maior número em um único ano até então e maior até os dias atuais. Esse crescimento reflete o aprofundamento de debates sobre a interseção entre gênero, violência e políticas públicas no turismo. Entre 2009 e 2011, os estudos exploraram amplamente questões de exploração sexual e as implicações de estratégias de marketing turístico. O aumento no número de produções sugere maior interesse acadêmico em abordar as dinâmicas de poder no setor e suas consequências sobre as mulheres.

Nos anos seguintes, entre 2012 e 2019, verifica-se uma estabilização no número de publicações, com uma média de duas a quatro produções por ano. Os temas abordados durante

esse período incluem as relações de trabalho, a discriminação salarial e a violência de gênero no setor de turismo. Em 2018, destaca-se a maior produção registrada no período, com quatro publicações, refletindo uma ampliação no escopo das análises. Questões como empoderamento feminino, turismo comunitário e o papel das mulheres no turismo de eventos começam a ganhar destaque, indicando uma diversificação temática.

Entre 2020 e 2022, observa-se um novo pico de interesse acadêmico, com quatro produções por ano. A pandemia de Covid-19 surge como um catalisador para reflexões críticas sobre vulnerabilidades sociais e desigualdades de gênero no turismo. Nesse contexto, os trabalhos enfatizam a necessidade de empoderamento feminino para a recuperação do setor, destacando as condições desiguais enfrentadas por mulheres no mercado de trabalho e em experiências de viagem. A crise sanitária também incentivou uma reavaliação das relações de poder no turismo, ampliando as discussões sobre justiça social.

Nos anos mais recentes, 2023 e 2024, houve uma diminuição no número de publicações, com apenas uma contribuição anual. No entanto, as discussões continuam avançando em torno de temas como empreendedorismo feminino e turismo de base comunitária, reafirmando o papel das mulheres na construção de espaços democráticos e inclusivos. Essa mudança de foco reflete o amadurecimento das discussões acadêmicas, que passam a valorizar iniciativas que promovem maior equidade no setor turístico.

Os trabalhos mais recentes evidenciam uma diversificação temática, abordando questões como empreendedorismo feminino, turismo rural e estereotipagem, demonstrando a complexidade do campo. Ao passo que estudos iniciais concentravam-se na exploração sexual e nos mercados sexuais relacionados ao turismo, as pesquisas atuais ampliaram suas perspectivas para incluir desafios estruturais, como desigualdade de gênero e o papel das mulheres em atividades locais. Essa evolução reforça o amadurecimento das reflexões acadêmicas sobre gênero, dominação e turismo.

Como mencionado anteriormente, as produções abordam uma diversidade de focos, mas apresentam temas recorrentes: sexualização, imagem e representações da mulher; trabalho e empoderamento feminino; assédio e desigualdade; e dominação de gênero no turismo rural. As produções que abordam sexualização, representações e estereótipos de gênero estão listadas no Quadro 1 (continua na página seguinte), a seguir:

Quadro 1 - Produções que abordam sexualização, representações e estereótipos de gênero.

Título	Tipo de produção	Ano
E se o gringo for negão? Raça, gênero e sexualidade no Rio de Janeiro: a experiência de turistas negros norte-americanos.	Stricto sensu	2005

"Das 'vergonhas' descritas por Caminhas ao turismo sexual: o uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico do Brasil".	Stricto sensu	2006
A baiana-de-acarajé como símbolo identitário da Bahia e sua apropriação pelo turismo.	Stricto sensu	2007
Interações afetivo-sexual no contexto do turismo e a vulnerabilidade às DST/AIDS: um estudo em comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo.	Stricto sensu	2008
"Dando um banho de carinho!": Os caça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa-RN).	Stricto sensu	2009
Marketing turístico e violência contra as mulheres: (des)(re)construções do Brasil como paraíso das mulatas.	Stricto sensu	2009
Turismo afetivo e conjugalidades em Natal: deslocamentos, família e gênero na contemporaneidade.	Stricto sensu	2009
As iracemas e os príncipes do além-mar: políticas públicas e a exploração do turismo sexual no Ceará.	Stricto sensu	2011
O paraíso terreal não é cá, é lá: o turismo sexual em Salvador/BA.	Stricto sensu	2011
"Prostituição e (des) construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Atalaia – SE".	Stricto sensu	2011
Viagens no feminino: gênero, turismo e transnacionalidade.	Stricto sensu	2015
A subalternização de agentes do norte global às mulheres brasileiras em um contexto de turismo: uma análise pós-colonial.	Stricto sensu	2020
Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual.	Artigo	2005
Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional.	Artigo	2008
Intersecções entre o mercado turístico e o mercado do sexo em Salvador, Bahia, Brasil.	Artigo	2011
Processos de estereotipia: política, turismo e gênero.	Artigo	2023
Sexual exploration and tourism: discussions, causes, effects and combative measures.	Artigo	2024

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Gabrielli (2011) analisa a construção simbólica que sustenta o turismo sexual em Salvador, evidenciando a sexualização das mulheres brasileiras e as assimetrias de poder entre nativas e turistas estrangeiros. Ferreira (2005), por sua vez, incorpora a perspectiva racial ao explorar o turismo étnico entre turistas negros norte-americanos no Rio de Janeiro, destacando como demandas racializadas influenciam as dinâmicas de gênero nas interações turísticas. Esses estudos, ao integrarem as categorias de gênero, raça e poder, revelam as múltiplas dimensões de dominação presentes no fenômeno turístico, ampliando a compreensão das interseções entre essas esferas.

Blessa (2008) investiga o impacto das interações afetivo-sexuais entre turistas e nativos na disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, utilizando uma abordagem psicossocial para relacionar questões de saúde pública e turismo. Trindade (2009), em contraste, explora a agência dos "caça-gringas" em Pipa, desafiando narrativas que atribuem exclusivamente aos homens o protagonismo no turismo sexual. Esses estudos ampliam o debate ao considerar vulnerabilidades sociais e práticas que escapam aos estereótipos de gênero predominantes, sugerindo uma complexidade maior nas interações afetivo-sexuais.

Xavier (2007) aborda a objetificação das baianas-de-acarajé no turismo, apontando como sua imagem cultural foi ressignificada em função das demandas mercadológicas. A pesquisa dialoga com teorias de Bourdieu (2019), Butler (1990) e hooks (2000), mostrando como racismo e sexismo se entrelaçam na construção de imagens femininas fetichizadas para o consumo turístico. Essa análise se alinha a outras investigações que ressaltam o papel do turismo na transformação simbólica de mulheres em mercadorias culturais, reafirmando dinâmicas de dominação de gênero e raça no setor.

Medeiros (2009) investiga o "turismo afetivo", destacando as dinâmicas entre homens estrangeiros e mulheres brasileiras no Rio Grande do Norte, pautadas em estereótipos sobre a sexualidade feminina. A pesquisa mostra como tais relações, embora distintas do turismo sexual, perpetuam desigualdades de gênero, ao reforçarem ideias preconceituosas de controle masculino sobre a feminilidade "exótica" das brasileiras. A análise conecta essas práticas ao desejo de exploração do "outro", mediado por diferenças culturais e econômicas.

Piscitelli (2005; 2008) examina as representações raciais e sexuais das mulheres sul-americanas, destacando o papel da internet na configuração de circuitos de turismo sexual e os impactos da migração para a Itália. Suas análises utilizam teorias de Hall (1997) e Bourdieu (2019) para discutir as relações de poder que moldam esses contextos, ressaltando como a sexualidade "tropical" das brasileiras é culturalmente construída e explorada no mercado global. Esses estudos complementam investigações que conectam a globalização e as dinâmicas do turismo sexual às desigualdades de gênero e raça.

Por fim, Carvalho, Freitas e Ribeiro (2023) e Silva, Melo e Guerra (2024) abordam a exploração sexual no turismo a partir de uma perspectiva crítica, analisando a perpetuação de estereótipos de gênero nos discursos midiáticos e as estruturas econômicas que sustentam essas práticas. Baseando-se em uma análise foucaultiana, com auxílio dos postulados de Enloe (2014), os autores destacam a necessidade de políticas eficazes e de uma conscientização ampla para combater o turismo sexual.

As implicações sociais e culturais da sexualização do turismo são amplas e não devem ser subestimadas, pois afetam as diversas mulheres que frequentam espaços turísticos, cujas perspectivas e necessidades devem ser levadas em consideração. Quando esses espaços são construídos como sexualizados, todos os que os consomem o fazem dentro desse ambiente, independentemente da consciência desse fato. A representação sexualizada de corpos e lugares em materiais promocionais contribui para a criação de discursos que perpetuam a vigilância social, retratando o corpo feminino como um objeto a ser observado durante as férias (Jordan e Gibson, 2005; Pritchard, 2001). A análise foucaultiana sugere que aqueles que produzem e

consomem esses materiais são posicionados como os poderosos, enquanto as mulheres, frequentemente sujeitas ao olhar sexualizado, se tornam os alvos desse poder, o que reflete uma dinâmica de controle normativa predominantemente masculina (Enloe, 1989; Richter, 1994). Embora essa interpretação se baseie em uma análise materialista da dinâmica de poder de gênero, é importante reconhecer que as relações de gênero são complexas, sutis e fluidas, variando dentro e entre diferentes categorias e contextos.

Outrossim, estudos demonstram que a indústria do turismo opera em um ambiente sexualizado, com fornecedores frequentemente associando sexo e turismo em suas estratégias de marketing, o que resulta na representação das mulheres como objetos do olhar masculino (Jordan, 1997; Kinnaird e Hall, 1994; Richter, 1995; Marshment, 1997; Pritchard e Morgan, 2000; Gabrielli, 2006; Kempadoo, 2001; 2009; Moraes *et al*, 2011; Piscitelli, 2006). As mulheres são habitualmente retratadas como passivas e sexualmente disponíveis, e embora a análise da cultura popular e da mídia sobre as normas sociais corporais tenha recebido atenção acadêmica, há uma carência de pesquisas que explorem como essas representações impactam as experiências turísticas das mulheres (Clarke, 1993; Pritchard, 2001; Uzzell, 1984; Backett-Milburn e Mckie, 2001; Bell e Valentine, 1997; Lupton, 1996).

Esses estudos se complementam na identificação de práticas sociais e culturais que envolvem o corpo feminino como objeto de exploração e mercantilização no contexto turístico. Autores clássicos, como Rich (1993), sobre a “compulsoriedade da heterossexualidade”, e Butler (1990), com sua teoria sobre a performatividade de gênero, oferecem bases teóricas cruciais para a compreensão desses fenômenos, enfatizando como as práticas sociais reforçam estruturas de dominação e poder. A análise discorre sobre como o turismo sexual explora estereótipos de gênero que desumanizam as mulheres, especialmente as racializadas, ligando sua sexualidade a expectativas exóticas e mercantilizadas.

As produções relacionadas ao trabalho e ao empoderamento feminino no turismo, apresentadas no Quadro 2, destacam como o papel da mulher em contextos rurais e comunitários revela similaridades e diferenças que ampliam a compreensão das dinâmicas de gênero no setor. Entre as similaridades, sobressai a multifuncionalidade feminina e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social por meio do turismo. Na categoria “Empoderamento Feminino e Desafios Profissionais”, observa-se a relevância do turismo não apenas como gerador de oportunidades econômicas, mas também como campo de estudo do empoderamento feminino e dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho. O empreendedorismo feminino emerge como tema recorrente, com autores enfatizando a

necessidade de abordagens mais inclusivas e equitativas no setor turístico, embora os estudos também evidenciem questões que demandam análises mais aprofundadas.

Quadro 2 - Produções que abordam trabalho, empoderamento e desafios profissionais.

Título	Tipo de produção	Ano
Turismo rural: a contribuição da mulher.	Stricto sensu	2006
Mudanças nas relações de trabalho e gênero no turismo rural.	Stricto sensu	2012
O impacto social do turismo rural no papel das mulheres camponesas.	Stricto sensu	2013
Contribuições do artesanato para o turismo regional e desenvolvimento local; atividades das mulheres do Alto do Moura, Brasil e Hakata, Japão.	Stricto sensu	2017
Mulheres da Praia do Sono: um estudo sobre gênero, turismo e sustentabilidade no litoral sul do Rio de Janeiro.	Stricto sensu	2017
A participação das mulheres no turismo de evento - 8º Fórum Social Mundial da Água, Brasília/DF	Stricto sensu	2019
Comida e turismo: o papel da mulher na produção de comidas típicas em pontos turísticos de Belém do Pará.	Stricto sensu	2019
O trabalho de cozinheiras, cozinheiros e chefs em cozinhas profissionais: reflexões à partir da perspectiva de gênero.	Stricto sensu	2020
Mulheres no turismo de base comunitária em áreas protegidas: uma análise sobre suas atuações na Amazônia paraense.	Stricto sensu	2023
Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens	Artigo	2016
Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades no cenário turístico de Campo Grande, Mato Grosso do Sul	Artigo	2018
O Pantanal por elas: o trabalho da mulher pantaneira no turismo	Artigo	2021

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os trabalhos analisados convergem na valorização da participação feminina no turismo, especialmente em contextos rurais e comunitários, evidenciando o papel das mulheres no desenvolvimento econômico e social de suas comunidades. Lunardi (2006) destaca a relevância das mulheres empreendedoras na diversificação econômica em propriedades rurais no sul do Brasil, enquanto Carvalho (2013) explora os impactos das práticas turísticas rurais no protagonismo feminino e nas dinâmicas sociais. Lunardi (2012) analisa como o turismo rural influencia a divisão sexual do trabalho, evidenciando a persistência de práticas tradicionais, mesmo diante de novas oportunidades econômicas, reiterando como o turismo pode simultaneamente reforçar normas de gênero e ampliar a renda familiar.

As abordagens metodológicas e os contextos das pesquisas diferem consideravelmente, com foco em distintas atividades turísticas e comunidades. Lunardi (2006) investiga o turismo rural como vetor econômico para mulheres em áreas agrícolas, enquanto Farias (2017) analisa o turismo de base comunitária em comunidades caiçaras, enfatizando a gestão feminina em práticas artesanais. Viana (2023), por sua vez, aborda a atuação de mulheres amazônidas no turismo sustentável em áreas protegidas, destacando seu protagonismo na promoção da sustentabilidade ambiental e na gestão comunitária.

As atividades econômicas desempenhadas pelas mulheres no turismo também variam significativamente entre os estudos. Carvalho (2013) e Viana (2023) enfatizam o protagonismo feminino na hospitalidade e no turismo comunitário, enquanto Oiwa (2017) e Rodrigues (2019) destacam o papel do artesanato e da gastronomia. Oiwa (2017) realiza um estudo comparativo entre Brasil e Japão sobre o impacto do artesanato no empoderamento feminino, enquanto Rodrigues (2019) explora a relevância cultural e econômica da gastronomia turística em Belém, com foco nas contribuições das mulheres para a valorização da culinária tradicional.

Outras investigações, como a de Albuquerque (2019), ampliam o debate para contextos urbanos e de eventos, examinando a participação feminina no turismo de eventos e suas relações com os objetivos globais de igualdade de gênero. Complementarmente, Reis (2020) aborda a sub-representação feminina nas cozinhas de alta gastronomia, revelando como normas de gênero perpetuam barreiras profissionais, como assédio, longas jornadas de trabalho e segregação de tarefas, elementos que limitam a mobilidade e o avanço profissional das mulheres no setor.

O empreendedorismo feminino também recebe atenção destacada em estudos como os de Teixeira e Bomfim (2016), que investigam os conflitos enfrentados por mulheres em agências de viagens em Sergipe, especialmente no equilíbrio entre trabalho e vida familiar. Esses achados dialogam com Perrot (2007) e Hirata (2016), que exploram a sobrecarga da dupla jornada feminina e os desafios emocionais inerentes ao empreendedorismo. Já Silva-Melo e Jesus (2018) abordam as mulheres empreendedoras no turismo em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, destacando o impacto do alto nível educacional e as dificuldades associadas à instabilidade das atividades turísticas, em linha com os argumentos de Butler (1990) sobre vulnerabilidades no setor.

A pesquisa de Fernandes, Araújo e Ribeiro (2021) sobre a mulher pantaneira insere uma perspectiva regional ao discutir a precariedade do trabalho feminino no Pantanal, frequentemente associado à extensão das atividades domésticas. O estudo dialoga com Scott (1986), que argumenta que o trabalho rural feminino muitas vezes é invisibilizado como atividade econômica, embora os achados apontem para o empoderamento gerado pela participação no turismo. Essa transformação, segundo Sen (1999), reflete-se na maior autonomia e no reconhecimento das mulheres em suas comunidades, consolidando o turismo como uma ferramenta de afirmação identitária e econômica.

A valorização da figura feminina histórica tem transformado as relações sociais locais, promovendo maior igualdade de gênero, o que abre um campo de possibilidades para estudos futuros sobre a interseção entre turismo, patrimônio cultural e empoderamento feminino. Estes

estudos sugerem que, assim como as mulheres podem ser subalternizadas em determinados contextos, também podem emergir como símbolos de resistência e mudança, como discutido por Spivak (2010). Assim, ao analisar essas produções, observa-se que, embora compartilhem o foco no empoderamento feminino, eles se distinguem pela abordagem regional e pelas especificidades do setor turístico estudado.

A principal semelhança está na maneira como todos esses estudos reconhecem o potencial transformador do turismo para as mulheres, tanto em termos econômicos quanto sociais. No entanto, divergem quanto à abordagem metodológica e aos contextos específicos de aplicação, sugerindo que o turismo pode ser um campo de oportunidades, mas também de desafios que demandam políticas públicas e apoio institucional contínuo. Estudos futuros podem explorar, de forma comparativa, as políticas de apoio ao empreendedorismo feminino em diferentes regiões e como elas impactam o empoderamento e a equidade de gênero.

A seguir, apresenta-se uma nova categoria de análise, relacionada a temas já abordados, mas com especificidades que justificam sua criação. Esta categoria foca nas implicações da desigualdade de gênero e do assédio, especialmente no ambiente de trabalho, destacando como esses fenômenos refletem a dominação de gênero nas estruturas laborais, como será demonstrado no Quadro 3. Os artigos revisados nesta seção tratam de disparidades salariais, segregação de gênero e raça, bem como políticas de prevenção ao assédio moral, evidenciando a diversidade de temas investigados.

Quadro 3 - Produções que abordam relações de gênero desigualdades e assédio.

Título	Tipo de produção	Ano
Análise das características dos trabalhadores e do diferencial de salários, por gênero, no setor de turismo da região nordeste do Brasil no ano de 2015.	Stricto sensu	2018
Assédio moral contra mulheres: um estudo sobre as ações afirmativas para sua prevenção à luz dos fundamentos da Política Nacional de Turismo.	Stricto sensu	2018
Análise das percepções de estudantes, trabalhadores e trabalhadoras acerca da segregação vertical nas empresas de turismo fortalezense.	Stricto sensu	2021
Turismo de base comunitária com foco em gênero: estudo de caso na comunidade morro Santo Antônio, município de Itabira-MG.	Artigo	2016
E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras.	Artigo	2018
Análise das diretrizes internacionais sobre gênero e turismo e suas ausências nos planos nacionais de turismo do Brasil.	Artigo	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Santos (2018), Spezia (2018) e Melo (2021) abordam a desigualdade de gênero e as manifestações de assédio no setor do turismo, mas suas abordagens e metodologias diferem em aspectos significativos. Santos (2018) foca na análise quantitativa do diferencial de salários

entre homens e mulheres no setor de turismo da Região Nordeste, apontando a discriminação como fator chave para a desigualdade salarial, mesmo com maior escolaridade feminina. Por outro lado, Spezia (2018) investiga o assédio moral contra mulheres no turismo à luz da Política Nacional de Turismo, destacando que as ações afirmativas existentes são insuficientes para prevenir tais práticas discriminatórias, sendo necessária uma política mais inclusiva e respeitosa para garantir a segurança das mulheres no ambiente de trabalho.

Melo (2021), por sua vez, complementa essas análises ao explorar a segregação vertical no setor turístico de Fortaleza, introduzindo o conceito de “*leaks in the pipeline*” para explicar a perda de capital humano feminino nas empresas. Diferentemente de Santos (2018) e Spezia (2018), que enfocam a desigualdade salarial e o assédio moral, Melo (2021) investiga a exclusão das mulheres dos cargos de liderança, mesmo em um setor predominantemente feminino. Isso revela uma outra face da dominação de gênero no turismo, onde, apesar da presença significativa de mulheres, as posições de poder permanecem ocupadas majoritariamente por homens.

A principal semelhança entre esses trabalhos é a constatação de que, apesar dos avanços no ingresso das mulheres no mercado de trabalho turístico, a desigualdade de gênero persiste de diversas formas. A divergência entre os estudos, no entanto, está na natureza dos problemas enfrentados: Santos (2018) enfoca a disparidade salarial, Spezia (2018), o assédio moral, e Melo (2021), a falta de oportunidades de ascensão profissional para as mulheres. A partir dessas pesquisas, novos estudos poderiam explorar interseções entre esses problemas, investigando, por exemplo, como a desigualdade salarial pode influenciar a segregação vertical ou como o assédio moral contribui para a evasão feminina das posições de liderança.

É interessante notar que, na produção de trabalhos de pós-graduação brasileiros, o debate sobre o assédio é um pouco limitado. Estudos como os de Gilbert, Guerrier e Guy (1998) e de Oliveira, Silva e Gabriel (2022) destacam a frequência de assédio sexual na indústria da hospitalidade, devido às características inerentes ao serviço de hospitalidade. Quanto ao assédio de turistas, apenas alguns estudos abordam este fenômeno (Calafat *et al.*, 2013; Mcelroy, Carlisle e Tarlow, 2007; Kozak, 2007), sendo o trabalho de Reis (2020) a única produção brasileira que explora o tema, embora com um foco profissional. Kozak (2007), em um estudo quantitativo sobre turistas britânicos na Turquia, revelou a disseminação do assédio turístico, em contextos de venda, mas ainda assim com poucos casos de assédio sexual. Já Mcelroy, Carlisle e Tarlow (2007) identificaram três tipos de assédio turístico: persistência de vendedores, tráfico de drogas e assédio sexual, mas focaram-se em destinos do sul global, sem detalhar o assédio sexual em turistas mulheres. Esse panorama evidencia que as produções

acadêmicas brasileiras, particularmente as de pós-graduação, ainda possuem margem para avançar nesse campo temático.

Sob a perspectiva das relações de gênero no turismo, as contribuições também são diversas para a compreensão desse tema. Ferreira e Casagrande (2018), utilizam o conceito de interseccionalidade para abordar a exclusão das pessoas negras no turismo. Essa exclusão é analisada como resultado de práticas estruturais que cruzam questões de gênero, classe e raça. Em contraste, o estudo Araújo (2016), foca no uso de metodologias participativas que buscam a equidade de gênero no turismo, contribuindo diretamente para a autogestão comunitária. Embora ambos os trabalhos lidem com desigualdades, o primeiro aborda a exclusão racial de maneira mais abrangente, enquanto o segundo explora soluções práticas para questões de gênero dentro de uma comunidade específica.

Gabrielli (2022), diferencia-se dos outros dois ao tratar de políticas públicas e a ausência de diretrizes efetivas sobre gênero nos planos nacionais de turismo. A autora analisa como as diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU) para empoderamento feminino no turismo são ignoradas pelos planos brasileiros, resultando em um desenvolvimento turístico que perpetua desigualdades. A ausência de medidas que promovam o empoderamento feminino, apontada por Gabrielli (2022), ressoa com a crítica feita por Ferreira e Casagrande (2018) sobre a falta de dados e políticas que abordem a presença negra no turismo. Ambas as críticas revelam falhas estruturais em políticas públicas e mostram a necessidade de uma abordagem mais inclusiva.

Apesar das abordagens distintas, todos os trabalhos convergem ao destacar a urgência de uma maior inclusão de grupos historicamente marginalizados no turismo. Ferreira e Casagrande (2018) chamam atenção para a ausência de pessoas negras nos espaços turísticos, enquanto Araújo (2016) e Gabrielli (2022) discutem as desigualdades de gênero no setor. Esses trabalhos sugerem novas possibilidades de estudo, como a exploração mais aprofundada da interseção entre raça e gênero, ou a investigação de como políticas públicas podem ser reformuladas para incluir mais ativamente essas questões. Um estudo comparativo entre as políticas públicas e as práticas comunitárias de autogestão, como a analisada por Araújo (2022), também poderia oferecer contribuições valiosas sobre modelos inclusivos de turismo.

A análise da dominação de gênero no contexto rural, como ilustrado no Quadro 4, destaca-se pela sua especificidade. Essas pesquisas exploram particularidades das relações de gênero que não se encaixam adequadamente em outras categorias de análise, o que justifica a criação de uma categoria própria. Ao tratar de questões únicas e complexas, esses estudos oferecem uma visão detalhada sobre a interação entre gênero e turismo no espaço rural,

destacando a importância de abordagens teóricas e metodológicas diferenciadas para aprofundar a compreensão dessas dinâmicas no campo acadêmico do turismo.

Quadro 4 - Produções que abordam dominação de gênero no turismo rural.

Título	Tipo de produção	Ano
A "venda nova das imigrantes": relações de gênero e práticas sociais do agroturismo.	Stricto sensu	2004
Turismo rural nas montanhas capixabas: como vivem e trabalham mulheres e homens em um campo em transformação.	Stricto sensu	2013
O trabalho de homens e mulheres no turismo rural em são José dos Ausentes: o "leve" e o "pesado"	Artigo	2015
Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil	Artigo	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nogueira (2004) e Nascimento (2013) apresentam estudos que investigam as relações de gênero no contexto do turismo rural, com ênfase nas transformações decorrentes da participação das mulheres nessas atividades. Ambos os estudos reconhecem o papel histórico da subordinação feminina nas áreas rurais, mas destacam que o agroturismo tem gerado mudanças significativas nessas dinâmicas. No entanto, enquanto Nogueira (2004) aponta a persistência das desigualdades de gênero, apesar das transformações impulsionadas pelo agroturismo, Nascimento (2013) observa um avanço mais concreto, especialmente no que tange à autonomia feminina e à mudança dos papéis de gênero.

Uma diferença central entre os estudos está na metodologia e na abrangência da análise. Nogueira (2004) foca em um estudo de caso específico, realizado em Venda Nova do Imigrante (ES), utilizando aspectos culturais, como a identidade étnica italiana e a religiosidade católica, para contextualizar as relações sociais do grupo. Nascimento (2013), por outro lado, faz uma análise mais abrangente ao incluir dados quantitativos e qualitativos, extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e de questionários aplicados em dois municípios do Espírito Santo, além de utilizar um software de análise de dados. Essa abordagem permite a autora explorar mais detalhadamente a evolução das condições de vida e trabalho das mulheres no campo e as transformações sociais trazidas pela aproximação entre os modos de vida rural e urbano.

Ambos os estudos concordam quanto ao papel fundamental das mulheres no turismo rural, embora apresentem diferentes perspectivas sobre a extensão das mudanças ocorridas. Nascimento (2013) observa maior ruptura com os papéis tradicionais de gênero, evidenciada pela crescente valorização do trabalho feminino e pela maior participação das mulheres em decisões sobre turismo rural, ainda que persistam desafios em outras esferas como a agricultura

e a educação. Já Nogueira (2004) ressalta que, apesar das transformações promovidas pelo agroturismo, a dominação masculina ainda exerce uma influência significativa, limitando o pleno empoderamento das mulheres no contexto estudado. Assim, os dois trabalhos oferecem visões complementares sobre a dominação de gênero no turismo rural, com diferentes perspectivas sobre o alcance das mudanças promovidas por essa atividade.

No estudo de Lunardi, Souza e Perurena (2015), observa-se que a divisão sexual do trabalho no turismo rural de São José dos Ausentes segue um padrão clássico de segregação ocupacional, onde as tarefas "pesadas" são predominantemente realizadas por homens, enquanto as tarefas "leves" ficam a cargo das mulheres. As autoras utilizam dados empíricos para ilustrar como essa divisão hierárquica de tarefas resulta em uma dominação de gênero que marginaliza o papel das mulheres em atividades produtivas de maior prestígio e retorno financeiro.

Minasi, Mayer e Santos (2022), em seu estudo sobre a desigualdade de gênero no turismo brasileiro, corroboram essas constatações, indicando que, apesar de as mulheres serem maioria no setor, elas estão concentradas em atividades tradicionalmente femininas e de menor remuneração, como serviços de hospedagem e alimentação. Essa concentração em atividades de menor poder e remuneração reflete o conceito de "teto de vidro", abordado por autores como Walby (2004), que explica a dificuldade das mulheres em ascender a posições de liderança em setores dominados por homens. A comparação salarial entre homens e mulheres, abordada tanto no estudo de Lunardi *et al.* quanto no de Minasi, Mayer e Santos (2022), evidencia como o turismo, embora aparentemente democrático em termos de participação, mantém disparidades estruturais de gênero.

Uma semelhança marcante entre os dois estudos é o uso de bases de dados amplas e quantitativas para analisar a participação feminina no mercado de trabalho turístico. Ambas as pesquisas utilizam dados secundários de microdados e fontes oficiais para mapear as condições laborais das mulheres, reforçando a importância de análises robustas e detalhadas para evidenciar desigualdades. No entanto, há divergências em termos de escopo. Enquanto Lunardi, Souza e Perurena (2015) focam especificamente no turismo rural, evidenciando as nuances da dominação de gênero em um contexto rural específico, Minasi, Mayer e Santos (2022) têm uma abordagem mais ampla, abordando o turismo em um contexto urbano e em diversas regiões do Brasil. A disparidade no foco geográfico e no contexto social entre os dois estudos abre espaço para pesquisas futuras que integrem essas duas perspectivas, analisando como o turismo rural e o turismo urbano interagem para reproduzir ou desconstruir desigualdades de gênero.

Além disso, ambos os estudos abrem caminho para investigações futuras sobre como o empoderamento econômico pode influenciar as dinâmicas de gênero no turismo rural. Como sugerido por Sen (1999), o empoderamento econômico tem o potencial de alterar significativamente as relações de poder dentro das famílias e comunidades. No entanto, esses estudos mostram que, sem uma mudança estrutural nas percepções culturais sobre o papel da mulher no trabalho, o empoderamento econômico pode ser limitado a espaços periféricos. Uma abordagem interseccional, conforme defendida por Crenshaw (1991), pode ser um caminho para entender melhor como gênero, raça e classe interagem no turismo rural, e como essas variáveis afetam as oportunidades de ascensão social das mulheres.

Quanto aos artigos que discutem as experiências de mulheres viajantes (Quadro 5, na página seguinte), a análise dos quatro textos, incluídos na categoria de experiências de mulheres viajantes, revela uma profunda interseção de temas, como patriarcado, racismo, subalternidade e a busca por liberdade e empoderamento no contexto do turismo. Cada estudo aborda uma faceta diferente da experiência feminina no deslocamento turístico, fornecendo uma base rica para comparações e aprofundamentos teóricos.

Quadro 5 - Produções que abordam experiência de mulheres viajantes.

Título	Tipo de produção	Ano
A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo	Artigo	2020
A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo	Artigo	2021
Subalternização de mulheres brasileiras em contextos de turismo	Artigo	2022
Mulheres negras viajantes: experiências e relatos de um grupo de facebook	Artigo	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No artigo de Melo e Soeiro (2020) há a discussão de como o patriarcado impõe barreiras ao deslocamento livre das mulheres, utilizando uma abordagem fenomenológica que destaca a importância das trocas de informações entre as viajantes solo para mitigar os riscos de violência. A noção de “liberdade vigiada”, presente na obra de Beauvoir (2014), é central para compreender as restrições impostas às mulheres que desafiam as normas sociais ao viajarem sozinhas. A ideia de que as “dicas” compartilhadas entre viajantes femininas servem como estratégias para navegar um ambiente hostil reforça o conceito de intersubjetividade como uma forma de resistência contra situações de opressão patriarcal.

Já no estudo de Santos e Sá (2021) as autoras trazem à tona a invisibilidade das mulheres negras no turismo, um tema central nas discussões sobre representatividade e interseccionalidade propostas por Crenshaw (1989). As autoras exploram como a ausência dessas mulheres no imaginário turístico tradicional reflete e reforça as estruturas racistas e

patriarcais. A utilização de redes sociais para coletar dados revela uma estratégia de autoafirmação e visibilidade, onde as mulheres negras constroem suas próprias narrativas de viagem, questionando a hegemonia do turista branco e masculino. Essa pesquisa ressalta a necessidade de um turismo antirracista, que valorize a presença e as contribuições das mulheres negras no setor, um argumento alinhado com as críticas de hooks (2014) sobre a marginalização das vozes negras.

O artigo de Chedid e Hemais (2022), aprofunda a discussão sobre a subalternização das mulheres brasileiras em contextos turísticos no Norte Global. Utilizando a teoria pós-colonial de Spivak (2010), os autores discutem como as representações exotificadas das mulheres brasileiras contribuem para sua subalternização tanto pelo patriarcado quanto pelo colonialismo. A objetificação do corpo feminino brasileiro, e a consequente incapacidade dessas mulheres de se autorrepresentarem, ecoa o conceito de “subalternidade”, onde as vozes dessas mulheres são silenciadas e mediadas por discursos eurocêntricos. Além disso, o artigo evidencia a dupla opressão sofrida pelas brasileiras em ambientes internacionais, onde elas são vistas como “objetos de desejo” e, simultaneamente, protegidas por homens brasileiros contra os avanços de estrangeiros.

Por fim, o artigo de Oliveira, Silva e Almeida (2022), explora a netnografia de um grupo de viajantes negras, onde as participantes compartilham suas experiências e trocam informações sobre viagens em um espaço seguro. Este estudo destaca a importância de espaços virtuais para a criação de comunidades de apoio entre mulheres negras, permitindo a troca de conhecimento e estratégias para lidar com o racismo e o exotismo enfrentado durante suas viagens. A perspectiva afrodiaspórica, explorada no estudo, alinha-se com as reflexões de Gilroy (2001) sobre a diáspora negra e a necessidade de reconfigurar as identidades transnacionais no turismo.

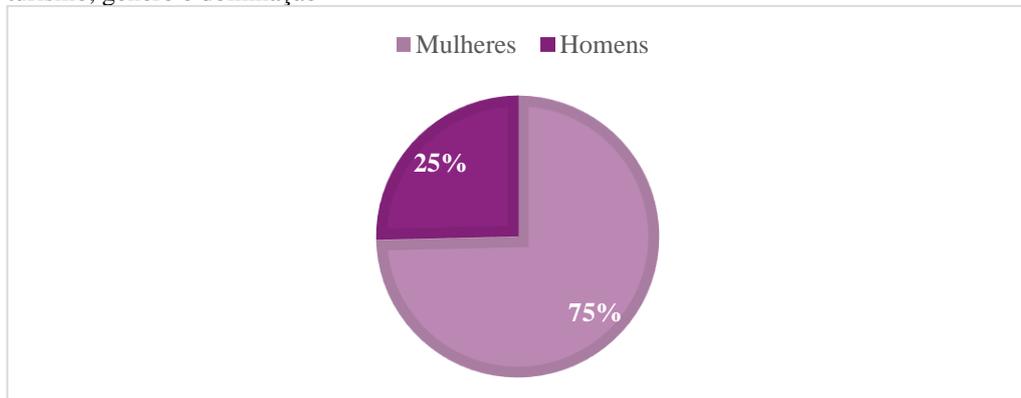
Os estudos convergem ao reconhecer a opressão interseccional (gênero, raça, classe) enfrentada por mulheres no turismo, evidenciando sua invisibilidade, subalternização e as violências simbólicas e físicas que vivenciam. Enquanto Melo e Soeiro (2020) destacam a opressão patriarcal que restringe a liberdade de mulheres viajantes solo, Chedid e Hemais (2022) ampliam o debate ao abordar a dupla subalternização das brasileiras no exterior, considerando dinâmicas de poder entre o Norte e o Sul Global. Essas análises abrem caminhos para pesquisas que aprofundem a interseção entre gênero, raça e classe, explorem experiências diversas e fortaleçam redes globais de apoio. Nesse contexto, as mídias digitais, como apontado por Oliveira, Silva e Almeida (2022), emergem como ferramentas estratégicas para amplificar vozes, promover visibilidade e desafiar estruturas opressoras no turismo.

3.1.1. Gênero dos autores e trajetória acadêmica

A análise dos dados evidenciou uma predominância feminina na exploração de temáticas relacionadas ao turismo, com uma significativa inserção das mulheres em estudos que abordam questões de gênero e relações de poder. Esse panorama vai ao encontro do que destacam Diniz e Foltran (2004) e Heilborn e Sorj (1999), que apontam a maior participação das mulheres nas discussões sobre gênero no Brasil. As pesquisadoras, muitas vezes com formações interdisciplinares, adotam abordagens qualitativas que refletem a complexidade dos contextos estudados, como o turismo rural e as dinâmicas laborais, destacando o impacto destas atividades na vida das mulheres e nas estruturas de poder existentes. Tal enfoque enfatiza as barreiras enfrentadas por mulheres no setor, incluindo a sexualização e a precarização do trabalho feminino, contribuindo assim para um debate voltado à transformação das práticas turísticas dominantes.

Em contraste, a presença masculina, embora menos expressiva, concentra-se em temas como o turismo sexual e abordagens quantitativas, focando na análise econômica e nas repercussões sociais das práticas turísticas. Essa abordagem objetiva, que prioriza a mensuração de dados, difere substancialmente dos estudos liderados por mulheres, os quais enfatizam as experiências subjetivas e as interações pessoais, especialmente no que diz respeito às implicações do turismo nas relações de gênero. O Gráfico 2 a seguir apresenta a porcentagem dos autores considerados na análise.

Gráfico 2 - Porcentagem de autoras mulheres e autores homens em publicações sobre turismo, gênero e dominação



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A correlação entre a formação acadêmica dos autores e o tipo de pesquisa desenvolvida revela que a maioria possui especializações em áreas como turismo, antropologia e ciências sociais, refletindo diretamente em metodologias que enfatizam a compreensão profunda das

dinâmicas socioculturais. Os autores, ao aplicarem métodos como análises críticas, entrevistas semiestruturadas e observações participativas, buscam não apenas compreender, mas também priorizar as vozes das comunidades estudadas, ilustrando a influência de suas formações acadêmicas nos temas e abordagens escolhidos.

Adicionalmente, a atuação profissional dos pesquisadores também molda os contornos de seus estudos. Aqueles vinculados a instituições acadêmicas ou órgãos governamentais focam em pesquisas aplicadas, que variam desde o estudo de impactos culturais do turismo até a implementação de políticas públicas para a sustentabilidade do setor. Esse cruzamento entre o campo acadêmico e o setor profissional demonstra como diferentes formações e contextos profissionais enriquecem o entendimento e as práticas dentro do campo do turismo.

Com relação aos artigos analisados, também foi observada a presença feminina de maneira mais significativa nas produções que abordam as relações de gênero e turismo, especialmente em temas como empoderamento feminino, turismo sexual, e mulheres viajantes. A predominância de autoras mulheres nessas áreas pode refletir uma maior sensibilização ou vivência direta dos desafios discutidos, como discriminação, violência de gênero, e patriarcado. Por outro lado, a contribuição masculina aparece de forma mais equilibrada em alguns estudos interseccionais, o que pode indicar um interesse crescente de autores homens em colaborar em discussões de gênero, embora seja perceptível que temas como turismo sexual e empreendedorismo feminino, que focam diretamente nas experiências das mulheres, contam majoritariamente com autoras mulheres.

Entre as produções exclusivamente femininas, destacam-se os trabalhos 'Turismo de base comunitária com foco em gênero' (Araújo, 2016) e 'Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual' (Piscitelli, 2005). Em contrapartida, o único trabalho composto exclusivamente por homens é o estudo '*Sexual exploration and tourism: discussions, causes, effects and combative measures*' (Silva, Melo e Guerra, 2024), que foca no turismo sexual e na exploração, oferecendo uma visão analítica e combativa sobre os efeitos dessas práticas. A ausência de mulheres nesse estudo pode indicar uma perspectiva masculina predominante na análise de um tema em que as experiências femininas são centrais, o que levanta questionamentos sobre a inclusão de diferentes vivências no processo de pesquisa.

3.1.2. Metodologias utilizadas

Nas publicações analisadas, foram investigados os métodos de análise e os instrumentos de coleta de dados e as características das populações pesquisadas. Procedeu-se à avaliação dos

métodos de análise e ao cálculo da porcentagem de estudos que empregaram cada um dos métodos e instrumentos identificados, conforme exposto no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 - Metodologias e instrumentos de pesquisa dos trabalhos stricto sensu.

Tipo de pesquisa	Instrumentos e procedimentos de coleta de dados utilizados	Número de pesquisas	Porcentagem
Qualitativa	Levantamento bibliográfico, aplicação de questionários, entrevistas semiestruturadas, observação participante, análise documental, sociodrama, análise de conteúdo, entrevistas em profundidade, observação direta, análise crítica da literatura, triangulação de métodos.	21	73,78%
Quantitativa	Levantamento bibliográfico, questionários, banco de dados (PNAD), análise estatística, modelos econométricos, análise descritiva.	1	3,7%
Mista	Levantamentos bibliográficos, entrevistas semiestruturadas, questionários, análise documental, microdados da PNAD, SPSS, observação de campo, pesquisas documentais, análise interdisciplinar.	5	18,52%

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As metodologias apresentadas destacam a predominância de abordagens qualitativas, com ênfase em entrevistas semiestruturadas e observação participante. Esse padrão revela a importância de explorar percepções individuais e coletivas em estudos de gênero e turismo. A amostragem intencional é amplamente utilizada, focando em grupos específicos, como comunidades locais, mulheres rurais, trabalhadores do setor turístico e mulheres viajantes, refletindo a necessidade de relevância dos participantes para os objetivos da pesquisa.

Outro ponto recorrente é o uso de técnicas de análise variadas, que vão desde a categorização e análise de discurso até abordagens etnográficas e temáticas. A diversidade nas técnicas de interpretação dos dados reflete a complexidade dos temas abordados, como o empoderamento feminino, as dinâmicas de poder e as interações de gênero no contexto turístico. Essas análises se baseiam em referenciais teóricos críticos, como a teoria feminista e o psicodrama, enriquecendo a compreensão das relações entre os participantes.

Ademais, a triangulação entre diferentes métodos é outro elemento presente, principalmente em pesquisas que envolvem observação etnográfica e entrevistas. Essa prática permite uma visão mais holística e rigorosa dos fenômenos investigados, favorecendo a validação dos dados por meio de múltiplas fontes de evidências. Por fim, algumas metodologias incluem uma abordagem mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas, com o objetivo de obter uma análise mais robusta, tanto no plano interpretativo quanto na medição de impactos econômicos e sociais.

Já nas produções de artigos (Quadro 7) sobre questões de gênero no turismo, também foram utilizadas predominantemente abordagens qualitativas. Essas metodologias foram essenciais para compreender as nuances das experiências de grupos marginalizados, como mulheres e pessoas negras no contexto turístico. As pesquisas qualitativas são em sua totalidade exploratórias, permitindo um aprofundamento nas vivências e percepções dos indivíduos, enquanto as abordagens quantitativas, quando presente, geralmente são complementadas com dados estatísticos que podem reforçar as narrativas qualitativas. Nos estudos analisados, pode-se observar a combinação de métodos, com o uso de entrevistas, análises documentais e dados de agências de fomento.

Quadro 7 - Metodologias e instrumentos de pesquisa dos artigos.

Tipo de pesquisa	Instrumentos e procedimentos de coleta de dados utilizados	Número de pesquisas	Porcentagem
Qualitativa	Levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas, análise de conteúdo, relatos on-line, metodologias participativas, netnografia, observação direta.	10	58,8%
Quantitativa	Levantamento bibliográfico, Microdados secundários, análise estatística, levantamentos quantitativos sobre.	3	17,6%
Mista	Levantamento bibliográfico, análise de conteúdo, entrevistas semiestruturadas, dados estatísticos, estudos de caso.	4	23,5%

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os instrumentos de coleta de dados utilizados variam de acordo com o foco de cada estudo. Por exemplo, algumas pesquisas empregam entrevistas semiestruturadas para capturar relatos pessoais de viajantes, enquanto outras realizam análises de conteúdo de documentos oficiais e mídias sociais. A metodologia participativa é frequentemente utilizada em contextos comunitários, onde a colaboração ativa da comunidade é crucial para identificar desigualdades e promover soluções. A análise dos dados, seja qualitativa ou quantitativa, foi fundamental para identificar padrões e entender as complexidades das relações sociais no turismo.

A produção acadêmica brasileira sobre turismo, gênero e dominação revela um campo ainda em expansão, caracterizado pela predominância de abordagens eurocêntricas que perpetuam a colonialidade do saber. Esse conceito, discutido por Quijano (2005) e Mignolo (2008), denuncia a influência de epistemologias coloniais que moldam narrativas e práticas contemporâneas. No contexto do turismo, isso se manifesta na representação das mulheres, especialmente do Sul Global, como objetos de consumo ou participantes secundárias, reforçando estereótipos e desigualdades. No entanto, trabalhos recentes, como os de Ferreira e

Casagrande (2018), Melo e Soeiro (2020) e Oliveira e Almeida (2022), vêm contribuindo para um olhar mais crítico, considerando as vivências de mulheres racializadas no turismo.

Embora a academia brasileira tenha avançado no estudo do turismo e do gênero, muitas pesquisas ainda se limitam a enfoques econômicos ou à sexualização feminina no mercado turístico. Essa abordagem homogênea negligencia as interseccionalidades de raça, classe e sexualidade, que moldam de maneira única as experiências das mulheres. Estudos como os de Santos e Sá (2021) demonstram a importância de superar essas limitações, integrando perspectivas que valorizem as pluralidades culturais e históricas. Entretanto, a reprodução de narrativas universalistas e a dependência de referencial teórico do Norte Global permanecem desafios significativos, reforçando uma visão colonizadora do turismo enquanto fenômeno predominantemente ocidental.

Para avançar nesse campo, é essencial adotar uma perspectiva descolonizadora, que valorize epistemologias do Sul e saberes locais, reconhecendo as diversidades e complexidades das realidades brasileiras. A inclusão da interseccionalidade como categoria de análise amplia a compreensão das desigualdades enfrentadas por mulheres e outros grupos marginalizados no turismo. Essa abordagem não só desafia as estruturas de dominação epistêmica e social, mas também contribui para a formação de uma academia mais inclusiva e representativa, capaz de desconstruir narrativas opressoras e promover práticas que reflitam a riqueza e a diversidade do contexto brasileiro.

4. A CONVERGÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Este capítulo tem como objetivo explorar os conceitos de relação de gênero e dominação masculina, perpassando pela importância dos estudos da interseccionalidade e da colonialidade no feminismo no campo das pesquisas sociais. Os estudos de gênero emergem como foco de discussões contemporâneas, destacando-se em diferentes contextos e esferas sociais (Scott, 1995). Apesar do crescente interesse pelo tema, ainda há uma compreensão limitada no senso comum, reforçando assimetrias e esvaziando o conceito de gênero. É crucial reconhecer que as relações de gênero estão imbricadas em expressões de poder, estruturando as interações entre homens e mulheres, uma vez que gênero constitui uma categoria social de análise central para entender a dinâmica dessas relações em diversas sociedades.

O fenômeno da globalização é analisado sob diferentes perspectivas, evidenciando suas complexidades e consequências imprevisíveis, conforme apontado por Robertson (1992), que destaca o aumento da consciência global e a diversidade interpretativa. Giddens (1993) complementa essa visão ao discutir a reflexividade, que permite a indivíduos e instituições reavaliarem suas ações, promovendo novos significados e estilos de vida. Por outro lado, Bauman (1999) alerta para os riscos da polarização social e a desconexão do poder local em relação às elites globais, enfatizando que a emancipação gerada pela globalização beneficia apenas alguns. Assim, enquanto Robertson (1992) foca na agência e nas oportunidades de construção de significados, Bauman (1999) ressalta as desigualdades e as novas hierarquias que emergem nesse contexto, refletindo a complexa dinâmica da globalização.

Estas condições socio-históricas levaram à emergência dos movimentos de mulheres como forças modernizadoras e globalizadoras, destacando a modernidade como um período de mudança radical nos discursos sobre indivíduos e sociedades (Guzmán, 2002). Segundo Wagner (1997), a modernidade introduziu um paradigma histórico que enfatiza a autonomia humana e a necessidade de um contrato social, contrastando com os regimes feudais que impunham hierarquias adscriptivas. Esse novo contexto gerou uma ambiguidade entre a liberdade individual e a convivência social, revelando a tensão entre as oportunidades oferecidas pelas instituições modernas e as limitações estruturais que ainda persistem (Guzmán, 2002).

O conceito de "ofensivas modernizadoras" de Wagner (1997) é fundamental para entender a dinâmica entre mudanças sociais impelidas por agentes de poder e as reações dos grupos excluídos. Conforme cita Guzmán (2002) As ofensivas provenientes de cima buscam ampliar as oportunidades para aqueles em posição privilegiada, enquanto as ofensivas de baixo,

como os movimentos feministas, visam proteger os grupos marginalizados das consequências de tais modernizações. Desde o século XVIII, as mulheres têm lutado por igualdade, presença em espaços públicos e reconhecimento de suas diferenças, desafiando a divisão radical entre os gêneros proposta pela modernidade, conforme descrito por Rousseau em "Emílio" (Bonan, 2001).

A marginalização das mulheres nos processos de modernização é evidenciada pela exclusão de sua participação na esfera pública e pela negação de sua racionalidade. A sociologia do capitalismo organizado, que negligenciou a contribuição das mulheres para a sociedade, perpetuou desigualdades de gênero, com as mulheres acessando direitos de forma diferente dos homens, geralmente através de suas relações com eles. Em contrapartida, os movimentos feministas emergem como potentes forças de transformação social, desafiando a exclusão das mulheres e contribuindo para uma modernidade mais inclusiva, que busca redefinir a identidade feminina e suas relações com outras formas de dominação e desigualdade (Guzmán, 2002; Marques-Pereira 1997).

Para Guzmán (2002) o movimento de mulheres emerge como uma força de transformação institucional em um contexto onde as convenções sociais, que antes eram vistas como naturais e imutáveis, se desestabilizam. Wagner (1997) pontua que a permanência dessas convenções leva à desconsideração de sua construção social, resultando em uma percepção de que as instituições são irrealis e inalteráveis. O autor também destaca que, na sociedade contemporânea, a erosão das regulamentações tradicionais, conforme observado por Beck (2001), reflete a transformação das relações de gênero e a estrutura social em um cenário global caracterizado por novas dinâmicas de produção e consumo. Essa crise nas instituições é um indicativo de que se faz necessária a criação de novas convenções que ajudem a mitigar a incerteza e os conflitos emergentes (Guzmán, 2002).

Ainda em concordância com a supracitada autora, as mudanças nas relações sociais são influenciadas pelas interações cotidianas entre os indivíduos e pelas pressões exercidas por movimentos organizados, como o de mulheres, que buscam reformular as agendas políticas e sociais. As instituições modernas são fruto de processos complexos de estabelecimento de normas que moldam a vida cotidiana e suas práticas sociais. Dito isso, Guzmán (2002) infere que a cotidianidade e as instituições não estão separadas; pelo contrário, são interdependentes, onde a prática social e a agência humana desempenham um papel crucial na reprodução e transformação dessas instituições. Para a autora as transformações em curso, particularmente nas relações de gênero, refletem a necessidade de repensar as normas que regulam aspectos

fundamentais da vida social, como a família e a intimidade, contribuindo para o enfraquecimento das estruturas convencionais que antes eram hegemônicas.

Por meio de processos de individualização e construção de biografias pessoais em um contexto de transformação social, as antigas estruturas da sociedade industrial perdem seu papel normativo (Guzmán, 2002). Com a fragilização de classes sociais, papéis de gênero e instituições familiares, os indivíduos são desafiados a construir suas próprias identidades e relações sociais, desvinculando-as de contextos locais e sociais tradicionais (Beck, 2001). Nesse novo cenário, a vivência se torna uma experiência reflexiva, onde as escolhas de vida são decididas e justificadas de forma individual, levando à emergência de valores de individualidade e diversidade que caracterizam a vida contemporânea.

Entretanto, essa individualização é acompanhada por desigualdades significativas no acesso a recursos e oportunidades, evidenciadas pela estratificação social baseada na mobilidade e liberdade de escolha (Bauman, 1999). Enquanto algumas mulheres conseguem construir suas biografias de maneira autônoma e empoderada, outras se veem diante de situações de vulnerabilidade e maior responsabilidade econômica, especialmente em um contexto de diminuição do suporte social e intensificação das demandas domésticas (Anderson, 1998). Assim, Guzmán (2002) apresenta um cenário sobre as experiências femininas que revela uma dualidade: a busca por autonomia e as barreiras impostas pela desigualdade social e pela globalização que, em muitos casos, exacerba a exploração e a violência contra as mulheres.

Guzmán (2002) aponta ainda para as transformações nas práticas sociais dentro da estrutura familiar, destacando a crise da família nuclear tradicional, marcada pela autoridade paterna, em decorrência de múltiplos fatores interrelacionados, como as mudanças na organização do trabalho em uma economia global, o aumento da escolaridade e a participação das mulheres no mercado de trabalho (Castells, 2002 e 2003). Essas mudanças resultam em novas configurações familiares, como o aumento de laços parentais não tradicionais e o crescimento de lares monoparentais, além de uma maior diversidade nas trajetórias familiares e a separação da paternidade biológica e social (Sassen, 2000).

A flexibilidade no mercado de trabalho e a simultânea participação de ambos os cônjuges nas atividades laborais demandam uma renegociação das responsabilidades familiares, levando a um novo entendimento sobre as relações de gênero no contexto familiar (Godoy e Mauro, 2001). A mobilização global das mulheres tem sido crucial para a criação de normativas que reconheçam a diversidade familiar e promovam direitos anteriormente considerados privados, desafiando as fronteiras entre os âmbitos público e privado e reconfigurando as dinâmicas de intimidade e afeto nas relações familiares.

A crescente inclusão das mulheres no mercado de trabalho, impulsionada pela globalização, está alterando as normas de gênero e promovendo a formação de lares transnacionais que possibilitam maior poder de negociação para as mulheres em suas relações pessoais e familiares (Sassen, 1988). A migração feminina, ao proporcionar acesso a rendimentos, ainda que baixos, e oportunidades em setores formais e informais, favorece uma reconfiguração nas dinâmicas domésticas e um aumento do reconhecimento do papel das mulheres na economia (Guzmán, 2002). Portanto, as transformações sociais contemporâneas evidenciam a interconexão entre as esferas econômica e de gênero, destacando a fluidez nas fronteiras que antes delimitavam a subjetividade, a política e a cultura (Guzmán e Todaro, 2001).

As dinâmicas de poder e significação nas sociedades contemporâneas, enfatizam a desconexão entre o ideal de um Estado nacional coeso e a realidade de alguns países, principalmente na América Latina e no Caribe, onde as estruturas estatais enfrentam desafios significativos para exercer controle centralizado (Wagner, 1997). As interações complexas entre o Estado e a sociedade, acentuadas por movimentos sociais que demandam autonomia e reconhecimento, revelam uma reativação da ideia liberal de limitar a ingerência estatal, enquanto a globalização dilui as fronteiras nacionais e fomenta uma nova política deliberativa que transcende os espaços formais (Vargas, 2001; Bonan, 1999). Além disso, a crescente presença dos movimentos de mulheres nas esferas transnacionais não apenas fortalece a identidade coletiva, mas também contribui para a democratização das agendas institucionais, levando à criação de novas estruturas que promovem políticas com enfoque de gênero e à reformulação das relações entre Estado e sociedade.

O movimento feminista tem exercido uma influência significativa na reinterpretação dos direitos e na estrutura social, contribuindo para uma compreensão mais ampla da relação entre o público e o privado (Guzmán, 2002). A teoria feminista desafia a rígida separação entre esses conceitos, revelando como essa divisão perpetua o ordenamento de gênero em sociedades industriais, o que, por sua vez, resultou em uma redefinição dos direitos e da cidadania. Esse enfoque inclusivo destaca a importância dos direitos à privacidade pessoal como garantias de autonomia e controle sobre a identidade individual, contestando as noções tradicionais de propriedade e da família patriarcal (Correa e Petchesky, 1994; Cohen, 2001).

Além disso, o reconhecimento da interdependência e da diversidade de identidades na construção da personalidade é crucial para a defesa dos direitos humanos e a inclusão social. Cohen (2001) corrobora que a autonomia decisória das pessoas não deve entrar em conflito com os valores morais nem com os direitos humanos, enfatizando a necessidade de um discurso

público que determine o alcance dos direitos à privacidade com base nas realidades sociais. Nesse contexto, o acesso à privacidade não apenas empodera as mulheres, mas também permite exigir a intervenção do Estado para proteger seus direitos dentro da família, assegurando, ao mesmo tempo, a liberdade em suas decisões íntimas (Guzmán, 2002).

O papel transformador do movimento de mulheres nas sociedades modernas, enfatiza sua capacidade de atuar como uma força globalizadora que pressiona por mudanças institucionais significativas. Os processos de globalização têm enfraquecido as convenções estabelecidas nas sociedades industriais, demandando a criação de novas instituições que promovam a liberdade e a igualdade, ideais centrais nas sociedades contemporâneas. A presença de movimentos sociais transnacionais, como o movimento feminista, e o surgimento de condições que possibilitem uma agenda global democrática abrem espaço para reconfigurar as relações de gênero, frequentemente marcadas pela desigualdade e pelo sub-reconhecimento das mulheres como sujeitos sociais. Contudo, a influência de poderes fáticos, como corporações multinacionais, aliada à falta de regulamentações adequadas, representa riscos significativos de exclusão e dominação dos grupos mais vulneráveis (Guzmán, 2002).

A globalização e a modernidade, ao reconfigurarem as estruturas sociais e as dinâmicas de poder, colocam em evidência a necessidade de repensar as relações de gênero, assim como os movimentos de transformação que delas emergem. Nesse contexto, as discussões sobre gênero e sexualidade tornam-se centrais, especialmente quando abordadas por uma perspectiva crítica que desafia a naturalização das desigualdades. A compreensão dessas dinâmicas exige uma análise que vá além das hierarquias sociais tradicionais, como proposto pelos estudos pós-estruturalistas, que exploram a construção social das identidades e a complexidade dos jogos de poder nas esferas públicas e privadas.

Louro (2007) oferece uma análise crítica de um episódio da série *Law and Order*, no qual policiais são absolvidos da acusação de homicídio doloso após deixarem de prestar socorro a um colega homossexual ferido. A defesa dos acusados sustenta que os policiais apenas replicaram os valores predominantes na comunidade, naturalizando a homofobia, especialmente no contexto masculino. A autora utiliza esse caso como ponto de partida para evidenciar como preconceitos, como a homofobia e a misoginia, são perpetuados por sistemas institucionais, revelando a naturalização da intolerância em diversas esferas sociais e culturais.

Essa análise ressoa com as reflexões de Maite Larrauri (2000) sobre o conceito de "intolerável". Larrauri (2000) destaca que, para muitos, o intolerável não é imediatamente reconhecido como tal, sendo muitas vezes incorporado e aceito como parte da normalidade social. Discriminações baseadas na sexualidade, como a homofobia, são vistas como práticas

comuns em várias culturas, reforçando estruturas de poder que marginalizam indivíduos que se desviam da norma heterossexual. Dessa forma, o que deveria ser tratado como inaceitável é frequentemente banalizado e legitimado por meio de discursos que circulam tanto no âmbito cultural quanto no institucional, perpetuando a exclusão e a marginalização de determinados grupos.

Dentro dessa lógica de construção social, a questão de gênero também merece uma análise aprofundada. Haraway (1995), ao tratar do conceito de gênero, sublinha sua importância enquanto ferramenta teórica para desafiar a naturalização da diferença sexual. Compreender o gênero como uma construção social possibilita o questionamento da ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são naturais e imutáveis, expondo, assim, as bases ideológicas que sustentam as desigualdades de gênero.

Nicholson (2000) contribui para esse debate ao propor que as interpretações sobre o corpo variam significativamente ao longo da história. Em períodos anteriores, por exemplo, a Bíblia foi utilizada como base explicativa para as diferenças de gênero, enquanto, em tempos modernos, o corpo físico passou a ser compreendido como a principal causa dessas distinções, conforme destaca Louro (2007). Essa transição nas explicações sobre o corpo tem profundas implicações no modo como o poder é exercido entre os gêneros, refletindo a instrumentalização dos corpos para justificar hierarquias e desigualdades sociais.

Nicholson (2000) também critica o "fundacionalismo biológico" presente em algumas correntes feministas, que, apesar de reconhecerem a construção social dos sujeitos, ainda se apoiam em pressupostos biológicos para justificar as diferenças de gênero. Para a autora, essa posição mantém certas constantes naturais como responsáveis por divisões sociais, perpetuando, assim, a visão de que as desigualdades entre homens e mulheres são inevitáveis. Essas reflexões levam ao questionamento das bases sobre as quais as sociedades são construídas, bem como a importância de desnaturalizar essas diferenças para promover igualdade e justiça.

A argumentação que coloca os gêneros e as sexualidades no âmbito da cultura e da história leva a compreendê-los implicados com o poder (Louro, 2007). Não apenas como campos nos quais o poder se reflete ou se reproduz, mas como contextos onde o poder se exerce, circula e se faz presente. A partir dessa perspectiva, é crucial notar que, conforme Foucault (2004), o poder não pode ser reduzido a uma matriz geral ou a uma simples oposição entre dominantes e dominados. Em vez disso, deve-se considerar que ele é exercido em múltiplos pontos e em direções diversas, refletindo uma dinâmica complexa que atravessa as relações sociais e institucionais.

Essas reflexões teóricas fornecem uma base sólida para uma discussão metodológica que abrange os estudos de gênero, feministas, de sexualidade e teoria queer. Esses campos de conhecimento são interligados a movimentos sociais que promovem novas políticas de conhecimento, envolvendo uma reconfiguração das relações entre sujeito e objeto de pesquisa. Nesse contexto, não se trata apenas da introdução de novas temáticas, mas de uma transformação substancial na legitimidade do conhecimento, onde experiências de grupos considerados "minoritários" tornam-se centrais no debate acadêmico (Louro, 2004). Tais mudanças têm possibilitado uma valorização do privado e do cotidiano, desafiando a visão tradicional sobre o que é digno de ser estudado.

Para Louro (2007), é imprescindível reconhecer que o estudo das relações de gênero e sexualidade não se limita a uma análise superficial, mas requer um olhar atento e detalhado sobre as sutilezas e nuances que constituem essas dinâmicas. A perspectiva pós-estruturalista, ao enfatizar a complexidade das identidades e práticas de gênero, sugere uma rejeição à rigidez das categorias fixas e à busca por uma abordagem que valorize o transitório e o mutável. Assim, a pesquisa deve se pautar por uma metodologia que atente às minúcias dos jogos de poder, reconhecendo que o entendimento profundo das relações sociais é um processo contínuo e dinâmico, que se revela por meio da descrição e da análise crítica das práticas cotidianas e das estruturas que as sustentam (Ewald, 1993).

As transformações sociais e políticas impulsionadas pela globalização e pelos movimentos feministas revelam a necessidade de reconfigurar as instituições e as relações de poder, particularmente no que diz respeito às questões de gênero e desigualdade. A naturalização de preconceitos, como a homofobia e o sexismo, demonstra como as estruturas de poder são perpetuadas nas esferas institucionais e culturais, exigindo uma análise crítica que considere as múltiplas camadas de opressão. A abordagem interseccional, que reconhece a interdependência entre gênero, raça e classe, destaca a complexidade dessas relações e reforça a importância de desnaturalizar as hierarquias sociais para promover igualdade e justiça. Ao analisar o impacto dessas opressões simultâneas, é possível compreender como as dinâmicas de poder se exercem de maneira mais profunda e multifacetada nas sociedades contemporâneas.

4.1. Gênero, raça e classe nas relações sociais contemporâneas

A concepção clássica de classes sociais, prevalente no pensamento social por um longo período, caracterizava essas classes como coletividades homogêneas, definidas unicamente pelo seu papel na produção (Sardenberg, 2015). Esse modelo reduzia as classes a uma

identidade compartilhada, ignorando a multiplicidade de interesses e a complexidade das identidades políticas que emergem a partir de diferentes experiências de vida. Desde os anos 1960, essa visão foi criticada, com autores como Thompson (1980) ressaltando a importância do conceito de *agency* na construção da consciência de classe, evidenciando que esta é moldada através das lutas sociais. Essa crítica também se estende à análise das categorias sociais que delineiam a participação política, revelando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva que considere as especificidades de gênero, raça e outras formas de desigualdade (Kowarick, 1988).

À medida que movimentos sociais diversos, como o feminismo e o movimento negro, emergiram, ficou evidente que a classe social não poderia mais ser entendida de maneira isolada (Sardenberg, 2015). A inclusão de grupos anteriormente marginalizados, como mulheres, negros, gays e lésbicas, na esfera política desafiou a visão tradicional de classe como um todo homogêneo. Paoli (1987) e Paoli e Sader (1986) enfatizam que a identidade de classe é, na verdade, multifacetada e permeada por clivagens internas. A dinâmica da luta social passa a ser influenciada não apenas por fatores econômicos, mas também pela interseccionalidade das experiências vividas, na qual marcadores como gênero e raça se tornam essenciais para a compreensão das desigualdades sociais.

Nesse contexto, torna-se crucial reconhecer que opressões como racismo e sexismo, além de atuarem como sistemas de hierarquização, moldam a experiência de classe de maneiras que divergem significativamente entre os indivíduos. Essas formas de opressão operam em conjunto com o capitalismo para produzir diferenças significativas que se manifestam nas vivências diárias de homens e mulheres. Dessa forma, a análise das relações sociais contemporâneas exige uma reflexão sobre como essas dimensões se entrelaçam, resultando em experiências diversas e, frequentemente, contraditórias de indivíduos dentro das mesmas classes sociais (Sardenberg, 2011; Sardenberg, 2015).

O conceito de interseccionalidade, introduzido por Crenshaw (1991), é fundamental para entender a complexidade das relações sociais. A autora utiliza a metáfora de avenidas que se cruzam para ilustrar como diferentes formas de opressão interagem e se reforçam mutuamente. Além disso, a proposta de um "caleidoscópio de gênero" por Spade e Valentine (2008) oferece uma nova perspectiva para analisar as dinâmicas sociais, onde as categorias sociais são vistas como prismas que se refletem em contextos específicos. Essa metáfora ressalta a importância de considerar a intersecção de gênero, raça, classe e outros fatores na análise das identidades e das relações sociais, revelando que essas interações produzem mosaicos complexos e historicamente específicos de experiências.

Ao investigar as interseccionalidades, é essencial revisitar debates históricos sobre sexo e classe, que foram fundamentais na formulação de teorias feministas. As críticas levantadas por feministas não brancas e a discussão sobre a heteronormatividade (Butler, 1990) ampliam a compreensão dos desafios contemporâneos. Sardenberg (2011) reforça que tanto o racismo quanto o sexismo são sistemas de dominação que perpetuam desigualdades sociais, estabelecendo hierarquias baseadas em características físicas e diferenças de gênero. Assim, o reconhecimento de que raça e etnia não são categorias intercambiáveis, mas sim conceitos que se referem a fenômenos distintos, é vital para a análise crítica das relações sociais e das opressões que emergem a partir dessas interseções.

O debate sobre sexo e classe que se intensificou na década de 1970 envolve uma complexa intersecção de ideias entre marxistas, feministas e outras correntes teóricas. Este diálogo, que remonta à década de 1960 com a revitalização dos movimentos feministas, busca reexaminar as relações de poder através de uma lente crítica que considera tanto as dimensões de classe quanto as de gênero (Sardenberg, 2015). A obra de Friedrich Engels (1972[1884]), particularmente *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, oferece uma perspectiva que contrasta sociedades de classe com sociedades mais igualitárias, apontando como o surgimento da propriedade privada impactou as relações familiares e a posição das mulheres na sociedade (Sardenberg, 2015).

Engels, influenciado por pensadores como Lewis Henry Morgan (1985[1877]), delineia uma evolução social onde a inferiorização da mulher é vista como um produto histórico, atrelado à transição do matriarcado para o patriarcado. Ele argumenta que essa transformação social é reflexo do surgimento da propriedade privada, a qual, por sua vez, gera desigualdades que se manifestam nas relações de classe e nas dinâmicas familiares. Neste contexto, Engels sugere que a emancipação feminina estaria intrinsecamente ligada à superação da sociedade de classes e à participação ativa das mulheres no mercado de trabalho (Engels, 1972; Sardenberg, 2015).

Entretanto, os argumentos de Engels não escaparam a críticas. Antropólogos e feministas têm questionado suas generalizações e a suposta naturalidade da divisão sexual do trabalho, bem como a omissão da função do trabalho doméstico no contexto capitalista. Essas críticas revelam a complexidade da subordinação feminina, que não pode ser reduzida apenas a uma análise econômica ou histórica, como apontado por Goldman (1911) e outras teóricas feministas que destacam as vivências das mulheres no mercado de trabalho como problemáticas e não emancipadoras (Sardenberg, 2015).

Beauvoir (2014) e outras autoras feministas socialistas, como Juliet Mitchell (1967) e Sheila Rowbotham (1973), também se debruçam sobre as limitações das análises de Engels e Marx, propondo um escrutínio mais rigoroso da relação entre gênero e classe (Sardenberg, 2015). O reconhecimento dessas limitações ocorre num contexto em que as questões de gênero se tornam mais evidentes e relevantes, especialmente com a emergência dos movimentos feministas contemporâneos (Beauvoir, 2014; Sardenberg, 2015).

A busca por uma síntese entre as análises feministas e marxistas é evidenciada nas obras de pensadoras como Heidi Hartmann (1979), que descreve a relação entre marxismo e feminismo como um “casamento infeliz”, e Zillah Eisenstein (1980), que propõe uma “teoria do patriarcado capitalista”. Para Eisenstein (1980), as estruturas de classe e patriarcado são interdependentes, e a compreensão dessa interrelação é essencial para enfrentar as opressões nas sociedades capitalistas contemporâneas. Essa perspectiva destaca a necessidade de uma análise que não apenas reconheça a luta contra o capitalismo, mas que também leve em consideração as hierarquias de gênero e suas implicações sociais (Hartmann, 1979; Eisenstein, 1980; Sardenberg, 2015).

A crítica às abordagens tradicionais que segmentam a análise de classe, gênero e raça, dissociando-as das lutas sociais mais amplas, encontra eco nas reflexões de Saffioti (2013). Ao ampliar a compreensão da relação entre capitalismo e opressão de gênero, a socióloga brasileira propõe uma leitura que conecta as formas de dominação patriarcal e racial à exploração econômica, ressaltando a interdependência dessas esferas na sociedade capitalista brasileira. Assim como Sardenberg (2015) e outros autores reconhecem a necessidade de integrar múltiplas dimensões de desigualdade, Saffioti (2013) constrói o conceito de enovelamento, reafirmando que as opressões de gênero, classe e raça não operam isoladamente, mas se imbricam para perpetuar hierarquias sociais complexas. Dessa forma, a reflexão teórica sobre a multifacetada experiência de opressão nas sociedades contemporâneas ganha maior profundidade ao incorporar a especificidade do contexto brasileiro na análise dessas intersecções.

Saffioti (2013), uma das mais importantes sociólogas brasileiras, desenvolveu uma análise pioneira sobre a questão de gênero no contexto da formação da sociedade capitalista no Brasil. Sua principal contribuição reside no fato de que, embora reconhecesse as especificidades da opressão das mulheres, ela não as dissociava dos problemas gerais da sociedade. Para a autora, a questão de gênero está intrinsecamente ligada à formação social e à modernização do país, com ênfase nas relações de classe e no modo de produção capitalista, especialmente no que tange à inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Saffioti (2013) herda uma agenda de pesquisa do pensamento sociológico paulista, em particular de Florestan Fernandes, seu orientador. Ambos compartilham uma visão crítica da modernização capitalista brasileira, sendo que Saffioti foca sua análise na condição das mulheres, enquanto Fernandes (1964) se debruça sobre a população negra. Em sua obra "*A Mulher na Sociedade de Classes*", Saffioti parafraseia Fernandes, sugerindo que a exclusão das mulheres do mercado de trabalho é uma consequência inevitável das dinâmicas capitalistas. Esse alinhamento metodológico entre os autores permite que ambos identifiquem a marginalização de diferentes grupos no processo de desenvolvimento capitalista, apontando para as semelhanças entre racismo e patriarcado na estruturação da sociedade (Guimarães e Hirata, 2021).

A autora traz uma leitura diferenciada sobre a persistência do patriarcado no Brasil, mesmo após o fim da escravidão e a consolidação do capitalismo. Saffioti (2013) propõe que o patriarcado, longe de ser um resquício arcaico, continua a desempenhar um papel crucial na manutenção das desigualdades de gênero, sobretudo para as mulheres negras, que continuam a sofrer as consequências da dominação patriarcal e racial. Esse duplo eixo de opressão, segundo Aguiar (2000), articula estamento, classe e raça, revelando como as estruturas de dominação tradicionais foram incorporadas ao capitalismo brasileiro, potencializando a exploração das mulheres.

Saffioti (2013) questiona a compatibilidade entre capitalismo e igualdade de gênero. Diferente de Fernandes (1964), que via a possibilidade de integração da população negra ao sistema capitalista, a autora nunca acreditou na inclusão plena das mulheres no mercado de trabalho capitalista. Ela argumenta que o capitalismo utiliza a força de trabalho feminina de maneira desigual, mantendo as mulheres em posições subalternas. Para a autora, o patriarcado e o capitalismo não são apenas compatíveis, mas historicamente imbricados, reforçando mutuamente as estruturas de dominação sobre as mulheres.

A leitura de Saffioti (2013) sobre as resistências à mudança social no Brasil reflete sua crítica à modernização capitalista, em que as estruturas patriarcais e raciais do passado permanecem vigentes. Inspirada na tese sobre o desenvolvimento desigual do capitalismo, ela mostra como a transformação social no Brasil é marcada pela continuidade de práticas arcaicas no seio de um capitalismo dependente. Sua obra é uma contribuição essencial para os estudos de gênero, demonstrando que a opressão das mulheres é um elemento estruturante da sociedade capitalista brasileira, e não apenas uma questão secundária ou identitária.

O conceito de enovelamento entre gênero, raça/etnia e classe, desenvolvido por Saffioti (2004), surge como uma contribuição significativa à análise das intersecções que estruturam a

sociedade brasileira. Inicialmente, a autora dava maior ênfase à classe social, considerando-a o fator predominante na compreensão das desigualdades. No entanto, ao longo de sua trajetória, Saffioti refina sua abordagem, reconhecendo a importância de pensar as inter-relações entre diferentes formas de opressão, como o gênero e a raça, que atuam em conjunto com a exploração econômica para perpetuar a dominação (2000; 2013).

A ideia de que exploração e dominação são faces de um mesmo processo distingue a autora de teóricos como Max Weber, que tratava as esferas sociais, econômicas e culturais de forma separada (Guimaraes e Hirata, 2021). Saffioti (2013) argumenta que a dominação patriarcal e a exploração capitalista estão intimamente conectadas, se retroalimentando. Sua análise avança no sentido de compreender que as formas de opressão não operam de maneira isolada, mas se imbricam, formando o que ela descreve como um nó frouxo. Esse nó não é rígido, permitindo mobilidade entre as relações de gênero, raça e classe, ao mesmo tempo em que mantém essas categorias como fundantes das estruturas sociais no Brasil.

No contexto brasileiro, a obra de Saffioti (2013) destaca-se como pioneira na articulação entre gênero, raça/etnia e classe, em um período de efervescência política e social que marcou a reorganização dos movimentos negros e feministas. A autora insere suas reflexões teóricas em meio às lutas por direitos civis e justiça social, buscando compreender como as marcas sociais de raça e gênero operam para justificar a marginalização de grandes contingentes da população brasileira. Ao longo dos anos, suas ideias foram fundamentais para o desenvolvimento de uma teoria feminista brasileira que dialoga com as particularidades históricas e sociais do país.

Nas sociedades contemporâneas, as diversas matrizes de opressão, como capitalismo, sexismo, racismo, etarismo e lesbo/homofobia, não exercem suas influências de forma independente. Pelo contrário, encontram-se interligadas ou, como descrito por Saffioti (1992), em uma espécie de "simbiose", constituindo estruturas opressivas que se entrelaçam e se fortalecem mutuamente, criando sistemas interseccionais de estratificação e dominação. De modo semelhante, as categorias de gênero, raça, classe e outros elementos das relações sociais não operam de maneira independente, mas se interconectam e se transformam mutuamente (Collins, 1989; Crenshaw, 1991; Scott, 1995).

Esse fato evidencia que as categorias identificadas acima não devem ser consideradas autônomas. Embora o enfoque de gênero ocupe uma posição central, é reconhecido que a experiência de "gênero" não ocorre de maneira isolada no contexto social. Portanto, torna-se imprescindível desenvolver instrumentos conceituais que permitam identificar e analisar como

as estruturas de privilégio e opressão se entrelaçam em diferentes níveis, manifestando-se na vida cotidiana das mulheres e influenciando a construção de suas identidades.

A discussão sobre interseccionalidade nas relações sociais contemporâneas, conforme exposta por Sardenberg (2015), dialoga de maneira significativa com a noção de colonialidade do poder proposta por Quijano (1991; 2000a; 2000b). Ambas as abordagens ressaltam a complexidade das estruturas de dominação, enfatizando que categorias como classe, gênero e raça não operam de forma isolada, mas estão interligadas e se retroalimentam. Sardenberg (2015) argumenta que a experiência de classe é profundamente influenciada por opressões de gênero e raça, refletindo a necessidade de uma análise multifacetada que considere a realidade vivida por indivíduos em diferentes contextos sociais. Da mesma forma, Quijano (2000) destaca que a colonialidade do poder articula relações de controle que abrangem não apenas o econômico, mas também o sexual e o social, reforçando que a opressão se manifesta em múltiplas dimensões.

4.2. Colonialidade e interseccionalidade: um olhar sobre a dominação contemporânea

A análise da colonialidade, entendida como um legado das estruturas de dominação e opressão que permeiam a sociedade contemporânea, se entrelaça com as reflexões propostas por Guzmán (2002), Sardenberg (2015), Louro (2007), Saffioti (2013), e etc. Esses autores ressaltam a naturalização da intolerância e das desigualdades sociais, revelando como preconceitos, como a homofobia e a misoginia, são institucionalizados e culturalmente legitimados. A interseccionalidade, como discutida por Sardenberg (2015) e Saffioti (2013), destaca a complexidade das relações sociais, onde gênero, raça e classe se interconectam, formando um panorama multifacetado de opressões. Assim, a colonialidade não apenas reflete uma hierarquia de poder, mas também uma dinâmica que perpetua a marginalização de grupos historicamente oprimidos. É fundamental, portanto, uma análise crítica das estruturas de poder que ainda moldam as vivências de indivíduos em contextos coloniais e pós-coloniais, desafiando a normalização de desigualdades que persistem nas sociedades contemporâneas.

Esse conceito imprescindível ao contexto pode ser encontrado na obra de Lugones (2008), que contribui para a discussão ao ampliar a perspectiva de Quijano (1991; 2000a; 2000b) sobre a interseccionalidade, destacando a inseparabilidade entre gênero, raça e classe no contexto colonial. Essa ampliação é essencial, pois revela como a colonialidade do poder não se limita a uma análise binária de gênero, mas abrange as complexas dinâmicas de opressão vividas por mulheres racializadas. Assim como Sardenberg (2015) enfatiza a importância de

compreender a intersecção de diferentes marcadores sociais, Lugones (2008) convida a reflexão sobre como essas intersecções moldam experiências únicas de subordinação e resistência. Portanto, a articulação entre essas teorias oferece uma compreensão mais rica e crítica das desigualdades que persistem nas sociedades contemporâneas, enfatizando a necessidade de abordagens que considerem a totalidade das experiências humanas em suas múltiplas dimensões.

A colonialidade do poder, conforme discutida por Quijano (2000a; 2000b; 2002), é um conceito fundamental para a compreensão da intersecção entre raça e gênero no contexto do capitalismo eurocentrado e global. Em sua análise, o autor estrutura o poder por meio de relações de dominação, exploração e conflito, que envolvem disputas sobre o controle de quatro esferas centrais da existência humana: sexo, trabalho, autoridade coletiva e subjetividade/intersubjetividade. Nesse panorama, tanto a raça quanto o gênero emergem como categorias essenciais de controle, organizadas pelos eixos da colonialidade e da modernidade, os quais moldam as formas de dominação que permeiam essas esferas.

Quijano (2000b) também ressalta que a colonialidade está intimamente ligada ao patriarcado e ao sistema heterossexual dominante, compreensões que limitam a análise do gênero dentro de seu quadro teórico. Essa perspectiva eurocentrada e capitalista obscurece as formas pelas quais mulheres colonizadas e racializadas foram subjugadas e privadas de poder, ao mesmo tempo em que perpetua uma visão patriarcal e heteronormativa que reforça as hierarquias de gênero impostas pelo sistema colonial moderno. A negligência das experiências históricas específicas de opressão vividas por mulheres não-brancas revela a necessidade de uma análise crítica que considere as nuances dessa dominação.

Ao abordar o gênero no sistema colonial moderno, Quijano (2000b) utiliza o conceito de dimorfismo biológico para explicar a divisão entre homens e mulheres, a qual serve para reforçar a organização patriarcal e heterossexual das relações sociais. Essa dicotomia inscreve o patriarcado como a forma dominante de organização social, estabelecendo uma lógica de opressão de gênero dentro das dinâmicas coloniais (Quijano, 2000b). Portanto, o gênero se configura como uma ferramenta de controle vinculada tanto à raça quanto à classe, dentro de um sistema global de dominação que perpetua desigualdades estruturais.

Por sua vez, Lugones (2008) propõe uma ampliação e complicação da análise de Quijano, ao enfatizar que o gênero na colonialidade do poder não pode ser reduzido às categorias binárias de homem/mulher ou à mera imposição do patriarcado. A colonialidade do poder é impregnada por uma interseccionalidade que liga raça, gênero, classe e sexualidade, revelando que essas categorias são coesas e indissociáveis. Essa análise permite explorar as

complexas formas de opressão enfrentadas por mulheres racializadas, que experimentam simultaneamente tanto o racismo quanto a subordinação de gênero em suas vidas cotidianas.

O conceito de colonialidade do poder, conforme elucidado por Lugones (2008), está intimamente relacionado à noção de colonialismo, embora sua abrangência se estenda além dessa relação. Ele abarca não apenas a dominação territorial, mas também as práticas de classificação racial e a opressão sexual. Assim, o sistema de gênero colonial moderno é caracterizado por uma articulação complexa entre o patriarcado, o heterossexualismo compulsório e o racismo, elementos que interagem para formar um intrincado sistema de controle social que permeia todas as esferas da vida social, evidenciando a interconexão das estruturas de poder.

Além disso, a colonialidade do poder, conforme apontado por Lugones (2008), não se limita à categorização dos indivíduos com base na raça, mas também considera as dinâmicas de gênero, perpetuando formas de opressão que se manifestam em diversas esferas sociais e contextos geográficos. A dominação de gênero e raça, portanto, configura-se como um processo contínuo que contribui para a marginalização das mulheres racializadas, estabelecendo as bases para a manutenção de uma ordem patriarcal, racial e capitalista que perpetua desigualdades e injustiças sociais.

A supracitada autora examina ainda como a colonização europeia impôs um sistema de gênero opressivo nas sociedades, onde antes não existiam distinções baseadas em gênero. Oyêwùmi (2021) disserta sobre a colonização não apenas transformou a organização da reprodução, mas também subordinou as mulheres em todos os aspectos da vida, alterando as dinâmicas sociais e instaurando um entendimento binário de gênero. Essa perspectiva revela que a análise do gênero sob o capitalismo global eurocentrado é mais restrita do que se pode supor, destacando a necessidade de um olhar crítico sobre as imposições coloniais.

Além disso, o trabalho de Allen (1992) destaca que muitas comunidades nativas americanas eram matriarcais, reconhecendo uma compreensão igualitária do gênero. Essas sociedades não apenas aceitavam a homossexualidade e o "terceiro gênero", mas também construía suas realidades sociais a partir de uma perspectiva ginecêntrica, diferente da imposição colonial. Assim, a introdução de categorias de gênero por meio da colonização representou uma ferramenta de dominação, distorcendo as relações de poder e estabelecendo hierarquias baseadas no gênero, que não existiam anteriormente.

Oyewùmi (2021) propõe uma reavaliação das narrativas sobre gênero, enfatizando que a construção social do gênero é frequentemente uma projeção das realidades ocidentais sobre sociedades não ocidentais. A imposição do estado colonial europeu, que gerou a exclusão das

mulheres da esfera pública, serviu para redefinir as mulheres como uma categoria subordinada, enquanto em algumas sociedades, o poder não estava vinculado ao gênero. Essa transformação resultou em uma inferiorização dual, tanto racial quanto de gênero, onde as mulheres foram desqualificadas para posições de liderança, refletindo um legado duradouro da dominação colonial. O conceito de "mulheres" como uma categoria reconhecível e subordinada foi, em grande parte, uma construção do sistema colonial patriarcal (Lugones, 2008).

Lugones (2008), propõe uma análise crítica das relações de gênero nas sociedades pré-colombianas e sua transformação sob a influência do capitalismo eurocentrado colonial. A autora pontua que a compreensão do gênero nessas sociedades, longe de ser uma simples imposição colonial, revela uma complexa interrelação entre o gênero e a colonialidade do poder. Esse entendimento é fundamental para analisar a desintegração de relações comunitárias e igualitárias, que foram significativamente afetadas pela imposição colonial.

A colonialidade do poder contribuiu para a inferiorização das mulheres colonizadas, e Lugones (2008) ressalta ainda que a relação entre gênero e poder é mutuamente constitutiva. Ela destaca que o sistema de gênero moderno não pode ser compreendido sem considerar a classificação da população em termos de raça, que é uma condição necessária para sua existência. Essa análise exige um enfoque crítico que problematize tanto o gênero quanto a raça, reconhecendo a sua co-construção no contexto colonial e moderno.

A autora também explora a redução do conceito de gênero a um controle do sexo e seus recursos, um aspecto que é central para a dominação de gênero. Ela sugere que essa redução ideológica é apresentada de forma a parecer biológica, mas é uma construção social que limita a compreensão da complexidade das relações de gênero. A partir desse ponto, ela chama a atenção para a importância de analisar como a organização social pré-colonial inscreveu a diferenciação sexual em todas as esferas da vida.

A análise de Lugones em diversos estudos (2008; 2014) revela ainda que o paradigma epistêmico ocidental hegemônico se fundamenta em uma oposição binária de gênero, que institui hierarquias sociais onde homens brancos heterossexuais ocupam a posição de poder, enquanto mulheres e grupos étnico-culturais são relegados a uma condição de inferioridade. A crítica da autora destaca como a colonialidade influencia as relações de poder entre mulheres brancas e mulheres de cor, evidenciando a complexidade das interações sociais. Nesse contexto, a teoria de gênero de Oyěwùmí (2021), ao enfatizar que o patriarcado não é universal, reforça o argumento de Lugones sobre a multiplicidade ontológica e a hierarquização baseada na biologia, sustentando a narrativa eurocêntrica do sistema moderno/colonial.

Além disso, Lugones (2014) rejeita a concepção essencialista de identidades culturais e critica o eurocentrismo epistemológico que perpetua lógicas binárias de gênero e raça, promovendo uma visão radical de multiculturalismo. Sua proposta enfatiza a importância das afiliações e coalizões como formas de resistência contra opressões estruturais, reconhecendo a diversidade de conhecimentos, modos de vida e culturas. Ao abordar a intersecção das categorizações de gênero, raça, classe e sexualidade, a autora contribui de maneira significativa para a transformação do pensamento pós-colonial, desafiando as dicotomias binárias e essencialistas do discurso hegemônico. A autora defende uma abordagem interseccional que considere a co-construção entre raça e gênero, propondo que a luta contra a opressão de gênero inclua uma análise crítica das relações raciais. Para isso, é essencial ampliar a compreensão das experiências femininas, reconhecendo a diversidade das realidades sociais e promovendo coalizões inclusivas que respeitem as variadas experiências de subjugação e resistência.

4.3. Roteiros de poder: agência, performatividade e o *habitus* da dominação masculina sob uma perspectiva feminista

A análise das estruturas de dominação contemporâneas revela como as interseções entre colonialidade, gênero e poder estão intrinsecamente ligadas às experiências individuais e coletivas, sendo fundamentais para a compreensão das dinâmicas de opressão e resistência nas sociedades modernas. A colonialidade do poder, conforme explicita Quijano (2000), perpetua hierarquias de gênero, raça e classe, não apenas por meio da opressão direta, mas também nas práticas cotidianas que moldam as identidades e subjetividades. Nesse contexto, a abordagem bourdieusiana do *habitus* oferece uma lente crítica para entender como as relações de poder são internalizadas e reproduzidas nas práticas sociais, o que, por sua vez, contribui para a perpetuação da dominação masculina e de outras formas de desigualdade.

A praxeologia bourdieusiana (Bourdieu, 1982, 2002, 2014) propõe uma superação dialética das dicotomias estrutura-agência e subjetivismo-objetivismo, por meio de uma abordagem epistemológica que reconfigura a teoria da ação. Nesse contexto, a noção de *habitus* emerge como um constructo teórico fundamental para compreender as dinâmicas de dominação simbólica e a cumplicidade dos agentes em sua própria subordinação. Contudo, a crítica feminista (McNay, 2000) aponta para uma lacuna inicial no tratamento do *habitus* gênero-específico, posteriormente suprida por contribuições que integram conceitos bourdieusianos à análise de gênero. Essa perspectiva é essencial para compreender como o *habitus*, enquanto

conjunto de disposições incorporadas através das práticas sociais, influencia profundamente as identidades de gênero e perpetua desigualdades.

Por outro lado, teorias pós-estruturalistas, como as de Butler (1990; 1993), oferecem um contraponto crítico ao conceito de *habitus* ao enfatizarem a performatividade como um processo dinâmico e contestador das normas sociais. Para a autora, a identidade é continuamente produzida e reproduzida por atos reiterados que criam a aparência de coerência e estabilidade. Essa perspectiva desafia a rigidez do *habitus* bourdieusiano, sugerindo que a performatividade facilita uma maior flexibilidade e subversão das estruturas normativas. Nesse sentido, a performatividade de gênero evidencia como práticas reiteradas produzem e naturalizam normas sociais, tornando-se uma ferramenta potente para compreender as possibilidades de resistência e transformação das relações de poder.

Integrar as teorias de Bourdieu e Butler à discussão sobre dominação masculina e gênero oferece uma análise mais abrangente das estruturas sociais. Enquanto Bourdieu (2019) fornece uma estrutura robusta para compreender a reprodução das desigualdades através do *habitus*, Butler (1990; 1993) introduz a performatividade como uma dimensão crítica que destaca a fluidez e a instabilidade das identidades. Essa interseção teórica é particularmente útil para investigar o campo do turismo, onde a dominação masculina se manifesta de maneira específica. No turismo internacional, por exemplo, a mercantilização dos corpos femininos e a exploração de trabalhadores do sexo refletem as dinâmicas de poder que perpetuam desigualdades de gênero, ilustrando como normas culturais são incorporadas e naturalizadas.

Dessa forma, ao explorar as relações entre *habitus*, performatividade e gênero no contexto do turismo, é possível revelar tanto as limitações quanto as potencialidades de transformação das estruturas de dominação. Os conceitos de Bourdieu (2019) e Butler (1990; 1993) não são apenas complementares, mas também desafiadores entre si, promovendo uma compreensão mais rica e multifacetada das dinâmicas de poder e resistência. A integração dessas perspectivas às práticas cotidianas e às experiências vividas pode ampliar as possibilidades analíticas para entender como sujeitos, especialmente mulheres, reconfiguram suas relações com as normas sociais, criando formas de subjetivação e agência.

Entretanto, ao analisar o conceito de dominação masculina sob a ótica de Bourdieu, é imprescindível evitar uma leitura fragmentada de sua obra, como alertam Wacquant (1993) e Mottier (2002). A teoria da ação de Bourdieu, que se integra ao seu projeto unificador sobre o poder e a dominação, deve ser contextualizada dentro do cenário político e intelectual da França pós-guerra, superando as dicotomias entre subjetivismo e objetivismo, e entre agência e estrutura. Bourdieu rompe com a dicotomia tradicional e propõe uma análise que leva em

consideração o papel da subjetividade e da agência no processo de construção da identidade, conectando questões de poder com a experiência corporal e sexual, como ressaltado por Mottier (2002). Essa abordagem proporciona uma visão mais abrangente das dinâmicas de gênero e poder.

Com o avanço dos estudos feministas e da literatura sobre o tema, em diálogo com teorias étnicas, raciais e de sexualidade, a politização das questões de identidade e subjetividade consolidou-se como um caminho inevitável. Esse processo reforça a necessidade de conectar as práticas individuais de formação do eu às dinâmicas institucionais e políticas que as estruturam. Mottier (2002) discorre que até o final dos anos 1980, as discussões sobre agência e subjetividade raramente delineavam implicações políticas e Giddens (1982) observou que considerar os agentes sociais como "conhecedores" e "capazes" é uma postura implicitamente política. Até os anos 2000 a agência foi revalorizada na teoria social através da virada interpretativa nas ciências sociais, especialmente na ciência social anglo-americana.

Bourdieu (1990) argumenta que a dominação simbólica não se limita à esfera da consciência reflexiva, mas opera nos esquemas práticos do habitus, promovendo a internalização profunda das normas de gênero, frequentemente inacessíveis à reflexão consciente. Desde a infância, crianças são orientadas a adquirir características de feminilidade e masculinidade conforme seu sexo biológico e posição social, moldando suas identidades de gênero de acordo com suas condições de vida e práticas sociais (Davis, 1981; Butler, 1990; Connell, 1995; Fraser, 1997; hooks, 2000). Dito isso, Bourdieu (2019), juntamente a estes os outros autores oferecem um panorama influente sobre como as normas de gênero são incorporadas e perpetuadas ao longo da vida, refletindo a complexidade das estruturas de poder e a dificuldade em transcendê-las.

Embora Bourdieu tenha eventualmente reconhecido a pouca atenção dada ao gênero em seus primeiros trabalhos (Mottier, 2002), ele demonstrou a importância do tema em outros trabalhos⁶ *“Outline of a Theory of Practice”* (1977) e revisitou a questão em *“The Logic of Practice”* (1990). O autor evidencia a relevância do gênero em toda sua obra, porém é em *“Dominação Masculina”* que ele aproveita a oportunidade para esclarecer e corrigir seus argumentos anteriores, destacando que mulheres e homossexuais são umas das principais vítimas da violência simbólica.

⁶ As obras de Pierre Bourdieu utilizadas nesta pesquisa foram consultadas em suas versões traduzidas para o inglês, conforme as referências citadas, uma vez que a autora não possui fluência em francês. As edições originais incluem *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972); *Le sens pratique* (1980); e *La domination masculine* (1998). As traduções foram essenciais para compreender as revisões de Bourdieu, particularmente no que tange ao determinismo imputados aos seus primeiros escritos sobre questão de gênero e à violência simbólica.

Tanto em suas primeiras publicações quanto em “Dominação Masculina”, Bourdieu conceitua o gênero principalmente em termos de diferença sexual, o que, na opinião de Mottier (2002) é o aspecto mais problemático de sua análise e por isso é crucial examinar essa questão antes analisar mais profundamente o conceito de dominação masculina. A distinção analítica entre sexo e gênero tem sido amplamente debatida na teoria feminista, embora existam contestações sobre essa distinção, o conceito de gênero, entendido como os significados sociais em torno das diferenças sexuais "naturais", tem sido fundamental para desvendar a natureza socialmente construída da masculinidade e feminilidade e isso permite analisar como os homens se tornam homens e as mulheres se tornam mulheres. No entanto, como Oakley (1997) aponta, falar de mulheres e homens como genericados implica diferença, em vez de desigualdade de poder.

As desigualdades de poder não podem ser reduzidas nem explicadas apenas pelas diferenças de gênero, visto que qualquer teorização convincente nesse sentido deve combinar a análise da diferença de gênero com a análise do poder de gênero (Mottier, 2002). A conceitualização de Bourdieu (2019) do gênero como diferenciação sexual ou *habitus* sexualmente caracterizado reproduz essa fraqueza conceitual e foca na construção das diferenciações sexuais sem integrar isso a uma explicação convincente do poder de gênero. Isso não significa que Bourdieu negligencie o poder em “Dominação Masculina”, na verdade, o principal objetivo do livro é integrar a análise de gênero com o estudo das desigualdades de poder entre os gêneros. Sua análise da violência simbólica e do desconhecimento fornece ferramentas conceituais úteis para entender aspectos dessas relações de poder, contudo, devido ao foco principal na diferenciação em vez do poder, Bourdieu (2019) não alcança plenamente seu objetivo inicial (Mottier, 2002).

A obra de Bourdieu (2019) fundamenta-se em duas premissas centrais que geram controvérsia. Primeiramente, ele utiliza a sociedade Kabyle como um tipo ideal para analisar a ordem de gênero nas sociedades ocidentais modernas, sublinhando que a compreensão das estruturas de uma sociedade tradicional pode revelar aspectos ocultos das relações de gênero. Contudo, essa estratégia é questionada, pois pressupõe uma evolução linear da sociedade pré-moderna para a moderna e homogeneiza a ordem de gênero contemporânea, desconsiderando as diversas nuances e contextos presentes nas sociedades ocidentais (Mottier, 2002). A segunda problemática envolve a afirmação de Bourdieu de que as relações de poder que se manifestam nas unidades domésticas são perpetuadas por instituições externas, como a igreja ou o Estado, algo contestado por muitas feministas que defendem a centralidade da esfera doméstica na análise da desigualdade de gênero (Mottier, 2002).

Em sua obra, Bourdieu (2019) articula três temas fundamentais: a naturalização da dominação masculina, o desconhecimento dessa dominação e os mecanismos de sua reprodução social. Nos primeiros capítulos, ele explora como as identidades de gênero são construídas socialmente, rejeitando a ideia de que corpos e sexualidades sejam naturais ou biológicos. A força da ideologia masculina, segundo o autor, reside na sua capacidade de legitimar as relações de dominação ao naturalizar essas relações como parte de uma biologia inerente, uma construção social que se apresenta como dada e imutável. Esse processo de naturalização da dominação, ao ser internalizado pela sociedade, torna-se um mecanismo eficaz de reprodução das desigualdades de gênero.

Em contraste com a ênfase de Judith Butler na nomeação em “*Gender Trouble*” (1990), Bourdieu (2019) oferece uma perspectiva diferenciada ao ignorar a abordagem subsequente de Butler sobre a materialidade do corpo em “*Bodies that Matter*” (1993). Bourdieu argumenta que a construção simbólica não se limita a uma mera operação performativa de nomeação; em vez disso, resulta em uma transformação profunda e duradoura dos corpos e das mentes. Para o autor, a violência simbólica faz com que as mulheres desconheçam sua própria dominação, sendo o *habitus* de gênero um mecanismo que as leva a adotar a perspectiva dos dominantes, tanto sobre os dominantes quanto sobre elas mesmas, o que perpetua a dominação masculina por meio de uma aceitação inconsciente e internalizada (Mottier, 2002).

Além disso, Bourdieu (2019) destaca que a capacidade de atuar eficazmente dentro de um campo social é uma forma de saber que não se traduz facilmente em conhecimento consciente explícito. Essa abordagem concentra-se no ator social encarnado e nas disposições duráveis, contrastando com as abordagens do feminismo pós-modernista que enfatizam a fluidez e a instabilidade das identidades. Assim, a persistência da dominação masculina é atribuída, segundo o autor, ao *habitus* de gênero, que contribui para a perpetuação da desigualdade. A comparação entre a visão bourdieusiana e a teoria de Butler (1990 e 1993) sobre performatividade de gênero revela que, enquanto um oferece uma análise robusta das disposições sociais e suas implicações na dominação de gênero, a outra pode tanto complementar quanto desafiar essa perspectiva, ampliando a compreensão das dinâmicas de gênero.

Embora trate da permanência e mudança na ordem de gênero, Bourdieu (2019) também identifica a família, a igreja, o sistema educacional e o estado como principais agentes na reprodução social da ordem de gênero, mas dedica apenas alguns parágrafos à análise do papel de cada um desses agentes, ignorando sua importância central. Além disso, o autor aborda de forma superficial as mudanças recentes nas relações de gênero, como o surgimento de novas

configurações familiares e a crescente visibilidade de modelos alternativos de sexualidade, que desafiam a persistência do *habitus* de gênero baseado na heterossexualidade hegemônica. Ele também observa o aumento no número de mulheres trabalhadoras, o maior acesso das meninas ao ensino superior e as mudanças nas estruturas produtivas, reconhecendo que essas transformações têm implicações significativas para a posição das mulheres na divisão do trabalho.

Adicionalmente, a conceitualização de Bourdieu (2019) sobre as relações entre estrutura e agência enfrenta problemas significativos devido à ausência de um conceito robusto de subjetividade. Ele argumenta que o sujeito é formado pelas percepções, classificações e disposições do *habitus*, uma abordagem que enfatiza excessivamente as restrições estruturais e oferece poucas ferramentas para conceituar práticas ativas de autoformação e resistência ao poder. Em outras palavras, sua teoria da ação dedica pouca atenção à constituição dos atores, uma observação também feita por Calhoun (1993). McNay (2000) destacou também que, além de negligenciar a subjetividade feminina, essa deficiência se aplica à subjetividade em geral, visto que apesar de apresentar uma análise detalhada das relações entre prática e poder, Bourdieu (2019) não fornece uma conceitualização da subjetividade que permitiria uma agência crítica, resultando em uma visão sombria da permanência da desigualdade de gênero sem responder adequadamente a como essa ordem pode ser transformada ou como as mulheres podem deixar de ser cúmplices da dominação simbólica.

Dessa forma, “Dominação Masculina” reproduz uma falha frequentemente observada na estrutura teórica geral de Bourdieu. Sua análise da produção e reprodução da vida social é criticada por não fornecer uma explicação convincente sobre a mudança social. Embora reconheça a estrutura temporal da prática e enfatize a natureza processual da reprodução das estruturas, Bourdieu não esclarece como essas estruturas são criadas ou transformadas (Calhoun, 1993; Mottier, 2002). Lash (1993) argumenta que a ênfase de Bourdieu na primazia da reprodução limita a possibilidade de desenvolvimento de uma teoria robusta sobre mudança social, de modo que a teoria prática de bourdieusiana apresenta uma ênfase excessiva na estrutura e uma atenção insuficiente à agência, restringindo assim a possibilidade de transformação na ordem de gênero ao focar na constância do *habitus*.

A combinação da reprodução do *habitus* com a autonomia relativa da economia dos bens simbólicos, incluindo a instituição do casamento, leva Bourdieu (2019) a argumentar que a dominação masculina se perpetua dentro desse sistema, não sendo afetada pelas mudanças nos modos econômicos de produção e sendo sustentada por instituições como a família, a igreja e a lei. Embora o autor reconheça o papel das mudanças sociais e os efeitos da mobilização

feminista, ele minimiza o impacto dessas transformações na ordem de gênero. O autor argumenta que as antigas estruturas de divisão sexual continuam a determinar a direção e a forma das mudanças atuais, uma vez que a internalização dos esquemas e percepções de gênero leva as meninas a não optarem pelas novas possibilidades de vida disponíveis. Dessa forma, a constância do *habitus* é vista como crucial para a estabilidade da estrutura da divisão sexual do trabalho, pois esses princípios são transmitidos de corpo a corpo, abaixo do nível da consciência e do discurso, tornando-os amplamente imunes a transformações ou correções conscientes.

Outro ponto crítico do trabalho de Bourdieu (2019) se dá no seu pensamento sobre a divisão de trabalho por gênero na preservação e ampliação do capital cultural e simbólico, que tem profundas implicações para as teorias feministas sobre as relações de classe. Coole (1996) pontua muito bem que a classe se trata de um tipo de distinção de muita importância, e é significativo que vários estudos feministas teoricamente embasados na classe tenham encontrado relevância na sociologia de Bourdieu (Moi, 1994; Reay, 1997; Skeggs, 1997).

Embora Bourdieu (2019) tenha criticado a teoria crítica por não reconhecer as condições de sua própria existência, no contexto do pensamento utópico, as teóricas feministas críticas podem contribuir significativamente ao imaginar e experimentar formas preditivas de vida social e intelectual que não se baseiem em hierarquia, dominação masculina, competição intensa ou violência simbólica (Benhabib e Cornell, 1987; Fraser, 1997; Young, 1990). A necessidade do utopismo também é destacada no pensamento pós-estruturalista feminista francês (Grosz, 1989; Moi, 1985; Whitford, 1991), pois, sem uma visão de um campo alternativo possível, há pouco sentido em continuar desmascarando as operações da violência simbólica.

Sob uma perspectiva feminista, um dos aspectos mais significativos da teoria de Bourdieu atua simultaneamente como uma vantagem, uma desvantagem e uma ambiguidade. Embora o gênero, como princípio organizador, não receba tratamento sistemático ao longo da obra de Bourdieu (2019), visto como uma relação universal e natural que estrutura toda a vida social, as características de gênero aparecem nas descrições de disposições e capitais. No entanto, o gênero, enquanto categoria analítica, quase nunca é incorporado na construção dos conceitos, exceto quando recebe um status secundário. Bourdieu (2019), portanto, oculta a complexidade e as nuances da identidade de gênero através de sua definição ambígua e multifacetada de secundário, falhando em detalhar ou reconhecer as complexidades da interseção entre identidade de gênero e sexualidade, contudo, sua contribuição para a compreensão das estruturas sociais permanece relevante, mesmo quando suas limitações são evidentes.

A própria introdução do termo dominação masculina como uma forma de ilustrar as relações de poder que perpetuam a desigualdade de gênero tratou de oferecer uma análise crítica da estrutura social que subordina as mulheres. Mesmo com suas limitações teóricas iniciais, a conceituação de Bourdieu (2019) abriu caminho para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder que operam de maneira insidiosa em diferentes vertentes sociais. Por meio desse seu trabalho as teorias feministas puderam explorar e expandir as ideias de *habitus*, campo e capital, incorporando uma perspectiva de gênero que revela as sutilezas e complexidades das relações de dominação.

Embora Bourdieu não tenha revisado de maneira substancial suas teorias em resposta às críticas feministas, especialmente em relação ao gênero, ele respondeu a algumas dessas críticas de maneira pontual. Seu arcabouço teórico, que enfatiza *habitus*, capital e campo, permaneceu central, contudo, ele defendeu que sua teoria permitia espaço para a transformação social, mas a forma como a dominação de gênero estava enraizada no *habitus* implicava que mudanças exigiriam um processo lento e profundo de reestruturação das disposições e estruturas sociais.

Alguns estudiosos tentam reformular a relação entre *habitus* e campo, destacando a possibilidade de improvisação e invenção dentro das estruturas sociais e Bourdieu também reconhece que, em determinadas circunstâncias, o *habitus* pode confrontar-se com processos de atualização distintos dos que o formaram originalmente, abrindo espaço para variações e rupturas. Essa reformulação da relação entre *habitus* e campo reflete tanto uma mudança na forma como Bourdieu apresenta seu projeto teórico quanto nas leituras contemporâneas de sua obra. Feministas contemporâneas, têm explorado essa flexibilidade teórica para adaptar os conceitos de *habitus* e campo na análise de gênero, diferenciando abordagens que enfatizam a reprodução social daquelas que buscam teorizar mudanças e contradições nas estruturas de dominação.

Uma fonte relevante dessa revisão é o livro “Esboço de uma Teoria da Prática” (2002)⁷, onde ele discute o conceito de *habitus* e as limitações e possibilidades de transformação social, embora sem um foco exclusivo no gênero. Bourdieu (2002) ressalta que o improvisado social não é fruto de uma conscientização estratégica, mas sim uma adaptação dinâmica que resulta de uma história social compartilhada. A incorporação das estruturas de poder e as disposições do *habitus* se realizam através do corpo, onde as práticas são aprendidas de forma tácita e não são completamente conscientes. Essa internalização das normas sociais exige um controle das expressões corporais, que, embora possam parecer insignificantes, desempenham um papel

⁷ Tradução de *Esquisse d'une théorie de la pratique*, originalmente publicado em 1972.

crucial na manutenção das desigualdades sociais. Assim, o *habitus* se configura como um mecanismo que regula comportamentos e práticas, permitindo uma adaptação automática às condições sociais, sem que a subjetividade do agente seja previamente ativada, refletindo a complexidade da ação social em um contexto de desigualdade.

A análise de Bourdieu (2002) sobre a dinâmica social revela uma clara intenção de desvalorizar a consciência e a interação, postura que se alinha ao seu posicionamento epistemológico inicial. Ao rejeitar a tradição fenomenológica e aceitar de forma parcial o estruturalismo, ele propõe uma reflexão crítica sobre a capacidade da prática de se regular de maneira consciente, sem se submeter ao reducionismo culturalista que enfatiza a explicação subjetivista da ação. Essa perspectiva sugere que a estrutura objetiva da relação social não deve ser reduzida à estrutura conjuntural da interação, abrindo espaço para uma análise mais abrangente que considere tanto as dinâmicas sociais quanto as especificidades contextuais da prática.

Bourdieu (2002), ao explorar a lógica da prática, destaca sua abertura, improvisação e subordinação da consciência às funções práticas, moldadas por normas sociais implícitas que dispensam racionalizações discursivas. Embora sua abordagem privilegie as dimensões macro-sociais da reprodução social, ela pode obscurecer dinâmicas micro-sociais e trajetórias heterogêneas, além de desvalorizar aspectos cruciais da oralidade interativa na análise das interações sociais. A obra também ilumina a reflexividade dos atores sociais, enfocando dois tópicos analíticos centrais: a *hysteresis* do *habitus*, que evidencia o desajustamento entre estruturas sociais passadas e presentes em contextos de mudança, e as falhas na harmonia dos *habitus*, que abrem espaço para intervenções institucionais reguladoras de comportamentos sociais. Assim, apesar de enfatizar a lógica do interesse na conduta social, ele reconhece a complexidade das interações e a importância de considerar a produção cultural e identitária nas análises contemporâneas.

A partir dessas considerações, questiona-se se a reflexividade interativa dos indivíduos pode complementar a regulação das práticas sociais, diferenciando-se das racionalizações discursivas que permeiam os conflitos simbólicos (Bourdieu, 2002). O autor sugere que a análise das condições atuais, marcada por desfasamentos entre *habitus* e estruturas sociais, é essencial para entender as incertezas que envolvem a prática. Assim, ele propõe que, para uma análise mais robusta, é necessário adotar uma perspectiva que considere a cultura como um elemento dinâmico e interativo, que transcende a mera dissimulação de interesses materiais. Desta maneira, conclui-se que Bourdieu (2002), ao reconhecer a pluralidade de princípios

explicativos da prática, abre espaço para uma análise mais autônoma e rica das dinâmicas sociais, permitindo uma articulação entre as tradições praxiológicas e fenomenológicas.

Giddens (1984) conceitua a agência como a capacidade dos indivíduos de agir de maneira intencional e reflexiva, mesmo em face das restrições impostas pelas estruturas sociais. Tal capacidade, embora delimitada, pressupõe a habilidade de mobilizar recursos e tomar decisões capazes de transformar ou perpetuar essas mesmas estruturas. Em sua teoria da estruturação, o autor enfatiza que a agência é intrinsecamente vinculada às condições sociais, dado que os indivíduos se constituem simultaneamente como produtos e agentes transformadores do contexto em que se encontram inseridos.

No âmbito da tradição filosófica analítica, a agência é entendida como a aptidão para realizar ações intencionais, implicando a existência de um agente dotado de capacidades e intenções, apto a identificar-se como autor de suas próprias ações (Davidson, 2001). Tal agente caracteriza-se pela autoconsciência, pela posse de sua vontade e pela capacidade de agir em conformidade com ela. Essa abordagem estabelece uma distinção rigorosa entre eventos causais e ações propriamente ditas, mantendo inequívoco o estatuto do agente enquanto executor de ações intencionais.

Por outro lado, a perspectiva de Butler (1990; 1993) sobre a agência exige o afastamento tanto da concepção de um sujeito autônomo e plenamente intencional, presente na filosofia analítica, quanto da ideia de um sujeito dotado da capacidade de transcender as restrições estruturais, típica da tradição continental. Conforme Beauvoir (2014), embora o corpo situe o indivíduo no mundo, ele não esgota sua identidade, pois a realidade vivida emerge de atividades conscientes realizadas em interação com o contexto social. Dessa forma, a agência é profundamente enraizada nas relações sociais que circunscrevem o sujeito, condicionando ou potencializando sua capacidade de concretizar suas intenções (Foucault, 1988). Assim, a agência é concebida como histórica e inseparável das relações de poder em que está imersa.

Na visão de Butler (1992; 1993), a agência encontra-se intrinsecamente associada ao conceito de performatividade, configurando-se como um poder contingente e histórico, operando dentro dos parâmetros normativos de assimilação e identificação. A autora rejeita tanto o voluntarismo absoluto, que pressupõe liberdade irrestrita de escolha, quanto o determinismo estrutural, que subordina integralmente a ação às condições sociais. Em sua concepção, a agência emerge de circunstâncias que transcendem o indivíduo sem, contudo, determiná-lo por completo. Para ela, a agência, enquanto performatividade, não pressupõe a existência de um "fazedor" subjacente ao "ato"; ao contrário, o "ato" constitui o elemento primordial da ação, em conformidade com a formulação nietzschiana (Nietzsche, 2009).

Butler (1997) também enfatiza que a agência, embora imanente ao poder, possui a capacidade de excedê-lo, operando em uma relação de contingência e potencial subversão. Nesse sentido, o corpo, entendido como locus do processo de subjetivação, emerge como espaço vulnerável e permeável, transformando a agência em um domínio de risco e possibilidade de reconfiguração normativa. Essa vulnerabilidade, embora possa resultar em violência, também se apresenta como vetor de transformações políticas significativas.

Dessa forma, a agência revela-se como uma dimensão essencialmente política, questionando os limites da coletividade e ampliando as possibilidades do que "nós" podemos nos tornar enquanto sujeitos coletivos. A performatividade, nesse contexto, evidencia como práticas reiteradas produzem e reproduzem normas sociais, conferindo-lhes uma aparência de naturalidade (Butler, 1990). A agência, ao articular-se com a performatividade, viabiliza atos que resistem, subvertem ou reafirmam as estruturas de poder e as normas hegemônicas, consolidando-se como um componente indispensável à compreensão das dinâmicas de transformação social.

A desconstrução da metafísica da substância é fundamental para compreender o conceito de gênero como construção performativa. Ao questionar as dicotomias modernas como sexo/gênero e natureza/cultura, a autora desafia a visão substancialista que entende o gênero como atributo essencial ou núcleo fixo de identidade. Inspirada em Nietzsche, ela critica a ideia de um sujeito pré-existente e voluntarista, argumentando que o gênero se constitui no tempo por meio de atos repetidos, sob estruturas reguladoras que criam a aparência de substância. Assim, a performatividade emerge como o processo contínuo de estilização de atos, que naturaliza o gênero como atributo intrínseco do ser.

Butler (1990) enfatiza que o gênero, ao ser performativamente produzido, não é uma substância inerente, mas um efeito de repetição dentro de normas sociais rígidas. Essa repetição molda corpos e subjetividades, gerando uma aparência de coerência e estabilidade. Ao criticar as teorias construtivistas tradicionais, a autora alerta para os perigos de reificar o gênero como construção cultural determinista, que limita a emergência de novas identidades de gênero. Nesse sentido, qualquer tentativa de fixar o gênero como construção cultural implica a exclusão de expressões que desafiem as normas culturais dominantes.

A performatividade, como conceito central, evidencia que o gênero é continuamente produzido por atos reiterados que geram uma aparência de coerência. Butler (1988) afirma que a viabilidade de categorias como "homem" e "mulher" é questionada quando os atributos de gênero revelam-se contingentes e não essenciais. Esse jogo dissonante de atributos desafia as ontologias substancialistas do gênero, expondo as normas sociais que moldam o que é

inteligível ou aceitável dentro de um sistema binário. Ao desestabilizar essas categorias, a autora propõe uma visão mais fluida e aberta à multiplicidade de expressões de gênero.

A performatividade não nega o caráter construído do gênero, mas expande a crítica ao essencialismo biológico presente em certas teorias construtivistas. A autora aponta que a naturalização do binarismo de gênero reflete uma imposição cultural que mascara a pluralidade de possibilidades de gênero. Assim, a performatividade não apenas desestabiliza a coerência do gênero, mas também permite imaginar formas alternativas de subjetivação que desafiem as normas hegemônicas, abrindo caminho para configurações mais inclusivas e dinâmicas (Butler, 1988).

No contexto de mulheres brasileiras que viajam sozinhas, a abordagem de Giddens (1984) e Butler (1990) sobre agência e o conceito de performatividade são fundamentais para discutir o empoderamento. Ao se engajarem em práticas que desafiam normas tradicionais de gênero, essas mulheres demonstram sua capacidade de reinterpretar e transformar estruturas sociais. Essas práticas historicamente limitaram sua mobilidade e autonomia, mas, por meio de atos performativos, questionam as narrativas dominantes sobre o papel feminino no espaço público. Esses atos subversivos reconfiguram as relações de poder e contribuem para a construção de novos significados sobre a presença das mulheres no turismo solo.

No turismo, a dominação masculina se manifesta de forma marcante, como na exploração de trabalhadores do sexo e na mercantilização dos corpos femininos, processos que reforçam as persistentes desigualdades de gênero na atividade. Essas dinâmicas podem ser analisadas pelo conceito de campo de Bourdieu, que compreende o turismo como um espaço social estruturado, permeado por relações de poder entre agentes diversos, incluindo turistas, empresas, governos e comunidades locais. Nesse campo, a disputa por diferentes formas de capital — econômico, cultural, social e simbólico — expõe as assimetrias de poder, especialmente no turismo internacional, onde turistas de países desenvolvidos frequentemente influenciam os modos de vida em comunidades de países em desenvolvimento. Nesse contexto, a exploração das mulheres não se limita a questões mercadológicas, mas reflete relações de poder que perpetuam normas culturais hegemônicas, favorecem a dominação masculina e consolidam a mercantilização dos corpos femininos, perpetuando as desigualdades de gênero na atividade turística.

5. O TURISMO COMO CAMPO DE DOMINAÇÃO

Para Pierre Bourdieu (2011), as estruturas sociais são moldadas por regras objetivas que guiam as ações dos agentes sociais. Esses agentes podem tanto reforçar quanto questionar e transformar essas estruturas. A análise de Bourdieu é focada nos mecanismos de dominação empregados pelas classes dominantes, com destaque para a violência simbólica, que mantém o poder ao naturalizar desigualdades sociais. A violência simbólica, de acordo com ele, ocorre pela imposição das ideologias das classes dominantes sobre os dominados, fazendo com que estas desigualdades sejam aceitas como normais. O conceito de *habitus* é central para essa teoria, descrevendo o conjunto de disposições internalizadas pelos agentes sociais que orientam suas práticas e percepções do mundo.

Além disso, o autor introduz o conceito de campo, que descreve espaços sociais relativamente autônomos com suas próprias regras e dinâmicas de poder. Mesmo que os campos tenham regras próprias, eles não estão totalmente desligados das estruturas sociais mais amplas, sendo impactados pelas leis que regem a sociedade como um todo. No campo do turismo, por exemplo, encontra-se a propagação de discursos que perpetuam a subordinação da mulher, refletindo a violência simbólica dentro da sociedade patriarcal brasileira.

O turismo, se comparado a outros campos do conhecimento, é relativamente recente, por isso suas concepções e paradigmas histórico-conceituais são muito debatidos entre pesquisadores. Mesmo assim, já se observa uma consonância de opiniões sobre o turismo e suas interfaces. Em linhas gerais, a maioria dos autores, discorre que o desenvolvimento do turismo, enquanto campo de estudos e atividade econômica, política, social, ambiental e cultural, sempre esteve estritamente ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico, que respectivamente determinaram quem viaja e como viajar (Bursztyn, 2005).

De acordo com estudos realizados por Gil (2000), este autor em seu trabalho explica que o turismo se estabelece como:

[...] o conjunto de relações e fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu lugar de domicílio, desde que tais deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa (Gil, 2000, p. 15).

É importante salientar que os elementos mais importantes de todas essas definições são: o caráter não lucrativo da visita, o tempo de permanência, e a procura do lazer/prazer. E, que viagem não é a mesma coisa que turismo. O turismo inclui a viagem apenas como uma parte,

havendo muitas viagens que não são de turismo, por exemplo, as viagens de negócios, viagens de estudo, viagens para visitar pessoas doentes ou falecidas.

A busca por lazer constitui-se na principal característica do turismo na atualidade, com a intenção de contemplar/descansar/conhecer a localidade visitada por motivações que, basicamente, não tem ligações com seu trabalho. Wahab (1991) o pontua como sendo uma atividade humana motivada por intenções, sejam quais forem, utilizadas para a comunicação entre comunidades. A atividade turística foi consolidando-se e constituindo-se, partindo-se do pressuposto que a maioria das formas “utilizadas” para a atração do fluxo necessário para o desenvolvimento da atividade se baseia em dinamismo, e acaba se modificando; renovando; atualizando com o passar do tempo.

Concebido inicialmente como uma atividade econômica, o turismo expandiu-se para um fenômeno complexo, cujas explicações puramente financeiras não conseguem capturar sua totalidade. Hoje, ele é entendido como um produto da cultura, com implicações sociais, ambientais e políticas, que exigem abordagens analíticas mais amplas e interdisciplinares (Molina, 2006; Panosso; Noguero; Jager, 2011). A partir da perspectiva de Simmel (1983), a sociabilidade representa uma forma de interação lúdica, desvinculada de finalidades pragmáticas, mas que constitui a essência da vida social. No turismo, esse conceito é fundamental, pois o ato de viajar envolve encontros e interações que transcendem o aspecto econômico e administrativo das práticas turísticas (Figueiredo, 2020). Autores como Jafari (1987), MacCannell (2003) e Figueiredo (2021) exploram o turismo como uma prática social, onde o encontro e a interação face a face são centrais para a construção de experiências significativas.

O fenômeno do turismo alcançou significativa importância no cenário global até 2019, impulsionado pelo crescimento quase contínuo e a diversificação de destinos turísticos. No entanto, a pandemia do Covid-19 interrompeu abruptamente o avanço do setor turístico, trazendo desafios inéditos para o setor (UNWTO, 2020). Conforme destacado por Figueiredo (2020), a pandemia afetou profundamente a vida cotidiana, os negócios e o lazer, especialmente o turismo, uma das atividades mais impactadas. Esse fenômeno, no entanto, sempre demandou uma interpretação crítica, como argumentam Irving, Lima e Moraes (2016), que ressaltam a natureza interdisciplinar e política do turismo. Outros problemas incluem o *overtourism* e os impactos ambientais associados, como o aumento da pegada de carbono (Lenzen *et al.*, 2018), além da turistificação, que transforma locais históricos e naturais, reduzindo a qualidade da experiência dos visitantes (Adie, Falk e Savioli 2020; Amore, Falk e Adie, 2020).

Ao longo dos anos, as abordagens sobre o turismo foram ampliadas, transcendendo a mera dimensão econômica e passando a ser reconhecido como um instrumento de incentivo ao desenvolvimento em diferentes esferas. A colaboração entre os turistas, as comunidades visitadas e os agentes de turismo tornaram-se um fator determinante para o avanço do setor. Nesse contexto, o comportamento dos turistas evoluiu, refletindo uma busca mais acentuada por experiências autênticas e de maior profundidade, tanto culturais quanto naturais.

À medida que o turismo foi se consolidando como uma prática social complexa e culturalmente significativa, tornou-se também um reflexo das mudanças estruturais nas dinâmicas de gênero. O crescimento do setor turístico, aliado ao surgimento de novas formas de lazer, impulsionou a participação de diferentes grupos sociais, incluindo as mulheres, que passaram a ocupar um espaço cada vez mais expressivo nas atividades turísticas. Desde o início dos anos 2000, observa-se um aumento substancial na participação feminina em diversas modalidades de turismo, revelando uma transformação no status socioeconômico das mulheres e ampliando suas oportunidades de engajamento em viagens e experiências de lazer (Khan, 2011; Wilson e Little, 2005).

Essa maior presença feminina no turismo também reflete avanços sociais, como a conquista de maior autonomia e o reposicionamento das mulheres em espaços antes dominados por homens. Esta tendência se tornou ainda mais evidente conforme o número de mulheres que viajam sozinhas, envolvendo-se em viagens de aventura, ecoturismo, viagens educativas e mochilões, frequentemente superando os números masculinos (Wilson e Harris, 2006; Yang, Khoo-Lattimore, e Arcodia, 2017). Este fenômeno atraiu atenção acadêmica, especialmente no contexto das viagens solo, onde as mulheres enfrentam desafios, ganham autonomia, expressam independência e ampliam suas interações sociais (Jordan e Aitchison, 2008; Jordan e Gibson, 2005).

A atividade turística exerce um papel significativo na dinâmica social, não apenas por promover a interação e o intercâmbio entre diferentes povos, mas também por sua expressiva contribuição econômica, que abrange a produção de bens e serviços destinados a atender às variadas necessidades dos indivíduos. Além de refletir os anseios dos turistas, que buscam explorar e desfrutar de novos destinos e culturas, afastando-se temporariamente de suas obrigações diárias, o turismo pode engendrar diversas dinâmicas de gênero. Nesse contexto, insere-se o conceito de “mundo dos homens”, que é empregado a partir da perspectiva de que a sociedade atual ainda se configura em um contexto patriarcal, amplamente caracterizado por uma estratificação sexual típica das sociedades ocidentais, especialmente aquelas de natureza tradicional e conservadora.

Com esse cenário social as relações de poder estão difusas em todas as esferas da sociedade, essa prática foi descrita como “dominação masculina” por Bourdieu (2019), como visto anteriormente, e com o turismo sendo uma prática social não pode ser desatrelado desse conceito. A situação da mulher enquanto turista, assim como sua posição dentro da sociedade, a partir do pressuposto de que os hábitos machistas estão enraizados nesse meio (tanto por homens quanto por mulheres), é condicionada pelas orientações e ações de indivíduos que reproduzem também no turismo a estratificação social pautada na dominação do gênero feminino. Ao se analisar as relações de gênero dentro da atividade turística deve-se pautar também a análise das estruturas sociais, além da estratificação, além do “lugar das coisas”, para finalmente se estabelecer uma reflexão sobre as relações de poder.

Todos esses conceitos estão presentes nos trabalhos de Simone de Beauvoir “O segundo sexo” (2014) e de Pierre Bourdieu (2019). Com a assimilação das regras sociais estabelecidas durante a prática do turismo em um contexto espacial patriarcal os aspectos de dominação do gênero se reproduzem e se legitimam, fazendo com que a mulher possa ter uma experiência turística menos proveitosa do que a de um homem na mesma situação. No contexto do turismo, a dominação masculina se manifesta de maneira sutil, mas impactante, afetando as experiências de mulheres brasileiras em viagens solo. É importante considerar como as estruturas de poder, conforme definidas por Bourdieu (2019), e as questões de gênero abordadas por Beauvoir (2014) são aplicadas no cenário turístico. A subordinação do gênero feminino é uma realidade que se reproduz durante as práticas turísticas, influenciando a maneira como as mulheres vivenciam e interagem em seus destinos.

O mundo contemporâneo vive uma transformação social marcada pela emergência de novos territórios afetivos, comunicativos e subjetivos (Castro, 2019). Essas mudanças são impulsionadas por transformações econômicas, tecnológicas e comunicacionais, exigindo novas epistemologias para interpretar a realidade. A autora destaca ainda a necessidade de descentralizar o olhar e adotar outros paradigmas, essenciais para compreender fenômenos emergentes, como as novas diásporas e racializações que surgem com a intensificação dos conflitos socioeconômicos.

O desenvolvimento econômico moderno, segundo Castro (2019), foi construído sobre a exploração das colônias e da natureza, gerando desigualdades profundas que permanecem até hoje. Nesse contexto, o turismo se configura como uma atividade de dominação, perpetuando relações desiguais tanto no plano econômico quanto no cultural, explorando territórios e povos subalternos. Para a autora, ainda, a ciência enfrenta uma crise, não apenas por suas certezas abaladas, mas também por sua incapacidade de lidar com as crises globais.

5.1. Sexualização do turismo

Dado esse panorama em que as relações de poder e a dominação masculina se refletem nas experiências turísticas das mulheres, é inevitável que o corpo feminino se torne também um alvo constante de objetificação nesses espaços. A sexualização da atividade turística, como veremos a seguir, aprofunda essas dinâmicas de controle e perpetua estereótipos de gênero que continuam a moldar a maneira como as mulheres são percebidas e tratadas no ambiente turístico. Comumente a atividade é descrita como um fenômeno que se baseia em uma divisão binária entre o cotidiano e o extraordinário, conforme destacado por Urry (2001). Nesse contexto, as férias são percebidas como uma oportunidade de afastamento físico e emocional do ambiente doméstico e das normas sociais que regulam o comportamento “normal” (Thomas, 2005). Isso permite que indivíduos explorem comportamentos e experiências que parcialmente ou completamente diferente do seu cotidiano.

Estudos demonstram que a indústria do turismo opera em um ambiente sexualizado, com fornecedores frequentemente associando sexo e turismo em suas estratégias de marketing, o que resulta na representação das mulheres como objetos do olhar masculino (Jordan, 1997; Kinnaird e Hall, 1994; Richter, 1995; Marshment, 1997; Pritchard e Morgan, 2000; Gabrielli, 2006; Kempadoo, 2001; 2009; Moraes; Queiroz e Lima, 2011; Piscitelli, 2006). As mulheres são habitualmente retratadas como passivas e sexualmente disponíveis, e embora a análise da cultura popular e da mídia sobre as normas sociais corporais tenha recebido atenção acadêmica, há uma carência de pesquisas que explorem como essas representações impactam as experiências turísticas das mulheres (Clarke, 1993; Pritchard, 2001; Uzzell, 1984; Backett-Milburn e Mckie, 2001; Bell e Valentine, 1997; Lupton, 1996).

As implicações sociais e culturais da sexualização do turismo são amplas e não devem ser subestimadas, pois afetam as diversas mulheres que frequentam espaços turísticos, cujas perspectivas e necessidades devem ser levadas em consideração. Quando esses espaços são construídos como sexualizados, todos os que os consomem o fazem dentro de um ambiente sexualizado, independentemente da consciência desse fato. A representação sexualizada de corpos e lugares em materiais promocionais contribui para a criação de discursos que perpetuam a vigilância social, retratando o corpo feminino como um objeto a ser observado durante as férias (Jordan e Gibson, 2005; Pritchard, 2001). A análise foucaultiana sugere que aqueles que produzem e consomem esses materiais são posicionados como os poderosos, enquanto as mulheres, frequentemente sujeitas ao olhar sexualizado, se tornam os alvos desse poder, o que reflete uma dinâmica de controle normativa predominantemente masculina (Enloe, 1989;

Richter, 1994). Embora essa interpretação se baseie em uma análise materialista da dinâmica de poder de gênero, é importante reconhecer que as relações de gênero são complexas, sutis e fluidas, variando dentro e entre diferentes categorias e contextos.

No estudo de Jordan e Aitchison (2008) mulheres expressaram preocupação generalizada de que homens locais em destinos turísticos possam interpretar sua presença sozinha em público como um "convite", essa interação com homens locais apresentou um paradoxo potencialmente problemático. A problemática decorre do desejo de não serem percebidas como "solteiras" à procura de um parceiro em férias, além da crença de que a representação de mulheres ocidentais como mais liberais sexualmente poderia criar uma impressão equivocada nos homens locais. Uma das facetas mais empoderadoras e satisfatórias da viagem solo reside nas numerosas oportunidades de conhecer pessoas ao longo do caminho (Jordan e Gibson, 2005), mas, ao interagir com homens locais em espaços turísticos heterogêneos, isso também pode significar se colocar em maior risco de assédio sexual.

Esse cenário de regulação do próprio comportamento também é fruto de investidas do sexo masculino com qualquer abertura que ele consiga. Sob uma análise foucaultiana dos episódios de assédio sexual vivenciados por mulheres em viagens solo sugere que homens locais empregam uma vigilância sexualizada sobre turistas estrangeiras e, em alguns casos, ultrapassam os limites dessa observação (Jordan e Aitchison, 2008), o que abre espaço para a existência de um fenômeno conhecido como "terrorismo sexual", no qual homens utilizam o medo para controlar e dominar mulheres (Sheffield, 1984). Contudo, mesmo diante desse panorama, outros estudos demonstram que mulheres encontram maneiras de superar seus medos para tentar usufruir de alguns momentos de lazer mesmo após passar por uma situação dessas (Bialeschki e Hicks, 1998; Mehta e Bondi, 1999).

Esses comportamentos de dominação são socialmente construídos para exercer poder masculino, garantindo que os corpos femininos sejam excluídos de determinados espaços, ao mesmo tempo que aumentam o status dos homens em relação a mulheres e outros homens (Jordan e Aitchison, 2008). Embora haja necessidade de cautela em relação ao etnocentrismo, os autores sugerem que o olhar sexualizado de alguns homens locais pode influenciar significativamente a experiência vivida de turistas femininas sozinhas, tornando-as mais conscientes de sua presença em espaços turísticos heterogêneos.

Para Jordan e Aitchison (2008), as mulheres chegam a estados de autoconsciência de uma maneira que sua presença como turistas sozinhas as tornava alvos de especulação sexual por parte de homens locais, refletindo uma vigilância que pode variar conforme o contexto e a localização. Deste modo, as mulheres se tornam tanto sujeitos quanto objetos do olhar

sexualizado, moldando suas experiências de forma a refletir a dinâmica de poder presente nesses ambientes. Além disso, a análise dos autores revela que os discursos turísticos frequentemente naturalizam as mulheres como alvos do olhar sexualizado, perpetuando a associação entre turismo, sexo e prazer hedonista. A representação do turismo como um espaço de liberdade comportamental normaliza a sexualização das mulheres, criando ambientes problemáticos e legitimando comportamentos abusivos e propícios ao assédio sexual.

5.2. Turismo, lazer, espaço e o corpo

A compreensão das relações de gênero no contexto do lazer e do turismo se enriquece ao se contextualizar esses vínculos nos espaços em que ocorrem, considerando também o corpo de gênero nesse ambiente. Conforme Haldrup (2004), o espaço não é uma entidade fixa e independente, mas é continuamente moldado por práticas discursivas e corporais em movimento, sendo que a cocriação dos espaços ocorre por meio da mobilidade (Cresswell e Merriman, 2011), onde os participantes do lazer não são observadores passivos, mas sim indivíduos incorporados, diferenciados, socialmente contextualizados e performativos (Molz, 2010). Parafraseando Löw (2006, p. 120, tradução nossa), os espaços constituem, antes de tudo, “uma expressão da possibilidade de pluralidades; em segundo lugar, apontam para a possibilidade de relações recíprocas; e, em terceiro lugar, são sempre abertos e indefinidos em relação a formações futuras”. Portanto, para compreender as relações de gênero, é indispensável reconhecer a participação dos corpos na experiência do lazer e do turismo, assim como a análise das dinâmicas de gênero é fundamental para entender o espaço.

O trabalho de Wearing e Wearing (1996) sobre o *flâneur*⁸ do século XIX contribui para a compreensão do espaço e do olhar do turista masculino, evidenciando que essa posição não é facilmente acessível às mulheres. Gibson e Jordan (1998) observaram que as mulheres viajantes sozinhas encontram grande dificuldade em vagar sem serem notadas, pois o detalhe de estarem sozinhas, aliada ao fato de serem mulheres, chama a atenção sobre elas, em vez de permitir que elas passem despercebidas. Criticando o viés masculino na conceituação do turista como *flâneur* e do destino turístico como uma “imagem” para o olhar turístico, Wearing e Wearing (1996) propuseram ver o destino como *chora* ou espaço interativo, com o turista sendo o

⁸ Baudelaire (1988) descreve o flâneur como um observador solitário da vida urbana, um “artista da cidade” que encontra inspiração no caos e na diversidade das ruas de Paris. Benjamin (2010; 1989) expande essa ideia, ligando o flâneur ao desenvolvimento da sociedade capitalista e às mudanças nas cidades modernas, vendo-o como uma figura que simboliza a alienação e o fascínio das massas pela vida urbana.

*choraster*⁹. Diante desse prisma dos autores, interações do turista com o espaço turístico atribuem significados construídos pelo ator, que se tornam parte de sua identidade.

Estudos sobre a representação, produção e consumo de paisagens turísticas sob a ótica de gênero destacam a construção social e a especificidade cultural e histórica do espaço (Aitchison, MacLeod, e Shaw, 2000; Craik, 1997). Pritchard e Morgan (2000) explicaram o privilégio do olhar masculino na promoção de destinos turísticos, visto que as paisagens são frequentemente representadas como aventuras masculinas, associadas ao poder do norte e do oeste, e como sedução feminina, ligadas ao sul e ao leste, que são vistos como menos privilegiados e vulneráveis, demonstrando que o discurso turístico é, simultaneamente, de gênero, colonial e racial. As representações de corpos em espaços de lazer e turismo são frequentemente centradas em um ideal de corpo singular, com análises de mídias de lazer e turismo revelando que o material promocional do turismo reforça essa mensagem, destacando a objetificação de mulheres jovens e atraentes (Small, Harris, e Wilson, 2008; Jordan, 1998; Pritchard, 2001; Alfonso, 2006; Bignami, 2002; Ferreira, 2007; Moraes *et al*, 2011). A pressão para atingir um corpo ideal, caracterizado como magro, tonificado e bronzeado, pode minar a confiança das mulheres, desencorajando sua participação em espaços públicos turísticos (Jordan, 2007).

A construção do olhar masculino estimula a percepção das mulheres como o "outro", evidenciando que, embora os corpos sejam construções sociais, eles também atuam como entidades corpóreas que vivenciam o lazer e o turismo, uma experiência que é simultaneamente psicológica e física, refletindo a ideia de que o corpo é não apenas um fenômeno influenciado por sistemas sociais, mas também um locus de controle social, resultando em vivências integradas e fluidas, constantemente em processo de construção (Aitchison, 1996; Shilling, 2003; Wearing, Small e Foley, 2018). É válido ressaltar que Foucault (2014) articula que sistemas sociais tornam nossos corpos "doces" e "normalizados" por meio da disciplina corporal e da vigilância social, mas também somos capazes de resistir a esses discursos. A partir disto, Felski (2006) pontua uma mudança de uma narrativa de vitimização para uma de empoderamento, enquanto Coffey (2013) defende uma abordagem que vê os corpos como intensidades que exercem força, superando a oposição binária de identidades femininas/masculinas.

⁹ Os conceitos de *chora* e *choraster* foram propostos por Wearing e Wearing (1996). introduzidos para desafiar a concepção tradicional do turismo, que frequentemente retrata o turista como um espectador passivo e o destino como uma simples imagem a ser observada. Ao invés disso, eles argumentam que os destinos turísticos (*choraster*) devem ser vistos como espaços interativos, onde a experiência do turista é cocriada através de suas interações com o ambiente, enfatizando o papel ativo do turista (*chora*) na construção de significados.

Os contextos de lazer e turismo são frequentemente considerados locais de empoderamento que possibilitam a transgressão das prescrições de gênero, sendo interpretados como heterotopias (Wearing, 1998). Sob esse prisma, determinadas modalidades de lazer promovem um autoconhecimento ampliado sobre os corpos das mulheres, oferecendo oportunidades de compreensão do potencial físico (Yarnal, Hutchinson e Chow, 2006), com as “fugas com amigas”, por exemplo, que se revelam como espaços onde mulheres de todas as idades experimentam uma autenticidade existencial, libertando-se do olhar masculino e permitindo maior conforto em sua aparência (Berdychevsky, Gibson e Bell, 2013). Embora Wilson e Little (2005) tenham analisado as negociações enfrentadas por mulheres que viajam sozinhas ao resistirem ao olhar masculino, também foram identificados espaços que favorecem a resistência, como os quartos de meninas, permitindo o controle do espaço pessoal e privado (James, 2001).

Não obstante, a imagem corporal e as preocupações com a aparência frequentemente limitam a participação em atividades de lazer, resultando em um prazer reduzido durante simples experiências, como utilizar celulares em espaços públicos (Foley, Holzman e Wearing, 2007; Frederick e Shaw, 1995; James, 2000; Liechty, Freeman e Zabriskie, 2006). Embora Berdychevsky, Gibson e Poria (2014) tenham encontrado no espaço turístico uma arena de autoexploração e resistência a estereótipos sociais relacionados ao comportamento sexual feminino, essa visão deve ser cuidadosamente avaliada, visto que as férias podem ser vistas como oportunidades para desafiar a passividade sexual e a subordinação feminina, promovendo a inversão dos papéis sexuais, embora a pressão sobre a aparência feminina continue a exercer influência (Wearing, Small e Foley, 2018). A confiança das mulheres em transgredir esses papéis é frequentemente condicionada à percepção de seus corpos como conformes os padrões de beleza e feminilidade estabelecidos (Berdychevsky, Gibson e Poria, 2014).

Muitos espaços de lazer continuam a reforçar normas de gênero, como as praias e piscinas públicas, que são frequentemente sexualizadas, tornando a resistência uma tarefa difícil (Jordan e Aitchison, 2008). Richards (2002) destaca que o olhar vigilante torna-se ainda mais proeminente durante as férias, especialmente quando os corpos expostos na praia são observados por estranhos. James (2000) também identificou que algumas meninas em piscinas públicas conseguiram resistir ao olhar masculino percebido, enquanto outras não. Em sua pesquisa sobre a genderização dos espaços, Löw (2006) observa que, embora as mulheres possam optar por ir à praia sem parte superior, a norma cultural exige que seus corpos não apresentem movimentos que possam expor imperfeições, dessa forma, a presença de corpos

“normalizados”, “doces” e “disciplinados” proposta por Foucault (2008) se torna evidente nos relatos de muitas mulheres.

5.3. Mulheres viajantes e assédio no turismo

O turismo, como fenômeno social e cultural, emergiu no século XIX, um período marcado pela transformação significativa das sociedades europeias, especialmente em função do advento do capitalismo industrial (Figueiredo e Ruschmann, 2004). O desenvolvimento das indústrias e das tecnologias, como as ferrovias e o barco a vapor, facilitou a mobilidade, permitindo que as pessoas viajassem por prazer. Este novo modelo de deslocamento inaugurou uma dualidade na percepção do tempo, onde o trabalho e o lazer passaram a ser vistos como esferas opostas, culminando na criação do tempo livre destinado ao descanso e à exploração.

Nesse contexto, os autores Figueiredo e Ruschmann (2004) discorrem sobre o surgimento do turista moderno contrasta com a figura do viajante tradicional, que é muitas vezes visto como alguém que busca experiências mais autênticas e significativas. Para eles, essa dicotomia reflete uma mudança nas práticas e representações das viagens, com o turismo sendo cada vez mais entendido como uma manifestação cultural contemporânea, conectada à ideia de lazer e ao consumo. Além disso, a errância emerge como um conceito central na discussão sobre viagens, onde a busca por novos lugares e experiências pode ser vista como um reflexo de um desejo profundo de transformação e de ruptura com a rotina.

A errância, enquanto busca por uma identidade em constante construção, sugere que viajar é mais do que simplesmente deslocar-se fisicamente; é um processo de autodescoberta e de ressignificação (Figueiredo e Ruschmann, 2004). A experiência de viajar oferece a oportunidade de se confrontar com o diferente, provocando reflexões sobre pertencimento e identidade. Nesse sentido, o ato de viajar se torna uma prática que pode desafiar as normas sociais, promovendo uma abertura para novas perspectivas e um entendimento mais profundo das dinâmicas culturais e sociais que permeiam a vida contemporânea.

Diante desse prisma, as experiências de viagem femininas são frequentemente invisibilizadas na literatura de viagem, onde predominam relatos de homens que, em muitos casos, reafirmam estereótipos de gênero. Essa ausência reforça a ideia de que as mulheres viajantes são uma minoria, desconsiderando suas contribuições e perspectivas únicas, que poderiam enriquecer a compreensão das dinâmicas de viagem e turismo.

As relações sociais de gênero estão presentes em todas as culturas, sendo manifestas nas interações entre homens e mulheres, e variando conforme os contextos. No turismo, essas

interações, ao reunir indivíduos de diferentes contextos sociais e culturais, podem tanto atenuar quanto reforçar desigualdades de gênero. Esse cenário demanda uma análise crítica e a criação de diretrizes que promovam práticas turísticas responsáveis, voltadas para a mitigação dessas desigualdades (Gabrielli, 2022).

É crucial reconhecer que a narrativa da viagem é frequentemente moldada por vozes masculinas, que não apenas documentam suas experiências, mas também definem o que é considerado "turismo" e "viagem". A falta de representação feminina nos relatos de viagem não apenas limita o entendimento das diversas práticas de viagem, mas também perpetua um discurso hegemônico que marginaliza as mulheres. Uma crítica a essa situação aponta para a necessidade de incluir vozes femininas que desafiem as narrativas tradicionais e ofereçam uma visão mais abrangente e inclusiva das experiências de viagem, contribuindo para a reconfiguração das ideias de viajante e turista na contemporaneidade.

A construção das relações de gênero baseia-se em diferenças atribuídas aos corpos, independente de suas características biológicas, como observado por Schienbinger, que entende gênero como uma relação de poder entre os sexos (2001). Nesse sentido, no turismo, as experiências de homens e mulheres, bem como de corpos feminilizados e masculinizados, são vivenciadas de formas distintas, agravadas por outros marcadores sociais, como raça, classe e geração, conforme apontado por Crenshaw (2002), na conceituação da interseccionalidade, que evidencia as múltiplas camadas de subordinação.

O corpo, historicamente tratado como mero instrumento da alma, foi concebido em tempos antigos como uma prisão para esta, subjungando-o a uma condição essencialista em que a alma seria imutável (Abbagnano, 2003). Essa visão essencialista serviu de base para a opressão de gênero, na qual a alma feminina era descrita como subordinada à masculina, refletindo-se na instrumentalização do corpo da mulher (Melo e Soeiro, 2020). Essa subordinação, permeada por ideologias patriarcais, delimitava a liberdade feminina, restringindo-a a padrões de beleza, ética e sexualidade (Foucault, 1985). Além disso, Melo e Soeiro (2020) postulam que a opressão derivava da ideia de que as problemáticas do corpo emergiam de um movimento de dentro para fora, da essência para a aparência. No entanto, para as autoras existe um movimento simultâneo oposto, onde valores socialmente construídos e instituições patriarcais impõem uma armadura ideológica que oprime a mulher enquanto ser em potencial.

A concepção de *Gestus*, de acordo com Melo e Soeiro (2020), originária do latim, refere-se a uma postura física que transmite ideias ou emoções, tornando-as visíveis aos outros. Essa manifestação corporal simboliza relações sociais, sendo a forma pela qual os indivíduos se

apresentam no convívio social. Segundo Brecht (1996), o *Gestus* deve ser distinguido da mera gestualidade, sendo característico das interações sociais. Dessa forma, "o gesto de trabalhar", por exemplo, é considerado social, uma vez que a atividade humana voltada à dominação da natureza é um empreendimento social. A expressão corporal do ator é, portanto, orientada por um *Gestus* social, que reflete as relações predominantes em um determinado período (Brecht, 1996).

Essa definição permite compreender o *Gestus* como um conjunto de posturas e movimentos situados historicamente e geograficamente, variando conforme o contexto sociocultural (Melo e Soeiro, 2020). As mulheres, ao se deslocarem, ajustam estrategicamente seus *Gestus* para evitar as violências frequentemente associadas ao movimento feminino. Elas desempenham papéis sociais de forma análoga a atrizes em cena, controlando comportamentos, expressões faciais, entonações e palavras para navegar com segurança em espaços públicos e dentro da atividade turística isso não é diferente. Ainda em concordância com os autores supracitados, o corpo, nesse cenário, torna-se um campo de resistência e estratégia, comunicando-se de modo a minimizar o medo e as potenciais ameaças de violência.

A literatura recente sobre gênero no turismo, como relatado por Santos e Sá (2020), revela que as mulheres enfrentam desafios específicos tanto como turistas quanto como profissionais. Para as autoras, as mulheres viajantes solo, por exemplo, lidam com riscos como violência, exploração sexual e feminicídio. No mercado de trabalho, enfrentam discriminação e subordinação, sendo subvalorizadas em cargos e salários. Além disso, a revisão desses estudos aponta para o crescimento da participação feminina em temas como empreendedorismo no turismo, liderança e o fortalecimento de organizações de mulheres (Murguialday, 2015).

O assédio, especialmente o assédio sexual, tem sido amplamente discutido na academia (Fairchild e Rudman, 2008; Wesselmann e Kelly, 2010) e no ambiente de trabalho, sendo definido como a qualquer conduta indesejada de natureza sexual que restringe a liberdade da vítima, podendo ser caracterizado por um único ou vários atos (Brasil, 2023). Pesquisas sobre assédio sexual teorizam aspectos como desigualdade de poder, discriminação de sexo/gênero e diferentes identidades sociais valorizadas nas organizações (Cortina e Berdahl, 2008). Contudo, no campo do lazer e turismo, o assédio sexual ainda não é explorado de forma adequada, com os estudos focando principalmente no assédio de funcionários da hospitalidade por supervisores ou clientes (Ram, Tribe, e Biran, 2016).

Trabalhos como os de Gilbert, Guerrier e Guy (1998) e de Oliveira, Silva e Gabriel (2022) destacam a frequência de assédio sexual na indústria da hospitalidade devido às características inerentes ao serviço de hospitalidade. Quanto ao assédio de turistas, apenas

alguns estudos abordam esse fenômeno (Calafat *et al.*, 2013; Mcelroy, Carlisle e Tarlow, 2007; Kozak, 2007). Kozak (2007), em um estudo quantitativo sobre turistas britânicos na Turquia, revelou a amplitude do assédio turístico, majoritariamente praticado por vendedores ambulantes, com poucos casos de assédio sexual. Já Mcelroy, Carlisle e Tarlow (2007) identificaram três tipos de assédio turístico: persistência de vendedores, tráfico de drogas e assédio sexual, mas focaram em destinos do sul global, sem detalhar o assédio sexual contra turistas mulheres.

Além disso, Calafat *et al.* (2013) conduziram um estudo de larga escala com mais de 6.000 jovens turistas britânicos e alemães no sul da Europa, revelando que mais de 10% deles relataram ser vítimas de assédio sexual ou sexo contra a vontade, especialmente mulheres, associando esses incidentes ao consumo de álcool e drogas. Este estudo destaca os potenciais riscos sexuais enfrentados por jovens turistas, mas sem detalhar as experiências das mulheres.

O aumento no número de mulheres que optam por viajar sozinhas reflete uma tendência global, apesar de ainda haver uma compreensão insuficiente sobre a diversidade dessas experiências (Jordan e Aitchison, 2008; Yang, Khoo-Lattimore e Arcodia, 2018). Pesquisas recentes abordam principalmente motivações, restrições, medo e empoderamento das viajantes solo (Chiang e Jogaratnam, 2006; Seow e Brown, 2018; Wilson e Harris, 2006; Wilson e Little, 2005; Yang e Tung, 2018; Jordan e Gibson, 2005; Yang, Khoo-Lattimore e Arcodia, 2018). A segurança percebida é um pré-requisito essencial para as intenções de viagem, estando significativamente relacionada à percepção de risco (Reisinger e Mavondo, 2005).

A vulnerabilidade e o medo de vitimização restringem o movimento e o tempo das mulheres viajantes solo (Wilson e Little, 2005; Yang, Khoo-Lattimore e Arcodia, 2018). Estudos revelam que o assédio sexual é uma preocupação constante para estas viajantes, sendo o que mais as incomoda durante as atividades de turismo (Jordan e Aitchison, 2008). Há uma escassez de pesquisas sobre a atenção masculina sexualizada e suas associações com o assédio sexual, agressões e estupros (Jordan, 2008; Wilson e Little, 2008). Esses estudos exploram como a interseção de riscos de gênero e raça afetam essas mulheres, mas não priorizam o assédio sexual como foco central de análise.

As mulheres que viajam sozinhas apresentam reações distintas ao assédio, que são influenciadas pelo contexto. De acordo com Fairchild e Rudman (2008), existem quatro tipos de reações: enfrentamento ativo, enfrentamento passivo, autocrítica e tratamento do assédio como benigno. Embora algumas mulheres possam interpretar certos comportamentos como elogios, a maioria tende a ignorar ou evitar o assédio, e poucas se opõem ativamente aos agressores, e no contexto de viagens internacionais, muitas delas se veem perplexas em relação

às línguas e costumes locais, tornando-se alvos mais vulneráveis a esse tipo de comportamento (Su e Wu, 2020).

Quando as mulheres enfrentam assédio, as reações variam de acordo com a gravidade da situação, mas o assédio verbal, como cantadas ou assobios, geralmente resulta em respostas passivas, como ignorar ou se afastar (Su e Wu, 2020). No entanto, ainda em conformidade com as autoras, quando a violação se torna física, as mulheres tendem a reagir de forma mais enérgica, mesmo que algumas dessas mulheres frequentemente se envolvem em autocrítica após essas experiências. As autoras pontuam ainda que, de modo geral, as viajantes solas enfrentam desvantagens significativas em comparação com mulheres locais, especialmente em um ambiente estrangeiro onde a falta de recursos e apoio amplifica a vulnerabilidade. Mantendo o raciocínio das autoras, as reações ao assédio, que vão de sentimentos de medo e insegurança a um certo grau de irritação, moldam negativamente a experiência de viagem, levando muitas a ignorar ou responder passivamente a situações incômodas ou até mesmo a agressões sexuais.

A investigação conduzida pelas autoras Su e Wu (2020) evidenciam que a presença de mulheres sozinhas, associada a estereótipos de vulnerabilidade, agrava as situações de assédio, principalmente devido a diferenças linguísticas e culturais. Nesse sentido, para garantir sua segurança, as viajantes adotaram diversas estratégias preventivas, limitando sua liberdade de exploração e reduzindo sua plena participação em espaços públicos, corroborando achados de pesquisas anteriores (Bowman, 1993; Thompson, 1994; Valentine, 1989; Wilson e Little, 2008). Embora o turismo solo feminino tenha conquistado crescente popularidade (Jordan e Aitchison, 2008; Seow e Brown, 2018), o mercado de turismo ainda aborda de forma insuficiente as necessidades dessas mulheres.

5.4. Quem te viu, quem te vê: a brasileira

O conceito de turismo abrange o movimento de pessoas em busca de experiências diversas, como lazer, exploração cultural e contato com a natureza. Nesse contexto, as mobilidades turísticas desempenham um papel central, oferecendo uma nova perspectiva para entender os fenômenos dinâmicos que emergem dessas deslocamentos (Carneiro, Allis, 2024). Esse movimento, embora não recente, está intrinsecamente ligado à forma como o Brasil foi historicamente retratado, influenciando tanto a percepção do país como um destino exótico quanto a formação da atividade turística contemporânea.

Para compreender a consolidação da atividade turística no Brasil, é fundamental analisar os múltiplos fatores que moldaram sua imagem ao longo do tempo. A chegada de Pedro Álvares

Cabral, ou possivelmente de Vicente Yañez Pinzon, representa um marco inicial na exploração europeia das terras brasileiras, catalisando um intenso processo migratório. Os primeiros relatos sobre o Brasil, exemplificados pela carta de Pero Vaz de Caminha, foram essenciais na construção de uma imagem do país que destaca suas paisagens exuberantes e culturas nativas, influenciando a percepção até os dias atuais (Castro, 2003).

A formação de uma imagem é um processo complexo que envolve interações dinâmicas entre o indivíduo e o ambiente, mediadas por filtros sensoriais e culturais (Bignami, 2002). Essas percepções são cruciais na construção de concepções de realidade e na elaboração de narrativas sobre um determinado lugar. A carta de Caminha transcendeu seu tempo, consolidando uma imagem do Brasil que não apenas sobreviveu a diversas gerações, mas também se manteve relevante em múltiplos contextos históricos, demonstrando uma notável capacidade de adaptação e ressignificação (Olivieri e Villa, 1999).

Conforme afirmam Olivieri e Villa (1999), a "Carta do Achamento" foi controlada por Dom Manuel I para evitar que o reino espanhol obtivesse informações sobre as novas terras descobertas pelos portugueses. Somente no século XVIII, a transcrição de José Seabra da Silva possibilitou sua ampla divulgação, influenciando a representação do Brasil na Europa, conforme Figueiredo e Ruschmann (2004). Essa circulação estimulou a literatura de viagem e moldou a visão europeia sobre o Brasil, reforçando estereótipos que perdurariam ao longo por séculos.

Baseando-se nessas descrições, os cronistas dos séculos XVI e XVII consolidaram uma representação do Brasil caracterizada por sua abundância e beleza natural Figueiredo e Ruschmann (2004). Exploradores como Hans Staden, André Thevet e Jean de Léry documentaram essas impressões de maneira vívida, contribuindo para a formação de uma identidade brasileira associada a um paraíso exótico. Contudo, essa representação também perpetuou estereótipos sobre o povo brasileiro, especialmente no que se refere às mulheres, cuja imagem foi moldada por essas narrativas (Ferreira, 2007).

Os estereótipos que emergiram dos relatos históricos sobre as mulheres brasileiras não foram apenas perpetuados, mas também intensificados na literatura ao longo dos séculos. Personagens icônicas, como Rita Baiana e Gabriela, foram cruciais para a perpetuação de uma imagem de sensualidade e subserviência, ligando o corpo feminino a representações exóticas e sexualizadas. Essa visão, que remonta ao período colonial, continua a influenciar as percepções internacionais sobre a identidade feminina no Brasil, evidenciando a necessidade de uma análise crítica dessas representações que persistem no imaginário coletivo (Moraes *et al.*, 2011).

A teoria das representações sociais, conforme defendida por Moscovici (2009), oferece uma estrutura para compreender como essas imagens foram internalizadas e difundidas. As representações sociais não apenas facilitam a compreensão de um objeto cultural, mas também a atribuição de significados simbólicos que moldam identidades (Duveen e De Rosas, 1992). Assim, as narrativas sobre o Brasil e, em particular, sobre suas mulheres, resultam de um processo histórico de construção de identidade que ainda persiste na contemporaneidade.

Com a crescente utilização dos meios comunicacionais, a imagem do Brasil tem sido divulgada de forma mais otimizada no cenário internacional. Embora o país conte com representações positivas, como o carnaval, suas belezas naturais e ícones como Pelé, Gisele Bündchen e Rebecca Andrade, observa-se uma carência de figuras que dialoguem diretamente com a temática desta pesquisa. Além disso, aspectos negativos, como a criminalidade e a degradação ambiental, frequentemente dominam a percepção estrangeira, o que, em conjunto com estereótipos históricos, contribui para a desvalorização da imagem da mulher brasileira no turismo (Kotler; Gertner, 2004).

Ao analisar o turismo como prática social, podem-se identificar os Agentes Sociais Dominantes (ASD), que perpetuam discursos de dominação, e os Agentes Sociais Dominados (ASd), que, mesmo sendo subjugados, podem corroborar essas ideologias. Isso se reflete nas redes sociais e na mídia, onde os agentes dominados frequentemente reproduzem as ideias impostas pelas classes dominantes, perpetuando a violência simbólica. Análises de comentários em redes sociais revelam como esses próprios agentes contribuem para a manutenção de estruturas de dominação, internalizando discursos de opressão (Santos, Francisco e Guerra, 2021).

Apesar de o Brasil ter uma marca forte globalmente (Paraízo, 2007), o cenário de violência amplamente explorado pela mídia tende a ofuscar produtos e serviços que referenciam novos segmentos e demonstram um crescimento sólido no setor (Pérez-Nebra; Rosa, 2008). Portanto, a reformulação da imagem brasileira no exterior deve ser acompanhada pela formulação e operacionalização de políticas públicas integradas, visando à desmistificação da imagem nacional. Essa necessidade, já apontada por Bignami (2002) há mais de duas décadas, continua a ser uma realidade pertinente.

A imagem da mulher brasileira, amplamente explorada em campanhas de turismo, reflete uma percepção social que reforça sua sexualização, especialmente associada ao litoral e às praias, espaços de seminudez e lazer que facilitam sua objetificação como um "prêmio" a ser conquistado (Rojek e Urry, 1997; Ribeiro e Sacramento, 2009). A representação do Brasil como destino turístico está profundamente conectada a essa erotização, contribuindo para a

desmoralização da vontade feminina e a limitação de seu poder de decisão sobre o próprio corpo, aprofundando sua objetificação. Essa dinâmica evidencia um problema mais amplo no turismo em destinos periféricos, onde a exploração econômica e cultural se intensifica pela erotização do corpo feminino.

A exploração sexualizada no turismo brasileiro foi institucionalizada pela Embratur, especialmente entre as décadas de 1960 e 1980, consolidando o fetiche em torno da mulher brasileira. Estudos demonstram que a promoção turística do Brasil sempre esteve associada à erotização do corpo feminino, facilitando a propagação do "turismo sexual" (Bignami, 2002; Alfonso, 2006). Essa estratégia foi legitimada por discursos que reforçavam a sexualidade feminina como atrativo, destacando o papel do Estado na perpetuação de estereótipos lucrativos, mesmo que prejudiciais à mulher.

Durante a ditadura militar, a Embratur não apenas reforçou essa exploração, mas também desempenhou um papel ideológico ao promover uma imagem idealizada do Brasil. O governo brasileiro utilizou o turismo como uma ferramenta de doutrinação política, atraindo turistas enquanto ocultava tensões sociais internas (Alves, Nascimento e Freitas, 2018). Essa inter-relação entre turismo e controle social evidencia uma complexidade que ainda permeia as práticas contemporâneas.

Pesquisas mais recentes oferecem uma análise crítica sobre a imagem da mulher brasileira no turismo, revelando a perpetuação de estereótipos que associam o corpo feminino ao turismo sexual (Santos, Francisco e Guerra, 2021). Declarações de figuras públicas, como as do ex-presidente Jair Bolsonaro, agravaram essa percepção, refletindo uma política sexista e homofóbica (Nascimento, 2020; Carvalho, Freitas e Ribeiro, 2023). Essa somatória de falas e ações problemáticas faz com que a análise da imagem do Brasil no cenário internacional evidencie uma tensão entre representações culturais positivas e aspectos negativos, como violência e degradação ambiental.

A sexualização do corpo feminino permanece um problema persistente, sustentado por discursos midiáticos e políticos que reforçam essa percepção. A urgência de uma reformulação discursiva que combata essas práticas é evidente, como demonstram as análises de Alves, Nascimento e Freitas (2018). A exploração da mulher nas campanhas publicitárias do turismo brasileiro vai além da representação física, refletindo uma construção simbólica ligada à concepção pós-colonialista do Brasil como um paraíso tropical.

Ao examinar as propagandas sob uma perspectiva racial, observa-se a predominância de mulheres pardas (73%), seguidas de negras (14%) e indígenas (4%), sem representação de mulheres brancas ou amarelas (Alves, Nascimento e Freitas 2018). A imagem da mulher mulata

carrega simbolismos conciliatórios, mas, nas propagandas, é utilizada para mascarar tensões sociais internas (DaMatta, 2015). Essa estratégia de marketing fortalece a ideia de um "país sem racismo", disfarçando preconceitos arraigados sob a fachada de harmonia racial e cultural.

A análise temporal das campanhas revela uma concentração de anúncios na década de 1970, período do "milagre econômico" e auge do regime militar. Embora a abertura política nos anos 1980 tenha trazido algumas mudanças, a objetificação da mulher nas campanhas continuou consolidando um modelo turístico baseado na erotização do corpo feminino como principal atrativo (Alves, Nascimento e Freitas, 2018). Essa evolução do turismo no litoral brasileiro não apenas responde à lógica global da exploração capitalista, mas também se diferencia por erotizar o corpo feminino como atrativo central.

Considerando a vasta diversidade natural do Brasil, como a Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal e a zona costeira, é pertinente questionar por que o corpo feminino se tornou atrativo turístico. Esse fenômeno está enraizado em um desenvolvimento histórico que dificulta a desvinculação dessa imagem tanto para organizações brasileiras quanto para a população. A desconstrução desse imaginário, seja pela sociedade, pelo poder público ou pelas grandes mídias, enfrenta o desafio de transformar a maneira como a sexualidade é vivida e explorada no contexto turístico brasileiro.

A Embratur, por décadas, promoveu essa representação na propaganda internacional, priorizando a figura da mulher sensualizada, frequentemente uma mulata, enquanto as belezas naturais ficavam em segundo plano (Alfonso, 2006; Ferreira, 2011; Alves, Nascimento e Freitas, 2018). Essa estratégia consolidou o Brasil como um destino no turismo sexual, perpetuando estereótipos e reforçando a erotização da imagem nacional. A ausência de um enfrentamento real ao preconceito pode resultar em reforço de estigmas, ao invés de promover um verdadeiro intercâmbio cultural (Barretto, 2004).

Por fim, sob a perspectiva da semiótica do turismo, os visitantes tendem a confirmar, em suas experiências, os símbolos e discursos preexistentes que envolvem a sexualização da mulher brasileira (Urry e Larsen, 2021). Essa percepção, construída historicamente e legitimada pela exclusão social, coloca o gênero feminino em uma posição de sujeição. Assim, a marginalização e a exploração capitalista afetam desproporcionalmente as mulheres, perpetuando a falta de perspectivas de mudança (Bem, 2005; Alves, Nascimento e Freitas, 2018; Nascimento, 2020; Santos, Francisco e Guerra, 2021).

Historicamente, as mulheres foram relegadas a posições marginalizadas na sociedade, sendo sua presença apagada em uma história predominantemente escrita por homens (Bittencourt, 2018; Perrot, 2007). Essa exclusão, associada à subordinação das mulheres ao

espaço privado, reflete uma ordem social masculina que limitou sua participação nos espaços de poder e representatividade. Mesmo com o avanço da democracia, que deveria abrir caminho para maior igualdade, as estruturas de gênero, poder e saber mantêm-se opacas, dificultando a ascensão das mulheres a posições de decisão, inclusive em setores como o turismo (Bittencourt, 2018).

A construção do corpo feminino como *locus* de controle e subordinação reforça essa exclusão, sujeitando as mulheres a normas estéticas e morais que restringem sua autonomia (Biroli, 2018). A violência de gênero, presente tanto em contextos cotidianos quanto políticos, reforça o confinamento das mulheres ao espaço doméstico, limitando sua participação em arenas públicas e aprofundando estereótipos que definem a mulher como objeto (Biroli, 2018). Essa restrição encontra paralelo no turismo, onde a imagem da mulher brasileira é construída em torno de padrões de sensualidade que perpetuam estigmas históricos, conforme discutido anteriormente.

Estereótipos de gênero e raciais, conforme analisado por Carvalho, Freitas e Ribeiro (2023), reforçam as relações de poder e dominação, contribuindo para a construção de uma representação da mulher brasileira associada a ideias de feminilidade submissa e exotismo sexualizado. Esses estereótipos são construções sociais que promovem desigualdades e, ao associarem a mulher brasileira a características de sensualidade e submissão, violam o princípio da igualdade, restringindo direitos (Cook e Cusack, 2010). Tal estigmatização, presente tanto na mídia quanto nas campanhas de turismo, contribui para a perpetuação da imagem da mulher brasileira como objeto de desejo — um "prêmio" vinculado ao cenário tropical, conforme ilustrado por análises semióticas no turismo (Urry e Larsen, 2021).

6. MULHER BRASILEIRA EM PRIMEIRO LUGAR (?)

Considerando que o corpo humano continua sujeito a formas de controle social e cultural que, ao longo do tempo, moldam tanto a relação dos indivíduos com seus próprios corpos quanto suas interações com os outros (Foucault, 2014), observa-se que o disciplinamento social estimula a conformidade dos corpos às normas sociais e culturais. Esse processo cria os, já citados nessa pesquisa, "corpos dóceis", que se adaptam não por meio da força física, mas pela vigilância mútua e pela internalização do olhar social. No contexto do turismo, Urry (2001) adapta o conceito do olhar disciplinador de Foucault (2014) ao introduzir a ideia do "olhar turístico", que transforma locais e populações em objetos de observação, instaurando relações de poder que submetem o local a uma vigilância contínua.

Cheong e Miller (2000) ampliam essa perspectiva inicial ao argumentar que as relações de poder no turismo são fluidas, permitindo que o turista, além de exercer controle, também se torne um objeto de controle por agentes turísticos e corretores de experiências. Os autores destacam que o poder nas práticas turísticas pode tanto oprimir quanto libertar, variando de acordo com as dinâmicas de cada contexto. Essa análise é enriquecida pela abordagem performativa do *gaze*, conforme discutido mais recentemente por Urry e Larsen (2021), que enfatizam a natureza corpórea e relacional da experiência turística. Ao considerar o *gaze* como uma prática dinâmica, evidencia-se que os turistas não são meros observadores passivos, mas participantes ativos que interagem e negociam significados nas relações sociais com os anfitriões. Assim, revela-se a complexidade das interações turísticas e a fluidez das relações de poder, desafiando a concepção tradicional de um olhar unilateral e voyeurístico.

Em ambientes heterogêneos, onde turistas interagem diretamente com comunidades locais, como bares e ruas, o olhar masculino sobre as mulheres turistas em viagens solo pode reforçar normas de gênero e influenciar a experiência delas (Jordan e Aitchinson, 2008). Dessa forma, a experiência turística é marcadamente impactada pela presença do olhar, que é não só disciplinador, mas também moldado por questões de gênero e sexualidade, afetando diretamente a vivência dos turistas e a maneira como eles se integram ao ambiente local. Além disso, essa dinâmica de observação e troca entre comunidade local não se limita a um simples ato de ver, mas implica uma série de interações que podem alterar experiências turísticas.

Dito isso, este capítulo serve como um espaço para analisar as implicações, não só dos diferentes olhares nas experiências de mulheres brasileiras que viajam sozinhas para a Europa, mas também as narrativas dessas mulheres, destacando como as suas interações sociais e as percepções de segurança são moldadas por esse olhar multifacetado ao praticar o turismo solo.

Através da análise das respostas coletadas, buscou-se entender não apenas as dinâmicas de poder que permeiam o turismo, mas também como essas mulheres reinterpretaram e renegociaram seus papéis e identidades em um contexto frequentemente dominado por estereótipos de gênero.

6.1. Um olhar preliminar: resultados obtidos com os questionários

Esta subseção apresenta os resultados obtidos por meio dos questionários, visando fornecer uma visão preliminar e abrangente das experiências das participantes antes de avançar para a análise das entrevistas. Ao priorizar a exposição dos dados dos questionários, estabeleceu-se uma base sólida que facilita a compreensão dos perfis das participantes, permitindo uma análise mais rica e contextualizada nas seções subsequentes. Além disso, a abordagem qualitativa adotada, mesmo em um formato de questionário, possibilita a captura de nuances significativas, enriquecendo a interpretação dos dados e favorecendo a discussão sobre as interações sociais e as questões de gênero enfrentadas pelas viajantes. Essa discussão é aprofundada mais adiante pelas ratificações e complementações trazidas pelas participantes nas entrevistas.

A aplicação dos questionários foi realizada presencialmente, com visitas ao Aeroporto Internacional de Belém, Júlio Cezar Ribeiro (Val-de-Cans), e ao Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos - Governador André Franco Montoro (Fotografia 1). O tempo médio de resposta ao questionário foi de 9 minutos, e cada visita aos aeroportos teve duração aproximada de 3 horas e 30 minutos. No total foram 4 visitas ao aeroporto de Belém e 4 visitas ao aeroporto de Guarulhos. As mulheres foram abordadas tanto nos portões de embarque quanto nos portões de desembarque. A viagem a São Paulo possibilitou esse cenário, uma vez que tanto no embarque quanto no desembarque se pode transitar livremente pelos portões visto a possibilidade de conexões e escalas. Ao todo, foram coletados dados de 83 participantes. Embora os dados tenham sido coletados por meio da plataforma *Google Forms*, escolhida pela agilidade na organização das informações, a abordagem presencial foi fundamental para garantir que apenas viajantes reais participassem da pesquisa. Isso também evitou a inclusão de respondentes aleatórios e reduziu a ocorrência de lacunas (*missing information*), frequentemente observadas em formulários exclusivamente online.

Fotografia 1 - Quadro de avisos de voos internacionais saindo de Guarulhos – São Paulo.

Embarque internacional International departures				
09:16				
Seu portão será informado 120 minutos antes da partida Your gate will be informed 120 minutes before departing				
Hora	Destino	Voo	Portão	Status
09:20	Assunção	GOL 7480	269A	oo Encer
09:20	Montevideo	GOL 7630	269C	oo Encer
09:35	nta Cruz de	GOL 7714	268	ima Ch
09:40	idade do Mé	0015	310	ibarque
09:40	3uenos Aires	GOL 7682	269D	ima Ch
10:00	3uenos Aires	1239	267	ibarque
10:05	Atlanta	0270	302	ibarque
10:20	Santiago	SVY 0605	266	check-in
10:35	Miami	8194	304	ibarque
10:45	Santiago	8130	325	ibarque
11:10	idade do Pa	0700	324	Previsto
11:50	3uenos Aires	0090		onfirma
11:50	Orlando	8126		check-in
12:40	3uenos Aires	1243		check-in
13:20	Santiago	8036		check-in
13:35	Assunção	1306		check-in
13:50	Madrid	0058		Previsto
13:55	3uenos Aires	8034		check-in
14:00	nta Cruz de	0735		check-in
14:15	Roma	0675		check-in
14:15	Madrid	6824		onfirma
14:20	3uenos Aires	GOL 7684		check-in
14:20	Santiago	0763		check-in
14:40	Paris	0439		Previsto

Embarque internacional International departures				
09:16				
Seu portão será informado 120 minutos antes da partida Your gate will be informed 120 minutes before departing				
Hora	Destino	Voo	Portão	Status
05:30	Lisboa	0082		Confirma
05:40	Punta Cana	GOL 7730		check-in
06:00	Londres	0246		Previsto
06:05	Santiago	0407		check-in
06:40	Santiago	0631		check-in
07:10	Bogotá	0184		Previsto
07:25	3uenos Aires	8172		check-in
07:25	Santiago	8096		check-in
07:30	3uenos Aires	0506		Previsto
07:40	Lisboa	8146		check-in
08:00	Paris	8068		check-in
08:00	Barcelona	8114		check-in
08:00	Milão	8072		check-in
08:15	Luanda	0748		onfirm
08:15	Frankfurt	0507		Previsto
08:20	3uenos Aires	1313		Previsto
08:30	Zurich	0093		Previsto
08:30	nta Cruz de	0739		Previsto
08:35	Santiago	8207		check-ir
08:55	Paris	0459		Previsto
09:00	Roma	0679		check-ir
09:30	3uenos Aires	0015		Previsto

Fonte: Registro feito pela autora (2024).

Encontrar mulheres que tivessem viajado sozinhas para a Europa apresentou alguns desafios, pois muitas das abordadas haviam realizado suas viagens acompanhadas de familiares/amigos ou então estavam embarcando para a sua primeira viagem solo. Essa situação afetou o número de questionários aplicados em Belém, onde a coleta de dados foi mais limitada. Em São Paulo, no entanto, a maior frequência de voos internacionais e a diversidade demográfica facilitaram a identificação de respondentes que atendiam aos critérios da pesquisa, resultando em uma coleta mais ampla e representativa.

A estrutura do questionário também foi desenhada de maneira a captar diferentes aspectos das experiências das participantes, dividida em seções que permitem a coleta de informações demográficas, experiências de viagem, interações sociais e percepções de segurança. A inclusão de perguntas específicas sobre revelação da nacionalidade e situações de dominação foi fundamental para explorar como as questões de gênero e nacionalidade influenciam as interações sociais e a percepção de segurança das mulheres brasileiras em contextos turísticos. A combinação de perguntas fechadas e escalas de avaliação possibilita a obtenção de dados que auxiliaram a análise qualitativa, enquanto as questões abertas permitem captar nuances subjetivas importantes para a análise.

O questionário demonstrou-se adequado para a fase inicial da pesquisa, ao permitir a coleta de dados alguns dados quantitativos, contudo a análise qualitativa deles configurou-se

como mais alinhada aos objetivos principais do estudo. A aplicação de escalas de percepção, como as que mensuram o impacto das viagens solo sobre autoestima e empoderamento, proporciona uma avaliação precisa dos efeitos subjetivos dessas experiências nas participantes. Paralelamente, as questões sobre estereótipos e interações sociais oferecem insights detalhados sobre as dinâmicas de poder e dominação que permeiam o turismo. Assim, uma abordagem metodológica que contemple esses aspectos simbólicos torna-se essencial para explorar os elementos invisíveis da dominação masculina, os quais impõem barreiras à plena manifestação da liberdade e potência feminina (Santos e Sá, 2021).

6.1.1. Panorama geral dos resultados

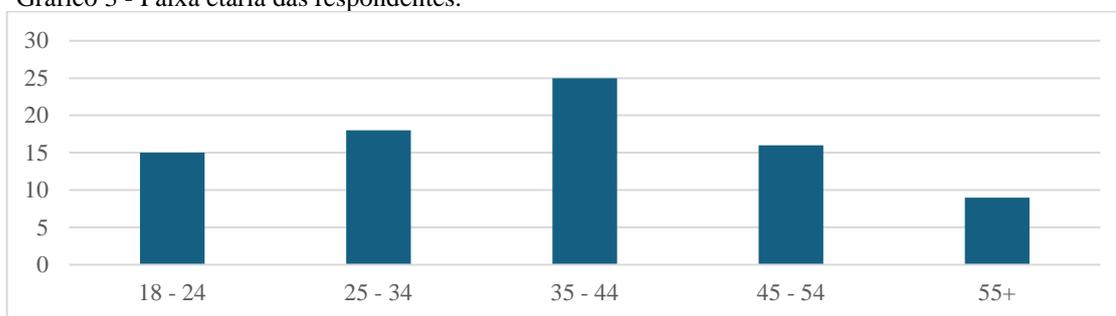
O conceito de viagem solo, ao longo do tempo, tem sido interpretado como uma jornada de caráter espiritual, remetendo às práticas dos peregrinos que buscavam, em suas viagens, não apenas a descoberta de novos lugares, mas também o encontro de sentido em suas vidas, geralmente associado a questões divinas e religiosas (Cohen, 1972). Entretanto, essa relação entre turismo e experiência não se limita a motivos religiosos, mas é profundamente influenciada pelas transformações sociais, como observado nos movimentos contraculturais dos anos 1960. Tais movimentos, especialmente o movimento hippie, redefiniram o modo de ver a viagem, promovendo a ideia de liberdade e uma nova valorização das experiências sensoriais e de autodescoberta (Pereira e Silva, 2018). A partir daí, o conceito de viajante explorador ou "drifter", surge como um símbolo da busca por aventuras e por novas experiências turísticas (Cohen, 1972).

Nas últimas décadas, a figura do viajante solo tornou-se mais comum, com ênfase particular nas motivações femininas para essa prática. As mulheres que optam por viajar sozinhas estão, em geral, em busca de autonomia, liberdade e crescimento pessoal, conforme apontam diversos estudos (Wilson e Little, 2008; Chiang e Jongaratnam, 2006). Além disso, essas viajantes têm o desejo de sair de suas zonas de conforto, procurando vivências que as ajudem a fortalecer sua individualidade e expandir suas identidades (Wilson e Harris, 2006). Outros fatores, como a socialização e o desejo de se conectar com novas culturas e indivíduos, também são destacados como motivadores para as viagens femininas solo, contribuindo para o desenvolvimento de um senso de pertencimento e enriquecimento cultural (Jordan e Gibson, 2005; Pereira e Silva, 2018).

Diante do exposto, apresenta-se a seguir uma análise abrangente sobre as experiências de mulheres brasileiras que viajam sozinhas. No Gráfico 3 (na página seguinte) é possível

perceber a predominância de mulheres na faixa etária entre 25 e 44 anos. Esse grupo, que inclui as faixas constitui uma parcela significativa das mulheres que já viajaram sozinhas para a Europa. A presença majoritária dessa faixa etária pode ser explicada por fatores como maior independência financeira e profissional, além de uma fase de vida em que essas mulheres estão em busca de experiências que proporcionem autoconhecimento e crescimento pessoal. O turismo, nesse sentido, pode ser visto como um meio de construção de identidades no mundo moderno (Giddens, 2003), especialmente para mulheres nessa fase da vida, que buscam maior autonomia.

Gráfico 3 - Faixa etária das respondentes.



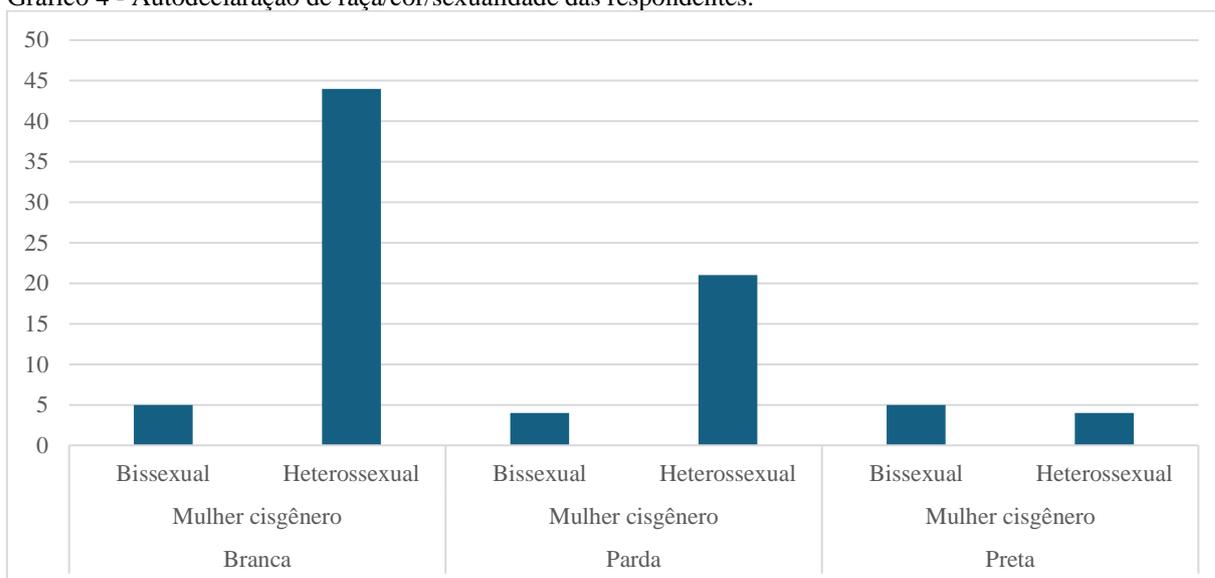
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Outro aspecto relevante é a participação expressiva de mulheres acima de 45 anos. Esse dado sugere que o turismo solo também é uma prática comum entre mulheres mais velhas, o que pode estar relacionado a uma maior liberdade, seja pela saída dos filhos de casa ou por uma mudança de prioridades pessoais. Em uma sociedade marcada pelo individualismo contemporâneo, essas mulheres podem ver nas viagens uma oportunidade de ressignificação de suas vidas, buscando novas experiências e formas de interação com o mundo, distantes de papéis tradicionais, conforme corrobora Brasil (2016).

6.1.1.1. Raça/Cor

Para avançar na análise, tornou-se imprescindível a investigação de três eixos centrais: raça/cor, identidade de gênero e orientação sexual. O Gráfico 4 (na seguinte página) apresentado agrupa informações relativas a mulheres brasileiras que se identificam como cisgênero, apresentando variações nos três referidos aspectos.

Gráfico 4 - Autodeclaração de raça/cor/sexualidade das respondentes.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O maior grupo de participantes se autodeclara como "branca", seguido de "parda" e, por fim, "preta". Essa predominância de mulheres brancas reflete o padrão estrutural da sociedade brasileira, em que a branquitude continua a ser majoritária em muitas esferas, incluindo estudos acadêmicos e de turismo. Segundo Schwarcz e Starling (2015), o Brasil carrega uma história de invisibilização de corpos negros, o que pode influenciar a representação dessas mulheres em pesquisas sobre atividades de lazer, como o turismo. A presença reduzida de mulheres autodeclaradas pretas pode indicar a reprodução de desigualdades sociais, onde fatores como racismo e discriminação impactam as oportunidades de viagem e o acesso a espaços de lazer.

Os dados também evidenciam que hierarquias raciais estão presentes nas dinâmicas turísticas e de mobilidade dessas mulheres. As mulheres brancas predominam em posições de prestígio e têm maior escolaridade, um padrão que reflete a estrutura racializada apontada por Gonzalez (1987), na qual o racismo estrutural no Brasil perpetua a exclusão de mulheres negras de espaços de poder. No turismo, essas hierarquias influenciam tanto as experiências quanto as oportunidades de viagem, sendo que mulheres negras e pardas enfrentam maiores barreiras para acessar formas de turismo mais elitizadas como as viagens internacionais.

Embora mulheres negras e pardas alcancem elevados níveis de escolaridade, elas ainda enfrentam dificuldades para ascender a posições de destaque no mercado de trabalho, um fenômeno que impacta também suas experiências turísticas. A teoria da interseccionalidade, proposta por Crenshaw (1989), ressalta que as opressões de raça e gênero se entrelaçam, criando desafios adicionais para essas mulheres. No contexto das viagens solo, essas interseções geram obstáculos relacionados à segurança, visibilidade e ao reconhecimento de suas necessidades

enquanto consumidoras. Assim, as desigualdades raciais e de gênero se refletem nas experiências turísticas, reforçando a marginalização de mulheres não brancas, mesmo em um campo dedicado ao lazer e à liberdade.

Hintze (2013) corrobora as ideias de hooks (1995) ao afirmar que a imagem do negro no turismo é frequentemente associada ao trabalho nos bastidores, reforçando a noção de que, para essas pessoas, lazer e trabalho estão paradoxalmente unidos. A representação do negro como servidor no turismo é recorrente, o que invisibiliza sua posição como consumidor (Santos e Sá, 2021). Assim, o turismo sexual não deve ser visto como um segmento à parte, mas como um efeito negativo do desenvolvimento desordenado e inconsequente da atividade turística (Hintze, 2013). Conforme Santos e Sá (2021, p. 259), "pessoas negras são destacadas e representadas somente como instrumentos para proporcionar lazer às pessoas brancas", o que sugere que a presença de negros no turismo é sistematicamente excluída do papel de consumidoras.

6.1.1.2. Identidade de Gênero

Todas as respondentes se identificam como mulheres cisgênero, configurando um quadro homogêneo em termos de gênero. Esse perfil pode, em parte, ser consequência de um universo limitado de respondentes, o que pode restringir a representatividade e limitar a captura de uma diversidade mais ampla de experiências. Além disso, a ausência de mulheres transgênero e pessoas não binárias pode refletir barreiras sociais e institucionais no acesso ao turismo solo, reafirmando as normas de gênero rígidas e excludentes destacadas por Butler (1990). Essas normas podem moldar quem sente que pertence ou é seguro nesses espaços, sugerindo que o turismo solo pode ser mais acessível para mulheres cisgênero e menos inclusivo para outras identidades de gênero, ao mesmo tempo que perpetua dinâmicas de dominação e exclusão de gênero.

6.1.1.3. Orientação Sexual

No que se refere à orientação sexual, a maioria das participantes se identifica como heterossexual. Ainda que haja uma presença considerável de mulheres que se identificam como bissexuais, essa minoria aponta para a necessidade de uma análise mais profunda sobre como a orientação sexual impacta as experiências de viagem. Rich (1993) argumenta que a heteronormatividade estrutural influencia a forma como as mulheres vivenciam o mundo,

especialmente em espaços públicos como o turismo. Mulheres bissexuais e de outras orientações não-heterossexuais podem enfrentar diferentes formas de discriminação e assédio, o que pode influenciar suas escolhas de destinos e comportamentos durante a viagem.

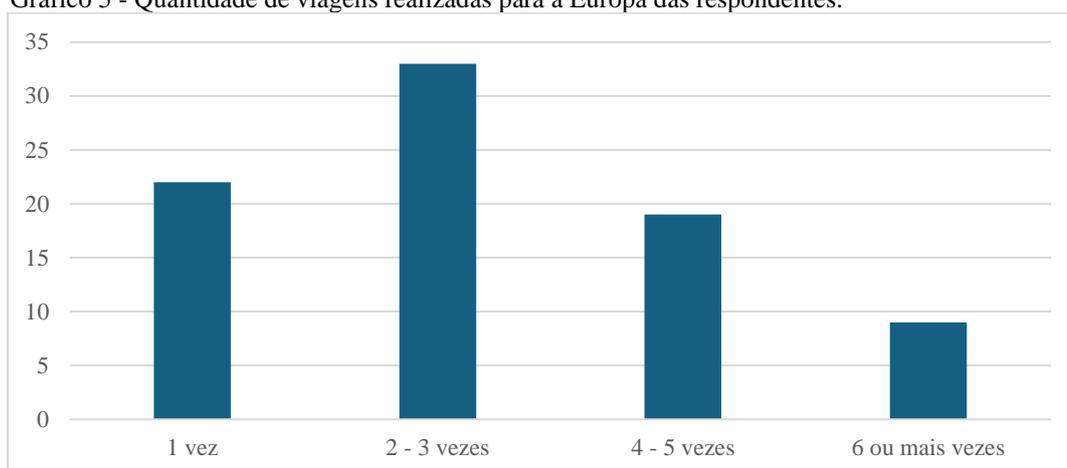
A análise dos dados revela que há uma grande similaridade entre as respondentes no que tange à identidade de gênero e, em menor escala, à orientação sexual, sendo a heterossexualidade prevalente. No entanto, a diversidade racial sugere possíveis divergências nas experiências dessas mulheres, uma vez que as mulheres negras (pardas e pretas) frequentemente enfrentam desafios adicionais em suas viagens, como racismo e exotificação, conforme discutido por Santos e Sá (2021), corroborando hooks (1995).

Por outro lado, a predominância de mulheres cisgênero e heterossexuais pode indicar que esses grupos encontram menos barreiras culturais ou institucionais em suas experiências de viagem solo, uma vez que sua identidade corresponde mais de perto às normas sociais e de gênero estabelecidas. Portanto, este quadro sugere que a raça/cor, a orientação sexual e a identidade de gênero das mulheres afetam de formas variadas suas experiências no contexto turístico. A representatividade desigual de mulheres negras e bissexuais, assim como a inexistência de mulheres indígenas ou amarelas, bem como lésbicas no grupo estudado reflete as tensões sociais de gênero e raça que ainda permeiam o acesso ao lazer e ao turismo, conforme corroborado por autores como Butler (1990) e hooks (1995).

6.1.1.4. Experiências de viagem

A análise das respostas sobre a frequência de viagens das mulheres brasileiras para a Europa revela um padrão diversificado que sugere diferentes níveis de experiência e acesso ao turismo internacional (Gráfico 5). A predominância de respostas indicando que as participantes viajaram de duas a três vezes ou entre quatro a cinco vezes denota um engajamento considerável com o turismo, refletindo uma tendência de autonomia nas escolhas de viagem. Santos e Sá (2021), ao estudar o deslocamento de mulheres na sociedade contemporânea, inferem que grande parte dos obstáculos à sua liberdade está enraizada em questões simbólicas e ideológicas associadas à representação da mulher em uma sociedade patriarcal. Por outro lado, a presença significativa de viajantes que mencionaram apenas uma vez sua experiência sugere a existência de barreiras que ainda podem limitar o acesso a essas experiências, como questões financeiras, culturais ou de segurança.

Gráfico 5 - Quantidade de viagens realizadas para a Europa das respondentes.



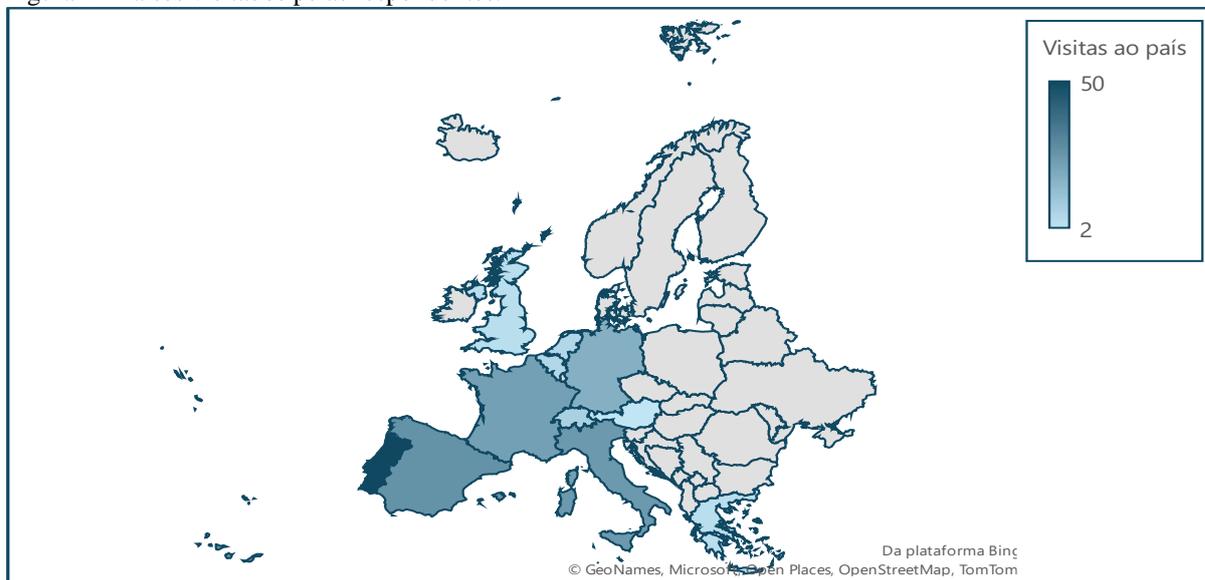
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ademais, as participantes que relataram viagens frequentes (seis ou mais vezes) podem pertencer a um grupo mais privilegiado, com maior acesso a recursos e informações que facilitam a mobilidade internacional. Essa observação está alinhada com a análise de Minasi, Mayer e Santos (2022), que destacam as desigualdades de classe e gênero no turismo, indicando que as experiências dentro da atividade tendem a ser desiguais e frequentemente influenciadas por fatores socioeconômicos. Esses dados sublinham a complexidade da experiência feminina no turismo, revelando uma coexistência de empoderamento e limitações. A reflexão sobre as múltiplas dimensões da dominação de gênero nas práticas turísticas é fundamental para entender como essas mulheres navegam por um espaço que pode ser tanto libertador quanto opressivo, conforme McRobbie (2009) em suas discussões sobre a intersecção entre gênero e diferentes atividades econômicas. Para a autora, embora o feminismo seja considerado superado em certos contextos, formas sutis de restabelecimento das desigualdades de gênero persistem, especialmente por meio da cultura de consumo.

Com relação aos países visitados, o mais citado é Portugal, com 50 menções (Figura 1, na próxima página). Isso sugere que, entre as viajantes brasileiras, Portugal é uma escolha popular, talvez pela facilidade linguística ou pela forte relação cultural. Destinos frequentes no Sul da Europa, como Espanha, Itália e França, aparecem em destaque; isso pode estar relacionado ao clima, ao estilo de vida mediterrâneo e à proximidade geográfica desses países. Alemanha e Suíça são vistos como escolhas secundárias, sendo o primeiro país mencionado 18 vezes, o que o torna um destino significativo, enquanto o segundo aparece com 8 menções, mostrando uma preferência menor, mas ainda notável. Embora com menos frequência (6 cada), Holanda e Bélgica destacam-se como destinos de curta duração ou como parte de rotas que

incluem vários países. Menções menores ao Reino Unido e à Grécia podem refletir barreiras linguísticas ou econômicas.

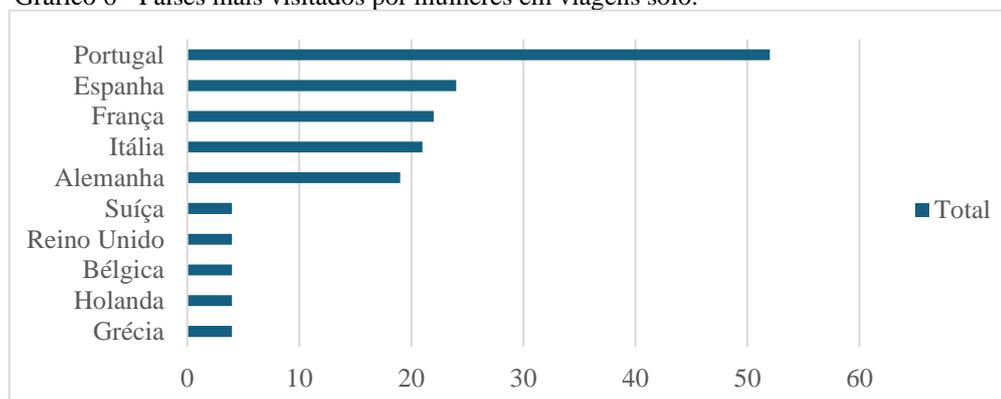
Figura 1 - Países visitados pelas respondentes.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Portugal foi também o país mais visitado as viagens solo, com 52 registros (Gráfico 6). Isso pode indicar que Portugal é visto como um destino seguro e confortável para mulheres viajando sozinhas, possivelmente por fatores culturais, facilidade de comunicação (para brasileiras), e uma percepção de segurança. Quanto a Espanha e França o número de viagens solo para esses países foi significativamente menor do que para Portugal, com 24 para o primeiro e 22 para o segundo. Isso sugere que, embora esses países sejam destinos populares, as mulheres podem optar por viajar acompanhadas. Itália e Alemanha também foram destinos para viagens solo (21 e 19 vezes).

Gráfico 6 - Países mais visitados por mulheres em viagens solo.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Outros Países com Menor Frequência de Viagens Solo: Países como Suíça, Reino Unido, Holanda, Bélgica, e Grécia foram visitados com menos frequência, tanto em grupo quanto solo, com cerca de 4 viagens solo cada. Esses países, embora visitados, parecem não ser os principais destinos para viagens solo, o que pode indicar menores níveis de confiança ou familiaridade. A Áustria foi visitada 5 vezes, contudo não houve viagens solo registradas, o que pode levantar questões sobre o que impede as mulheres de se sentirem seguras ou confortáveis em viajar sozinhas para esse país.

6.1.1.5. Motivações

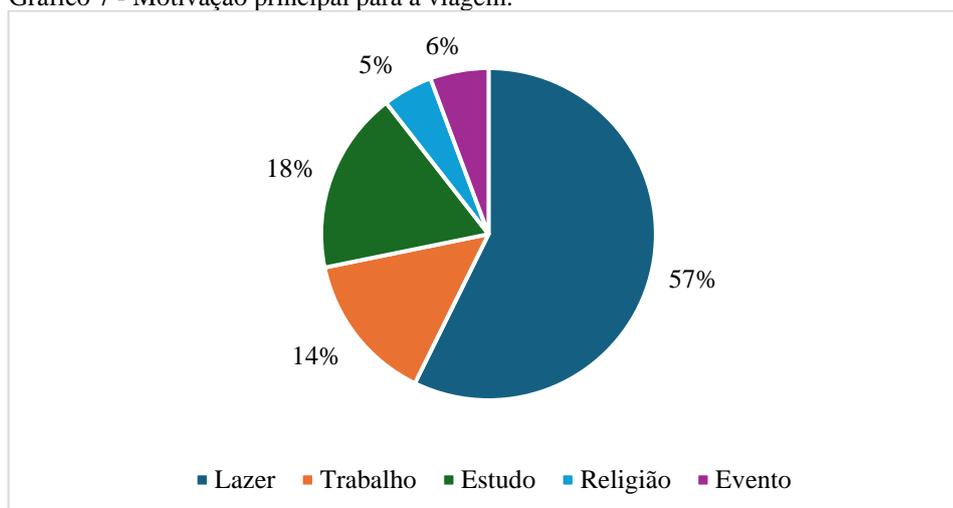
Fotografia 2 - Área de desembarque internacional do aeroporto de Belém



Fonte: Registro feito pela autora (2024).

A análise dos motivos das viagens das participantes brasileiras para a Europa revela uma predominância de lazer como principal razão para o deslocamento, seguida por combinações de lazer com estudo ou trabalho (Gráfico 7, na página seguinte). Esse padrão reflete uma busca por experiências que aliem o turismo a atividades educacionais ou profissionais, o que reforça a percepção de que o turismo se configura como um espaço multifacetado, onde lazer e desenvolvimento pessoal/profissional podem coexistir. Além disso, a recorrência de viagens motivadas por estudo ou trabalho, ainda que em menor proporção, aponta para um perfil de mulheres que não apenas viajam por lazer, mas também para aprimorar suas carreiras ou formação acadêmica.

Gráfico 7 - Motivação principal para a viagem.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

De acordo com Bond (1997), o lazer, juntamente com a aventura, faz parte do conjunto de experiências que as mulheres buscam durante suas viagens. Além disso, o conceito de "viagem significativa" não exclui o desejo de relaxar e desfrutar de momentos de prazer, o que também pode ser entendido como uma forma de lazer. No entanto, o lazer não é o principal foco dessas viagens, sendo visto como parte de uma experiência mais ampla que envolve autoconhecimento, crescimento pessoal e interação social.

As viagens femininas solo são impulsionadas por diversos fatores, sendo a busca por experiências significativas um dos principais (Pereira e Silva, 2018). Segundo Wilson e Little (2005), as mulheres viajam para escapar da rotina, buscando liberdade e prazer. O objetivo dessas viagens não é apenas o deslocamento físico, mas o envolvimento com novas experiências e o desenvolvimento de competências. A busca por aventura, interação social, educação e autoconhecimento são motivações frequentes, conforme Bond (1997), e representam a necessidade de sair da zona de conforto e promover crescimento pessoal.

Entre as motivações mais comuns, destaca-se o desejo de autonomia e individualidade (Wilson e Little, 2008), assim como o desafio de superar limites pessoais (Chiang e Jongaratnam, 2006; McNamara e Prideaux, 2010). O conceito de "viagem significativa" também foi introduzido por Wilson e Harris (2006), que afirmam que essas viagens permitem às mulheres avaliarem seus valores, desenvolver suas identidades e adquirir novos conhecimentos. Além disso, o contato social com outros viajantes e culturas locais é um elemento importante, fortalecendo os laços sociais e o desenvolvimento humano (Jordan e Gibson, 2005).

Motivações culturais e educacionais também são relevantes, com as viajantes buscando escapar da vida cotidiana e explorar novas culturas (Crompton, 1979). Essa dualidade entre a familiaridade e a novidade é central para entender a experiência turística, conforme Crompton (1979) e Pereira e Silva (2018). Em última análise, essas mulheres buscam aventura, uma experiência memorável e momentos de lazer, conforme Bond (1997), sintetizando as várias dimensões de sua motivação para viajar sozinhas.

Esse tipo de viagem sugere que o turismo pode funcionar como um campo de capital cultural, no qual as mulheres procuram, através da mobilidade, construir identidades complexas que extrapolam os estereótipos tradicionais de gênero. A interseção entre trabalho e lazer também demonstra como as fronteiras entre a esfera privada e pública são reconfiguradas durante as viagens, ampliando as experiências das mulheres para além do puro lazer. Por fim, a participação em eventos e viagens com motivações religiosas, embora menos frequente, adiciona outra camada de complexidade às motivações das mulheres, indicando que o turismo pode ser um espaço de busca por significado pessoal ou espiritual.

Além disso, notou-se que as motivações, frequentemente interseccionadas, demonstram a complexidade de subjetividades femininas que transcendem o mero hedonismo, apontando para uma negociação entre o desejo por descanso e a necessidade de crescimento intelectual e econômico. A esse respeito, Bauman (2001) argumenta que a sociedade de consumo contemporânea reforça a ideia de que as viagens se tornaram ferramentas de autoconstrução e autopromoção, desafiando antigas noções de turismo como lazer passivo, tornando o espaço num produto para consumir e o consumo numa forma de lazer (Santos e Gama, 2008)

Outrossim, a predominância de escolhas baseadas em cultura e história entre as viajantes revela um desejo de imersão e aprendizado, em consonância com as ideias de Bourdieu (2011) sobre o "capital cultural". A viagem não se configura apenas como um espaço de lazer, mas como uma oportunidade de acumulação de conhecimento e de incremento ao capital simbólico. Em contraste com uma visão mais comercial do turismo, essas mulheres veem na experiência de viagem uma forma de distinção social e cultural, embora, como Butler (1990) sugere, essa busca por capital cultural esteja frequentemente imbricada em relações de poder e normatividade.

As recomendações de amigos ou familiares e o custo de viagem aparecem como fatores influentes, evidenciando a importância das redes sociais na tomada de decisões. Segundo Granovetter (1973), os laços sociais desempenham um papel crucial na difusão de informações e na construção de confiança, especialmente em viagens solo, que podem ser vistas como arriscadas. Entretanto, autores como Beck (2011) destacam que a sociedade contemporânea é

marcada pelo conceito de "sociedade de risco", em que o medo e a incerteza estão constantemente presentes nas escolhas de vida, incluindo as de viajar sozinha. Assim, a viagem solo, por mais que seja vista como uma fuga e uma busca por autonomia, ainda se insere dentro de um contexto de insegurança global.

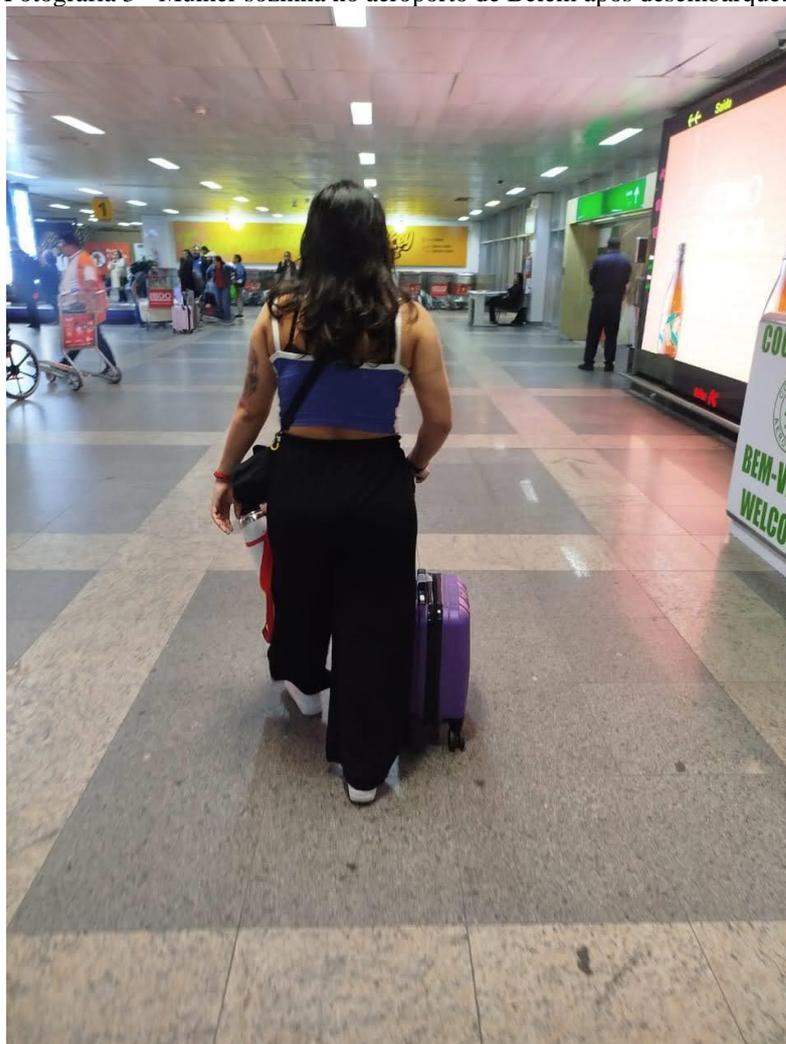
A divergência nas motivações, que variam de lazer puro a uma combinação com estudos ou trabalho, também pode ser explorada à luz de teorias feministas. Segundo Butler (1990), sendo a subjetivação feminina um processo contínuo de negociação e performance de identidade. No caso das viajantes, essa performance é moldada pela tentativa de conciliar o prazer com as demandas de produtividade imposta pela sociedade neoliberal. De maneira geral, a viagem solo feminina pode ser lida como um espaço de liberdade relativa, onde as mulheres exercem autonomia, mas ainda assim enfrentam as pressões e limitações impostas por estruturas econômicas e sociais.

A partir dessas análises, um estudo mais aprofundado poderia explorar como as tensões entre lazer e produtividade nas viagens femininas revelam aspectos do que Sennett (1999) denomina como "corrosão do caráter" na vida moderna, onde o equilíbrio entre trabalho e lazer se torna um campo de constante conflito. Além disso, a relação entre dominação e turismo poderia ser investigada à luz da teoria de Giddens (2003) sobre a reflexividade do eu na modernidade, especialmente em contextos de viagens internacionais, onde as mulheres, ao se distanciar de seu ambiente familiar, enfrentam novas formas de construção identitária.

6.2. Tudo que você vê sair da boca de grandes mulheres

O título desta subseção, inspirado na canção "Luz Del Fuego" de Rita Lee, homenageia as narradoras deste estudo, mulheres que desafiam convenções e projetam vozes de resistência. Essa referência musical reforça a relevância de suas trajetórias como símbolos de coragem e emancipação. Neste capítulo, portanto, será desdobrado o cenário da viagem solo para mulheres brasileiras, explorando as experiências narradas pelas locutoras para revelar as complexas dinâmicas de gênero e as variadas motivações que impulsionam essa escolha. A análise dessas narrativas investigará as particularidades das trajetórias individuais, demonstrando como a experiência de viajar sozinha contribui para a construção da autonomia, a afirmação da identidade e a ampliação das perspectivas culturais. Por meio das vozes dessas brasileiras, buscou-se compreender como cada experiência confere novos significados ao ato de viajar e molda a percepção de ser mulher em um contexto permeado pelo imaginário colonializador.

Fotografia 3 - Mulher sozinha no aeroporto de Belém após desembarque.



Fonte: Registro feito pela autora (2024).

Atualmente, o termo "viagem solo" é amplamente utilizado para descrever pessoas que viajam sozinhas em busca de autoconhecimento e experiências de descoberta. A busca pela independência e pelo desenvolvimento pessoal motiva muitas mulheres a embarcarem nessa jornada, com a viagem servindo não apenas como lazer e descanso, mas também como um caminho para conquistar autonomia e ampliar o repertório de valores pessoais. Nessa experiência, a possibilidade de interagir com outros viajantes e conviver com habitantes locais favorece uma socialização que fortalece laços e proporciona crescimento humano e cultural.

Outro aspecto notável da viagem solo é a capacidade de gerar experiências profundas e repletas de aventura, que vão além da visão de uma atividade meramente recreativa. Para essas mulheres, a viagem representa uma oportunidade de autodescoberta e desenvolvimento pessoal, um espaço onde podem aprimorar a autoconfiança e, ao mesmo tempo, explorar a novidade. Ao se exporem a novos desafios, elas encontram uma forma de avaliar seus próprios limites e competências, enfrentando a tensão entre o familiar e o desconhecido.

6.2.1. Cidadãs do planeta

A letra da canção "Cidadãs do Planeta" de Alanis Morissette reflete uma jornada de autodescoberta e pertencimento global, capturando a essência de mulheres que, ao desafiar fronteiras culturais e geográficas, se tornam cidadãs do mundo. Essa subseção abordará as características das entrevistadas, destacando como suas experiências de viagem e vivências pessoais ampliam suas identidades e fomentam um senso de pertencimento que transcende as limitações do nacionalismo e da territorialidade. Tendo em mente a construção e testagem das técnicas de obtenção de dados, viu-se necessária a aplicação de um modelo teste da entrevista semiestruturada para que as principais categorias de análise dessa pesquisa fossem avaliadas na visão do público-alvo. Foi elaborado um roteiro flexível contendo um conjunto de questões padronizadas que foram aplicadas (Batista, Matos e Nascimento, 2017), a medida em que questões complementares surgiam, a todas as participantes. Essas questões possibilitaram a coleta de dados preliminares consistentes, assim permitiram a comparação das respostas entre os entrevistados, o que é fundamental para a análise dos resultados (Gil, 2008; Manzini, 2012).

Com a finalidade de se garantir a efetividade do roteiro, cada pergunta foi elaborada com objetivos claros para que a avaliação das informações coletada fosse relevante para o andamento deste estudo. Apenas perguntas que contribuam diretamente para a resolução do problema de pesquisa foram incluídas. Além disso, buscou-se utilizar um roteiro de linguagem acessível ao público-alvo evitando termos mais técnicos através de perguntas abertas, que são recomendadas para evitar respostas direcionadas e garantir a coleta de dados rica e variada.

Ainda assim, durante a aplicação e revisão dessas entrevistas foi possível identificar problemas de compreensibilidade e avaliar a pertinência das questões (Manzini, 2012). Desta forma foram feitas mudanças para que pudesse abranger com mais êxito os objetivos científicos da investigação. Dito isso, foram realizadas 10 entrevistas-teste com mulheres que compartilhavam características semelhantes às das participantes da pesquisa principal. Essas entrevistas ocorreram em condições similares às das entrevistas oficiais para assegurar a validade dos resultados, por meio da plataforma *Meet* da empresa multinacional de softwares e serviços online *Google*.

Após a reformulação do roteiro de entrevista, realizada com base no teste piloto, foram selecionadas 27 interlocutoras dispostas a aprofundar suas narrativas (ver Quadro 8, na página seguinte). A seleção focou principalmente nas experiências de viagens solo pela Europa, priorizando mulheres que pudessem compartilhar vivências específicas desse contexto. Das participantes, 11 foram indicadas por redes de contato em agências de viagens e intercâmbio,

enquanto as demais 16 demonstraram interesse em ampliar suas respostas além do questionário inicial. As entrevistadas apresentam uma faixa etária variada, embora a maioria se concentre entre 18 e 44 anos, como evidenciado nos questionários. A escolha priorizou mulheres que vivenciaram o turismo solo em contextos temporários, com visitas de até 6 meses à Europa¹⁰ (o que incluiu algumas participantes envolvidas em cursos de intercâmbio), e que mantêm uma relação não comprometida com os países visitados, em contraste com aquelas que residem no exterior e podem ter passado por processos de aculturação (Oliveira, 2016).

Quadro 8 - Quadro sinótico das entrevistas realizadas junto as interlocutoras

Nº	Data	Pseudônimo	Idade	Profissão	Cor/Raça	Duração da Entrevista
1	12/06/2024	Gabi	38	Engenheira	Branca	9'12"
2	25/06/2024	Fê	25	Estudante de Direito	Parda	16'05"
3	03/07/2024	Cami	27	Arquiteta	Parda	8'43"
4	17/07/2024	Wá	56	Professora Universitária	Parda	7'58"
5	29/07/2024	Zélia	44	Enfermeira	Parda	9'35"
6	05/08/2024	Ju	50	Psicóloga	Negra	9'50"
7	12/08/2024	Ká	22	Estudante de Medicina	Parda	8'21"
8	20/08/2024	Bia	34	Professora	Branca	9'45"
9	30/08/2024	Nat	42	Administradora	Branca	14'20"
10	10/09/2024	Simara	47	Analista de Sistemas	Branca	8'32"
11	18/09/2024	Tati	39	Designer de Moda	Parda	12'13"
12	24/09/2024	Renata	55	Escritora	Negra	15'09"
13	30/09/2024	Uly	24	Estudante de Ciências da Computação	Branca	8'01"
14	01/10/2024	Elly	30	Designer Gráfico	Branca	8'49"
15	03/10/2024	Lúcia	35	Fotógrafa	Branca	8'55"
16	05/10/2024	Yas	29	Consultora de Vendas	Negra	9'25"
17	07/10/2024	Dani	31	Enfermeira	Branca	12'35"
18	09/10/2024	Helô	40	Jornalista	Parda	9'10"
19	10/10/2024	Mari	31	Engenheira Ambiental	Parda	9'47"
20	11/10/2024	Quênia	26	Engenheira de Software	Branca	8'19"
21	12/10/2024	Van	48	Advogada	Branca	7'59"
22	13/10/2024	Sílvia	41	Publicitária	Branca	12'14"
23	13/10/2024	Pat	45	Assistente Social	Parda	8'57"
24	14/10/2024	Let	34	Designer de Interiores	Branca	13'29"
25	14/10/2024	Cássia	29	Cientista de Dados	Parda	9'41"
26	15/10/2024	Jô	55	Empresária	Parda	8'44"
27	15/10/2024	Ana	23	Publicitária	Branca	9'15"

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Buscando manter a confidencialidade, as entrevistadas foram informadas de que seriam identificadas apenas pelo primeiro nome ou por algum pseudônimo de sua escolha. Todas assinaram de forma eletrônica o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

¹⁰ Algumas participantes ultrapassaram os 90 dias permitidos pelo Espaço Schengen ao optar por visitar países como Romênia, Turquia ou Irlanda, onde a permanência de até 90 dias é permitida sem visto. Essa estratégia permitiu uma estadia total de até 180 dias na Europa, respeitando as normas de imigração e possibilitando a exploração de diversos destinos.

(Apêndice G), que detalhava os objetivos da pesquisa e assegurava o uso responsável das informações coletadas. Esse termo não apenas proporcionou uma proteção legal e moral para o pesquisador, mas também garantiu que as participantes compreendessem a natureza do estudo e a decisão de participar sem qualquer constrangimento. Dessa maneira, o TCLE funcionou como um canal de comunicação transparente, permitindo que as participantes se sentissem seguras em relação ao anonimato de suas respostas e ao registro de áudio e imagem, sem comprometer seus direitos legais. Assim, o consentimento informado se caracterizou como uma manifestação clara de concordância em participar da investigação, respeitando também a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que estabelece normas para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, especialmente aquelas que envolvem a coleta de dados diretamente dos participantes, ou que possam acarretar riscos superiores aos da vida cotidiana (Brasil, 2016).

O quadro geral das locutoras evidencia não apenas a diversidade demográfica das participantes, mas também a complexidade de suas experiências em contextos fora do Brasil. As entrevistas revelam como a cor/raça e a profissão influenciam a percepção de segurança, pertencimento e aceitação em países europeus, apresentando um panorama multifacetado de desafios e oportunidades. Ao compartilharem suas histórias, as participantes expressam uma ambivalência em relação à identidade racial em ambientes que muitas vezes se mostraram hostis ou indiferentes, o que se alinha à análise de Collins (2008) sobre as interseccionalidades entre raça, gênero e classe. Assim, a forma como essas mulheres se identificam e percebem suas relações sociais emerge como um fator crítico para compreender sua vivência no exterior, especialmente em um contexto caracterizado por relações de poder assimétricas.

Ademais, a predominância de mulheres brancas nas entrevistas destacou novamente a necessidade de uma análise crítica sobre as representações sociais e as narrativas em torno das experiências de mulheres racializadas. O trabalho de Said (2003) sobre a construção de discursos em torno do "outro" é particularmente pertinente aqui, pois sugere que as vozes de mulheres como as entrevistadas frequentemente permanecem à margem das narrativas dominantes. Portanto, a coleta e a análise dessas histórias não apenas ampliam o conhecimento acadêmico sobre a intersecção entre turismo e questões raciais, mas também desafiam as construções tradicionais de identidade, oferecendo uma plataforma para a autoexpressão e a visibilidade dessas mulheres.

Remontando ao que foi exposto na subseção “*Crítérios de inclusão, exclusão e a centralidade da Europa como destino desta pesquisa*”, a predominância de participantes brancas foi um foco de preocupação da banca de qualificação. Ao aprofundar a leitura sobre processos de imigração e emigração de brasileiras (Piscitelli, 2008; Oliveira, 2016; Assis e

Siqueira, 2021; Lara, 2021), observa-se que, embora haja uma noção de discriminação dos brasileiros em todos eles, não há um aprofundamento sobre o que brasileiras racializadas têm a compartilhar enquanto sujeitos de pesquisa. Esse é um campo que pode ser mais bem explorado em pesquisas futuras, tanto no âmbito do turismo *per se* quanto nos processos migratórios de brasileiros. Dito isso, durante a seleção das potenciais respondentes dos questionários, foi observado um perfil racialmente diverso entre mulheres que haviam viajado ou estavam planejando viajar para a Europa. Contudo, muitas dessas mulheres encontravam-se em diversos estágios de imigração ou emigração: algumas residiam na Europa e visitavam o Brasil, outras estavam em vias de se mudar para algum país europeu, enquanto outras viajariam para lá, mas acompanhadas, o que as excluía dos critérios desta pesquisa.

Observou-se também que algumas dessas mulheres, que não compuseram o quadro geral de locutoras e respondentes, fariam/fizeram viagens sozinhas e planejaram a viagem com o intuito de conseguir emprego ou já haviam trabalhado na Europa, possivelmente em situação irregular, o que pode ter gerado um sentimento de desconfiança para que elas se dispusessem a responder ao questionário. Muitas apresentavam características que podem ser associadas a mulheres pardas, negras e amarelas (brancas também); contudo, elas não realizaram o processo de autoidentificação racial previsto no questionário, e isso, por sua vez, não cabe ao pesquisador definir. Esse aspecto pode contribuir para a compreensão da predominância de participantes brancas nos resultados finais, abrindo possibilidade para futuras investigações sobre diversidade racial nesse contexto de viagens solo de forma mais abrangente.

A maior parte das entrevistadas reside no Brasil, no entanto, todas as entrevistas foram conduzidas remotamente, considerando que o ambiente aeroportuário não se mostrou adequado para essa finalidade. Além disso, a preferência manifestada pelas participantes por um formato remoto visou facilitar o planejamento pessoal, permitindo maior organização e disponibilidade para o aprofundamento de suas narrativas, assim como nas entrevistas teste. Dito isso, este trabalho engaja-se com a epistemologia pós-colonial, evitando o erro comum de falar em nome das entrevistadas, conforme discutido por Spivak (2010). O objetivo foi criar um espaço que permitiu que as participantes se expressassem e fossem ouvidas, em conformidade com as abordagens de autores pós-coloniais e interseccionais, assim, buscou-se preservar uma impessoalidade na pesquisa, evitando projetar as experiências da autora nas respostas das locutoras, garantindo, assim, a autenticidade de suas vozes.

Os dados coletados nas entrevistas gravadas foram inicialmente transcritos para viabilizar uma análise minuciosa de todo o material, com ênfase nas informações que atendiam aos objetivos estabelecidos deste estudo. Embora todos os conteúdos tenham sido considerados,

priorizou-se a identificação daquelas informações que emergiram com maior frequência. A partir dessa leitura detalhada, foram examinadas as inter-relações entre os elementos abordados nas entrevistas, por meio de uma análise descritiva que possibilitasse o confronto com a literatura pertinente que embasa este trabalho.

6.3. Desafios sociopolíticos e estratégias de segurança das mulheres

A realização das entrevistas-teste foi um passo fundamental para o aprimoramento do roteiro da entrevista semiestruturada, especialmente no que se refere à compreensão das vivências dessas mulheres. A análise crítica das respostas obtidas revelou a necessidade de incluir perguntas mais específicas que explorassem o tema da dominação masculina, um aspecto central da pesquisa, considerando especificamente as percepções sobre as dificuldades enfrentadas. A análise das entrevistas-teste evidenciou lacunas nas perguntas originais, sobretudo em relação às dinâmicas de gênero e aos desafios vivenciados pelas mulheres no contexto de dominação masculina.

As participantes destacaram a falta de foco nas experiências de assédio e nos comportamentos machistas, sugerindo que o roteiro necessitava ajustes para abordar de maneira mais abrangente esses aspectos. Isso criou um ponto de reflexão na autora, visto que até o momento da entrevista o próprio tema do assédio do turismo ainda não havia sido incluído na revisão teórica sobre gênero e turismo. O feedback das participantes confirmou a relevância de investigar comportamentos machistas e situações de assédio, reforçando a necessidade de incluir perguntas que explorassem mais profundamente as questões de gênero e seus impactos nas experiências de viagem. Essas observações indicaram que as experiências das mulheres estavam intimamente ligadas a essas dinâmicas, exigindo uma adaptação do roteiro para refletir essas vivências de forma mais detalhada.

A inclusão de perguntas direcionadas às dinâmicas de poder entre gêneros permitiu uma análise mais rica e crítica das experiências dessas brasileiras. Logo, durante as interlocuções oficiais ficou evidenciado que as participantes frequentemente enfrentaram sentimento de insegurança e necessitaram de estratégias para lidar com contextos de dominação masculina. Perguntas focadas nesses aspectos proporcionaram uma compreensão mais detalhada das táticas de enfrentamento e das implicações dessas dinâmicas na percepção de segurança, autonomia e liberdade. Dentre as perguntas estão questões como: experiências de assédio e sexualização, interações com homens locais e estratégias de enfrentamento. Essas questões visaram entender como as participantes vivenciam comportamentos de dominação, como isso

afeta suas percepções de segurança e liberdade, e quais estratégias utilizam para garantir seu bem-estar durante as viagens.

Em consideração a isso, a análise dos dados apresentados revelou um padrão de preocupações recorrentes entre essas mulheres, especialmente no que tange à segurança e à gestão de riscos, como assédio e preconceitos. As situações de dominação de gênero no contexto de viagens solo é fortemente influenciada por experiências de insegurança e práticas de empoderamento podem surgir como respostas a tais desafios. A seguir, serão abordadas as principais dimensões dessa análise.

As respostas indicaram que a maioria das mulheres relatou ter enfrentado algum tipo de comportamento inadequado ou assédio durante suas viagens solo. Embora algumas não tenham desejado entrar em detalhes, oito delas se dispuseram a descrever suas experiências. Dado que algumas entrevistadas solicitaram anonimato completo com relação a estes relatos em específico, optou-se por omitir os pseudônimos na maioria das informações verbais desta subseção. O fato de o assédio ser uma experiência constante destaca a pervasividade da violência de gênero, conforme discutido por Bordo (1993), a autora argumenta que o corpo feminino é continuamente vigiado e sexualizado em espaços públicos, gerando não apenas uma objetificação imediata, mas também uma sensação persistente de vigilância e vergonha que pode perdurar mesmo após o ocorrido.

Uma vez em Madrid, numa noite que saí pra uma festa bem conhecida e cheia de outros turistas. Tinha muita gente e tudo parecia normal, eu fiquei num cantinho mais afastado porque tava [...] só e queria curtir o set do DJ, que eu gostava bastante, até que um rapaz espanhol começou a conversar comigo. Ele foi muito simpático até perceber que eu era brasileira. Aí ele começou a falar de música, mas perguntando se a gente 'dançava daquele jeito o tempo todo', eu perguntei 'que jeito?'. Aí ele disse: 'peladas, de bikini, igual no carnaval'... Eu só ri de nervoso, tentando sair da conversa, mas ele continuou insistindo. (Informação verbal).

Em Amsterdã, fui numa balada com uns amigos e, em um certo momento, um homem se aproximou, perguntando se eu era brasileira. Quando confirmei, ele riu e comentou algo sobre a 'fama das brasileiras'. Tentei ignorar, mas ele insistiu, perguntando se eu estava lá pra 'me divertir de verdade'. Eu fiquei incomodada e disse que tava lá só pra dançar, mas ele continuou insinuando e fazendo piadinhas de mau gosto. Achei melhor sair de perto, mas ele ainda ficou tentando conversar e agir como se eu devesse explicações pra ele. (Informação verbal).

Os relatos acima refletem experiências de complexas de sensações e desafios enfrentados no contexto das viagens solo. A escolha de lugares discreto em lugares mais movimentados, por exemplo, ilustra o desconforto que algumas mulheres sentem ao estarem sozinhas em ambientes públicos, onde a atenção indesejada pode ser interpretada como um risco não só físico, mas também social e emocional. Este incômodo reflete um estigma sobre a

presença feminina autônoma nesses espaços, muitas vezes observada como uma condição de vulnerabilidade, exacerbada por concepções culturais que veem a mulher desacompanhada como um "alvo" de assédio ou julgamento (Antonioli, 2015).

No Uber em Lisboa voltando de uma festa. O motorista puxou assunto, perguntou se eu gostava de Portugal e até aí, tudo bem. Quando ele percebeu que eu era brasileira, ele ficou quieto um tempo e, do nada, começou a falar coisas sobre como 'vocês são as mais quentes', que ele 'gostava da companhia' e ficou me olhando pelo retrovisor com um olhar estranho. Comecei a mexer no celular pra não dar conversa, mas ele continuava. Ai ele perguntou se eu 'gostaria de ganhar um extra' pra passar um tempo com ele, que ele 'não cobraria a corrida'... Fiquei em choque e comecei a fingir que tava conversando com um amigo no celular até chegar no hostel que, graças a Deus, não era longe. (Informação verbal).

Tava [sic] em Berlim, num pub com umas meninas que conheci no hostel, e de repente um homem mais velho chegou, bem vestido, devia ter uns 50 e poucos anos. Ele puxou conversa, perguntou de onde eu era, e quando falei que era do Brasil, ele soltou um sorrisinho e comentou que já tinha imaginado, que sempre 'dava pra perceber'... Não entendi o que ele quis dizer com isso, então ele se aproximou e, do nada, perguntou se eu estava 'disponível para sair' depois. Eu disse que não, tentando ser educada, mas ele não parava de insinuar coisas. Me senti muito desconfortável e, quando tentei mudar de assunto, ele ainda teve a audácia de perguntar se eu poderia pelo menos 'mostrar mais o sorriso' pra ele. (Informação verbal).

Para Antonioli (2015) ainda, outro aspecto importante é a crítica aos estereótipos associados ao que significa "ser mulher" no contexto de viagens internacionais, especialmente em culturas que tendem a ver as mulheres estrangeiras e solitárias como deslocadas ou em desvantagem. Tais interpretações, embora nem sempre coloquem as viajantes em perigo direto, acabam criando uma atmosfera de desconforto que exige uma constante vigilância por parte delas. Isso denota uma barreira cultural que, embora sutil, afeta a experiência de liberdade e autonomia feminina, confrontando-a com normas e expectativas de comportamento baseadas em valores ditos "tradicionais", mas que nem eles respeitam.

No âmbito da circulação transnacional, observa-se que a interação entre culturas frequentemente produz e reafirma hierarquias de poder (Antonioli, 2015). A mobilidade de indivíduos através de fronteiras evidencia que identidades culturais são construídas e negociadas dentro de um campo de relações de poder, como discutido por Gupta e Ferguson (2000). Este fenômeno impacta particularmente o turismo, onde as mulheres viajam buscando vivenciar autenticidades culturais, mas se deparam com representações e expectativas que limitam suas experiências. Essa dinâmica expõe a dualidade representação/poder, central para a análise das interações de gênero nas práticas turísticas, em que as mulheres são simultaneamente consumidoras e alvos de representações culturais (Antonioli, 2015).

No Porto, eu tava tirando fotos numa rua com uma conhecida, também brasileira, e de repente, dois homens passaram e ouviram a gente falando com sotaque. Um deles parou e perguntou: 'Vocês são brasileiras, né? Que tipo de festa vocês gostam?'. Eu disse que só estávamos turistando, mas ele insistiu, perguntando se a gente queria 'ir pra um lugar mais animado' com eles. Quando dissemos que não, ele continuou falando que 'entendia o tipo de diversão que brasileiras procuravam' e ficou rindo. Ainda bem que eles continuaram andando depois disso senão eu tinha discutido com eles. (Informação verbal).

Em Dublin, fui num bar com uma galera que tava estudando comigo, isso depois da aula. A maioria brasileiros, mas homens. No balcão, um cara começou a puxar papo com todo mundo, quando descobriu que a gente era do Brasil, fez vários comentários sobre como 'adorava o nosso povo' e que éramos 'as melhores mulheres que ele já conheceu'. Ele esperou eu ir no [sic] banheiro sozinha pra me convencer a sair com ele depois do bar, dizendo que sabia 'que eu não ia recusar'. Me senti um lixo e logo inventei uma desculpa pra sair dali, os meninos nem souberam disso. (Informação verbal).

Estava em uma festa em Madri com uma amiga, e a gente tava super animada, dançando. Um cara do nosso lado, ouvindo a gente conversar em português, perguntou de onde a gente era, e quando falamos que éramos do Brasil, ele soltou um: 'Então é verdade que brasileiras são mais... abertas?' Comecei a rir, achando que ele tava brincando, mas ele continuou falando de como sempre ouviu que a gente 'não tem problemas em ser mais... solta'. Minha amiga até respondeu de volta, dizendo que ele tava falando besteira, mas ele insistiu, como se fosse uma coisa óbvia. (Informação verbal).

Essas mulheres enfrentaram não só o assédio direto, mas também a carga emocional do constrangimento e da vergonha, frequentemente derivados dos estereótipos culturais impostos a elas. Esses julgamentos implicam que as brasileiras são sempre “abertas” e “soltas”, intensificando a pressão para que se encaixem em padrões sexuais que não escolheram. Tal desconforto resulta em uma vigilância constante, onde o medo de confirmar tais estereótipos culturais reforça a necessidade de distanciamento e de defesa para manter a própria autonomia.

Chedid e Hemais (2022) caracterizaram também a “agressividade” como um dos comportamentos comuns de estrangeiros ao reconhecer a nacionalidade de brasileiras, as respostas ao questionário também sugerem isso, uma vez que isso se manifestou em comportamentos invasivos, especialmente por parte de homens, que mudavam de postura e se tornavam desrespeitosos. O trabalho dos autores menciona comentários pejorativos e objetificantes, reforçando estigmas de sensualidade e pobreza atribuídos às mulheres brasileiras. Essas reações demonstram uma compreensão distorcida e estereotipada tanto das brasileiras quanto do Brasil, perpetuando uma representação colonizadora que limita a autonomia e a voz das mulheres, conforme afirmado por Bhabha (1998).

Diante disso, não surpreende que, ao serem questionadas sobre o sentimento de insegurança causado por comportamentos machistas, 19 das mulheres entrevistadas tenham respondido com diferentes variações de um "sim", seja de forma direta ou com ressalvas. Foi

notável que as mulheres mostraram um forte descontentamento, chegando a demonstrar raiva e incredulidade, ao descreverem episódios de discriminação. Muitas vezes, elas refletiam sobre o próprio comportamento, buscando compreender se algo que fizeram teria motivado tais ocorrências, assim como na pesquisa realizada por Chedid (2020).

Na visão delas, a presença de um acompanhante, principalmente um homem, impõe um comportamento diferente por parte de terceiros, que tenderiam a respeitar mais limites e a agir com mais cautela, dado que, no imaginário masculino, uma mulher desacompanhada é vista como um "alvo mais fácil". A condição de estarem sozinhas no momento da experiência negativa foi considerada pelas entrevistadas como um fator crucial para a ocorrência dessas situações. As que estavam sozinhas acreditam que, se tivessem companhia, preferencialmente masculina, o desfecho seria outro ou, ao menos, ocorreria de forma distinta. No entanto, em um dos relatos a locutora estava acompanhada de homens e mesmo assim foi abordada de forma invasiva, sentindo vergonha de pedir ajuda a eles.

Outrossim, foi interessante observar que duas dessas mulheres decidiram, após algumas experiências negativas, investir em outra abordagem ao serem abordadas por homens: dizer que eram de qualquer outra nacionalidade. Em uma de suas viagens pela Europa, Van começou a dizer que era italiana quando alguém perguntava sua nacionalidade. Após passar por situações adversas, Van disse: "*inventei essa [...] falava que era italiana e começavam a falar sobre turismo, gastronomia, curiosidade [...] qualquer coisa que um ser humano normal perguntaria pra outro nessas situações... Incrível!*"; revelou, com um certo tom de ironia (Relato verbal – entrevista 21). Já Mari, após um episódio desconfortável em Paris, que ela não quis detalhar, adotou a tática de se apresentar como argentina e disse que "*foi surpreendente como as abordagens pareciam menos insistentes*" (Relato verbal – entrevista 19).

Essa performatividade no contexto do deslocamento feminino, especialmente em viagens solo, faz com que as mulheres desenvolvam um conjunto de gestos e atitudes para evitar situações de violência e opressão. Essas estratégias, que podem incluir expressões de confiança e comportamentos vigilantes, são exemplos de como o corpo se torna um campo de resistência. Em situações em que o ambiente parece hostil, as mulheres ajustam suas posturas, simulam atitudes de segurança e até adotam uma linguagem corporal que inibe aproximações indesejadas, o que revela um comportamento quase performático. Essas práticas refletem uma adaptação constante ao espaço público, onde o corpo feminino é, frequentemente, alvo de olhares e ações que ameaçam sua liberdade (Melo e Soeiro, 2020).

Como argumenta Giddens (1982, p. 197), "*even the most seemingly 'powerless' individuals are able to mobilise resources whereby they carve out 'spaces of control'*". A

capacidade dessas mulheres de ajustar suas atitudes e performances demonstra como mesmo sujeitos que aparentam ser vulneráveis mobilizam recursos simbólicos para criar espaços de controle e resistência em ambientes hostis. Esse comportamento performático é uma manifestação de como a agência está profundamente enraizada nas relações sociais, sendo simultaneamente moldada por elas e capaz de reconfigurá-las. As intencionalidades e capacidades das agentes são constituídas socialmente, mas são também espaços de criatividade e adaptação, onde se manifestam tanto resistências quanto sujeições (Foucault, 1985; 2014). Assim, o poder performado nessas interações revela não apenas a dinâmica de dominação, mas também a capacidade de transformar relações sociais por meio de ações sutis que inauguram novas possibilidades no mundo (Arendt, 2020).

Durante a entrevista com algumas dessas mulheres um tópico foi levantado por elas, o da dificuldade com os idiomas. Essa questão não foi considerada no roteiro, mas acabou gerando alguns relatos e debates interessantes. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Frantz Fanon argumenta que a linguagem representa muito mais do que um simples meio de comunicação; ela é um símbolo da cultura e civilização dominantes que o falante subalterno passa a carregar ao adotá-la. O uso da língua do dominador, ainda que funcional, implica a aceitação de valores e normas que consolidam a posição de poder dos dominantes (Oliveira, 2017). Contudo, para Fanon (2008), a pronúncia e o sotaque servem como elementos visíveis de distinção social, demarcando o falante como um “outro” dentro da hierarquia cultural.

Para algumas das locutoras, a adaptação aos idiomas se colocou como um obstáculo na busca por socialização, pois muitos viajantes veem no idioma uma barreira significativa. Em contraste, Portugal representa uma opção alternativa, onde a comunicação é mais acessível devido à similaridade linguística. Ainda assim, o sotaque expõe a brasilidade dos imigrantes, o que, segundo Machado (2003), leva a uma posição social marcada e frequentemente exotizada para fins comerciais e turísticos, e isso também acabava se tornando um “convite” para pessoas locais tentarem diversas formas de abordagens, como foi visto em pelo menos 3 dos relatos apresentados até aqui.

Ao considerar o impacto da língua sobre a identidade, Fanon (2008) observa que o colonizado perde parte de sua cultura original ao absorver os valores da metrópole. Quanto mais o viajante incorpora o idioma e as normas culturais europeias, mais ele se aproxima do “ser europeu”, afastando-se de sua origem, não que o caso em que a locutora se passou por italiana tenha resultado nisso. Na visão de Zea (2005), a sociedade colonizadora impõe barreiras que não permitem ao viajante não fluente uma assimilação completa, até porque o tempo de estadia não colabora, permanecendo o estigma, evidenciando sua condição subalterna. Mesmo com a

fluência nas línguas dos locais visitados, algo que algumas das mulheres disseram possuir, a viajante não deixa de ser percebido como um "outro".

Outrossim, conforme as reações apresentadas pelos estrangeiros, as locutoras sentiram a necessidade de adotar estratégias como **manter contato regular com amigos ou familiares** e **seguir recomendações de outros viajantes**, até mesmo fingir ser de outra nacionalidade acabou se tornando uma estratégia, como visto anteriormente. Essas medidas reforçam uma tentativa de autoproteção em contextos desconhecidos. A busca por maior informação e suporte durante as viagens, como mencionado por várias respondentes, reflete a necessidade de estruturas institucionais que ofereçam segurança real e acessível às mulheres, um aspecto já destacado por Crenshaw (1989) ao abordar a interseccionalidade de opressões e a importância de políticas públicas sensíveis ao gênero. Dentre os relatos, “*comprar logo um chip pra internet*”, “*não ficar muito tempo desconectada*”, criar “*o hábito de compartilhar minha localização ao vivo com amigos próximos ou familiares, principalmente quando saia sozinha à noite ou pra pegar transportes*”, “*frequentar locais recomendados por outras mulheres viajantes*”, “*saber os números de emergência e do consulado do local*”, “*não falar que tá [sic] só, esse acho que é o principal*” foram algumas das recomendações feitas pelas locutoras (Relatos verbais – entrevistas 26, 2, 14, 9, 3 e 10).

Para Melo e Seiro (2020), além dos gestos, o cuidado com a fala e as expressões verbais também emerge como uma estratégia de proteção. Segundo os autores, a escolha de palavras que denotam a presença de uma companhia ou o uso de expressões de negação assertiva em contextos ameaçadores são formas de simular uma segurança que, em muitos casos, visa afastar potenciais agressores. Esse uso cuidadoso da linguagem, associado aos outros métodos de performance, demonstra como as mulheres adaptam suas interações para reduzir a exposição a riscos e manter o controle sobre a própria narrativa no espaço público.

O conceito de segurança, central nas respostas, revela como o sentimento de vulnerabilidade se intensifica para mulheres viajantes. As entrevistadas frequentemente mencionam medidas de proteção, como manter contato com amigos e familiares, que revelam a necessidade de uma rede de apoio contínua para garantir sua segurança. Essa dependência de terceiros ou de tecnologias que permitam rastrear seus movimentos reitera o que Foucault (1982) discute sobre o controle e vigilância nos processos de subjetivação. As mulheres internalizam a necessidade de monitorar suas próprias ações como uma forma de autopreservação, sendo constantemente lembradas de sua vulnerabilidade em ambientes dominados por normas masculinas.

Duas das locutoras do estudo, relataram que o fato de viajar sozinha lhe permitia observar sem se sentir tão observada, evocando as "tecnologias do eu" (Jones e Aitchison, 2007, tradução própria), nas quais ela tenta apagar a identidade turística para adotar uma postura de "nativa". No entanto, mesmo essas participantes se sentiam vulneráveis em certos lugares e momentos, como em ambientes menos movimentados ou à noite, sugerindo que o papel de viajante é condicionado pelo contexto espacial e pela percepção de segurança. Por outro lado, a maior parte das participantes descreveram como o olhar masculino em espaços públicos durante a noite lhes gerava sensação de exposição, revelando a relação entre gênero e visibilidade pública no contexto turístico (Jordan e Aitchison, 2008).

Os relatos dessas mulheres destacam que, apesar de uma crescente liberdade de movimentação para viajantes mulheres, persiste uma vigilância sexualizada que limita o acesso ao espaço público de maneira não hierarquizada, conforme postulam os autores supracitados. Em diversos contextos culturais, a presença de mulheres solitárias é interpretada como transgressiva ou provocativa, reforçando normas sociais que as colocam como alvo da dominação masculina. Essas dinâmicas confirmam a visão de que a prática do turismo solo pode parecer mais acessível aos homens, enquanto as mulheres enfrentam restrições que refletem relações de poder e controle ainda presentes no turismo, dificultando a possibilidade de uma experiência livre e autônoma.

Diante desse prisma, Gabrielli (2022) aponta para a falta de dados desagregados por gênero no turismo brasileiro, o que limita a compreensão das demandas específicas das mulheres enquanto consumidoras da atividade. Esse é um desafio apontado pela UNWTO (2020), que recomenda a coleta de informações detalhadas sobre o público feminino para atender suas necessidades e interesses. Para Gabrielli (2022), a ausência de um diálogo entre as diretrizes internacionais e as políticas nacionais evidencia uma barreira para o desenvolvimento de um turismo inclusivo, que integre criticamente as questões de gênero e contribua para uma prática turística mais equitativa e socialmente responsável.

Outro aspecto relevante das narrativas é a crítica à falta de recursos institucionais adequados para a proteção de mulheres que viajam sozinhas. As entrevistadas sugerem melhorias nos canais de suporte para turistas e no treinamento de funcionários de turismo e segurança, destacando a falta de preparo das autoridades locais em lidar com situações de assédio e insegurança. Gabi disse que *"[...] uma vez precisei de ajuda porque fiquei super desconfortável numa situação, e percebi que eles não têm preparo pra lidar com a gente nessas horas."*; Enquanto Yas foi mais incisiva ao dizer que *"[...] é um absurdo a gente ter que se virar sozinha em certas situações [...] falta alguém entender que não é só viajar... a gente*

precisa se sentir acolhida e protegida de verdade.” Wá finaliza dizendo que *“É sempre um estresse quando a gente passa por uma situação de perigo ou desconforto e não sabe a quem recorrer.”* (Informações verbais – entrevistas 1, 16 e 4). Essas lacunas refletem a invisibilidade das mulheres em políticas de turismo que ainda não incorporam adequadamente as questões de gênero (Spivak, 2010). A negligência do poder público em garantir a segurança de mulheres, principalmente em espaços turísticos, perpetua as desigualdades de gênero e reforça a dominação masculina no controle de espaços turísticos, Tat contribuiu com uma sugestão: *“Eu acho que deveria ter algum suporte mais direto, sabe? Tipo, alguém realmente treinado pra ajudar a gente, principalmente com essa questão do assédio que a gente enfrenta.”* (Informação verbal – entrevista 11).

Recentemente, um caso emblemático levou o governo brasileiro, por meio da Polícia Federal (PF) e do MRE, a adotar diversas medidas para apoiar e agilizar a comprovação da inocência de duas brasileiras presas na Alemanha. Além das ações policiais, o governo, por meio de sua embaixada em Berlim, manteve contato constante com as autoridades alemãs para facilitar o acesso às provas e fornecer suporte consular às detidas. As duas brasileiras, que estavam em viagem de lazer, foram liberadas após a intervenção desses órgãos (Gomes, 2023).

A atuação do governo brasileiro no caso das brasileiras detidas na Alemanha, embora eficaz em comprovar a inocência das vítimas, revela uma lacuna no apoio governamental a mulheres que viajam sozinhas, especialmente em relação a políticas de segurança e orientação preventiva. Ao focar majoritariamente em reações a incidentes específicos, o governo acaba negligenciando a necessidade de desenvolver estratégias mais abrangentes e proativas que possam minimizar os riscos para viajantes independentes. Mulheres que optam por viajar desacompanhadas enfrentam desafios únicos, como maior exposição a vulnerabilidades, o que exige políticas específicas de orientação e proteção a serem implementadas de maneira sistemática.

O governo brasileiro, por meio do Ministério do Turismo e do Ministério das Mulheres, lançou a campanha #OTurismoRespeitaAsMulheres para conscientizar sobre a segurança das mulheres no turismo e combater crimes como exploração sexual e assédio (Moura, 2023). A ação inclui vídeos institucionais nas redes sociais e a mobilização de órgãos governamentais, sociedade civil e cidadãos para fortalecer o respeito no setor. Além disso, o governo incentiva a criação de comunidades e redes de apoio para mulheres que viajam sozinhas, promovendo acesso a dicas de segurança, hospedagem e roteiros culturais, visando garantir autonomia e acolhimento nas viagens femininas, contudo, foram consideradas somente viagens feitas dentro do Brasil.

Para atender as necessidades citadas pelas locutoras, o governo brasileiro poderia estabelecer um programa contínuo de suporte às viajantes solo, incluindo campanhas de conscientização sobre segurança em viagens internacionais e diretrizes práticas a serem seguidas em diferentes contextos culturais e de segurança. Uma parceria entre o Ministério do Turismo e o Ministério das Relações Exteriores poderia resultar na criação de um canal de comunicação exclusivo, que permitisse às turistas reportarem qualquer situação de risco ou assédio de maneira rápida e eficiente. Esse sistema de suporte teria o potencial de oferecer respostas imediatas e reduzir a vulnerabilidade das brasileiras em destinos internacionais, fortalecendo a imagem do país em termos de responsabilidade e proteção a seus cidadãos.

Além disso, o governo poderia investir na capacitação de consulados e embaixadas para lidar com questões de segurança de gênero. Essa capacitação incluiria treinamentos para atender casos específicos de turistas brasileiras que viajam sozinhas e necessitam de apoio em emergências. A criação de uma rede de apoio, coordenada com Organizações Não Governamentais (ONGs) locais e comunidades de viajantes, também poderia ajudar a conectar as turistas com recursos e informações confiáveis, aumentando a segurança e a autonomia dessas mulheres em qualquer parte do mundo. Gabrielli (2022) disserta sobre uma lacuna nas políticas que tratam as mulheres como consumidoras de produtos turísticos. A recomendação da UNWTO (2020) de desagregar dados por gênero deve ser implementada no Brasil para compreender melhor as necessidades desse público. A falta de dados reflete a precarização da pesquisa sobre gênero no turismo, impactando o desenvolvimento de práticas mais equitativas no setor.

Entretanto, outros dados reforçam uma oportunidade de se expandir a forma como os dados sobre o turismo brasileiro são coletados, para levar em consideração questões de gênero. O módulo de Turismo da PNAD Contínua se trata de um importante quantificador de fluxos de viagens de brasileiros. Conforme Rosa (2023), os dados do PNAD dizem respeito sobre o percentual de deslocamentos por domicílio brasileiro, levando em consideração também as motivação, os destinos, os meios de transporte e as despesas médias. Conforme a autora, os dados demonstram um panorama do Brasil como um todo, abrangendo as grandes regiões e unidades da Federação uma vez que utiliza como base os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dito isso, o IBGE (2023) disponibilizou algumas tabelas oficiais que acabaram por evidenciar o problema discutido nesse trabalho e reforçado pelas locutoras e respondentes: lacunas importantes no tratamento de categorias como gênero, cor e classe social, que são frequentemente negligenciadas em levantamentos estatísticos sobre turismo. A ausência de

segmentações detalhadas reflete uma limitação metodológica que reduz a capacidade de capturar desigualdades estruturais presentes nas dinâmicas turísticas. Essa insuficiência compromete tanto a formulação de políticas públicas inclusivas quanto a produção de conhecimento crítico que problematize as barreiras enfrentadas por grupos socialmente marginalizados.

Ainda em concordância com os dados apresentados pelo PNAD Turismo 2023, foram realizadas 641mil viagens internacionais no Brasil em 2023, sendo esse número mais que o dobro do registrado em 2020 e sete vezes maior que o de 2021. A porcentagem de domicílios brasileiros onde houve deslocamento de algum morador diminuiu de 13,9% em 2020 para 12,7% em 2021, com uma recuperação significativa para 19,8% em 2023. Ainda assim, no último ano, 80,2% das residências, totalizando 62,1 milhões de casas, permaneceram sem qualquer registro de viagem entre os moradores. Os dados revelaram ainda que a realização de viagens no Brasil continua sendo influenciada pela renda das famílias, visto que em 2023, enquanto 46,0% dos domicílios com renda per capita igual ou superior a quatro salários-mínimos registraram viagens, apenas 11,6% das famílias com renda inferior a meio salário-mínimo relataram deslocamentos. Apesar da melhora geral, quase 90% das famílias de menor renda permaneceram sem viagens. A principal barreira segue sendo a falta de dinheiro, mencionada por 40,1% dos domicílios, seguida pela falta de necessidade (19,1%), e o restante dividindo-se entre falta de tempo (17,8%), desinteresse (9,1%), prioridade reduzida (7,0%) e problemas de saúde (3,9%).

Contudo, como dito anteriormente, esses dados mesmo mostrando um cenário motivador, não foram refinados. A inclusão de recortes mais específicos, como a interseccionalidade entre gênero, cor e classe, seria fundamental para evidenciar desigualdades frequentemente naturalizadas no acesso ao turismo. Mulheres negras e de baixa renda, por exemplo, enfrentam desafios distintos que não são refletidos em estatísticas agregadas, como o impacto do racismo estrutural e do elitismo econômico. Dados detalhados poderiam revelar não apenas disparidades quantitativas no acesso às viagens, mas também as diferentes formas de violência simbólica e material experimentadas nesses contextos.

No campo do turismo internacional, as distinções por cor e classe tornam-se ainda mais relevantes, pois moldam de maneira significativa as experiências e os significados atribuídos às viagens. Mulheres negras e de classes populares frequentemente enfrentam discriminações interseccionais que limitam sua mobilidade e reforçam hierarquias coloniais e patriarcais (Santos e Sá, 2021; Oliveira e Almeida, 2022). Por outro lado, mulheres brancas e de classe média-alta, mesmo sujeitas a riscos relacionados ao gênero, geralmente têm maior acesso a

privilégios que facilitam a circulação em espaços turísticos globais, e isso ficou evidenciado no perfil de locutoras e respondentes desta pesquisa.

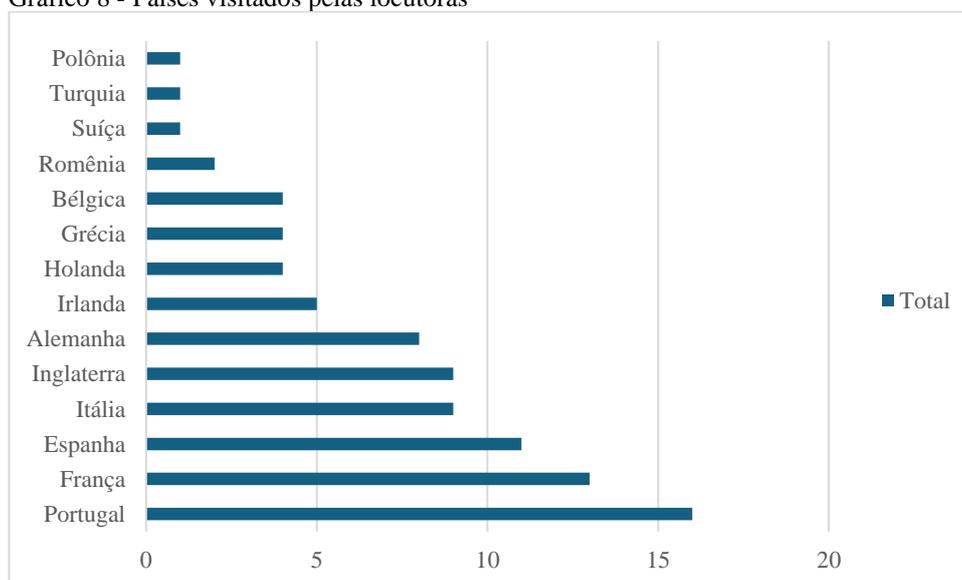
A coleta de dados que considere essas variáveis também é essencial para identificar as formas como desigualdades interseccionais são reproduzidas ou desafiadas nos fluxos turísticos. Informações sobre a renda, a cor e o gênero das viajantes poderiam, por exemplo, revelar quem está ausente dos circuitos internacionais de turismo e as razões subjacentes a essa exclusão. Tal análise seria particularmente relevante para compreender as maneiras pelas quais práticas turísticas podem reforçar narrativas de exclusividade, exclusão e dominação.

6.4. “É mais fácil ir pra lá”: escolha dos destinos e perfil das viagens

Olha, pra ser bem honesta, escolhi a Europa meio que pela facilidade mesmo, sabe? Tipo [sic], era mais fácil ir pra lá do que pra outros lugares. A gente sempre ouve falar das ‘maravilhas’ de lá, mas, sinceramente, não foi uma escolha de ‘ai, quero conhecer o velho mundo’ nem nada assim. Foi só porque o acesso era mais simples, o visto facilitado e, enfim, acabava saindo mais em conta. (Informação verbal – trecho da entrevista 10).

A análise qualitativa dos países visitados pelas entrevistadas revela um padrão significativo na escolha de destinos que, além de serem populares entre os turistas, também refletem uma combinação de fatores pessoais, econômicos e sociais. Observa-se que Portugal permanece como um destino predominante, assim como na análise dos questionários, com a maioria das participantes relatando experiências significativas nesse país. (ver Gráfico 8).

Gráfico 8 - Países visitados pelas locutoras



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Dentre as 27 mulheres entrevistadas, 16 visitaram Portugal como o primeiro país nas suas rotas para o continente europeu. Contudo, as escolhas dos países visitados refletem uma diversidade de interesses e acessibilidades, sendo Portugal o mais visitado por essas mulheres em virtude da facilidade com a língua. Destinos como França e Itália são populares devido à rica história e cultura, enquanto outros países foram escolhidos por razões pessoais ou profissionais. A variedade de destinos e objetivos de viagem demonstra a abrangência que as mulheres buscam em viagens solo.

Eu fui porque sempre tive uma vontade enorme de ver [sic] culturas diferentes, sabe? Cada prato que eu experimentava era uma nova história pra mim, e a comida deles é bem gostosa! Eu queria aproveitar essa liberdade de explorar cada cantinho do meu jeito. (Informação verbal – trecho da entrevista 1).

Viajar pra mim é uma mistura de trabalho e diversão, então a Europa foi uma escolha certa. Além de conhecer lugares incríveis, eu queria fazer uns contatos e aproveitar a vibe diferente que a gente sente por lá. E rolando de fazer [sic] amizade, melhor ainda, né? (Informação verbal – trecho da entrevista 16).

Minhas viagens sempre têm propósito: relaxar; mas também aprender e pesquisar. Eu sou fascinada com a história e a cultura de Portugal e Espanha, e é isso que me motiva a ir pra lá. Além disso, adoro trazer essas experiências pra sala de aula e compartilhar com meus alunos. (Informação verbal – trecho da entrevista 4).

Fui pra Europa em busca de inspiração. Viajar pra mim é ver as coisas de uma forma nova e isso traz muitas ideias pra meus projetos. Eu realmente queria me conectar com a arte e a arquitetura que eu só via em livros. Acho que isso é super importante pra criatividade. (Informação verbal – trecho da entrevista 3).

Quando viajei, o foco era explorar novas culturas e conhecer lugares diferentes. Aproveitei cada oportunidade pra aprender e fazer amizade com pessoas interessantes pelo caminho. No final, o que realmente me motiva é viver novas experiências e aventuras! (Informação verbal – trecho da entrevista 5).

As motivações de viagem das participantes refletem uma diversidade de experiências e propósitos, destacando a complexidade de suas decisões ao explorar o continente europeu. Por exemplo, Gabi, que busca explorar a cultura local e a gastronomia, exemplifica um perfil que privilegia a imersão em práticas culturais, o que pode ser interpretado como uma forma de enriquecimento pessoal e ampliação de horizontes. A busca por experiências autênticas é um tema recorrente entre as entrevistadas, como evidenciado na fala de Yas, que associa suas viagens a oportunidades de trabalho e lazer, ressaltando a importância de conciliar atividades profissionais com a vivência de novas realidades culturais.

Além disso, o interesse por pesquisa acadêmica, como observado nas motivações de Wá e Renata, sugere uma motivação que transcende o mero lazer, indicando uma busca por conhecimento e entendimento das dinâmicas sociais e culturais de outros países. Essa

intersecção entre turismo e academia pode ser vista como uma estratégia de construção de capital cultural, onde a experiência de viagem se transforma em um recurso valioso para suas respectivas áreas de atuação. Em contrapartida, a motivação de Cami, que combina trabalho e inspiração artística, revela uma perspectiva mais subjetiva da viagem, onde o deslocamento geográfico serve como um catalisador para a criatividade e a inovação.

Por outro lado, a experiência de Zélia, que viaja tanto para trabalho quanto para visitar amigos, reflete uma combinação de motivação profissional e vínculos sociais, evidenciando como as relações interpessoais desempenham um papel crucial nas decisões de viagem. Essa busca por conexão e pertencimento pode ser interpretada como uma resposta à solidão que muitas vezes acompanha a vida profissional moderna. Assim, as motivações de viagem apresentadas pelas participantes não apenas revelam seus desejos e interesses individuais, mas também refletem as complexas relações entre trabalho, cultura e sociabilidade na era contemporânea.

As motivações de fuga e de conexão social surgem como elementos essenciais para as experiências de mulheres em viagens solo, possibilitando uma revisão de valores e o fortalecimento de interações em contextos culturais diversos. Essas motivações facilitam a criação de redes sociais que refletem uma integração social e cultural mais ampla (Silva, Abrantes e Lages, 2009). A fala de Simara, que menciona: *"Eu precisava de um tempo pra mim, sabe? A vida aqui é tão corrida, e lá eu consegui relaxar, mesmo com os problemas"* (Informação verbal – trecho da entrevista 10); ilustra como a busca por desconexão e socialização se entrelaçam nas suas vivências. Além disso, o desejo de aprendizado está associado à busca de novas perspectivas e conhecimentos, permitindo um enriquecimento cultural e sensorial. As mulheres, ao expandirem sua compreensão do mundo por meio de experiências significativas, vivenciam uma transformação que intensifica a dimensão do "sentir" e favorece o desenvolvimento pessoal (Tuang e Ritchie, 2011). A fala de Pat exemplifica essa busca: *"Eu amo aprender sobre outras culturas! Cada viagem é uma aula, e isso me faz ver o mundo de um jeito diferente"* (Informação verbal – trecho da entrevista 23);

As motivações de aventura também exercem um papel crucial ao impulsionar a dimensão sensorial e afetiva das experiências de viagens solo. A natureza aventureira dessas viagens, associada ao risco e à busca por sensações intensas, representa uma oportunidade para explorar novos estímulos emocionais (Gyimóthy e Mykletun, 2004). Isso é evidenciado na fala de Tati: *"Fui pra esquiar nas montanhas da Suíça há muito tempo já. Nossa!? [...] Muito tempo mesmo, se bobear você nem era nascida. Meu Deus, foi a experiência mais maluca da minha vida!"* (Informação verbal – trecho da entrevista 26). Com isso, a dimensão do "sentir" é

fortemente impactada, resultando em um envolvimento profundo que torna a experiência de viagem mais marcante e enriquecedora.

A regulação do turismo na União Europeia, iniciada com o Tratado de Maastricht, buscou fortalecer o projeto europeu ao inserir o turismo nas suas atividades, mas sem estabelecer uma política comum, limitando-se a coordenar e complementar as ações dos Estados-membros, com foco na competitividade e promoção da UE como principal destino turístico mundial (MSiT, 2009). A natureza intersetorial do turismo, embora apresente a necessidade de articulação com outras políticas, como transportes e meio ambiente, não pode ser dissociada da continuidade de um modelo econômico que privilegia a exploração de territórios e povos marginalizados, subordinando-os a uma visão colonialista e eurocêntrica. Assim, ao invés de promover uma verdadeira interculturalidade, a regulação do turismo na União Européia reitera as dinâmicas coloniais de apropriação e controle dos fluxos turísticos e das relações de poder entre o centro e a periferia (Florek, 2018).

Contudo, é válido ressaltar que dados apresentados no relatório da UNWTO (2024) revelaram o progresso substancial do turismo internacional em direção aos níveis pré-pandêmicos, com destaque para a resiliência do setor europeu. Em 2023, a Europa alcançou 94% das chegadas internacionais de 2019, consolidando-se como a região mais visitada do mundo, impulsionada principalmente pela forte demanda intra-regional e pelo aumento do turismo originário dos Estados Unidos, que representou 21% das viagens internacionais norte-americanas. Destinos como Portugal (+11%), Grécia (+4%) e Espanha (+1%) ultrapassaram ou se aproximaram dos volumes anteriores à pandemia, refletindo estratégias eficazes para atrair visitantes e recuperar o mercado turístico.

O turismo europeu, como parte significativa do setor internacional de turismo, desempenha um papel crucial nas esferas econômica e social, representando cerca de 3,1% do PIB mundial e contribuindo com 10,2% do PIB global, além de gerar aproximadamente 9,6% dos empregos (World Travel e Tourism Council, 2017). A região da Europa também foi a mais visitada no mundo em 2016, com 615 milhões de chegadas internacionais, o que representa 50% do total global, devido à diversidade cultural, paisagens variadas e infraestrutura de qualidade (UNWTO, 2017). O número de pernoites em acomodações turísticas da UE aumentou 1,5% entre 2013 e 2014 (Eurostat, 2016).

A hegemonia cultural europeia é amplamente discutida no contexto da expansão imperialista e colonial, visto que ela molda o imaginário sobre os lugares e sobre a própria Europa. A ideia central é que, por meio de seu poder econômico, político e cultural, a UE impôs uma visão de mundo que ressoou globalmente, especialmente durante e após o período colonial.

Esse processo de dominação cultural não se limita apenas a práticas econômicas, mas inclui a imposição de valores, línguas e sistemas educacionais europeus, muitas vezes em detrimento das culturas locais.

A influência europeia pode ser observada na maneira como regiões colonizadas adotaram as estruturas culturais da Europa, como o cristianismo, a língua e a educação formal. Esse fenômeno de hegemonia cultural contribuiu para a criação de um imaginário eurocêntrico, onde os padrões culturais europeus são vistos como superiores ou universais. Isso, por sua vez, influencia as percepções sobre os "lugares", especialmente no contexto turístico e globalizado, onde as nações europeias são muitas vezes idealizadas como centros de cultura, modernidade e progresso. Portanto, mesmo que inconscientemente, as locutoras e respondentes podem ter escolhido a Europa como destino de forma imposta subjetivamente, ainda que em nenhuma das falas esses aspectos tenham aparecido diretamente.

O imaginário turístico é moldado por representações midiáticas que criam e reconstróem a percepção dos lugares, como exemplificado por cidades como Paris, associada ao "amor" devido à construção histórica e artística impulsionada pela burguesia do movimento romântico (Rocha, 2012). Nascimento (2009) destaca que as imagens veiculadas por meios como o cinema e a televisão induzem o espectador a uma projeção de identificação, criando uma realidade ilusória que, mesmo à distância, torna-se parte do desejo de visitação. O papel do cinema reforça essa construção, ao imortalizar o imaginário da cidade parisiense sem sequer a representar diretamente (Nascimento, 2009). Além disso, o imaginário turístico é moldado tanto por imagens materiais (guias turísticos, postais) quanto imateriais (memórias coletivas, histórias e lendas), que são amplificadas pela mídia digital e redes sociais, criando uma percepção subjetiva e emocional sobre os destinos (Azevedo, 2011; Silva, 2003).

A massificação do turismo na Europa desempenhou uma função ideológica crucial no contexto do capitalismo, com o turismo funcionando tanto como uma válvula de escape para a classe trabalhadora, como evidenciado por Urry (2001), quanto como um mecanismo de controle para manter a estrutura capitalista, como apontado por Steve Secall (1983). Para o autor, a prática de turismo diversionário visava restaurar a capacidade produtiva dos trabalhadores, reforçando o ciclo de trabalho e descanso, enquanto, ao mesmo tempo, o turismo contribuiu para a integração europeia, criando um clima "europeísta" essencial para a união das diversas nações europeias após os conflitos mundiais. Ao mesmo tempo, o turismo se tornou uma ferramenta econômica importante, como observado na Espanha, que, apesar de um desenvolvimento desigual, se beneficiou das receitas turísticas, embora o controle das operadoras estrangeiras sobre o setor tenha limitado os benefícios econômicos locais (Montaner

Montejano, 2001). Deste modo, o turismo na Europa não apenas serviu para unificar o continente, mas também para perpetuar a dependência de mercados emissores, como as potências turísticas britânica e alemã, em um contexto de globalização e competição internacional.

Embora o imaginário sobre a Europa não tenha sido explicitamente abordado nas falas das participantes, ele não pode ser desconsiderado nas escolhas subjetivas que envolvem a decisão de viajar para lá. Esse imaginário, muitas vezes moldado por representações midiáticas, estereótipos culturais e a persistente ideia de um "centro" de cultura, modernidade e progresso, influencia as motivações individuais de forma sutil, mas significativa. Mesmo que as locutoras não mencionem diretamente a Europa como um ideal, a idealização dos destinos europeus, sustentada por décadas de construções sociais e culturais, inevitavelmente permeia suas escolhas de viagem, moldando suas expectativas e experiências. Dessa forma, a construção subjetiva dessas viagens para a Europa se entrelaça com um imaginário coletivo que, embora implícito, impacta diretamente na percepção dos lugares e nas razões pessoais que levam as mulheres a escolherem o continente como destino.

Adicionalmente, as motivações de desafio demonstram ser fundamentais na dimensão emocional dessas experiências. Ao enfrentarem as dificuldades inerentes ao ato de viajar sozinhas, as mulheres relatam sentimentos de fortalecimento e autonomia, o que sugere que tais desafios afetam positivamente a dimensão do "sentir" (Wilson e Harris, 2006). A experiência de Mari, que afirma: *"No começo, eu tinha medo de me perder ou de não saber o que fazer, mas, quando consegui resolver tudo sozinha, me senti poderosa!"* (Informação verbal – trecho da entrevista 19), evidencia como a superação dos desafios relacionados à viagem solo contribui para a construção de uma experiência emocional mais intensa, caracterizada por um aumento na sensação de controle e independência.

Outrossim, as motivações ligadas à identidade e ao autodesenvolvimento influenciam diretamente a dimensão cognitiva das experiências de viagem solo para as mulheres. O conceito de identidade, ancorado nos múltiplos papéis desempenhados pelo indivíduo no contexto social (Lynch, 2007), leva muitas mulheres a perceberem o turismo independente como uma oportunidade para explorar e consolidar a própria identidade. *"Viajar me faz perceber quem eu sou de verdade, sem as expectativas dos outros"* (Informação verbal – trecho da entrevista 15), diz Lúcia, sublinhando a importância da reflexão pessoal que a viagem proporciona.

Foi interessante observar também a recorrência do uso da palavra 'experiência'; a maioria das locutoras utilizou-a de alguma forma para descrever suas vivências durante as viagens. As experiências emergem como a principal motivação para aproximadamente 90% dos

turistas brasileiros, conforme revelado em um estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e do Laboratório de Inovação em Turismo (TRVL LAB) (SEBRAE, 2024). Esse uso reiterado do termo reflete a centralidade das vivências, que se manifestam tanto na preferência por atividades como passeios a pé quanto no interesse pelo contato com a natureza e momentos de relaxamento. Essa busca por experiências significativas evidencia uma tendência global crescente no turismo de experiência, acentuada pelas restrições impostas durante a pandemia.

A pesquisa do Sebrae e do TRVL LAB aponta ainda que uma parcela significativa desses viajantes opta por se deslocar sozinha ou acompanhada por familiares, preferindo, entre as atividades, os passeios a pé (SEBRAE, 2024). Além disso, o contato com a natureza e a busca por momentos de relaxamento se destacam entre os interesses desse público, refletindo uma tendência global crescente no turismo de experiência, que foi acentuada pelas restrições impostas durante a pandemia. Além disso, esse estudo demonstrou que a maioria dos entrevistados utiliza plataformas digitais para a aquisição de experiências, com um percentual expressivo de viajantes realizando reservas com antecedência, evidenciando uma mudança significativa nas práticas de planejamento das viagens, algo que também foi relatado por algumas locutoras.

Como exemplo do disposto acima, Cássia mencionou: *"Eu sempre planejo tudo pelo celular, sabe? Como eu ia depender de transporte público, é meio [sic] impossível sem saber direito como funciona."* (Informação verbal – trecho da entrevista 25). Esse depoimento ressalta como as tecnologias digitais influenciam as decisões de viagem, promovendo um senso de controle e segurança entre os viajantes. Renata também enfatizou essa tendência ao afirmar: *"Antes de viajar, eu pesquiso tudo na internet, desde os lugares que quero visitar até as opções de alimentação. Tem que ser ligeira! [sic]"* (Informação verbal – trecho da entrevista 12); essa prática de pesquisa online se alinha com a proposta de que o acesso à informação transforma a experiência do viajante, permitindo que ele crie roteiros personalizados e otimizados.

Por outro lado, Helô trouxe uma perspectiva interessante ao dizer: *"Vamos dizer que talvez eu seja viciada em redes sociais. Então eu gosto de usar para me inspirar nas minhas viagens. É muito fácil encontrar dicas legais e, às vezes, até uma nova amiga para explorar a cidade."* (Informação verbal – trecho da entrevista 18). A fala de Helô ilustra como as redes sociais não apenas servem como um meio de planejamento, mas também como uma plataforma para construir conexões e socializar, o que enriquece a experiência de viagem. Essas falas ilustram a importância crescente das plataformas digitais nas experiências de viagem, refletindo

uma mudança nas práticas de planejamento e na maneira como as viajantes se relacionam com seus destinos.

6.5. “*Sim, sou brasileira*”: percepção da nacionalidade e noção de si

Eles sempre perguntam de onde a gente é e, quando falo, dá pra ver que o clima muda um pouco, sabe? [...] Acho que me fez pensar muito em como a gente é vista. [...] Alguns foram super acolhedores, mas tinha gente que agia diferente depois que eu falava. Já aconteceu até de me tratarem com um certo ar de superioridade, como se eu tivesse ali só pra 'turistar', sabe? Fiquei com a impressão de que, pra alguns, a gente não pertence. (Informação verbal – trecho da entrevista 14).

Sim, várias vezes! É meio automático, né? (Sobre ter sido necessário revelar a nacionalidade) A gente fala, aí vem sempre o papo de carnaval, praia e tal. [...] até me perguntaram por que eu tava viajando sozinha, tipo, como se fosse um 'perigo' pra mim por ser brasileira. [...] Nossa, me fez questionar muita coisa! A gente sai achando que vai ser uma coisa e, no fim, descobre outras bem diferentes. Tem sempre uma expectativa da gente... Não importa o quão profissional ou séria eu seja, eu ainda sou 'a brasileira'. [...] Teve um cara que, quando descobriu, perguntou umas coisas tipo 'é verdade que as brasileiras...' e eu já sabia que não vinha boa coisa... (Informação verbal – trecho da entrevista 3).

O jeito como me olhavam, o tom de algumas perguntas... A sensação era de que não importa a minha formação ou quem eu sou, mas que sou 'a brasileira'. É um pouco... Sei, lá, sabe? Alguns momentos foram tensos. [...] Às vezes era normal, mas em outras eu sentia um certo distanciamento. Sabe quando as pessoas falam com você mais devagar, como se você fosse de outro mundo? É essa sensação. Tem horas que cansa, é como se tivesse que provar que mereço estar ali, sabe? Claro que não foi em todo lugar, mas a gente percebe. (Informação verbal – trecho da entrevista 4).

[...] vi que a gente é olhada com desconfiança, com um monte de ideias prontas sobre quem a gente deveria ser. É cansativo às vezes, não vou mentir. [...] Olha, tinha gente que era super de boa, mas também tinha um pessoal que olhava meio atravessado. Parecia que o fato de eu ser brasileira já tinha um algo 'a mais', como se já criassem uma imagem de quem eu sou. Sei lá, algumas vezes até desconfiava se iam me respeitar mesmo. É um misto, sabe? Nem todo mundo tá preparado pra lidar com o outro. (Informação verbal – trecho da entrevista 5).

Quanto a necessidade de revelar a nacionalidade brasileira durante interações locais, ela se relacionou com questões práticas, como reservas ou entrevistas de emprego, contudo durante interações mais informais (festas, reuniões de amigos, idas a mercados e empreendimentos locais), o sotaque brasileiro acabava sendo tópico de iniciação de conversa. Isso aconteceu com todas as entrevistadas, o que indica que, apesar do desejo de anonimato ou integração, a nacionalidade ainda é um fator relevante em contextos oficiais, formais e informais.

Felizmente para as entrevistadas, a maioria das respostas à revelação da nacionalidade indicou uma recepção positiva, embora tivessem ocorrido casos de preconceito e estereótipos com algumas das entrevistadas. Isso sugere que, enquanto a globalização tem facilitado uma

maior aceitação e curiosidade sobre outras culturas, estereótipos negativos ainda persistem. Pelo fato da maioria dessas interações sociais terem ocorrido de forma positiva, isso resultou no início de novas amizades e conexões para 12 das locutoras. Isso destaca a importância do aspecto social das viagens e como ele pode enriquecer a experiência pessoal.

Por outro lado, todas as entrevistadas relataram experiências de discriminação, variando de desdém a preconceitos explícitos vivenciados por elas ou pessoas próximas. Comentários e piadas baseadas em estereótipos foram comuns, indicando uma percepção globalizada, mas muitas vezes superficial e simplista do Brasil. As reações das entrevistadas variaram de indignação a tentativas de esclarecimento, mostrando uma gama de estratégias de enfrentamento.

A análise dos dados sobre a percepção de estrangeiros em relação à nacionalidade brasileira das participantes revela padrões significativos de dominação, mas também de subjetivação, conforme apontado por Foucault (2011), que a associa aos processos de construção do sujeito a partir de práticas sociais e discursivas. O fato de que, em quase todas as interações relatadas, o conhecimento de que as mulheres eram brasileiras influenciou a dinâmica da interação indica a existência de discursos culturais que moldam a experiência turística dessas mulheres. Ao serem reconhecidas como brasileiras, as viajantes solo são submetidas a expectativas e estereótipos associados à sua nacionalidade, o que revela a intersecção entre gênero, identidade nacional e a experiência do turismo. Como relatou Ju, *“Quando eu dizia que era brasileira, já olhavam de um jeito diferente, como se tivessem algo específico em mente sobre mim.”* (Informação verbal – trecho da entrevista 6). Tal comentário ilustra como o processo de subjetivação está ligado à nacionalidade, pois ser vista como “brasileira” inclui automaticamente certos estereótipos.

A articulação desses estereótipos nas interações corrobora o argumento de Said (2003) e Dussel (1993), segundo o qual o "outro" é uma construção histórica e cultural, reforçando também a perspectiva de Beauvoir (2014), que descreve as mulheres como definidas por papéis preestabelecidos. Ao serem reconhecidas como brasileiras, as viajantes estão sujeitas a uma série de expectativas relacionadas à sua sexualidade, comportamento e imagem, frequentemente vinculados ao estereótipo de hipersexualização da mulher brasileira. Pontes (2004) e Machado (2006) analisam as representações étnicas especificamente em Portugal, país mais visitado pelas respondentes, evidenciando que o Brasil é frequentemente sexualizado e feminilizado, com esse estereótipo sendo refletido nas políticas sociais governamentais e discursos públicos. Segundo Pontes (2004), essas representações são influenciadas pela história de imperialismo e colonialismo entre os dois países, manifestando-se como uma

"sensualização" das desigualdades socioeconômicas. Nesse sentido, Ká relatou que “[...] parecia que eles tavam [sic] esperando que eu fizesse alguma coisa ‘de brasileira’, tipo, me oferecer pra eles, sei lá... principalmente homem mais velho” (Informação verbal – trecho da entrevista 7); evidenciando como o estereótipo de hipersexualização molda as expectativas e interações sociais.

Esse processo de subalternização e de dominação de gênero evidencia como as normas culturais e os discursos dominantes são internalizados e, muitas vezes, performados nas interações sociais, limitando a agência dessas mulheres e moldando suas experiências de viagem. Nesse sentido, as respostas que indicam a influência da nacionalidade nas interações sugerem uma dinâmica de poder assimétrica, em que a mulher brasileira é posicionada como "exótica" e, por vezes, sexualmente disponível, conforme aponta Said (2003) em sua teoria sobre o orientalismo e as formas como o Ocidente constrói o "outro" como objeto de dominação. As palavras de Tat reforçam essa perspectiva: “Quando dizia que era brasileira, teve gente que automaticamente fazia piadas ou tinham aquela expressão de ‘então você é...’, sempre com um duplo sentido.” (Informação verbal – trecho da entrevista 11).

Mulheres europeias podem alimentar estereótipos que associam as brasileiras a ideias de subserviência, promiscuidade ou inferioridade cultural, reforçando um pensamento de que a mulher brasileira é "menos civilizada" ou "menos refinada" em comparação às europeias. Esse desprezo pode ser enraizado em discursos de colonização e dominação cultural, que historicamente associaram as mulheres do sul global a estereótipos de hipersexualidade e exotismo (Spivak, 2010). Ao mesmo tempo, esses preconceitos são alimentados por uma visão eurocêntrica que tende a desvalorizar culturas não europeias, percebendo-as como atrasadas ou excessivamente sensuais. Como compartilhou Fe, “Teve uma vez que uma portuguesa me tratou como se eu fosse ignorante e com ignorância, [...] uma pessoa menos instruída só porque era do Brasil. Fora que ela era super grossa. Além de ter insinuado que eu tava ali só porque era nova e bonita. Um show de horrores! Como eu tava num dia bom, não dei muita atenção pra ela” (Informação verbal – trecho da entrevista 11).

Adicionalmente, mulheres preconceituosas podem reforçar estigmas sociais que associam as brasileiras a trabalhos desvalorizados, como o turismo sexual, criando uma visão depreciativa e reducionista de suas capacidades e identidades, algo que Assis e Siqueira (2021) pontuaram muito bem. Para as autoras, nesse cenário, as brasileiras podem ser vistas como oportunistas ou exploradoras de sua sexualidade para obter vantagens econômicas, em uma leitura superficial que desconsidera as complexidades de suas trajetórias e subjetividades. Tais interações revelam como o corpo feminino latino é racializado e erotizado, reproduzindo formas

de dominação de gênero e identidade que impactam a subjetivação dessas mulheres. Como comentou Marina, *“A gente sente, né? Era só falar que era brasileira, as pessoas imediatamente colocavam um rótulo de interesseira ou, no mínimo, de alguém que usaria da aparência para conseguir algo. Mesmo que num tom de brincadeira”* (Informação verbal – trecho da entrevista 19).

A frequência com que as participantes relatam que sua nacionalidade influenciou as interações também pode ser vista à luz da teoria da performatividade de gênero de Butler (1990). Ao serem identificadas como brasileiras, essas mulheres são compelidas a "performar" papéis de acordo com as expectativas culturais associadas à sua identidade. Dessa forma, as interações no contexto turístico não são neutras, mas sim momentos de reafirmação ou resistência às normatividades de gênero e etnicidade que atravessam o imaginário social europeu. Essa performatividade, no entanto, não se dá de forma passiva, pois as mulheres podem, ao reconhecer essas dinâmicas, encontrar formas de subversão e resistência.

A agência, conforme entendida por Foucault (1988), não é um atributo individual e isolado, mas sim um produto das relações sociais nas quais o sujeito está imerso. O poder que molda as capacidades e intenções dos indivíduos não se apresenta como uma força externa, mas como uma dinâmica complexa que permeia o cotidiano, moldando a forma como se atua no mundo. O sujeito de agência, embora situado em um contexto social, carrega consigo a marca das práticas discursivas e das normatividades que o envolvem, incluindo as que configuram as dinâmicas de gênero. Nesse sentido, a agência é ao mesmo tempo produto e produtor das relações de poder, refletindo o caráter histórico e contingente da experiência humana, e a possibilidade de resistência a essas construções normativas permanece sempre em aberto, como defendido por Foucault (1988) e de Beauvoir (2014).

As representações estereotipadas das mulheres brasileiras, muitas vezes ligadas à sensualidade e à mestiçagem, continuam a operar no campo simbólico, tanto em narrativas internas ao Brasil quanto em percepções externas. Essas imagens, resultantes do período colonial, são frequentemente reconfiguradas em discursos contemporâneos sobre a identidade nacional, como exemplificado pela exploração da "mulata" no carnaval e em outras produções culturais. Esses estigmas históricos não são apenas reminiscências do passado, mas persistem, sendo perpetuados por um imaginário coletivo que associa a mulher brasileira à exotificação e ao prazer. A teoria de Butler sobre a performatividade do gênero (1990) pode ser aplicada para entender como esses estereótipos continuam a influenciar a forma como as mulheres brasileiras são "performadas" no cenário turístico, onde suas identidades são constantemente reiteradas e reencenadas em contextos de consumo e objetificação.

O corpo feminino, em sua relação com o espaço público e privado, torna-se um campo de disputas e negociações, especialmente no turismo, onde as expectativas sobre a feminilidade e o comportamento adequado são constantemente impostas. Em um contexto de vigilância e objetificação, as mulheres se veem pressionadas a ajustar suas posturas e atitudes para se proteger de agressões ou julgamentos (Brecht, 1996; Baudrillard, 1995). Essa situação, marcada pela desigualdade de gênero, exige que o corpo feminino seja constantemente reconfigurado, em um processo de autocensura e resistência que, muitas vezes, é invisível. As mulheres, ao interagir com essas expectativas, encontram maneiras de subverter ou resistir às normas que as objetificam, muitas vezes de maneira silenciosa, como um reflexo da agência que não se encontra totalmente subordinada às relações de poder que a cercam.

Os estereótipos sobre a mulher brasileira, perpetuados durante o período colonial, continuam a se manifestar na atualidade. Essas representações associadas à mestiçagem, à sensualidade da "mulata" e à alegria brasileira são frequentemente exploradas em propagandas turísticas e produções culturais, como o carnaval, a literatura e as novelas, circulando tanto no Brasil quanto no exterior e reforçando estigmas sobre a mulher brasileira. Esses discursos atuais são, na verdade, atualizações de construções históricas. Durante o período colonial, as hierarquias raciais e de gênero estabelecidas por homens brancos e europeus atribuíram uma posição de inferioridade às populações negras e indígenas, produzindo discursos que destacavam o exotismo e a sensualidade das mulheres (Maia, 2009; Ferreira, 2011; Gomes, 2013), não é surpresa nenhuma ver os impactos dessa prática ainda hoje.

O corpo, na contemporaneidade, perpassa por incertezas e regulamentações, sobretudo no que concerne ao olhar e ao julgamento externo. As mulheres, em particular, encontram-se compelidas a ajustar suas posturas, adornos e gestos, em um esforço de autoproteção em um contexto em que o corpo feminino se torna alvo constante de vigilância e objetificação (Brecht, 1996; Baudrillard, 1995). Nesse cenário, a desigualdade de gênero se evidencia, pois as mulheres, em maior grau do que os homens, sofrem pressões para moldar seus corpos de maneira a evitar agressões e abusos (Melo e Soeiro, 2020). O medo, socialmente construído (Solomon, 1995), ocupa um papel central na forma como as mulheres se deslocam, impondo aos seus corpos restrições e precauções em resposta ao Outro, percebido como potencialmente agressivo.

Em uma análise sobre a presença da dominação masculina para as locutoras, é importante considerar as influências positivas e negativas que elas enfrentam durante suas interações sociais. A partir dos dados obtidos, observa-se que, em muitas ocasiões, as viajantes relatam receber demonstrações de simpatia e hospitalidade, mas também se deparam com

comentários estereotipados e comportamentos invasivos, como o assédio. Tais situações geram reações variadas, que vão desde respostas educadas até o desconforto silencioso, revelando como essas mulheres são constantemente desafiadas a equilibrar suas respostas frente a comportamentos externos.

As motivações e as percepções das participantes refletem como suas experiências de viagem solo estão intrinsecamente ligadas à performatividade e à resistência, conceitos amplamente discutidos por autores como Butler (1990) e Foucault (2014). A partir da perspectiva de Butler (1990), que considera a subjetivação uma construção performativa, observa-se que essas mulheres adaptam seu comportamento conforme as interações sociais que encontram, seja para se proteger de abordagens invasivas ou para responder à curiosidade sobre sua origem. Uma entrevistada, Tat, descreveu que, ao ser questionada sobre o Brasil, prefere manter uma postura “*mais reservada*”, pois, segundo ela, “*se der muita abertura, já viu!*” (Informação verbal – entrevista 26). Esse ajuste de comportamento demonstra a performatividade que Butler (1990) sugere, revelando como essas mulheres moldam suas respostas e aparências para garantir a própria autonomia em contextos que tendem a objetificá-las, Ana exemplificou isso em sua fala: “*As vezes só fingia que não ouvia e é isso.*” (Informação verbal – entrevista 27); já Tat elaborou mais sua abordagem de se manter mais reservada “*Desse jeito eu consegui conhecer mais o lugar e as pessoas de verdade, sem ficar rotulada. Mas quem me conhece sabe que eu sou doidinha.*” (Informação verbal – entrevista 26).

Foucault (2014), ao examinar o poder como um mecanismo que influencia a subjetivação dos indivíduos, sugere que as interações de poder moldam as maneiras de ser e agir no mundo. Esse processo torna-se evidente quando as mulheres enfrentam comentários estereotipados sobre o Brasil e sobre o perfil das mulheres brasileiras. Fê, uma das entrevistadas, descreve como essas abordagens a colocam em um papel fixo: “*Foi numa festa, e do nada tocou funk e tal, todo mundo me olhou esperando eu dançar. Acho que tavam [sic] esperando a Anitta baixar no meu corpo. Eu só comecei a rir, ia fazer o que? Como insistiram eu fechei a cara*” (Informação verbal – entrevista 2). Este tipo de reação evidencia uma forma de resistência passiva contra a normatização social que tenta enquadrá-las dentro de estereótipos, enfatizando a tensão constante entre manter sua individualidade e atender às expectativas culturais que lhes são impostas.

Além disso, o conceito de exotificação, como explorado por Said (2003) ao discutir o orientalismo, oferece uma perspectiva sobre o fenômeno do “olhar estrangeiro” dirigido a essas mulheres. Muitas entrevistadas relatam que, ao viajarem sozinhas, se tornam objetos de curiosidade, principalmente pela nacionalidade. Bia exemplifica esse ponto ao relatar que

algumas pessoas esperam dela uma personalidade vibrante e expansiva, baseada na visão estereotipada do Brasil: *“Eles esperam alguém que dance, que seja mega extrovertida. E quando perceberam que sou mais tranquila, ficaram surpresos”* (Informação verbal – entrevista 8). Essas mulheres respondem a essa exotificação frequentemente com reações neutras, educadas, ou bem-humoradas, buscando sutilmente redirecionar a conversa sem alimentar essas representações simplistas. Essa reação, como um ato de resistência indireta, representa uma tentativa de reconstituir sua identidade fora dos estereótipos exóticos e limitantes, se configurando como uma performance, tal qual Urry e Larsen postulam (2021).

Desse modo, ao navegar entre a performatividade, a resistência e o poder nas interações sociais, as participantes da pesquisa revelaram como o processo de dominação de gênero é, paradoxalmente, enfrentado por meio de atos que preservam sua individualidade. A postura que assumem não só responde às expectativas externas, mas também revela uma rede complexa de influências culturais e sociais que moldam como essas mulheres percebem e se posicionam em suas viagens, enquanto exploram suas próprias narrativas de liberdade e autonomia em territórios que, muitas vezes, as enxergam através de um prisma cultural redutor. A simples afirmação presente no título dessa subseção transcende a simples resposta à pergunta que lhes era feita, representando também um instante de autorreconhecimento das locutoras frente à condição de colonialidade. Mais do que uma reação automática, a expressão reflete um momento de percepção crítica, onde as participantes reconhecem e articulam as complexidades e os efeitos dessa situação.

Nas palavras das entrevistadas, o simples ato de dizer "eu sou brasileira" parecia acender expectativas específicas, como se essa nacionalidade carregasse um repertório pronto na mente de quem ouve. As interações são permeadas por estereótipos que ora fascinavam, ora afastavam, revelando como as percepções sobre "a brasileira" estão profundamente enraizadas. Esse olhar carregado de preconceitos e idealizações diversas também afeta a forma como as viajantes constroem e ajustam a própria noção de si. Essa autoafirmação se torna essa experiência ambígua: ao afirmar sua identidade, as entrevistadas se veem forçadas a confrontar e reavaliar a própria imagem, oscilando entre orgulho e desconforto. É quase uma interjeição, uma reafirmação e, ao mesmo tempo, um lembrete da constante vigilância que elas enfrentam.

6.6. “A solidão é uma dessas circunstâncias que pode se transformar em força.”: superando o assédio e redefinindo a liberdade de viajar

O empoderamento pessoal, foi um tema frequentemente mencionado nas respostas das locutoras, aparecendo em contraste com os desafios enfrentados. A sensação de empoderamento relatada pelas entrevistadas demonstra que, apesar das dificuldades, as viagens solo proporcionam um fortalecimento da autonomia e da autoestima, como mencionado por grande parte das locutoras, que acreditam que suas experiências contribuíram para sua independência. Essa sensação é um indicativo do processo de subjetivação, onde as mulheres, ao navegarem por espaços tradicionalmente masculinos (como o turismo solo), transformam suas próprias experiências de marginalização em oportunidades de fortalecimento pessoal (Beauvoir, 2014). No entanto, essa emancipação é constantemente ameaçada pelas dinâmicas de poder, como o assédio e a falta de apoio institucional, que revelam a fragilidade desse empoderamento em um sistema patriarcal que ainda domina esses espaços.

O fenômeno do assédio é geralmente dividido em três componentes principais: coerção sexual, assédio de gênero e atenção sexual indesejada (Gelfand, Fitzgerald, e Drasgow, 1995). A coerção sexual envolve solicitações diretas de favores sexuais em troca de recompensas profissionais ou acadêmicas, associando-se ao conceito legal de assédio *quid pro quo*. Já o assédio de gênero e a atenção sexual indesejada referem-se a formas de desvalorização das mulheres, quer em nível coletivo, por meio de piadas ou imagens degradantes, quer em nível individual, como e-mails inapropriados ou toques indesejados, encaixando-se na categoria legal de ambiente hostil. Embora a coerção seja raramente vivenciada, o assédio de gênero é prevalente, seguido pela atenção sexual indesejada, o que reflete um problema enraizado de dominação e violência simbólica contra as mulheres (Fairchild e Rudman, 2008).

Apesar do foco tradicional no contexto escolar ou profissional, o assédio sexual pode ocorrer em diversos ambientes e envolver agressores desconhecidos, como observado na pesquisa de Berdahl (2007), que associa o assédio à manutenção de status social. Gardner (1995) destaca o assédio de estranhos em locais públicos, identificando comportamentos como assobios, piscadelas e comentários indesejados, interpretados como formas de objetificação sexual. MacMillan, Nierobisz e Welsh (2000), ao comparar o impacto do assédio de estranhos e conhecidos, apontam que o primeiro é mais frequente e impacta significativamente a sensação de segurança das mulheres, reduzindo sua tranquilidade ao circular sozinhas em locais públicos.

Isto posto, o assédio sexual apresenta-se como uma prática generalizada no cenário turístico, transcendendo as variações culturais nas normas de conduta sexual (McElroy, Tarlow

e Carlisle 2007). Os autores evidenciaram ainda a necessidade de intervenções governamentais para preservar a segurança e a reputação dos destinos turísticos. A análise demonstrou alguns relatos de assédio sexual entre nacionalidades e destinos, com as turistas brasileiras apresentando casos de assédio em vários países diferentes. Alguns desses locais, populares entre jovens devido à vida noturna vibrante e ao consumo elevado de álcool, favorecem o ambiente de desinibição (Hughes *et al.*, 2011a). Uma entrevistada destacou: “[...] eles veem a gente dançando e acham que já têm passe livre. Tudo sem noção!” (Informação verbal – entrevista 13). A associação entre o assédio e a frequência a bares voltados para o consumo excessivo de bebidas reforça como características do ambiente podem influenciar o comportamento, promovendo uma percepção de disponibilidade sexual que pode intensificar a atenção sexual indesejada (Calafat, *et al.* 2013). Outra participante comentou: “Você mal pisa na balada e já tem um monte de cara achando que tá tudo liberado.” (Informação verbal – entrevista 17). As respostas das locutoras desses estudos apontaram que o assédio pode ser perpetrado por outros turistas, funcionários do setor ou populações locais. Uma das entrevistadas observou: “Até garçom faz gracinha... Parece que eles pensam que a gente vai pra lá pra isso.” (Informação verbal – entrevista 27).

O assédio é um fenômeno complexo que resulta das interações entre visitantes e anfitriões, marcadas por diferenças socioeconômicas e culturais significativas. Assim, estratégias para mitigar essa questão devem priorizar a conscientização comunitária sobre a relevância econômica do turismo e promover um entendimento intercultural mais aprofundado. Contudo, o controle efetivo do assédio requer a inclusão econômica dos grupos marginalizados na indústria turística, uma vez que essas disparidades refletem e exacerbam o problema em muitos destinos turísticos (McElroy, Tarlow e Carlisle 2007).

No subcapítulo anterior, alguns relatos descreveram situações de assédio que, embora não tenham escalado para violência física, ainda assim foram suficientemente marcantes para que as mulheres optassem por narrá-los de forma anônima. Vários desses episódios ocorreram em ambientes propícios ao consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias, o que pode ter intensificado as situações de assédio. Muitas entrevistadas destacaram a importância de conscientizar mulheres sobre os riscos do consumo de substâncias em contextos turísticos. Uma delas observou: “Quando se viaja sozinha, é muito fácil as pessoas acharem que estamos ‘disponíveis’ só porque estamos curtindo. Eu sempre digo: cuidado com o quanto se bebe e com quem se conversa, principalmente em festa.” (Informação verbal – entrevista 15). Ao serem solicitadas a compartilhar conselhos para outras mulheres, algumas também recomendaram cautela em ambientes de vida noturna. Outra participante comentou: “Olha, tem lugar que eu

nem volto mais. A gente acha que é só diversão, mas logo vê que ninguém vai fazer nada se te incomodam.” (Informação verbal – entrevista 18). Além disso, é necessário que os estabelecimentos noturnos sejam responsabilizados, evitando normas e práticas que promovam expectativas de disponibilidade sexual (Calafat *et al.*, 2013).

Para dar sequência à análise dessas narrativas sobre assédio, as histórias continuarão a ser expostas a seguir sem a identificação das locutoras. A análise explorou essas vivências de assédio por estranhos e as repercussões na autoimagem e no comportamento das brasileiras. Dentre as formas de assédio observadas, destacou-se os olhares invasivos, a atenção não desejada até coerção sexual indireta. *“Eles te olham [nesse caso ela estava falando de homens e mulheres] como se você tivesse feito algo para chamar atenção, mas eu só tava andando”* (Informação verbal), relatou uma das entrevistadas, evidenciando como simples ações cotidianas podem ser interpretadas de forma equivocada. Outra acrescentou: *“Um atendente do restaurante que eu tava ficou tentando puxar papo [...] descobriu que eu tava só e queria meu Instagram pra fazer algo depois. Eu só sentei pra comer...”* (Informação verbal). As ocorrências de tais interações foram analisadas, destacando que ações como assobios e comentários inadequados foram comuns nas experiências dessas mulheres. Uma delas pontuou que ouviu na rua o seguinte comentário: *“That’s a brazilian ass! [Isso é uma bunda brasileira!]”* (Informação verbal).

Foi interessante notar também algo que Fairchild e Rudman (2008) pontuaram, a ligação entre assédio e auto-objetificação feminina, que diz respeito a uma ênfase na vigilância do próprio corpo e na vergonha corporal. As narrativas indicam que mulheres que foram expostas ao assédio passaram a expressar níveis mais altos de auto-objetificação, traduzidos pela preocupação constante com a aparência e sentimentos de vergonha. *“será que tô chamando muita atenção?”* ou *“comecei a ficar encanada com as roupas que eu levei, mas era verão, eu queria ficar confortável”*, comentaram duas entrevistadas (Informação verbal). Esse processo de objetificação associa-se ao aumento do medo de sofrer violência sexual, seja por desconhecidos ou conhecidos, e à percepção de risco em geral. Outra mulher descreveu: *“eu comecei a pensar em rota de fuga, mesmo em lugares que pareciam seguros”* (Informação verbal). A análise revela que, embora o assédio tenha uma correlação moderada com o medo de violência sexual, é a auto-objetificação que demonstra uma associação mais significativa com esse medo, indicando que o impacto do assédio pode operar de forma indireta (Fairchild e Rudman, 2008). Esse processo afeta profundamente tanto o comportamento quanto a sensação de segurança das participantes. Como uma delas refletiu: *“Eu não me sentia tão vulnerável antes, mas depois qualquer esbarrão já me deixava alerta”* (Informação verbal).

A questão do preconceito racial também surge de maneira significativa, com algumas respondentes relatando piadas e atitudes discriminatórias devido à sua cor ou nacionalidade. Esse aspecto adiciona outra camada à análise da subjetivação dessas mulheres, pois, como observado por hooks (2000), o racismo e o sexismo interagem para moldar as experiências das mulheres racializadas de maneira mais intensa. Essas mulheres não apenas enfrentam as pressões e perigos associados à sua condição de gênero, mas também ao seu pertencimento racial e cultural, o que muitas vezes agrava sua percepção de insegurança e vulnerabilidade durante viagens internacionais.

[...] confesso que, em vários momentos, senti aquela diferença no tratamento. Não foi todo mundo, mas em alguns lugares, eles me olhavam de cima a baixo? Era óbvio ver o porquê porque em vários lugares eu era a única preta. (Informação verbal – entrevista 6).

Eu já fui pra lá várias vezes, mas quando eu chegava em certos lugares, dava pra perceber aquele elefante na sala [...] Já ouvi piadinha ‘despretensiosas’, já vi olhar desconfiado. Não era só ser brasileira; tinha o fator de ser negra também. Na França, eu até ouvi umas coisas do tipo ‘nossa, você fala bem!’ como se fosse uma surpresa, tá me entendendo? A viagem acaba sendo incrível em vários sentidos, mas isso, esse estigma que colocam, desgasta, porque lembra que ainda tentam te colocar numa caixinha. (Informação verbal – entrevista 12).

Viajar pra mim sempre foi uma maneira de crescer, de ver outras coisas. [Em situações de trabalho] parecia que, pra eles, eu sempre tinha que me explicar ou provar que era diferente do que esperavam. Ainda me disseram que eu ‘não parecia brasileira’, e quando perguntavam de onde eu era e falava ‘Brasil’, já dava pra ver o olhar mudando, meio com desconfiança. No final das contas, cada cidade tinha sua beleza, mas eu tive que lidar com esse peso de provar quem eu sou, sabe? (Informação verbal – entrevista 16).

Olha, eu sempre fui de buscar conhecimento e ver coisas novas, mas sempre me preparei psicologicamente pra saber que podia não ser fácil. Em Portugal, senti um tratamento meio paternalista, como se eu estivesse ali quase por um favor. E olha, não tenho sangue de barata. A gente lida, responde, mas isso faz com que muito da experiência fique marcada por esses encontros. É como se a Europa fosse feita só pros europeus, e a gente estivesse sempre na posição de ter que mostrar que merece estar ali. (Informação verbal – entrevista 4).

A racialização e a sexualização das brasileiras em contextos migratórios também são influenciadas pela classe social e pela cor da pele. Mulheres fenotipicamente negras enfrentam formas mais intensas de discriminação, enquanto aquelas que são percebidas como mestiças/mulatas enfrentam um racismo mais sutil, mas ainda presente. A articulação entre nacionalidade, gênero, e sexualidade permeia essas interações, criando um tipo específico de racismo etnicizado que afeta de maneira diferenciada mulheres de origens diversas, particularmente nos países do Norte e do Sul da Europa. Nesses cenários, a posição das

brasileiras é ambígua, sendo simultaneamente sexualizadas e racializadas de maneira que reforça sua subalternidade global (Piscitelli, 2007).

Para tratar da noção de estereótipo, o trabalho de Bhabha (1998), importante crítico cultural dos estudos sobre colonialismo, serve como base para uma análise das dinâmicas de poder e conhecimento nas relações coloniais. Segundo ele, o estereótipo funciona como uma estratégia de conhecimento e identificação que, ao mesmo tempo, reforça a dominação e opera de forma ambivalente. O estereótipo, em sua essência, sustenta uma identidade baseada na dominação e na defesa, caracterizada pela contradição de reconhecer e recusar a diferença cultural simultaneamente (Oliveira, 2017).

Neste sentido, o estereótipo assume uma função dupla ao representar o sujeito colonial como um “outro” desajustado e, ao mesmo tempo, legitimar uma imagem distorcida e artificial da realidade (Oliveira, 2017). O discurso colonial atua como um instrumento de poder que, ao mesmo tempo em que reconhece a diversidade cultural, repudia-a, consolidando as figuras do colonizador e do colonizado em identidades fixas e hierarquizadas. Para essas brasileiras, tal estereótipo reflete-se em uma categorização fundamentada na lógica colonial, a qual projeta uma ideia negativa e limitadora sobre o “outro,” ao mesmo tempo em que determina o lugar que ele deve ocupar na sociedade europeia, reforçando, assim, as barreiras para sua integração.

No que diz respeito à liberdade de circulação, as mulheres relataram desconforto ao se deslocarem sozinhas em determinados contextos, especialmente à noite. Em contraste, o medo de violência sexual se revelou um fator mais diretamente relacionado à restrição dos movimentos. Por fim, foram analisadas as estratégias adotadas para lidar com o assédio. Quatro respostas diferentes foram identificadas, em concordância com a análise feita por Fairchil e Rudman (2008): enfrentamento ativo, passivo, autocrítica e minimização do assédio. As narrativas apontaram para uma tendência ao enfrentamento passivo, em que as participantes ignoram ou relativizam a situação, em vez de reagirem de forma ativa ou atribuírem culpa a si mesmas. *“É mais fácil fingir que não ouviu, porque, se responder, pode piorar,”* comentou uma das mulheres, com outra acrescentando: *“Acho que não vale o estresse.”* (Informações verbais).

Diante desse prisma, mesmo com tantas adversidades, foi interessante notar também os aspectos positivos dessas viagens. Muitas das locutoras discorreram sobre como uma viagem sozinha pode funcionar como uma excelente terapia para o bem-estar mental, físico e espiritual. *“Parece que a cabeça respira melhor, sabe? Viajar sozinha me ajudou a limpar um pouco o caos mental,”* (Informação verbal – entrevista 23); comentou Pat, enquanto Helô ressaltou: *“Eu me redescobri, foi como se eu me reencontrasse com uma versão mais leve de mim.”* (Informação verbal – entrevista 18). Para todas elas, viajar sozinha pode ser uma experiência

profundamente gratificante, proporcionando momentos de relaxamento e de redescoberta do espírito aventureiro. Realizar uma viagem solo com sucesso também pode fortalecer a autoconfiança, trazendo um senso de empoderamento. *“Cada coisinha que eu resolvia sozinha, eu me sentia mais forte, sabe? Como se eu pudesse realmente fazer qualquer coisa,”* (Informação verbal – entrevista 13) explicou Uly, enquanto Ana acrescentou: *“Eu voltei mais me achando [sic]; saber que consegui me virar sozinha só me fez bem”* (Informação verbal – entrevista 27).

Para essas mulheres, o diferencial das viagens solo está na liberdade de evitar agendas rígidas e na ausência de necessidade de adaptação aos horários de outras pessoas. Em viagens de grupo, é comum a visita a locais que não despertam interesse, enquanto locais de maior relevância pessoal acabam sendo deixados de lado. Em contraste, uma viagem solo permite que a pessoa estabeleça suas próprias regras, acordando e dormindo conforme seu desejo, escolhendo atividades e passeios de acordo com suas preferências, além de comer onde e quando desejar, sem a necessidade de dividir quarto ou banheiro. *“Poder acordar a hora que eu queria, ir pra onde eu queria, foi uma liberdade maravilhosa”* descreveu Zélia (Informação verbal – entrevista 5). Nat complementou: *“Ninguém pra me apressar ou reclamar do lugar que eu queria ir....”* (Informação verbal – entrevista 5).

Outro benefício relevante das viagens solo é a independência de companhias. Não é necessário adiar ou aguardar a disponibilidade de outra pessoa para visitar determinado destino. *“Não quis esperar decidirem ir comigo. Fui na doida [sic], comprei a passagem, senão ia dar pra trás.”*, disse Let (Informação verbal – entrevista 5). A organização de uma viagem individual oferece flexibilidade e autonomia, sem a necessidade de esperar por respostas para aproveitar promoções e ofertas disponíveis.

A análise dos relatos das viajantes revelou uma complexa teia de motivações e experiências que, além de enriquecer a compreensão das viagens solo, reflete aspectos significativos da construção da identidade feminina no contexto contemporâneo. As narrativas destacam que, para muitas mulheres, viajar sozinha transcende a mera exploração de novos destinos; trata-se de um ato de empoderamento e autodescoberta. De acordo com Foucault (2011), o poder é onipresente, logo, na atividade turística ele influencia todos os aspectos do desenvolvimento do turismo. O empoderamento é complexo, englobando dimensões psicológicas, sociais, políticas e econômicas (Scheyvens, 1999). Cada um desses aspectos pode se manifestar de maneiras distintas no contexto turístico.

O empoderamento social está associado à colaboração comunitária, à conexão e à relação com outras pessoas. Também se refere às oportunidades de socialização, especialmente

em relação aos direitos frequentemente limitados das mulheres em diversas sociedades ao longo da história, incluindo o controle da reprodução, igualdade no casamento, liberdade em escolhas matrimoniais, escravidão doméstica, acesso à educação e desenvolvimento pessoal, além de segurança (Scheyvens, 1999). O crescimento da autonomia das mulheres que optam por viajar sozinhas reflete uma busca por liberdade, independência e empoderamento.

As experiências das viajantes mostram que a liberdade de escolha é um elemento central na experiência da viagem solo. Esse aspecto ressoa com a noção de "ações de liberdade" discutida por de Certeau (2014), que sugere que as práticas de consumo e locomoção no espaço urbano podem ser vistas como formas de resistência e de construção da identidade. Ao escolher seu próprio itinerário, as mulheres não apenas exercem autonomia, mas também redefinem o significado de ser mulher em um espaço público frequentemente dominado por normas de gênero.

Adicionalmente, as mulheres relataram que a viagem solo também pode funcionar como um espaço terapêutico, possibilitando uma reflexão profunda sobre si mesmas e suas experiências. Esta ideia encontra apoio na obra de Tuang e Ritchie (2011), que discute a importância da experiência na construção de significados e na busca por autenticidade no turismo. Para muitas viajantes, essa busca por uma experiência autêntica é uma forma de terapia que contribui para o bem-estar mental e emocional. Uma das entrevistadas menciona: “[...] viajar só foi um respiro enorme, todas as mulheres deviam [sic] experimentar” (Informação verbal – entrevista 12).

Entretanto, a análise também revela que essas experiências de empoderamento e liberdade não ocorrem sem desafios. Os relatos de assédio e a falta de infraestrutura adequada destacam a necessidade de um reconhecimento mais profundo das questões de gênero nas políticas públicas de turismo. Isso remete à crítica de Spivak (2010) sobre a invisibilidade dos indivíduos, nesse caso as mulheres, nas narrativas dominantes, sugerindo que a falta de suporte institucional pode perpetuar a vulnerabilidade das mulheres em contextos turísticos. Assim, enquanto as mulheres buscam liberdade e empoderamento, elas também enfrentam realidades que muitas vezes reforçam a dominação masculina e as desigualdades de gênero. Uma entrevistada observa: “foi triste perceber que, mesmo em lugares tão bonitos, a gente ainda tem que se preocupar com segurança, com olhar pra tudo.” (Informação verbal – entrevista 9).

Portanto, a análise qualitativa dos relatos destacou a complexidade das experiências de viagens solo para mulheres, enfatizando tanto os aspectos positivos de empoderamento e liberdade quanto as barreiras persistentes que precisam ser enfrentadas. Esses achados não apenas contribuem para o entendimento das práticas de turismo sob uma perspectiva de gênero,

mas também apontam para a necessidade de uma mudança nas políticas e nas práticas sociais que apoiem efetivamente a autonomia das mulheres viajantes.

As implicações teóricas desse estudo são significativas, visto que, apesar do aumento das viagens solo na indústria do turismo, o entendimento sobre as motivações das mulheres que optam por essa prática ainda é limitado. Os resultados da pesquisa confirmam que valores internos pessoais têm um impacto significativo na motivação para viagens solo, conforme postulado por Teng, Wu e Lee (2023). Além disso, foram identificadas influências diretas desses valores internos sobre a intenção de viajar sozinha, corroborando as afirmações de autores como Woosnam, Mcelroy e Van Winkle (2016), Cavagnaro *et al.* (2021) e Teng, Wu e Lee (2023) e sobre a predição dos valores das viajantes em relação a suas motivações e intenções comportamentais.

Valores internos como autorrealização, realização pessoal, prazer e entusiasmo na vida têm um papel semelhante à emocionalidade no que diz respeito à motivação e à intenção de viajar sozinha (Teng, Wu e Lee, 2023). Essa relação é reforçada pelas contribuições de Li, Cai e Qiu (2016), que destacam a importância dos valores internos na intenção comportamental dos turistas. *“Viajar sozinha me fez ver interesses que nunca tinha pensado. Eu não sabia que gostava tanto de história até ficar horas no museu”* (Informação verbal – entrevista 13), confidenciou Uly. Por outro lado, os resultados indicam que fatores externos não exercem impacto significativo sobre a intenção de viajar sozinha. *“A pressão para seguir o que as pessoas acham que é uma ‘boa viagem’ é meio sem sentido. O que me importa é a experiência que quero ter, não a lista de lugares que esperam que eu visite”*, comentou Helô (Informação verbal – entrevista 18).

A dificuldade de mensurar os efeitos de fatores externos na motivação para viagens solo é atribuída à predominância de emoções subjetivas, como autoconfiança e senso de pertencimento, que estão mais relacionadas a questões internas (Teng, Wu e Lee, 2023). *“O simples ato de sair não é só sobre ir prum [sic] lugar novo, como eu posso dizer? É [sic] mas como um convite pra mim [sic] me desafiar de outras maneiras que eu nem sonhava antes”*, reflete Cassia (Informação verbal – entrevista 25). Além disso, as motivações identificadas para as viagens solo femininas incluem a busca por fuga do cotidiano, relaxamento, relacionamentos e desenvolvimento pessoal, com a fuga do cotidiano sendo o fator mais influente. *“A nossa rotina é sufocante, eu queria um lugar pra simplesmente pensar. O melhor foi poder descobrir os lugares no meu ritmo, sabe? Sem compromisso”*, afirma Gabi (Informação verbal – entrevista 1). Essas motivações, especialmente a busca por liberdade e reflexão pessoal, têm um impacto transformador nas intenções de viagem futuras. *“Eu já viajei bastante, mas depois*

que eu viajei sozinha eu tive mais curiosidade sobre tudo. Hoje em dia é mais uma questão de querer conhecer e aprender... Não só bater foto pro Insta”, conclui Yas (Informação verbal – entrevista 16).

Encerrando este exame das narrativas das viajantes, constata-se que o confronto com o assédio e as adversidades, embora marcante, configura também um percurso de autossuperação. As experiências relatadas revelam como, em meio aos desafios impostos pelas dinâmicas de poder e pelas ameaças à sua liberdade, essas mulheres descobrem na solidão da jornada uma fonte singular de resiliência. Tal processo de empoderamento, longe de ser idealizado ou isento de dificuldades, permite que elas transformem situações de vulnerabilidade em marcos de fortalecimento pessoal e autonomia. A frase que intitula esta seção, *“A solidão é uma dessas circunstâncias que pode se transformar em força”*, foi dita por uma respondente do questionário que infelizmente não pode dar entrevista, mas acabou sendo muito marcante durante uma conversa informal enquanto ela respondia o questionário em São Paulo. A frase sintetiza o espírito dessa experiência: para essas mulheres, viajar sozinha é tanto um ato de resistência contra as estruturas que as restringem quanto uma chance de reinventar o próprio conceito de liberdade.

Retomando ao título (questionamento) proposto nesta seção, à luz das análises realizadas, surge a questão: em que sentido a mulher brasileira ocupa o "primeiro lugar"? A investigação demonstrou que essas mulheres foram frequentemente colocadas em posição de destaque como alvo de preconceitos, estereótipos, assédio, efeitos da colonialidade e da dominação masculina. No entanto, mesmo diante desse cenário desfavorável, elas não ocupam o mesmo lugar prioritário na criação de políticas públicas ou ações governamentais voltadas a mitigar os aspectos negativos do turismo solo internacional.

Para si mesmas, as mulheres brasileiras colocam-se, de fato, em primeiro plano. Suas diversas demonstrações de resiliência diante das adversidades atestam uma capacidade notável de resistência e superação, reafirmando seu protagonismo e força em um contexto marcado por desafios. Essa postura resiliente e autônoma reflete um desejo claro de reescrever suas próprias narrativas: mesmo em meio a obstáculos, elas seguem em frente, construindo espaços de liberdade e autovalorização em suas jornadas solo. Essas trajetórias representam mais do que experiências individuais; tornam-se exemplos que incentivam outras mulheres a buscarem também essa autonomia. As sugestões deixadas por elas ao final da pesquisa têm um propósito unificador: inspirar outras mulheres a alçarem o mesmo voo, orientando-as com suas vivências sobre o que fazer ou evitar em situações similares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de viagem solo emerge como um espaço de emancipação e autoconstrução, onde mulheres brasileiras encontram oportunidades para desafiar as estruturas de dominação masculina que regulam e limitam seu acesso aos espaços públicos. Nesse contexto, a viagem se torna um exercício de independência e fortalecimento da autoestima, embora constantemente marcada pela ameaça de assédio, preconceitos e pela falta de apoio institucional adequado. Essa vivência, longe de ser puramente individual, reflete uma ordem social que impõe limitações estruturais, ao mesmo tempo em que revela a capacidade de agência e resistência das mulheres que ousam ocupar tais espaços. A análise qualitativa dos dados mostrou que a decisão de viajar sozinha para a Europa não é apenas uma busca por lazer, mas também uma forma de autoconhecimento e ressignificação identitária. Esse processo, por sua vez, traz à tona a complexidade das dinâmicas de gênero e poder que permeiam o turismo.

Os objetivos específicos, por sua vez, foram plenamente alcançados por meio de uma estrutura sólida que começou a partir da construção do arcabouço teórico que sustentou a investigação. A análise bibliográfica das produções acadêmicas sobre turismo, dominação de gênero e políticas públicas, fundamentada em bancos de dados da CAPES, foi uma etapa essencial que garantiu uma compreensão abrangente e fundamentada das experiências vivenciadas pelas mulheres em suas viagens. Essa pesquisa não apenas contextualiza as narrativas individuais dentro de um quadro mais amplo de opressão e resistência, mas também destaca a importância de uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimento acadêmico nessa área.

A análise da forma como a dominação masculina molda a percepção de liberdade e autonomia das viajantes brasileiras foi igualmente imprescindível. Essa perspectiva permitiu evidenciar os mecanismos pelos quais normas de gênero influenciam a autopercepção e as interações sociais, contribuindo para um entendimento mais profundo das experiências vividas e as barreiras enfrentadas. Ao investigar as relações de gênero e sua influência na percepção de segurança durante as interações sociais, especialmente no que diz respeito à nacionalidade, este estudo iluminou as intersecções entre gênero e identidade cultural que afetaram a vivência das respondentes e locutoras no turismo.

A proposta de novas abordagens institucionais, por meio de estratégias ou criação de políticas públicas de turismo na reinterpretação das relações de poder de gênero em contextos de viagens solo femininas foi sumariamente importante para a formulação de diretrizes que visem a promoção da igualdade e da segurança. A interseção entre teoria e prática, neste sentido,

se configurou como um vetor essencial para a indicação de medidas mais inclusivas e respeitadas, permitindo que as mulheres não apenas viajem, mas também se apropriem dos espaços que habitam de maneira plena e autêntica. As diretrizes propostas, fundamentadas nos resultados obtidos, buscam oferecer estratégias institucionais capazes de desconstruir estereótipos de gênero e incentivar a formação de um ambiente turístico mais seguro, equitativo e acolhedor para as mulheres que optam por viajar sozinhas. Assim, este objetivo específico foi plenamente alcançado, ao proporcionar uma visão crítica e construtiva das políticas públicas e sugerir ações concretas para transformar a experiência de viagem feminina.

A presença de padrões de assédio e preconceito evidencia uma estrutura de dominação masculina que busca restringir a autonomia feminina. Paradoxalmente, essa estrutura acaba fomentando uma resistência ativa e um processo de empoderamento pessoal. Viajar sozinha para a Europa, assim, não apenas desafia estereótipos de gênero, mas também questiona as limitações impostas por uma sociedade que marginaliza as vozes dessas mulheres. Essa jornada permite-lhes criar novas formas de ocupação do espaço público. A reconstrução identitária, que se desenvolve sob pressões sociais e culturais, reflete um enfrentamento ativo da exotização e da sexualização frequentemente associadas à imagem da mulher brasileira no exterior. Essa exotização, tanto em contextos turísticos quanto sociais, resulta em interações estigmatizantes, nas quais a identidade nacional e de gênero das brasileiras é continuamente negociada e reafirmada.

Adicionalmente, o conceito de "performance de gênero" se apresentou como uma grande estratégia de resistência que permitiu a adaptação e o reposicionamento dessas mulheres diante das imposições da dominação masculina. Essa abordagem oferece uma lente crítica para entender como as viajantes, ao se engajarem em atividades de turismo solo, reformulam suas identidades para responder aos desafios de uma sociedade estruturalmente patriarcal. Ao desempenharem papéis que oscilam entre autossuficiência e autodefesa, essas mulheres expõem a dicotomia entre vulnerabilidade e empoderamento que permeia suas experiências, rompendo, simultaneamente, com as limitações sociais que as reduzem a meros objetos de estereotipagem.

No campo de tensão entre empoderamento e vulnerabilidade, a prática do turismo solo evidencia não apenas a liberdade, mas também as camadas de dominação que ainda permeiam a experiência feminina. Este contraste sublinha a urgência de políticas institucionais e de segurança que promovam igualdade de acesso aos espaços turísticos, assegurando um ambiente de respeito e proteção para todas as mulheres. Ao analisar o turismo sob uma perspectiva interseccional, é possível evidenciar o apagamento das questões de raça e gênero nas estatísticas e práticas turísticas oficiais. O racismo, quando combinado com dinâmicas de gênero, compõe

um panorama de exclusão e marginalização que enfatizam a negação da humanidade e da dignidade de mulheres negras no contexto turístico.

As relações entre experiências de turismo e valor simbólico são frequentemente minadas pela reprodução de estereótipos e pela desumanização de identidades. Nesse sentido, um planejamento turístico que se orienta exclusivamente por métricas econômicas, sublinhando a necessidade de considerar a complexidade social e cultural que define o fenômeno não é e nunca será benéfico para quem pratica e quem depende da atividade. Uma abordagem interdisciplinar que integre questões de gênero, etnia e classe, visando tornar o turismo uma prática inclusiva e dialógica deve ser pensada para elaborar ações governamentais que prestem serviços que respeitem e valorizem a diversidade das experiências e dos sujeitos envolvidos. Essa perspectiva indica que as proteções legais contra situações discriminatórias precisam ser ampliadas para contemplar as interseções de opressões que marcam a experiência de viagem das mulheres brasileiras.

A manutenção de contatos constantes e a formação de redes de apoio durante a viagem solo são medidas que, embora práticas, ressaltam a insuficiência de estratégias individuais frente à persistente dominação masculina. Essas “armaduras simbólicas” refletem a adaptação das mulheres a um espaço público que continua a privilegiar a presença masculina e a limitar o acesso feminino. Analisando essa prática sob uma perspectiva crítica, torna-se evidente que a objetificação das mulheres é apenas uma faceta das restrições impostas à sua mobilidade e segurança. Superar essas barreiras exige um aprofundamento das análises das estruturas patriarcais que regulam as experiências de turismo, promovendo, assim, uma compreensão mais abrangente das barreiras que ainda cerceiam a liberdade e o potencial social das mulheres que optam pelo turismo solo.

As sugestões para melhorar a experiência de mulheres que viajam sozinhas reforçam a importância de redes de apoio e planejamento. A recomendação de "viajar com absolutamente tudo planejado" destaca a necessidade de uma preparação meticulosa como forma de minimizar riscos. Esse planejamento inclui não apenas a organização financeira e logística, mas também a formação de alianças locais e o estabelecimento de contatos prévios no destino, visto como uma estratégia de resistência contra a dominação masculina nos espaços públicos. A ideia de se "cercar de pessoas confiáveis" e criar vínculos no local reflete uma tentativa de ressignificação desses espaços, transformando-os em territórios de resistência em vez de opressão.

A natureza e a extensão da vigilância percebida por mulheres em viagens solo variam consideravelmente, dependendo do local, do momento e de quem as observa. No entanto,

discursos recorrentes moldam esses modos de observação no turismo, construindo esses espaços como ambientes generificados, sexualizados e corpóreos. A imagem estereotipada da mulher que viaja sozinha como alguém sexualmente disponível influencia tanto o “olhar mútuo” quanto a percepção dos residentes locais, além do mais reconhecido “enfoque do visitante”. Essas interações sociais no espaço turístico tornam-se mais complexas em uma sociedade marcada pela liquidez das relações e pela transformação da intimidade, refletindo mudanças nos papéis femininos e um suposto empoderamento social. Assim, para essas mulheres, a vigilância não é tanto uma questão de tecnologia, como em visões foucaultianas, mas sim uma perspectiva humana e de gênero que reforça a sexualização no contexto do turismo.

Embora essa atenção direcionada por visitantes e locais não seja fixa e unidimensional, podendo operar em várias direções, as narrativas das mulheres entrevistadas sugerem que, como turistas solitárias, o foco da observação se inverte, passando do visitante para o residente, subvertendo as relações de poder tradicionais. A atenção dos homens locais frequentemente leva essas mulheres a problematizar sua própria presença nesses espaços turísticos, assumindo que são vistas como sexualmente disponíveis apenas por estarem ali. Tal percepção gera uma forma de auto-regulação, embora algumas mulheres possam resistir a essas observações, experienciando, contudo, uma sensação de vulnerabilidade.

Essas representações do turismo como um espaço hedonista e sexualizado reforçam a posição das mulheres como objetos de observação sexual, tornando esses ambientes contenciosos e desafiadores para aquelas que buscam experiências turísticas distintas. A naturalização do vínculo entre turismo e sexualidade, presente em diversos discursos acadêmicos, contribui para perpetuar e legitimar formas variadas de assédio, frequentemente consideradas permissíveis nesse contexto. A associação tácita entre turismo e comportamento sexualizado, muitas vezes sem contestação, sugere a necessidade de repensar as dinâmicas de observação no turismo, com maior atenção às relações de gênero e poder que moldam a experiência feminina de sexualização e exposição nos espaços turísticos.

O alcance das hipóteses e objetivos delineados neste estudo refletiu não apenas uma busca por compreender as nuances das experiências de mulheres brasileiras em suas viagens solo, mas também uma tentativa de elucidar as complexas relações de poder que caracterizam o turismo contemporâneo. O objetivo geral, que visou investigar criticamente as narrativas dessas mulheres sobre a dominação masculina, revelou-se fundamental para a análise das dinâmicas de liberdade, autonomia e segurança que ditaram suas vivências e narrativas. Ao centrar o foco nas experiências individuais, propõe-se uma reinterpretação das estruturas sociais

que muitas vezes restringem a plena realização do potencial feminino no espaço público. Ainda assim, não se pode esquecer que o universo de respondentes pode não ser suficiente para uma generalização, mas condiz com os resultados de trabalhos com temática semelhante que foram imprescindíveis na construção desta pesquisa.

Desse modo, este estudo não apenas enriquece o campo do conhecimento acadêmico na interface entre turismo e gênero, mas também se estabelece como um instrumento crítico para a reflexão e transformação das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade. A relevância das hipóteses e objetivos formulados reside, portanto, em sua capacidade de suscitar diálogos significativos sobre a emancipação feminina e a reconfiguração das relações de poder. Além disso, busca-se promover uma abordagem de pesquisa mais alinhada à compreensão das dinâmicas de dominação de gênero que atravessam a prática turística, contribuindo para uma análise aprofundada e engajada das experiências das mulheres em diversos contextos dentro do turismo.

Diante deste panorama, a produção acadêmica brasileira sobre turismo como espaço de dominação de gênero é ainda incipiente, mas vem ganhando visibilidade nos últimos anos. Grande parte das pesquisas sobre o tema adota abordagens ocidentais e eurocentradas, refletindo uma colonialidade do saber que perpassa as práticas acadêmicas contemporâneas (Quijano, 2005; Mignolo, 2008). Esse conceito denuncia como as estruturas de poder coloniais ainda influenciam a produção de conhecimento, especialmente no campo do turismo, onde as narrativas sobre as mulheres do Sul Global frequentemente reforçam estereótipos e desigualdades.

Além disso, as produções acadêmicas brasileiras, especialmente no turismo, têm seguido as tendências do Norte Global, negligenciando perspectivas locais e marginalizando saberes originários, como as epistemologias indígenas e afro-brasileiras (Ferreira e Casagrande, 2018; Melo e Soeiro, 2020). Essa dependência do referencial ocidental impede uma análise mais profunda das especificidades culturais e históricas do Brasil, contribuindo para a manutenção de uma visão homogênea e universalista sobre o turismo e gênero. As pesquisas muitas vezes se limitam a tratar o turismo como um fenômeno predominantemente ocidental, ignorando as dinâmicas de gênero e as realidades das populações indígenas e negras.

A questão da interseccionalidade, que considera a sobreposição de opressões de gênero, raça e classe, ainda é pouco abordada nas investigações sobre o turismo brasileiro. Trabalhos recentes, como os de Santos e Sá (2021) e Oliveira e Almeida (2022), abrem espaço para uma análise mais detalhada das experiências das mulheres negras no turismo, questionando a visão homogênea do "turismo feminino". No entanto, ainda persiste uma tendência de tratar as

mulheres como um grupo homogêneo, desconsiderando as variações de classe, etnia e orientação sexual, o que reforça uma lógica colonial no campo do turismo.

A produção acadêmica sobre o turismo e a dominação de gênero no Brasil ainda carece de uma perspectiva crítica e descolonizadora, que leve em consideração as diversidades de experiências das mulheres e as desigualdades estruturais no contexto global e local (Castro, 2019). A colonialidade do saber continua a influenciar as narrativas sobre o turismo, limitando a compreensão de gênero e perpetuando estereótipos e desigualdades. Para superar essas barreiras, é fundamental incorporar epistemologias do Sul e promover a interseccionalidade nas análises, considerando a complexidade das realidades brasileiras.

A busca por alternativas epistêmicas que desafiem as lógicas de dominação do conhecimento científico ocidental é essencial para o avanço de uma análise mais inclusiva e plural do turismo (Castro, 2019). O turismo, como prática cultural e econômica, é um campo onde as relações de poder são visíveis, perpetuando desigualdades de raça, classe e gênero. No entanto, a revisão dessas categorias de análise pode abrir caminho para uma compreensão mais crítica das dinâmicas de exploração e dominação que atravessam o turismo, especialmente no que se refere às mulheres e grupos étnicos marginalizados.

Dito isto, até como uma autocrítica, é preciso incorporar mais da produção acadêmica brasileira sobre turismo e gênero em um movimento de descolonização do saber, com a valorização de saberes locais e a promoção de uma academia mais inclusiva e representativa das diversidades culturais e sociais. A incorporação de perspectivas interseccionais e a crítica às narrativas eurocêtricas contribuirão para a desconstrução das desigualdades históricas e contemporâneas, promovendo uma análise mais justa e aprofundada das dinâmicas de dominação presentes no campo do turismo.

As questões levantadas no início do trabalho foram respondidas de maneira substancial ao longo da análise. Em relação à primeira questão, sobre as formas de dominação de gênero no contexto turístico, observou-se que a experiência de viagem solo das mulheres brasileiras é frequentemente moldada pela presença de estruturas de assédio e preconceito, que funcionam como mecanismos de controle social, restringindo a autonomia feminina. No entanto, essas limitações também servem como um espaço para resistência ativa, onde as mulheres, ao desafiar esses estereótipos, reafirmam sua capacidade de agência. A sexualização da mulher no turismo é um reflexo da dominação masculina que perpassa as interações sociais e é central para a vivência dessas viajantes.

Quanto à segunda questão, que investiga como as mulheres brasileiras performam o gênero para lidar com normas e expectativas, a pesquisa revela que muitas adotam estratégias

de adaptação, muitas vezes alternando entre os papéis de autossuficiência e autodefesa. Esse processo de “performance de gênero” se apresenta como uma forma de resistência, permitindo que as mulheres naveguem nas complexas normas de comportamento impostas pelo contexto social e turístico. Esse comportamento, que varia conforme o ambiente e a experiência individual, demonstra como as mulheres negociam suas identidades dentro das dinâmicas de poder que regulam seus espaços de atuação no turismo.

Por fim, a terceira questão sobre as formas de agência e negociação revela que as mulheres brasileiras, ao se confrontarem com as imposições de gênero, não se limitam a ser apenas vítimas da dominação, mas utilizam a viagem solo como um meio para afirmar sua independência e reconfigurar suas identidades. A negociação das normas e a resistência a estereótipos de gênero se configuram em estratégias de empoderamento, permitindo que as viajantes, apesar das adversidades, revelassem formas de resistência e negociação diante de contextos de dominação de gênero.

Este estudo revela que a viagem solo se apresenta como um campo de tensionamento e reafirmação das dinâmicas de poder que permeiam as experiências de mulheres brasileiras no turismo. A pesquisa aponta para a urgência de uma abordagem interseccional nas discussões sobre turismo e gênero, considerando a pluralidade de vozes e experiências. Além disso, ressalta-se a necessidade de políticas públicas que garantam a segurança e a dignidade das mulheres em suas vivências turísticas, promovendo um ambiente mais igualitário e respeitoso. Assim, ao explorar o espaço do turismo solo, é imperativo que se amplie o debate sobre a masculinidade e a dominação, desafiando as narrativas que ainda perpetuam desigualdades de gênero e reforçam estereótipos prejudiciais.

Que mais mulheres possam ir e vir livres de constrangimentos e com a autonomia de vivenciar plenamente suas jornadas. Esse movimento exige não apenas mudanças estruturais nas políticas e práticas turísticas, mas também um esforço coletivo para desnaturalizar visões limitantes sobre a presença feminina em espaços públicos e turísticos. Que o turismo solo deixe de ser um campo de vigilância e assédio e se transforme em um espaço de liberdade e autoexploração plenas, onde as mulheres possam se afirmar sem medos, redefinindo o significado de pertencimento e segurança em qualquer destino.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ADIE, B. A.; FALK, M.; SAVIOLI, M. Overtourism as a perceived threat to cultural heritage in Europe. **Current Issues in Tourism**, v. 23, n. 14, p. 1737–1741, 2020.
- AEROPORTO BELÉM. **Estudos e Estatísticas**. Disponível em: <https://www.aeroportoebelém.com.br/estudos-e-estatisticas/>. Acesso em: 10 nov 2024.
- AEROPORTO INTERNACIONAL DE SÃO PAULO. **Movimentação aeroportuária**. Disponível em: <https://www.gru.com.br/pt/institucional/informacoes-operacionais/movimentacao-aeroportuaria>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 303–330, 2000.
- AITCHISON, C. Feminist and gender perspective in tourism studies: the social-cultural nexus of critical and cultural theories. **Leisure Studies**, v. 24, n. 3, p. 207-224, 2005.
- AITCHISON, C. Gendered tourist spaces and places: the masculinisation and militarisation of Scotland's heritage. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 45, p. 16–23, 1996.
- AITCHISON, C. The critical and cultural: explaining the divergent paths of leisure studies and tourism studies. **Leisure Studies**, v. 25, n. 4, p. 417-422, 2006.
- AITCHISON, C.; MACLEOD, N.; SHAW, S. **Leisure and tourism landscapes: social and cultural geographies**. London: Routledge, 2000.
- ALBUQUERQUE, M. L. de. **A participação das mulheres no turismo de evento - 8º Fórum Social Mundial da Água, Brasília/DF. 2019. 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) - Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, 2019.**
- ALFONSO, L. P. Embratur: **Formadora de imagens da nação brasileira**. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- ALLEN, P. G. **The sacred hoop: recovering the feminine in American Indian traditions**. Boston: Beacon Press, 1992.
- ALVES, M. C.; NASCIMENTO, A. F.; FREITAS, T. O. A função ideológica da Embratur e seu papel na construção de um mercado de bens e serviços simbólicos: a exploração da imagem da mulher brasileira nos anúncios turísticos institucionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 18, n. 3, p. 63–78, 2018.
- AMORE, A.; FALK, M.; ADIE, B. A. One visitor too many: assessing the degree of overtourism in established European urban destinations. **International Journal of Tourism Cities**, v. 6, n. 1, p. 117–137, 2020.

ANDERSON, J. Formas de la pobreza y estrategias municipales. In: ARRIAGADA, I.; TORRES, C. (Orgs.). **Género y Pobreza**. Nuevas dimensiones. Santiago de Chile: Isis Internacional, 1998.

ANDREWS, H. Feeling at home: embodying Britishness in a Spanish charter tourist resort. **Tourist Studies**, v. 5, n. 3, p. 247–266, 2005.

ANTONIOLI, F. L. A. **Viagens no feminino**: gênero, turismo e transnacionalidade. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2015.943647>.

ARAÚJO, M. Turismo de base comunitária com foco em gênero: estudo de caso na Comunidade Morro Santo Antônio, Município de Itabira-MG. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 34-61, ago. 2016.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Tradução Roberto Raposo. Revisão técnica Adriano Correia- 13 ed. Rio de Janeiro: Forense, [1958] 2020.

ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. **Cadernos Pagu**, n. 63, p. 216-306, 2021.

ATELJEVIC, I.; HARRIS, C.; WILSON, E.; COLLINS, F. Getting “entangled”: reflexivity and the “critical turn” in tourism studies. **Tourism Recreation Research**, v. 30, n. 2, p. 5–18, 2005.

ATELJEVIC, I.; MORGAN, N.; PRITCHARD, A. Editors’ introduction: promoting an academy of hope in tourism enquiry. In: ATELJEVIC, I.; PRITCHARD, A.; MORGAN, N. (Orgs.). **The critical turn in tourism studies**: innovative research methods. Amsterdam: Elsevier, 2007. p. 1-8.

AZEVEDO, D. S. Turismo e comunicação na construção do imaginário Sergipe. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE, 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0511-1.pdf> >. Acesso em: 07 jun. 2024.

BACKETT-MILBURN, K.; McKIE, L. (Orgs.). **Constructing gendered bodies**. Hampshire: Palgrave, 2001.

BARRETTO, M. Visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócioantropológicos. **Revista Turismo em Análise**, v. 15, n.2, 2004, p. 133-149.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: BAUDELAIRE, C. **A modernidade de Baudelaire**. Tradução Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 159-212.

- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BAUM, T.; HAI, N.T.T. Hospitality, tourism, human rights and the impact of Covid-19. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 32, n. 7, p. 2397-2407, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJCHM-03-2020-0242>.
- BAUMAN, S. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BECK, U. **Sociedade de risco: Rumo a uma modernidade**. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BECK, U. Vivir nuestra propia vida en un mundo desbocado: individuación, globalización y política. In: GIDDENS, A.; HUTTON, W. (Orgs.). **El límite**. La vida en el Capitalismo Mundial. Barcelona: Tusquets, 2001.
- BELL, D.; VALENTINE, G. **Consuming geographies: We are where we eat**. London: Routledge, 1997.
- BEM, A. S. **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papirus, 2005.
- BENHABIB, S.; CORNELL, D. (Orgs.). **Feminism as critique: essays on the politics of gender in late-capitalist societies**. Cambridge: Polity, 1987.
- BENJAMIN, W. Paris do Segundo Império. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. **Rayuela**. Madrid: Santillana, 2010.
- BERDAHL, J. Harassment based on sex: protecting social status in the context of gender hierarchy. **Academy of Management Review**, v. 32, p. 641–658, 2007.
- BERDYCHEVSKY, L.; GIBSON, H.; BELL, H. Girlfriend getaways and women's well-being. **Journal of Leisure Research**, v. 45, p. 602–623, 2013.
- BERDYCHEVSKY, L.; GIBSON, H.; PORIA, Y. Women's sexual behavior in tourism: loosening the bridle. **Annals of Tourism Research**, v. 42, p. 65–85, 2014.
- BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BIALESCHKI, M. D.; HICKS, H. "I refuse to live in fear": the influence of violence on women's outdoor recreation activities. In: **LSA CONFERENCE**, Leeds, UK, 1998.
- BIGNAMI, R. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BITTENCOURT, J. S. **Mulher, palavra e poder: construções discursivas do feminino em campanhas eleitorais para a presidência**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

BITTENCOURT, M. P. H. **Jornalismo alternativo para a questão ambiental amazônica**. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2XFV0ST>. Acesso em: 11 jul. 2021.

BLESSA, C. R. B. **Interações afetivo-sexual no contexto do turismo e a vulnerabilidade às DST/AIDS: um estudo em comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa Pós-graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BONAN, C. **Esboço de um modelo analítico para o estudo das intervenções dos movimentos de mulheres contemporâneos no campo da cidadania**. Trabalho realizado em disciplina do curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

BONAN, C. **Política y conocimiento del cuerpo y la estructuración moderna del sistema de género**. Artigo apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho de Género de CLACSO, Encontro temático “Género y diferencia sexual”, Coordenação de Maria Alicia Gutiérrez, Buenos Aires, 2001.

BOND, M. **Women travellers: a new growth market**. Singapore: Pacific Asia Travel Association, 1997.

BORDO, S. **Unbearable Weight: feminism, western culture, and the body**. Berkeley: University of California Press, 1993.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk, 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática** – precedido de três estudos sobre etnologia cabila. Oeiras: Celta, 2002.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2021.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BOURDIEU, P. **The logic of practice**. Trad. Richard Nice. Cambridge: Polity Press, 1990.

BOWMAN, C. G. Street harassment and the informal ghettoization of women. **Harvard Law Review**, v. 106, n. 3, p. 517–580, 1993.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais

cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [2016]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. **Gênero e Autonomia Econômica para as Mulheres**. Caderno de Formação – Brasília: SPM – Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, MMIRDH, 2016.

BRASIL. Ministério da Defesa. Departamento de Controle do Espaço Aéreo. **Relatório de Performance do Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro (SISCEAB) 2022**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://performance.decea.mil.br/storage/performance/uploads/2023/06/Relatorio-de-Performance-ATM-do-SISCEAB-2022.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cartilha de Prevenção aos Assédios Moral e Sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/16102023_Cartilha_de_Preveno_aos_assdios_moral_e_sexual.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos. **Comunidades brasileiras no exterior ano-base 2023**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-sydney/noticias/comunidades-brasileiras-no-externo-ano-base-2023>. Acesso em: 12 out. 2024.

BRECHT, B. **Teatro completo**. Anaya: Espanha, 1996.

BURSZTYN, I. **Políticas públicas de turismo visando a inclusão social**. 2005. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, J. Contingent foundations: Feminism and the question of "Postmodernism". In: BUTLER, J.; SCOTT, J. W. (org.). **Feminists theorize the political**. New York; London: Routledge, 1992. p. 3-21.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. **Theatre Journal**, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988.

BUTLER, J. **The psychic life of power: Theories in Subjection**. Stanford: Stanford University Press, 1997.

CALAFAT, A.; HUGHES, K.; BLAY, N.; BELLIS, M. A.; MENDES, F.; JUAN, M.; *et al.* Sexual harassment among young tourists visiting Mediterranean resorts. **Archives of Sexual Behavior**, v. 42, n. 4, p. 603–613, 2013.

CALHOUN, C. Habitus, field and capital: the question of historical specificity. In: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. (Orgs). **Bourdieu: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, p. 61 – 81, 1993.

CANCELA, C. D.; GUIMARÃES, L. Imigração e presença portuguesa em Belém no século XIX: entre deslocamentos e pertencimentos (Pará-Brasil). **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 59, n. 22-35, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/40992/26322/203734>. Acesso em: 6 nov. 2024.

CARNEIRO, J.; ALLIS, T. Mobilidades, etnografia e turismo: um panorama sobre metodologias etnográficas na literatura. **Etnográfica**, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 259-282, abr. 2024. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612024000100259&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 out. 2024. Epub 18-Abr-2024. <https://doi.org/10.4000/etnografica.15011>.

CARVALHO, C. S. de; FREITAS, G. F. de; RIBEIRO, J. Processos de estereotipia: política, turismo e gênero. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 3, p. e32216, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/32216>. Acesso em: 18 jul. 2024.

CARVALHO, M. S. de. **O impacto social do turismo rural no papel das mulheres campesinas**. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTRO, E. M. R. de. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. In: CASTRO, E. M. R. de; PINTO, R. F. (Orgs.). **Decolonialidade e Sociologia na América Latina**. Belém: NAEA, 2018, p. 25 – 52.

CASTRO, E. M. R. de. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas. In: CASTRO, E. M. R. de. (Org). **Pensamento crítico latino-americano**. São Paulo: Annablume: 2019, p. 35 - 62.

CASTRO, M. Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos. **Revista Estudos Feministas**, vol. 0, nº 0, Rio de Janeiro, 1992, p.57-73.

CASTRO, S. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

CAVAGNARO, E.; STAFFIERI, S.; CARRIERI, A.; BURNS, K.; CHEN, N.; FERMANI, A. Profiling for sustainable tourism: young travellers' self-transcendence values and motivations. **European Journal of Tourism Research**, v. 28, p. 2810, 2021.

CAVALCANTE, A. C. **As Iracemas e os Príncipes do Além-Mar: políticas públicas e a exploração do turismo sexual no Ceará**. 2011. 291 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAMBERS, D. Interrogating the “critical” in critical approaches to tourism research. In: ATELJEVIC, I.; PRICHARD, A.; MORGAN, N. (Orgs.). **The critical turn in tourism studies: innovative research methods**. Amsterdam: Elsevier, 2007. p. 105-119.

CHEDID, Y. D. A. **A subalternização de agentes do Norte Global às mulheres brasileiras em um contexto de turismo: uma análise pós-colonial**. 2020. 57 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração de Empresas) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Empresas, Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CHEDID, Y. D.; HEMAIS, M. W. Subalternização de mulheres brasileiras em contextos de turismo: uma análise pós-colonial com base em Spivak. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. e-2357, 2022.

CHEONG, S.; MILLER, M. L. Power and tourism: A Foucauldian observation. **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 2, p. 371-390, 2000.

CHIANG, C. Y.; JOGARATNAM, G. Why do women travel solo for purposes of leisure? **Journal of Vacation Marketing**, v. 12, n. 1, p. 59–70, 2006.

CLARKE, A. Everybody loves somebody: Significant signs in leisure and tourism. In: BRACKENRIDGE, C. (Ed.). **Body matters**. Eastbourne: Leisure Studies Association, 1993. p. 55–64.

COFFEY, J. **Bodies, body work and gender: exploring a Deleuzian approach**. *Journal of Gender Studies*, v. 22, p. 3–16, 2013.

COHEN, E. Toward a sociology of international tourism. **Social Research**, v. 39, n. 1, p.164-182, 1972.

COHEN, J. Para pensar de nuevo la privacidad: la autonomía, la identidad y la controversia sobre el aborto. **Sexualidad y derechos ciudadanos**. Lima: Flora Tristán, Programas de Estudios de Género, Universidad de San Marcos, Unidad de Postgrado en Ciencias Sociales, 2001.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2008.

COLLINS, P. H. **Toward a new vision: race, class and gender as categories of analysis and connection**. Memphis, Tenn: Center for Research on Women, Dept. of Sociology and Social Work, Memphis State, University, 1989

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

COOK, R.; CUSACK, S. **Gender stereotyping: transnational legal perspectives**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010

COOLE, D. Is class a difference that makes a difference? **Radical Philosophy**, v. 77, p. 17 – 25, 1996.

COOPER, H. **Synthesizing research: A guide for literature reviews**. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

CORREA, S.; PETCHNESKY, R. Los derechos reproductivos y sexuales: una perspectiva feminista. In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. (Orgs.). **Population Policies Reconsidered** (Health, Empowerment and Rights). Boston: Harvard University Press, 1994. Cap. 8.

CORTINA, L. M.; BERDAHL, J. L. Sexual harassment in organizations: A decade of research in review. In: COOPER, C.; BARLING, J. (Orgs.). **The SAGE handbook of organizational behavior**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008. p. 469–497.

CRAIK, J. The culture of tourism. In: ROJEK, C.; URRY, J. (Orgs.). **Touring cultures/transformations of travel and theory**. London: Routledge, 1997. p. 113–137.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum: p. 39–167, 1989.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, n. 1, p. 171- 188, 2002.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, 1991, p. 1241-1299.

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16.

CRESWELL, T.; MERRIMAN, P. **Geographies of mobilities: practices, spaces, subjects**. Farnham and Burlington, VT: Ashgate, 2011.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. SAGE Publications, 2014.

CRESWELL, John W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2017.

CROMPTON, J. Motivation for pleasure vacation. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 4, p.408-424, 1979.

CROUCH, D.; DESFORGES, L. The sensuous in the tourist encounter: introduction: the power of the body in tourist studies. **Tourist Studies**, v. 3, n. 1, p. 5–22, 2003.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

DAVIDSON, D. Agency. In: DAVIDSON, D. **Essays on actions and events: philosophical essays**. v. 1. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2001.

DAVIS, A. Y. **Women, race, and class**. New York: Random House, 1981.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

- DENCKER, A. de F. M. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. 9. ed. São Paulo: Futura, 2007.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (Org.). **Strategies of qualitative inquiry**. Thousand Oaks: SAGE, 1998. 346 p.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **The Sage handbook of qualitative research**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 959–978.
- DESCOLA, P. Beyond Nature and Culture. **Proceedings of the British Academy**, v. 139, p. 137-155, 2006. British Academy.
- DINIZ, D.; FOLTRAN, P. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. **Revista Estudos Feministas**, v. 12(spe), 245–253, 2004
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics**. Brighton: Harvester, 1982.
- DUSSEL, E. **1492 - o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- DUVEEN, G.; DE ROSA, A. S. Social representations and the genesis of social knowledge. In: **Papers on Social Representations**, v. 1, 1992, p 94-108.
- EISENSTEIN, Z. R. Hacia el desarrollo de una teoría de patriarcado capitalista y el feminismo socialista. In: EISENSTEIN, Zillah R. (Org.). **Patriarcado capitalista y feminismo socialista**. Mexico, D.F: Siglo XXI, 1980, p.15-47.
- ENGELS, F. **The origin of the family, private property and the State**. Nova Iorque: International Publishers, 1972 [1884].
- ENLOE, C. **Bananas, beaches and bases: making feminist sense of international politics**. Berkeley: University of California Press, 2014.
- ENLOE, C. On the beach: Sexism and tourism. In: ENLOE, C. (Org.). **Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics**. London: Pandora, 1989. p. 19–41.
- ESCOBAR, A. **Constructing nature: elements for a poststructural political ecology**. In: PEET, R.; WATTS, M. (Orgs.). **Liberation ecologies**. London: Routledge, 1996.
- ESCUADERO, C. Os imigrantes e a cidade de São Paulo: Modos de interação e sociabilidade. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 30, n. 64, 2022, p. 191-208
- ESTEVE SECALL, Rafael. **Turismo, ¿democratización o imperialismo?** Málaga, Espanha: Universidad de Málaga, 1983.
- EUROSTAT. **Eurostat regional yearbook 2016 edition**. 2016. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/3217494/7604195/KS-HA-16-001-EN-N.pdf/76c007e9-6c1d-435a-97f8-e5ea700aa149>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- EWALD, F. **Foucault: a norma e o direito**. Tradução Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1993.

- FAIRCHILD, K.; RUDMAN, L. A. Everyday stranger harassment and women's objectification. **Social Justice Research**, v. 21, n. 3, p. 338–357, 2008.
- FALK, M. T.; HAGSTEN, E.; LIN, X. Domestic tourism demand in the north and the south of Europe in the covid-19 summer of 2020. **The Annals of Regional Science**, v. 69, n. 2, p. 537-553, 2022.
- FALK, M.; HAGSTEN, E. Measuring the impact of the European Capital of Culture programme on overnight stays: evidence for the last two decades. **European Planning Studies**, v. 25, n. 12, p. 2175-2191, 2017. Crossref.
- FANON, F. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARIAS, M. M. P. M. **Mulheres da Praia do Sono: um estudo sobre gênero, turismo e sustentabilidade no litoral sul do Rio de Janeiro**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FELSKI, R. 'Because it's beautiful': new feminist perspectives on beauty. *Feminist Theory*, v. 7, p. 273–282, 2006.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1964.
- FERNANDES, J. F. A.; ARAÚJO, A. P. C. de; RIBEIRO, M. A. A. O Pantanal por elas: o trabalho da mulher pantaneira no turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n. 1, p. 33–45, 2021. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1833>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- FERREIRA, L. R. **A comunicação e o turismo sexual: as garotas do Brasil: um olhar hermenêutico**. 2007. 310 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2007.
- FERREIRA, L. R. Discurso, estereótipo e imaginário: a comunicação e o turismo sexual na convergência das mídias. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Turismo**. Universidade de Caxias do Sul, vol 3. n 3. jul/dez 2011, p. 324 – 336.
- FERREIRA, M. A.; CASAGRANDE L. S. E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**. Curitiba, PR, v.3, n.1, 36, jan./jun. 2018.
- FERREIRA, M. H. **E se o gringo for 'negão'?** 'Raça' e sexualidade no Rio de Janeiro – A experiência dos turistas 'negros' norte-americanos. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- FIGUEIREDO, S. L. Lazer em tempo de crise pandêmica, distanciamentos, o encontro com o outro e com o futuro. In: CHAVES, E., ISAYAMA, H., BAHIA, M. **Os Estudos do Lazer, Ócio e Recreação na Iberoamérica**. No prelo, 2021.

- FIGUEIREDO, S. L. Turismo e pandemia: impactos e estruturação das práticas e políticas no Brasil e estado do Pará. **Paper do NAEA**, v. 1, n. 3, Edição/Série 473 (Dossiê Crise e Pandemia), 2020.
- FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. In: **Novos Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, jun. 2004, p. 155-188.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FLOREK, I. B. **The role of tourism in European Union – selected issues**. *Journal of Modern Science*, v. 38, n. 3, 2018. doi: 10.13166/JMS/95075.
- FOLEY, C. T.; HOLZMAN, C.; WEARING, S. L. Moving beyond conspicuous leisure consumption: Adolescent women, mobile phones and public space. **Leisure Studies**, v. 26, p. 179–192, 2007.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. The subject and power. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 4, p. 777-795, 1982.
- FRASER, N. **Justice interruptus: critical reflections on the ‘postsocialist’ condition**. London and New York: Routledge, 1997.
- FREDERICK, C. J.; SHAW, S. M. Body image as a leisure constraint: Examining the experience of aerobic exercise classes for young women. **Leisure Sciences**, v. 17, p. 57–73, 1995.
- GABRIELLI, C. Análise das diretrizes internacionais sobre Gênero e Turismo e suas ausências nos Planos Nacionais de Turismo do Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. 2310, 2022. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2310>. Acesso em: 20 set. 2024.
- GABRIELLI, C. Intersecções o mercado turístico e o mercado do sexo em Salvador, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v.5, n.2, p.136-156, 2011.
- GABRIELLI, C. P. **Das 'vergonhas' descritas por Caminha, ao turismo sexual: o uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico do Brasil**. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Parceria UESC/UFBA, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2006.

GABRIELLI, C. P. **O paraíso terreal não é cá, é lá: o turismo sexual em Salvador, Bahia.** 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

GALVIN, J. **Writing literature reviews: A guide for students of the social and behavioral sciences.** 5. ed. Glendale: Pyczak, 2012.

GARDNER, C. B. **Passing by: gender and public harassment.** Berkeley: University of California Press, 1995.

GELFAND, M. J.; FITZGERALD, L. F.; DRASGOW, F. The structure of sexual harassment: a confirmatory analysis across cultures and settings. **Journal of Vocational Behavior**, v. 47, p. 164–177, 1995.

GIBSON, H. J. Gender in tourism: Theoretical perspectives. In: APOSTOLOPOULOS, Y.; SONMEZ, S. TIMOTHY, D. (Orgs.) **WOMEN as producers and consumers of tourism in developing regions.** Westport, Connecticut: Praeger, 2001. p. 19-43.

GIBSON, H.; JORDAN, F. Shirley Valentine lives! The experiences of solo women travelers. In: FIFTH CONGRESS OF THE WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION, Sao Paulo, Brazil. **Anais...** 1998, October 26–30.

GIDDENS, A. **Consecuencias de la modernidad.** Madrid: Alianza Editorial, 1993.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Tradução de P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GIDDENS, A. **Profiles and critiques in social theory.** Berkeley: University of California Press, 1982.

GIDDENS, A. **The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration.** Berkeley: University of California Press, 1984.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIL, D. C. **Marketing turismo de eventos: estratégias para a captação.** Brasília: Pórtico, 2000.

GILBERT, D.; GUERRIER, Y.; GUY, J. Sexual harassment issues in the hospitality industry. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 10, n. 2, p. 48–53, 1998.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

GODOY, L.; MAURO, A. Las relaciones de pareja y los cambios en el mercado de trabajo: el punto de vista de los hombres. **Revista de la Academia**, n. 6, Primavera 2001.

GOLDMAN, E. The traffic in women. In: GOLDMAN, E. **Anarchism and other essays.** Second Revised Edition. Nova Iorque & Londres: Mother Earth Publishing Association, 1911, p. 183-200.

GOMES, M. Brasileiras que tiveram malas trocadas por bagagens com droga deixam prisão na Alemanha, diz família. **G1**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2023/04/11/brasileiras-que-tiveram-malas-trocadas-por-bagagens-com-droga-deixam-prisao-na-alemanha-diz-familia.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2024.

GOMES, M. S. **Marketing turístico e violência contra as mulheres: (des)(re)construções do Brasil como paraíso das mulatas**. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GOMES, M. S. O imaginário social “Mulher Brasileira” em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. **Dados**, v. 56, n. 4, 2013, pp.867-900.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, p. 1360-1380, 1973.

GROSZ, E. **Sexual subversion: three french feminists**. Sydney and London: Allen and Unwin, 1989.

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S. A mulher na sociedade de classes: inspirações e impactos internacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, p. e71394, 2021.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, A. A. (org). **Espaço da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000 [1992]. p. 31-49.

GUZMÁN, V. **Las condiciones de género en un mundo global**. Santiago de Chile: CEPAL, 2002. (Serie Mujer y desarrollo).

GUZMÁN, V.; TODARO, R. **Apuntes sobre género en la economía global**. En imprenta, 2001.

GYIMÓTHY, S.; MYKLETUN, R. Play in adventure tourism: The case of Arctic trekking. **Annals of Tourism Research**, v. 31, n. 4, p. 855-878, 2004.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1988.

HALDRUP, M. Laid-back mobilities: second-home holidays in time and space. **Tourism Geographies**, v. 6, p. 434–454, 2004.

HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying Practices**. London: SAGE Publications, 1997.

HARAWAY, D. **Ciencia, cyborgs y mujeres**. La reinvencción de la naturaleza. Manuel Talens. Valencia: Madrid: Ediciones Catedra, 1995.

HARTMANN, H. The unhappy marriage of marxism and feminism: towards a more progressive union. **Capital & Class**, v. 8, 1979, p.1-33.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: S. MICELI (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, p. 183–221, Sumaré, 1999. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/102_653_EstudosdeGeneroNBrazil1.pd. Acesso em: 14 jul. 2024.

HIGGINS-DESBIOLLES, F. The “war over tourism”: challenges to sustainable tourism in the tourism academy after Covid-19. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 29, n. 4, p. 551–569, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1803334>.

HINTZE, H. C. **Espetáculos e invisibilidades do discurso legitimador do turismo**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências) – Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2013.

HIRATA, H. Mulheres brasileiras: relações de classe, de “raça” e de gênero no mundo do trabalho. **Confins**, v 26, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.10754>. Acesso em: 19 jul. 2024.

hooks, B. **Black looks: race and representation**. 2. ed. Routledge, 2014.

hooks, B. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, 1995.

hooks, bell. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End Press, 2000.

HUGHES, K.; BELLIS, M. A.; CALAFAT, A.; BLAY, N.; KOKKEVI, A.; BOYIADJI, G.; *et al.* Substance use, violence and unintentional injury in young holidaymakers visiting Mediterranean destinations. **Journal of Travel Medicine**, v. 18, p. 80–89, 2011.

IBGE. Tabelas – 2023 Turismo. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/turismo/17270-pnad-continua.html?edicao=41131&t=resultados>. Acesso em: 20 nov. 2024.

IRVING, M. A.; LIMA, M. A. G.; MORAES, E. A. Turismos, naturezas e culturas: para se pensar políticas públicas e interdisciplinaridade em pesquisa. In: IRVING, M. A.; CALABRE, L.; BARTHOLO, R.; LIMA, M. A. G.; MORAES, E. A.; EGREJAS, M.; LIMA, D. (Orgs.). **Turismo, natureza e cultura: interdisciplinaridade e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

JAFARI, J. Tourism models: the sociocultural aspects. **Tourism Management**. v. 8, n. 2, 1987, p. 151-159

JAMES, K. I just gotta have my own space!: The bedroom as a leisure site for adolescent girls. **Journal of Leisure Research**, v. 33, p. 71–90, 2001.

JAMES, K. You can feel them looking at you: The experiences of adolescent girls at swimming pools. **Journal of Leisure Research**, v. 32, p. 262–280, 2000.

JESSON, J.; MATHESON, L. **Doing your literature review: Traditional and systematic techniques**. Thousand Oaks: Sage, 2011.

- JONES, A.; AITCHISON, C. C. Triathlon as space for women's technologies of the self. In: AITCHISON, C. C. (Ed.). **Sport and gender identities: Masculinities, femininities and sexualities**. Oxon, UK: Routledge, 2007. p. 53-73.
- JORDAN, F. An occupational hazard? Sex segregation in tourism employment. **Tourism Management**, v. 18, n. 8, p. 525-534, 1997.
- JORDAN, F. Life's a beach and then we diet: discourses of tourism and the 'beach body' in UK women's lifestyle magazines. In: PRITCHARD, A.; ATELJEVIC, I.; MORGAN, N.; HARRIS, C. (Orgs.). **Tourism and gender: embodiment, sensuality and experience**. Wallingford, Oxon: CABI Publishing, 2007. p. 92-106.
- JORDAN, F. Shirley Valentine: where are you in? In: AITCHISON, C.; JORDAN, F. (Orgs.). **Gender, space and identity: leisure, culture and commerce**. Eastbourne, UK: Leisure Studies Association, 1998. p. 69-87.
- JORDAN, F.; AITCHISON, C. Tourism and the sexualisation of the gaze: Solo female tourists' experiences of gendered power, surveillance and embodiment. **Leisure Studies**, v. 27, n. 3, p. 329-349, 2008.
- JORDAN, F.; GIBSON, H. We're not stupid ... but we'll not stay home either: Experiences of solo women travellers. **Tourism Review International**, v. 9, n. 2, p. 195-211, 2005.
- KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- KEMPADOO, K. **Sun, sex and gold: tourism and sex work in the Caribbean**. Oxford & New York: Rowman and Littlefield Publishers, Inc, 1999.
- KEMPADOO, K. Women of color and the global sex trade: transnational feminist perspectives. **Meridians**, v. 1, n. 2, p. 28-51, 2001.
- KHAN, S. Gendered leisure: Are women more constrained in travel for leisure? **Tourismos**, v. 6, n. 1, p. 105-121, 2011.
- KINNAIRD, V.; HALL, D. (Orgs.). **Tourism: A gender analysis**. Chichester: Wiley, 1994.
- KINNAIRD, V.; HALL, D. Understanding tourism processes: a gender-aware framework. **Tourism Management**, v. 17, n. 2, p. 96-102, 1996.
- KOTLER, P.; GERTNER, D. Marca-país: ativo estratégico para alavancar o crescimento. **HSM Management**, São Paulo, ano 8, v. 3, n. 44, maio-jun, 2004, p. 61-65.
- KOWARICK, L. As lutas sociais e a cidade: impasses e desafios. In: KOWARICK, Lúcio. (Ed.). **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1988
- KOZAK, M. Tourist harassment: A marketing perspective. **Annals of Tourism Research**, v. 34, n. 2, p. 384-399, 2007.
- KRAIS, B. Gender and symbolic violence: female oppression in the light of pierre bourdieu's theory of social practice'. In: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. (Orgs.). **Bourdieu: Critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, p. 78 - 156, 1993.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997.

LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

LARA, G. M. P. Brazilians in Europe: three successful stories in the light of French Discourse Analysis. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 16, n. 3, p. 112–136, jul. 2021.

LARRAURI, M. **La sexualidad según Michel Foucault**. Valencia. Tandem, 2000.

LASH, S. Pierre Bourdieu: cultural economy and social change. In: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. (Orgs). **Bourdieu: Critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, p. 193 – 212, 1993.

LENZEN, M.; SUN, Y. Y.; FATURAY, F. *et al.* The carbon footprint of global tourism. **Nature Climate Change**, v. 8, n. 6, p. 522–528, 2018.

LI, M.; CAI, L. A.; QIU, S. A value, affective attitude, and tourist behavioral intention model. **Journal of China Tourism Research**, v. 12, n. 2, p. 179–195, 2016.

LIECHTY, T.; FREEMAN, P. A.; ZABRISKIE, R. B. Body image and beliefs about appearance: Constraints on the leisure of college-age and middle-age women. **Leisure Sciences**, v. 28, p. 311–330, 2006.

LOBATO, F. H. S. **Matando a fome de lazer “lá no meu setor”**: práticas e sociabilidades na periferia de Belém (PA). 2021. 242 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, n. 46, p. 201–218, dez. 2007.

LOURO, G. L. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, D. *et al.* (Org.). **Imagem e diversidade sexual: estudos de homocultura**. Brasília: Nojosa, 2004

LÖW, M. The social construction of space and gender. **European Journal of Women’s Studies**, v. 13, p. 119–133, 2006.

LUGONES, M. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, Bogotá, Colombia, n. 9, p.73-101, 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

LUNARDI, R. **Mudanças nas relações de trabalho e gênero no turismo rural**. 2012. 226 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LUNARDI, R. **Turismo rural**: a contribuição da mulher. 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

LUNARDI, R.; SOUZA, M.; PERURENA, F. O trabalho de homens e mulheres no turismo rural em São José Dos Ausentes: o “leve” e o “pesado”. **Revista Turismo - Visão e Ação**, v. 17, n. 1, p. 179 – 209, 2015.

LUPTON, D. **Food, the body and the self**. London: Sage, 1996.

LYNCH, K. D. Modeling role enactment: linking role theory and social cognition. **Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 37, n. 4, p. 379–399, 2007.

MACCANNELL, D. **El Turista, uma neuva teoria de la clase ociosa**. Barcelona: Ed. Melusina, 2003.

MACHADO, I. **Cárcere Público**: processos de exotização entre imigrante brasileiros no Porto, Portugal. 2003. 256 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

MACHADO, I. J. R. Imigração em Portugal. **Estudos avançados**, v. 20, n. 57, p. 119 – 135, 2006.

MACHI, L.; McEVOY, B. **The literature review**: Six steps to success. 2. ed. Thousand Oaks: Corwin, 2012.

MACMILLAN, R.; NIEROBISZ, A.; WELSH, S. Experiencing the streets: Harassment and perceptions of safety among women. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 37, n. 3, p. 306–322, 2000.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAIA, F. J. F.; FARIAS, M. H. V. de. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. **Interações (Campo Grande)**, v. 21, n. 3, p. 577–596, jul. 2020.

MAIA, S. Sedução e identidade nacional: dançarinas eróticas brasileiras no dançarinas eróticas brasileiras no Queens, Nova York. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 3, 2009, pp. 769-797.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação. **Revista Percursos**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: SADER, E. **Dialética da dependência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARQUES, F. **Em 2023, São Paulo atraiu 4,8 milhões de viagens, movimentando cerca de R\$ 7,2 bilhões na economia estadual**. [Brasília]. Ministério do Turismo, 25 set. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/em-2023-sao-paulo-atraiu-4-8-milhoes-de-viagens-movimentando-cerca-de-r-7-2-bilhoes-na-economia-estadual>. Acesso em 28 set. 2024.

MARQUES-PEREIRA, B. Los derechos reproductivos como derechos ciudadanos. **La ciudadanía al debate**. Ediciones de las Mujeres, n. 25. Santiago de Chile: Isis, Centro de Estudios de la Mujer (CEM), 1997.

MARSHMENT, M. Gender takes a holiday: Representations in holiday brochures. In: SINCLAIR, M. T. (Ed.). **Gender, work and tourism**. London: Routledge, 1997. p. 16–34.

MASON, M. Sample size and saturation in PhD studies using qualitative interviews. **Forum Qualitative Social Research**, v. 11, n. 3, p. 1-19, 2010.

MCCALL, L. Does gender fit? Bourdieu, feminism, and conceptions of social order. **Theory and Society**, v. 21, n. 6, p. 837 – 67, 1992.

MCELROY, J. L.; CARLISLE, K.; TARLOW, P. Tourist harassment: Review of the literature and destination responses. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 1, n. 4, p. 305–314, 2007.

MCNAMARA, K. E.; PRIDEAUX, B. A typology of solo independent women travelers. **International Journal of Tourism Research**, v. 2, n. 3, p. 253-264, 2010.

MCNAY, L. **Gender and agency**: reconfiguring the subject in feminist and social theory. Cambridge: Polity Press, 2000.

MCNAY, L. Gender, habitus and the field: Pierre Bourdieu and the limits of reflexivity. **Theory, Culture & Society**, v. 16, n. 1, p. 95–117, 1999.

MCROBBIE, A. **The aftermath of feminism**: gender, culture and social change. London: Sage Publications, 2009.

MEDEIROS, M das G. L. de. **Turismo afetivo e conjugalidades em Natal**: deslocamentos, família e gênero na contemporaneidade. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MEHTA, A.; BONDI, L. Embodied discourse: on gender and fear of violence. **Gender, Place and Culture**, v. 6, n. 1, p. 67–84, 1999.

MELO, G. P. F. S. de; SOEIRO, I. C de M. A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2020. DOI: 10.18472/cvt.20n2.2020.1764. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1764>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MELO, K. L. P. **Análise das percepções de estudantes, trabalhadores e trabalhadoras acerca da segregação vertical nas empresas de turismo fortalezense**. 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Editorial Gedisa Blackwell Publishing, 2007.

MINASI, S.; MAYER, V.; SANTOS, G. E. de O. Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 16, p. 2494, 2022. DOI: 10.7784/rbtur.v16.2494. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2494>. Acesso em: 2 jun. 2024.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MINISTRY OF SPORT AND TOURISM (MSIT). **Turystyka w strukturach Unii Europejskiej. Programy Unii Europejskiej dotyczące rozwoju turystyki. Przyszłość turystyki w Unii Europejskiej**. Warsaw, Poland, 2009.

MITCHELL, J. A mais longa revolução. **Revista Civilização Brasileira**, v. 3, n. 14, São Paulo, 1967, p.05-41.

MOI, T. Appropriating Bourdieu: feminist theory and Pierre Bourdieu's sociology of culture. **New Literary History**, v. 22, n. 4, 49 - 101, 1991.

MOI, T. **Sexual/textual politics**: feminist literary theory. London and New York: Methuen, 1985.

MOI, T. **Simone de Beauvoir**: the making of an intellectual woman. Oxford: Blackwell, 1994.

MOLINA, S. **El posturismo**: turismo y posmodernidad. México: Tilhas, 2006.

MOLZ, J. G. Performing global geographies: time, space, place and pace in narratives of round-the-world travel. **Tourism Geographies**, v. 12, p. 329–348, 2010.

MONTANER MONTEJANO, J. **Estrutura do mercado turístico**. São Paulo: Roca, 2001.

MORAES, L. A.; QUEIROZ, L. M.; ALVES, C. R.; LIMA, M. R. Ethos literário da mulher brasileira e turismo sexual. **Revista Científica da Faminas**, v. 7, n. 2, 2011, p. 99-114.

MORGAN, L. H. **Ancient Society**. Tucson, Arizona: University of Arizona Press, 1985 [1877].

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTTIER, V. Masculine domination Gender and power in Bourdieu's writings. **Feminist Theory**, v. 3, n. 3, p. 345 – 359, 2002.

MOURA, V. **Mulheres que viajam sozinhas**. [Brasília]: Ministério do Turismo, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/mulheres-que-viajam-sozinhas>. Acesso em 14 set. 2024.

MURGUIALDAY, C. ¿Equidad de género en el turismo? muchas sombras y algunas luces: aproximación a tres experiencias de turismo no convencional. **Colección Praxis**, 3, Foro de Turismo Responsable, 2015.

NASCIMENTO, F. M. **Cineturismo**. São Paulo: Aleph, 2009. (Coleção ABC do Turismo).

NASCIMENTO, L. Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de "quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade" – diz Bolsonaro. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1–30, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i1.1676. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1676>. Acesso em: 23 out. 2024.

NASCIMENTO, P. F. do. **Turismo rural nas montanhas capixabas**: como vivem e trabalham mulheres e homens em um campo em transformação. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero**. Tradução de Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOGUEIRA, V. S. A "**Venda Nova das Imigrantes**": relações de gênero e práticas sociais do agroturismo. 2004. 253 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia em Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

NOONAN, D. S.; RIZZO, I. Economics of cultural tourism: issues and perspectives. **Journal of Cultural Economics**, v. 41, p. 95-107, 2017.

OAKLEY, A. A brief history of gender. In: OAKLEY, A.; MITCHELL, J. (Orgs). **Who's afraid of feminism?** Seeing through the Backlash. London: Penguin, p. 29–55, 1997.

OIWA, A. **Contribuições do artesanato para o turismo regional e desenvolvimento local**: atividades das mulheres do Alto do Moura, Brasil e Hakata, Japão. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, 2017.

OLIVEIRA, N. A. de; SILVA, P. T. da; ALMEIDA, H. de J. Mulheres negras viajantes: experiências e relatos de um grupo de Facebook. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 22, n. 1, 2022

OLIVEIRA, N. A. de; SILVA, P. T. da; GABRIEL, K. C. Gênero, trabalho e turismo: uma revisão integrativa da literatura em dissertações e teses defendidas em programas de pós-

graduação da área do Turismo no Brasil. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 11, n. 1, p. 77-103, 2023.

OLIVEIRA, P. M. **Migração e Colonialidade**: Pensando o imigrante brasileiro em Londres. *Revista Eixo*, Brasília - DF, v. 5, n. 2, 2016.

OLIVIERI, A. C.; VILLA, M. A. **A carta do achamento do Brasil**. São Paulo: Callis, 1999.

OLLHOFF, J. **How to write a literature review**. Farmington, MN: Sparrow Media Group, 2011.

OYĒWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. wanderson flor do nascimento. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021

PAN, M. **Preparing literature reviews**: Qualitative and quantitative approaches. 3. ed. Los Angeles: Pyrczak, 2014.

PANOSSO NETTO, A; NOGUERO, A. F. T. JÄGER, M. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. **Turismo em análise**. v. 22, n. 3, p. 539- 560, 2011.

PAOLI, M. C. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: LOPES, J. S. Leite (Org.). **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ; São Paulo: Marco Zero, 1987

PAOLI, M. C; SADER, É. Sobre “classes populares” no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, R. (Org.). **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PARAIZO, A. L. B. **Análise da marca “Brasil” à luz dos conceitos de país de origem e de país como marca**. Dissertação (Mestrado profissionalizante em administração), Ibmec, Rio de Janeiro, 2007.

PARLAMENTO EUROPEU. **Resolução do Parlamento Europeu, de 27 de setembro de 2011, sobre a Europa, primeiro destino turístico do mundo – novo quadro político para o turismo europeu**. Resolução nº 2010/2206(INI), 27 set. 2011. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A52011IP0394>. Acesso em: 28 nov. 2024.

PEET, R.; WATTS, M. (Orgs.). **Liberation ecologies**. London: Routledge, 1996.

PEREIRA, A.; SILVA, C. Women Solo Travellers: Motivations and Experiences. **Millenium**, v. 2, n. 6, p. 99-106, 2018.

PÉREZ-NEBRA, A.R.; ROSA, C.J. As Novas Estratégias de Promoção do Brasil no Exterior: estudo de caso. **Turismo em Análise**. v.19, n.3, 2008.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, M. **Os excluídos da História** – operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf. Acesso em 12 set de 2024.

PISCITELLI, A. **Exotismos?** Gênero, corporalidade e nacionalidade na inserção de brasileiras na indústria do sexo na Espanha. Projeto de Pesquisa para Estágio Pós-Doutoral de Pesquisa apresentado à Fapesp. 2006.

PISCITELLI, A. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do turismo sexual internacional. **Revista Estudos Femininos**, v. 15, n. 03, p. 717-744, 2008. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2023.

PISCITELLI, A. Sexo tropical: comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira. In: **Cadernos PAGU**, n. 6/7, Raça e Gênero. Campinas: UNICAMP, 1996.

PISCITELLI, A. Shifting boundaries: Sex and money in the north-east of Brazil. **Sexualities**, v. 10, n. 4, p. 489–500, 2007.

PISCITELLI, A. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 281–326, jul. 2005.

PONTES, L. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. **Cadernos Pagu**, v. 23, p. 229-256, 2004.

PRAVAZ, N. Imagining Brazil: seduction, samba, and the Mulatas body. **Canadian Women Studies: National Identity and Gender Politics**, v. 20, n. 2, p. 48–55, 2000.

PRITCHARD, A. Tourism and representation: A scale for measuring gendered portrayals. **Leisure Studies**, v. 20, n. 1, p. 79–94, 2001.

PRITCHARD, A.; MORGAN, N. J. Constructing tourism landscapes: Gender, sexuality and space. **Tourism Geographies**, v. 2, n. 2, p. 115–139, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-Systems Research**, v. 11, n. 2, p. 11-29, 2000b.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. **Colonialidad del saber, eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO-UNESCO, 2000a. p. 201-246.

QUIJANO, A. Colonialidad, modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-29, 1991.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

RAM, Y.; TRIBE, J.; BIRAN, A. Sexual harassment: Overlooked and under-researched. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 28, n. 10, p. 2110–2131, 2016.

REAY, D. Feminist theory, habitus, and social class: disrupting notions of classlessness. **Women's Studies International Forum**, v. 20, n. 2, p. 225–233, 1997.

REIS, C. U. F. **O trabalho de cozinheiras, cozinheiros e chefs em cozinhas profissionais: reflexões a partir da perspectiva de gênero**. 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

REISINGER, Y.; MAVONDO, F. Travel anxiety and intentions to travel internationally: Implications of travel risk perception. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 3, p. 212–225, 2005.

RIBEIRO, F. B.; SACRAMENTO, O. Imagens, erotismo e culturas “on the road”: perspectivas sobre o Brasil como destino turístico. **Configurações [Online]**, v. 5/6, 2009. Disponível em: <<http://configuracoes.revues.org/472>>. Acesso em: 19 mai 2024.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: GELP, B. C.; GELP, A. (Orgs.). **Adrienne Rich's Poetry and Prose**. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

RICHARDS, G. Gastronomy: An essential ingredient in tourism production and consumption? In: HJALAGER, A.; RICHARDS, G. (Orgs.). **Tourism and Gastronomy**. London: Routledge, 2002. p. 3–20.

RICHTER, L. K. Exploring the political role of gender in tourism research. In: THEOBOLD, W. (Ed.). **Global tourism: The next decade**. Oxford: Butterworth Heinemann, 1994. p. 146–158.

RICHTER, L. K. Gender and race: Neglected variables in tourism research. In: BUTLER, R.; PEARCE, D. (Orgs.). **Change in tourism: People, places, processes**. London: Routledge, 1995. p. 71–91.

RIDLEY, Diana. **The Literature Review: A Step-by-Step Guide for Students**. 2. ed. London: SAGE Publications, 2012.

ROBERTSON, R. **Globalização: teoria social e cultura global**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

ROCHA, A. S. B. DA S. **Tramas imagéticas e simbólicas: cinema e atratividade dos lugares**. 2012. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade do Porto, Portugal, 2012. Disponível em: <URL>. Acesso em: 25 out. 2024.

RODRIGUES, B. V. B. **Comida e turismo: o papel da mulher na produção de comidas típicas em pontos turísticos de Belém do Pará**. 2019. 81 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo. - Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, 2019.

ROJEK, Chris e URRY, John. Transformations of travel and theory. In: C. Rojek e J. Urry (org.), **Touring cultures: transformations of travel and theory**. Londres: Routledge, 1997, 1-19.

ROSA, P. **Em 2023, 97% das viagens dos brasileiros foram para destinos nacionais, movimentando R\$ 20 bi na economia**. [Brasília]: Ministério do Turismo, 13 set. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/mulheres-que-viajam-sozinhas>. Acesso em 19 set. 2024.

ROWBOTHAM, S. Caro Dr. Marx: carta de uma feminista socialista. **Cadernos Pagu**, n. 32, jan.-jun. 2009 [1973], p.159-182.

RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: VANCE, C. (Org.). **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. London: Pandora, 1984.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, A.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher**, 2000. p. 15-38.

SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In: BRUSCHINI, C.; COSTA, A. O. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.183-215.

SAID, E. **Orientalism**. London: Penguin Books, 2003.

SANTOS, D. B. M. dos; FRANCISCO, C. N. P.; GUERRA, J. R. F. A representação da mulher no turismo brasileiro: uma abordagem discursiva atual (2019-2020). **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 1, p. 141–161, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v32i1p141-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/176993>. Acesso em: 23 out. 2024.

SANTOS, I. S. **Análise das características dos trabalhadores e do diferencial de salários, por gênero, no setor de turismo da região nordeste do Brasil no ano de 2015**. 2018. 85 f. Dissertação (Mestrado em Economia Regional e Políticas Públicas) – Programa de pós-Graduação em Economia Regional e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

SANTOS, J. dos; SÁ, N. S. C. de. A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo: The black woman traveler: experiences and strategies to combat their (in)visibility in tourism. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 252–269, 2021. DOI: 10.21680/2357-8211.2021v9n2ID23584. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/23584>. Acesso em: 2 set. 2024.

SANTOS, N.; GAMA, A. **Lazer: Da libertação do tempo à conquista das práticas**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2008.

SARDENBERG, C. A igualdade racial na perspectiva da interseccionalidade de gênero, raça e etnia. In: COSTA, A. A.; TEIXEIRA, A.; Vanin, I. (Orgs.). **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: NEIM,UFBa, 2011, p.75-88

SARDENBERG, C. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 56–96, 2015. DOI: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p56. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24125>. Acesso em: 14 out. 2024.

SARDENBERG, C. Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista. **Revista Mora**, vol. 20, 2014, p. 30-60

SASSEN, S. **Globalization and its discontents**. New York: The New Press, 1988.

SASSEN, S. Women's burden: counter-geographies of globalization and the feminization of survival. **Journal of International Affairs**, v. 53, n. 2, p. 503, 2000.

SCHEYVENS, R. Ecoturismo e empoderamento das comunidades locais. **Gestão de Turismo**, v. 20, p. 245-249, 1999.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Florianópolis: EDUSC, 2001.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053–1075, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1864376>.

SEBRAE. **Agência Sebrae**, 2024. Turismo de Experiência já é a maior motivação para praticamente 9 em cada 10 viajantes brasileiros. Acesso em: 25 set. 2024.

SEN, A. **Development as freedom**. Oxford University Press, 1999.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SEOW, D.; BROWN, L. The solo female Asian tourist. **Current Issues in Tourism**, v. 21, n. 10, p. 1187–1206, 2018.

SHEFFIELD, Carole J. “Sexual terrorism”. In: FREEMAN, Jo. (Ed.). **Women: a feminist perspective**. 3. ed. Mountain View: Mayfield Publishing Company, 1984.

SHILLING, C. **The body and social theory**. London: Sage, 2003.

SILVA, C.; ABRANTES, J.; LAGES, C. Push motivations for tourism mountain destinations. In: FYALL, A.; KOZAK, M.; ANDREU, L.; GNOTH, J.; SIBILA, S. (Orgs.). **Marketing Innovations for Sustainable Destinations**. Oxford: Goodfellow Publishers, 2009.

SILVA, F. L.; MELO, N. J.; GUERRA, A. D. Sexual exploration and tourism: discussions, causes, effects and combative measures. **Scientific Electronic Archives**, v. 17, n 3, p. 1 – 9, 2024

SILVA, J. M da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito**. TICS/COMPÓS/Unisinos, 2003. Disponível em: <<https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/222.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

SILVA, L. A. C. **Prostituição e (des)construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Atalaia – SE**. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

SILVA-MELO, M. R.; JESUS, D. L N de. Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades no cenário turístico de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.21680/2357-8211.2018v6n1ID12375. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/12375>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SIMMEL, G. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal, In: MORAES FILHO, E. (Org.), **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo, Ática, 1983. p. 165-181.

SKEGGS, B. **Formations of class and gender**. London: Sage, 1997.

SMALL, J.; HARRIS, C.; WILSON, E. A critical discourse analysis of in-flight magazine advertisements: The ‘social sorting’ of airline travellers? **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 6, p. 17–38, 2008.

SOLOMON, R. **Emotions in Sian thought**. Albany: State University of New York Press, 1995.

SPADE, J. Z.; VALENTINE, C. G. (Orgs.). **The kaleidoscope of gender**. Thousand Oaks, California: Pine Forge Press; Londres: Sage Publications, 2nd ed., 2008.

SPEZIA, A. **Assédio moral contra mulheres: um estudo sobre as ações afirmativas para sua prevenção à luz dos fundamentos da Política Nacional de Turismo**. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1990. 267 p.

SU, C. P.; WU, T. C. The dark side of solo female travel: negative encounters with male strangers. **Leisure Sciences**, v. 42, n. 3–4, p. 375–392, 2020.

SUÁREZ, L. P. V.; BARQUÍN, R. S.; JIMÉNEZ, G. C.; ALFONSO, M. J. P. Teorías y métodos en la investigación sobre turismo, género y mujeres en Iberoamérica: un análisis bibliográfico. **Cuadernos de Turismo**, n. 38, p. 485-501, 2016.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44–64, jan. 2016.

TENG, Y. M.; WU, K. S.; LEE, Y. C. Do personal values and motivation affect women’s solo travel intentions in Taiwan? **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 10, n. 8, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-022-01499-5>. Acesso em: 16 set. 2024.

TERRELL, S. R. **Writing a proposal for your dissertation**. New York/London: The Guilford Press, 2016.

THOMAS, M. What happens in Tenerife stays in Tenerife: Understanding women's sexual behavior on holiday. **Culture, Health & Sexuality**, v. 7, n. 6, p. 571–584, 2005.

THOMPSON, D. M. The woman in the street: Reclaiming the public space from sexual harassment. **Yale Journal of Law and Feminism**, v. 6, n. 2, p. 313–348, 1994.

THOMPSON, E. **The making of the English working class**. Harmondsworth: Penguin, 3a. ed., 1980.

TRIBE, J. Critical tourism: rules and resistance. In: ATELJEVIC, I.; PRICHARD, A.; MORGAN, N. (Orgs.). **The critical turn in tourism studies: innovative research methods**. Amsterdam: Elsevier, 2007. p. 29-39.

TRINDADE, T. C da S. "**Dando um banho de carinho!**": os caça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa-RN). 2009. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUANG, V. W. S.; RITCHIE, J. R. B. Exploring the essence of memorable tourism experiences. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 4, p. 1367-1386, 2011.

United Nations World Tourism Organization - UNWTO. **Annual Report 2016**. Disponível em: http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/annual_report_2016_web_0.pdf. Acesso em: 17 jun. 2018. ISBN 9789284418718.

United Nations World Tourism Organization - UNWTO. **Briefing Note Tourism and Covid-19: issue 1 – how are countries supporting tourism recovery?** Madri: UNWTO, junho de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18111/9789284421893>

United Nations World Tourism Organization - UNWTO. **Global report on women in tourism: Second edition**. 2020. Disponível em: <https://www.unwto.org/publication/global-report-women-tourism-2-edition>. Acesso em: 16 jul. 2024

United Nations World Tourism Organization - UNWTO. **World Tourism Barometer**. Volume 22, Issue 1. 2024. Disponível em: https://webunwto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/s3fs-public/2024-01/UNWTO_Barom24_01_January_Excerpt.pdf?VersionId=IWu1BaPwtlJt66kRIw9WxM9L.y7h5.d1. Acesso em: 16 out. 2024

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001

URRY, J.; LARSEN, J. **O olhar do turista 3.0**. Tradução de Leonardo Abramowicz. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

UZZELL, D. An alternative structuralist approach to the psychology of tourism marketing. **Annals of Tourism Research**, v. 11, n. 1, p. 79–99, 1984.

VALENTINE, G. The geography of women's fear. **Area**, v. 21, n. 4, p. 385–390, 1989.

VARGAS, V. Ciudadanías globales y sociedades civiles. Pistas para el análisis. **Nueva Sociedad**, n. 187, 2001, p. 99-113

VIANA, J. M. M. R. **Mulheres no turismo de base comunitária em áreas protegidas: uma análise sobre suas atuações na Amazônia Paraense**. 2023. 447 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2023.

WACQUANT, L. Bourdieu in America: notes on the transatlantic importation of social theory. In: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. (Orgs). **Bourdieu: Critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, p. 35–62, 1993.

WAGNER, R. **Sociología de la modernidad: libertad y disciplina**. Barcelona: Editorial Herder, 1997.

WAHAB, S. E. A. **Introdução à administração do turismo: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional** - teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

WALBY, S. **Gender transformations**. London: Routledge, 2004.

WEARING, B. **Leisure and feminist theory**. London: Sage, 1998.

WEARING, B.; WEARING, S. Refocusing the tourist experience: the flâneur and the choraster. **Leisure Studies**, v. 15, p. 229–243, 1996.

WEARING, S.; SMALL, J.; FOLEY, C. Gender and the body in leisure and tourism. In: MANSFIELD, L.; CAUDWELL, J.; WHEATON, B.; WATSON, B. (Orgs.). **The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

WESSELMANN, E.; KELLY, J. Cat-calls and culpability: Investigating the frequency and functions of stranger harassment. **Sex Roles**, v. 63, n. 7-8, p. 451–462, 2010.

WHITFORD, M. **Luce Irigaray: philosophy in the feminine**. London and New York: Routledge, 1991.

WILLIAMS, E. L. **Sex tourism in Bahia: ambiguous entanglements**. Urbana, Chicago and Springfield, IL: University of Illinois Press, 2013.

WILSON E.; LITTLE D. E. The solo female travel experience: exploring the 'geography of women's fear'. **Current Issues in Tourism**, v. 11, n. 2, pp.167– 186, 2008.

WILSON, E.; HARRIS, C. Meaningful travel: Women, independent travel and the search for self and meaning. **Tourism (Zagreb)**, v. 54, n. 2, p. 161–172, 2006.

WILSON, E.; LITTLE, D. E. A 'relative escape'? The impact of constraints on women who travel solo. **Tourism Review International**, v. 9, n. 2, p. 155–175, 2005.

WOOSNAM, K. M.; MCELROY, K. E.; VAN WINKLE, C. M. Using values to predict tourist motivation: an application to special events in cultural tourism at the Winnipeg Fringe Theatre Festival. **Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally**, n. 71, 2016. Disponível em: https://scholarworks.umass.edu/ttra/2007/Presented_Papers/71. Acesso em: 16 set. 2024.

World Travel e Tourism Council. **WTTC.Travel & Tourism Economic Impact World 2017**. Disponível em: <https://www.wttc.org/-/media/files/reports/economic-impact-research/regions-2017/world2017.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

XAVIER, N. M. P. **A baiana-de-acarajé como símbolo identitário da Bahia e sua apropriação pelo turismo**. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Parceria UESC/UFBA. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2007.

YANG, E. C. L.; KHOO-LATTIMORE, C.; ARCODIA, C. A narrative review of Asian female travellers: Looking into the future through the past. **Current Issues in Tourism**, v. 20, n. 10, p. 1008–1027, 2017.

YANG, E. C. L.; KHOO-LATTIMORE, C.; ARCODIA, C. Power and empowerment: How Asian solo female travellers perceive and negotiate risks. **Tourism Management**, v. 68, p. 32–45, 2018.

YANG, R.; TUNG, V. W. S. How does family influence the travel constraints of solo travellers? Construct specification and scale development. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 35, n. 4, p. 507–516, 2018.

YARNAL, C. M.; HUTCHINSON, S.; CHOW, H. W. I could probably run a marathon right now: embodiment, space, and young women's leisure experience. **Leisure Sciences**, v. 28, p. 133–161, 2006.

YIN, R. K. **Case study research: Design and methods**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2013.

YOUNG, I. M. **Throwing like a girl and other essays in feminist philosophy and social theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1990a.

YOUNG, I.M. **Justice and the politics of difference**. Princeton: Princeton University Press, 1990b.

ZEA, L. **Discurso desde a marginalização e a barbárie**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ZIEBA, M. Global trade in cultural tourism services. In: CAMERON, S. (Ed.). **A Research Agenda for Cultural Economics**. Cheltenham, UK: Elgar, 2020.

Referências das entrevistas.

ANA. **Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais**. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 27), Belém, 15 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 15 seg.).

BIA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 8), Belém, 20 agosto 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 45 seg.).

CAMI. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 3), Belém, 3 julho 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 43 seg.).

CÁSSIA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 25), Belém, 14 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 41 seg.).

DANI. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 17), Belém, 7 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (12 min. 35 seg.).

ELLY. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 14), Belém, 1 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 49 seg.).

FÊ. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 2), Belém, 25 junho 2024. 1 gravação de áudio MP3 (16 min. 05 seg.).

GABI. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 1), Belém, 12 junho 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 12 seg.).

HELÔ. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 18), Belém, 9 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 10 seg.).

JÔ. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 26), Belém, 15 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 44 seg.).

JU. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 6), Belém, 5 agosto 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 50 seg.).

KÁ. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 7), Belém, 12 agosto 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 21 seg.).

LET. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 24), Belém, 14 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (13 min. 29 seg.).

LÚCIA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 15), Belém, 3 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 55 seg.).

MARI. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 19), Belém, 10 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 47 seg.).

NAT. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 9), Belém, 30 agosto 2024. 1 gravação de áudio MP3 (14 min. 20 seg.).

PAT. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 23), Belém, 13 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 57 seg.).

QUÊNIA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 20), Belém, 11 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 19 seg.).

RENATA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 12), Belém, 24 setembro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (15 min. 09 seg.).

SÍLVIA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 22), Belém, 13 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (12 min. 14 seg.).

SIMARA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 10), Belém, 10 setembro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 32 seg.).

TATI. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 11), Belém, 18 setembro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (12 min. 13 seg.).

ULY. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 13), Belém, 30 setembro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (8 min. 01 seg.).

VAN. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 21), Belém, 12 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (7 min. 59 seg.).

WÁ. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 4), Belém, 17 julho 2024. 1 gravação de áudio MP3 (7 min. 58 seg.).

YAS. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 16), Belém, 5 outubro 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 25 seg.).

ZÉLIA. Narrativas de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa: percepções de gênero, nacionalidade e interações culturais. [Entrevista cedida a] Jamyle Cristine Abreu Aires. (Entrevista 5), Belém, 29 julho 2024. 1 gravação de áudio MP3 (9 min. 35 seg.).

APÊNDICE A – DESENHO DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO.

ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3	ETAPA 4
OBJETO DE ESTUDO	OBJETIVOS DE ESTUDO	HIPÓTESES	METODOLOGIA
<p><i>Delimitação do Objeto</i> Experiência de mulheres brasileiras em viagens solo para a Europa.</p>	<p><i>Objetivo Geral</i> Investigar criticamente as narrativas de mulheres brasileiras sobre a dominação masculina, analisando como suas experiências de viagem solo moldam sua compreensão de liberdade, autonomia e segurança.</p>	<p>a) A dominação de gênero exerce uma influência direta nas percepções de capacidade de agência das mulheres brasileiras que viajam sozinhas pela Europa, manifestando-se nas experiências de liberdade e autonomia.</p>	<p><i>Método de Interpretação e análise</i> Análise crítica</p>
<p><i>Questão</i> Como as dinâmicas de dominação de gênero no turismo moldam a performatividade de gênero e ampliam ou restringem a percepção de agência de mulheres brasileiras em viagens solo na Europa?</p>	<p><i>Objetivos Específicos</i></p> <ul style="list-style-type: none"> •• Analisar como a dominação masculina molda a percepção de liberdade e autonomia das mulheres brasileiras em viagens solo pela Europa. • Investigar como as relações de gênero afetam a percepção de segurança nas interações sociais de brasileiras em viagens solo, com ênfase em questões relacionadas à percepção de nacionalidade. • Propor, com base nos resultados, diretrizes para estratégias institucionais que contribuam para a reinterpretção das relações de poder de gênero em contextos de viagens solo femininas. 	<p>b) As experiências de viagem solo vivenciadas por mulheres brasileiras na Europa são moldadas por relações de gênero que impactam negativamente sua segurança e acesso a serviços, refletindo a dominação masculina no turismo.</p> <p>c) As narrativas de mulheres brasileiras sobre suas experiências de viagem solo na Europa revelam como a dominação masculina afeta sua capacidade de agência, influenciando suas percepções de liberdade e segurança durante as jornadas.</p>	<p><i>Método de Investigação ou de Pesquisa</i></p> <p>a) Revisão bibliográfica teórico-conceitual sobre relações de gênero e dominação masculina.</p> <p>b) Revisão bibliográfica sobre turismo como campo de dominação.</p> <p>c) Coleta de dados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas documentando as percepções das participantes sobre suas viagens.</p> <p>d) Levantamento e análise de questionários, entrevistas e materiais que abordem as narrativas das viajantes sobre autonomia e dominação masculina em contextos de viagem solo.</p>

APÊNDICE B – ESQUEMA METODOLÓGICO DA PESQUISA I

MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE ABORDAGEM		
ABORDAGEM	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	TEORIAS COMPLEMENTARES
<p><i>Método de Interpretação e Análise</i></p> <p>Análise crítica.</p>	<p><i>Teoria e Autores</i></p> <p>Relações de gênero (Bordo, 1993; Beauvoir, 2014; Saffiotti, 2013, Sardenberg, 2015) dominação masculina (Bourdieu, 2019; hooks, 1981; Butler, 1990; Giddens, 1982; etc.)</p>	<p><i>Teoria e Autores</i></p> <p>sexualização do turismo (Enloe, 1989; Pritchard e Morgan, 2000b; Piscitelli, 2006; etc.)</p> <p>gênero, turismo e imaginário (Wearing e Wearing, 1996; Pritchard e Morgan, 2000; Jordan e Aitchison, 2008; Wilson e Little, 2005; etc.)</p>
<p><i>Fundamentos e Componentes Analíticos</i></p> <p>Dinâmica do turismo e vida social; dinâmicas de gênero no turismo; estereótipos e sexualização no turismo; impacto da dominação masculina nas experiências de viagem.</p>	<p><i>Conceitos, Categorias e Definições</i></p> <p>Relações de gênero; Dominação masculina</p>	<p><i>Conceitos, Categorias e Definições</i></p> <p>Turismo sexual; Imagem da mulher no turismo; Autonomia feminina; Experiências de viagem solo</p>

APÊNDICE C – ESQUEMA METODOLÓGICO DA PESQUISA II

MODELO EMPÍRICO-TÉCNICO DE AÇÃO		
NATUREZA DA PESQUISA	MÉTODOS DE COLETA DE DADOS	DADOS E FONTES
	<i>Técnicas de Investigação</i>	<i>Natureza e identificação</i>
<p><i>Tipo de Pesquisa</i></p> <p>Qualitativa</p>	<p>I.Revisão bibliográfica</p> <p>I.Entrevistas semiestruturadas</p> <p>III.Questionários</p> <p>IV.Pesquisa documental</p> <p>V.Análise crítica</p>	<p>I.Identificação das abordagens teóricas e conceituais sobre subjetivação de gênero e turismo solo. Exploração de literatura publicada para embasamento teórico.</p> <p>II.Técnica qualitativa para coleta de dados por meio de perguntas abertas e flexíveis, permitindo exploração das experiências das participantes em profundidade.</p> <p>III.Coleta de dados qualitativos com perguntas fechadas, abertas, de múltipla escolha, escala e sim/não, focando em experiências e percepções das participantes.</p> <p>IV.Análise de documentos oficiais e políticas públicas relacionadas ao tema, validando as informações coletadas em outras fontes.</p> <p>V.Análise dos dados com base em categorias teóricas estabelecidas, problematizando as dinâmicas de poder e dominação de gênero, e destacando padrões que revelem a influência da dominação masculina.</p>

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA TESTE



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TRÓPICO ÚMIDO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - TESTE

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA		
Entrevista nº:	Data:	Modalidade da Entrevista:
Horário de Início:		Horário de Término:
Autorização para Gravação: () Sim () Não		Tempo Total De Gravação:

IDENTIFICAÇÃO E DADOS PESSOAIS DA ENTREVISTADA	
Nome:	
Idade:	Profissão:
Estado Civil:	Renda Mensal:
Raça/Cor:	Local De Residência (Cidade/Estado):

1. Quais são os países da Europa que você já teve a oportunidade de visitar? Qual foi o critério utilizado para a escolha do(s) destino(s)?
2. Como sua experiência de viagem influenciou sua percepção de si mesma como mulher brasileira.
3. Qual foi a reação dos locais ao descobrirem que você era brasileira? Houve alguma alteração perceptível no comportamento deles?
4. Durante a sua estadia, em algum momento você precisou revelar a sua nacionalidade brasileira? Qual foi o motivo para essa necessidade?
5. Qual foi a reação dos locais ao descobrirem que você era brasileira? Houve alguma alteração perceptível no comportamento deles?
6. Você fez amigos ou conheceu outras pessoas durante a viagem? Como essas interações afetaram sua experiência?
7. Você enfrentou algum tipo de discriminação durante a viagem? Pode compartilhar uma experiência em que sentiu que enfrentou discriminação? Como isso afetou sua viagem?

- 8.** Você ouviu algum tipo de comentário ou "piada" com base em estereótipos relacionados ao Brasil? Como você reagiu a essas situações? Qual foi o seu sentimento diante dessas experiências?
- 9.** Houve momentos em que você se sentiu insegura? Como lidou com essas situações e quais medidas tomou para se proteger?
- 10.** Quais eram suas expectativas antes da viagem e como elas se compararam com a realidade que você encontrou?
- 11.** Você acredita que, caso estivesse em outra condição de companhia (sozinha ou acompanhada), as situações vivenciadas teriam sido diferentes? Por quê?
- 12.** Quais são, em sua opinião, os atributos ou características comumente associados às brasileiras por estrangeiros?
- 13.** Você consideraria retornar ao país que visitou? Quais seriam as suas razões para essa decisão?
- 14.** Com base nas suas experiências, você se sente encorajada ou desencorajada a viajar novamente? Por quê?
- 15.** Quais conselhos você daria para outras brasileiras que planejam visitar esse mesmo destino?
- 16.** Sua percepção sobre o país visitado sofreu alguma alteração após a viagem? Se sim, como?
- 17.** Há algum comentário final ou observação que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DO TRÓPICO ÚMIDO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**NARRATIVAS DE MULHERES BRASILEIRAS EM VIAGENS SOLO PARA
A EUROPA: PERCEPÇÕES DE GÊNERO, NACIONALIDADE E INTERAÇÕES
CULTURAIS.**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA		
Entrevista nº:	Data:	Modalidade da Entrevista:
Horário de Início:		Horário de Término:
Autorização para Gravação: () Sim () Não		Tempo Total De Gravação:

IDENTIFICAÇÃO E DADOS PESSOAIS DA ENTREVISTADA	
Nome:	
Idade:	Profissão:
Estado Civil:	Renda Mensal:
Raça/Cor:	Local De Residência (Cidade/Estado):

1. Quais são os países da Europa que você já teve a oportunidade de visitar? Qual foi o critério utilizado para a escolha do(s) destino(s)?

2. Durante a sua estadia, em algum momento você precisou revelar a sua nacionalidade brasileira? Se sim, qual foi o motivo para essa necessidade?

3. Como sua experiência de viagem influenciou sua percepção de si mesma como mulher brasileira?

4. Qual foi a reação dos locais ao descobrirem que você era brasileira? Houve alguma alteração perceptível no comportamento deles?

5. Você fez amigos ou conheceu outras pessoas durante a viagem? Como essas interações afetaram sua experiência?
6. Você enfrentou algum tipo de discriminação durante a viagem? Pode compartilhar uma experiência em que sentiu que enfrentou discriminação? Como isso afetou sua viagem?
7. Você ouviu algum tipo de comentário ou "piada" com base em estereótipos relacionados ao Brasil? Como você reagiu a essas situações? Qual foi o seu sentimento diante dessas experiências?
8. Você já se sentiu desconfortável ou ameaçada em alguma interação com homens locais? Se sim, poderia descrever a situação e como você lidou com isso?
9. Você já se sentiu insegura em razão de comportamentos machistas ou de assédio durante suas viagens? Como lidou com essas situações e quais medidas tomou para se proteger?
10. Durante a sua estadia, quais foram suas percepções sobre como as mulheres são tratadas em comparação aos homens nos contextos que você vivenciou?
11. Quais eram suas expectativas antes da viagem e como elas se compararam com a realidade que você encontrou?
12. Você acredita que, caso estivesse em outra condição de companhia (sozinha ou acompanhada), as situações vivenciadas teriam sido diferentes? Por quê?
13. Quais são, em sua opinião, os atributos ou características comumente associadas às brasileiras por estrangeiros?
14. Você consideraria retornar ao país que visitou? Quais seriam as suas razões para essa decisão?
15. Com base nas suas experiências, você se sente encorajada ou desencorajada a viajar novamente? Por quê?
16. Quais conselhos você daria para outras brasileiras que planejam visitar esse mesmo destino?
17. Sua percepção sobre o país visitado sofreu alguma alteração após a viagem? Se sim, como?
18. Há algum comentário final ou observação que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DO TRÓPICO ÚMIDO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

QUESTIONÁRIO**Seção 1: Informações Demográficas****Idade:**

- 18-24
- 25-34
- 35-44
- 45-54
- 55+

Estado de origem no Brasil:

Norte

- Acre
- Amapá
- Amazonas
- Pará
- Rondônia
- Roraima
- Tocantins

Nordeste

- Alagoas
- Bahia
- Ceará
- Maranhão
- Paraíba
- Pernambuco
- Piauí
- Rio Grande do Norte
- Sergipe

Centro-Oeste

- Goiás
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Distrito Federal

Sudeste

- Espírito Santo
- Minas Gerais
- Rio de Janeiro
- São Paulo

Sul

- Paraná
- Rio Grande do Sul
- Santa Catarina

Como você se identifica em relação a sua raça/cor?

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Prefiro não responder
- Outros: _____

Como você se identifica em relação a sua orientação sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Assexual
- Prefiro não responder
- Outros: _____

Nível de escolaridade:

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Graduação incompleta
- Graduação completa
- Pós-graduação (mestrado/doutorado)

Ocupação:

Seção 2: Experiência de Viagem**Quantas vezes você viajou sozinha para a Europa?**

- 1 vez
- 2-3 vezes
- 4-5 vezes
- 6 ou mais vezes

Qual foi o principal motivo das suas viagens solo para a Europa?

- Lazer
- Trabalho
- Estudos
- Eventos
- Religião
- Outro: _____

Quais países europeus você visitou durante suas viagens solo? (Selecione todos os que se aplicam)

- Portugal
- França
- Alemanha
- Itália
- Espanha
- Reino Unido
- Outros: _____

Você visitou um ou mais países sozinha? Se sim, qual? (Selecione todos os que se aplicam)

- Portugal
- França
- Alemanha
- Itália
- Espanha
- Reino Unido
- Outros: _____

Qual foi seu critério de escolha para visitar o(s) país (es)? (Selecione todos os que se aplicam)

- Atrações turísticas
- Cultura e história
- Recomendação de amigos ou familiares
- Custo de viagem
- Facilidade de acesso e transporte
- Eventos ou festivais
- Oportunidades de trabalho ou estudo
- Experiências de viagem anteriores
- Outros: _____

Seção 3: Revelação da nacionalidade e potenciais situações de dominação

Houve situações em que estrangeiros sabiam, perceberam ou souberam que você é brasileira?

- Sim

- Não
 Não tenho certeza

Se você respondeu "sim" à pergunta anterior, o fato de saberem que você é brasileira influenciou sua interação com esse(s) estrangeiro(s)?

- Sim
 Não
 Não tenho certeza

"Em uma escala de 1 a 5 onde 'influenciou negativamente' é 1 e 'influenciou positivamente' é 5, marque a opção que melhor descreve sua experiência:"

Influenciou negativamente		Ambos		Influenciou Positivamente
1	2	3	4	5

"Considerando o tipo de influência que foi exercida, selecione as opções que melhor descrevem como essa influência afetou sua interação:"

	Mudança no tom da conversa	Interesse curioso sobre o Brasil	Flerte ou aproximação romântica	Demonstração de simpatia ou hospitalidade	Expectativa de que você fale espanhol	Questionamentos sobre a política ou economia do Brasil	Comentários estereotipados sobre brasileiras ou o Brasil	Associação com estereótipos culturais ou de gênero	Assédio ou comportamento invasivo	Desconfiança ou distanciamento	Outros
Influências positivas											
Influências Neutras											
Influências positivas											

"Como você reagiu?"

	Ignorei a situação	Respondi de forma educada	Desconversei ou mudei de assunto	Rebati os comentários	Fiquei desconfortável, mas não reagi	Reagi com humor	Agradei ou aceitei o elogio	Outros
Reagi de forma positiva								
Reagi de forma neutra								
Reagi de forma negativa								

Seção 4: Percepção de mudança de comportamento.

Você percebeu alguma diferença no tratamento que recebeu por ser brasileira em comparação com outras turistas?

- Sim
 Não
 Não tenho certeza

Você acredita que o estereótipo da mulher brasileira influenciou suas interações sociais durante suas viagens?

- Sim
 - Não
-

Seção 5: Impactos da Experiência de Viagem

Como você descreveria o impacto das suas viagens solo na sua autoestima e independência?

- Muito Baixo
- Baixo
- Neutro
- Alto
- Muito Alto

Você sentiu que suas experiências de viagem solo contribuíram para o seu empoderamento pessoal?

- Sim
 - Não
 - Em parte
-

Seção 6: Reflexões finais.

Como você avalia a sua sensação de segurança geral durante suas viagens solo?

- Muito segura
- segura
- Neutro
- insegura
- Muito insegura

Quais foram os maiores desafios que você enfrentou em termos de segurança durante suas viagens?

- Assédio ou comportamento inadequado
- Dificuldades em obter ajuda de autoridades locais
- Falta de informações claras sobre segurança
- Problemas com comunicação em casos de emergência
- Não enfrentei desafios
- Outros...

Você encontrou algum recurso ou prática específica que ajudou a melhorar sua segurança durante as viagens?

- Uso de aplicativos de segurança
- Contato com grupos ou comunidades locais
- Seguir recomendações de outros viajantes
- Manter contato regular com amigos ou familiares
- Não fiz nada
- Outros: _____

Você tem alguma sugestão para melhorar a comunicação ou suporte oferecido a viajantes solo em situações de segurança?

- Melhorar o acesso a informações de segurança em sites e aplicativos
 - Estabelecer canais de suporte específicos para turistas
 - Treinamento para funcionários de turismo e segurança
 - Não tenho nenhuma sugestão
 - Outros...
-

Seção 7: Reflexões Finais

Você tem alguma sugestão ou comentário sobre como melhorar a experiência de mulheres que viajam sozinhas?

Você estaria disposta a participar de uma entrevista em profundidade para discutir mais detalhadamente suas experiências de viagem?

- Sim (Se sim, por favor, forneça um e-mail ou número de contato): _____
- Não

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada para participar da pesquisa referente à dissertação de mestrado intitulada: “**Fronteiras invisíveis de gênero:** impactos da dominação masculina em viagens solo de brasileiras.”, desenvolvida por Jamyle Cristine Abreu Aires, discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edna Maria Ramos de Castro.

Informamos que esta pesquisa é estritamente acadêmica e objetiva investigar criticamente as narrativas de mulheres brasileiras sobre a dominação masculina, analisando como suas experiências de viagem solo moldam sua compreensão de liberdade, autonomia e segurança. A pesquisa será feita mediante sua preferência, com a possibilidade de ser presencial ou remota, devendo ser previamente acordada a data e o horário por ambas as partes. Você irá responder perguntas sobre sua(s) experiência(s) de viagem(ns) solo para a Europa. Sua participação é por vontade própria, não havendo qualquer incentivo ou gastos financeiros para você. Para isso, será usado um roteiro de entrevista, mediante o compromisso da pesquisadora acima citado, em garantir os seguintes direitos:

- Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.
- Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der.
- O uso do roteiro de entrevista é considerado seguro, mas é possível que durante a entrevista você se sinta desconfortável com algumas perguntas ou respostas, pois elas podem trazer lembranças ruins. Nesses e em outros casos, você tem a liberdade de não responder as questões ou de desistir de participar, sem qualquer penalidade ou interferência;
- Se autorizar, a entrevista será gravada e o áudio será guardado por até cinco (5) anos nos arquivos dos pesquisadores;
- Quando terminarmos a pesquisa, os dados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes;
- Qualquer outra forma de utilização das informações somente poderá ser feita mediante sua autorização;
- Nos resultados publicados será preservado o anonimato de sua identidade;

- Você poderá consultar, quando julgar necessário, os resultados junto a pesquisadora;
- Caso aconteça algo errado ou tenha alguma dúvida, posso entrar em contato por meio dos e-mails da pesquisadora: jamyle.aires@gmail.com, ou da orientadora: edna.mrcaastro@gmail.com.

Ao aceitar participar da pesquisa, você terá a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos e experiências, os quais podem servir como base para a formulação de estratégias de apoio e enfrentamento por parte do poder público em relação a situações vivenciadas internacionalmente em contextos turísticos.

Diante disso, entendendo que, a qualquer momento, pode desistir sem ninguém questionar, você aceita participar da pesquisa respondendo uma breve entrevista?

SIM NÃO

Você autoriza a gravação de sua entrevista?

SIM NÃO

Por fim, declaro que a pesquisadora tirou minhas dúvidas, recebi uma cópia deste termo de consentimento, o qual li e concordei para participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 2024.

Assinatura da participante.

Assinatura da pesquisadora.

ANEXO A – CAPTURAS DE TELA DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES.

Figura 2 - Resultado de busca no portal com o termo “turismo sexual”.

The screenshot shows the search results for the term "turismo sexual" on the CAPES Periódicos portal. The search bar contains "Olá. turismo sexual" and the results are displayed in a list format. The first result is an article titled "Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual" by Adriana Piscitelli, published in 2005 by the Universidade Estadual de Campinas. The second result is "Turismo sexual y territorio: el espacio vivido de las sexoservidoras en Veracruz-Boca del Rio". The interface includes filters for access type (Open Access), document type (Article, Editorial), and creation year (1985 to 2025).

Figura 3 - Resultado de busca no portal com os termos “mulher AND brasileira AND turismo”.

The screenshot shows the search results for the terms "mulher AND brasileira AND turismo" on the CAPES Periódicos portal. The search bar contains "Olá. mulher AND brasileira AND turismo" and the results are displayed in a list format. The first result is an article titled "Lingua fascista, discurso contraditório" by Lucas Rodrigues Nascimento, published in 2020 by the Universidade Federal de Uberlândia. The second result is "Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de 'quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade' - diz Bolsonaro" by Lucas Nascimento. The interface includes filters for access type (Open Access), document type (Article), and creation year (1990 to 2024).

ANEXO B – CAPTURAS DE TELA DO SITE GOOGLE SCHOLAR.

Figura 4 - Resultado de busca no site com o termo “sex tourism”.

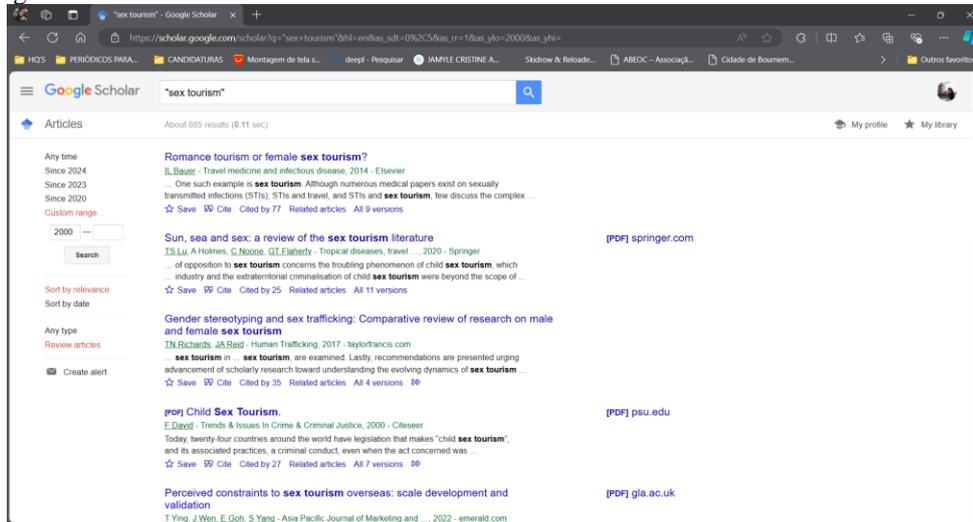


Figura 5 - Resultado de busca no site com os termos “brazilian woman tourism”.

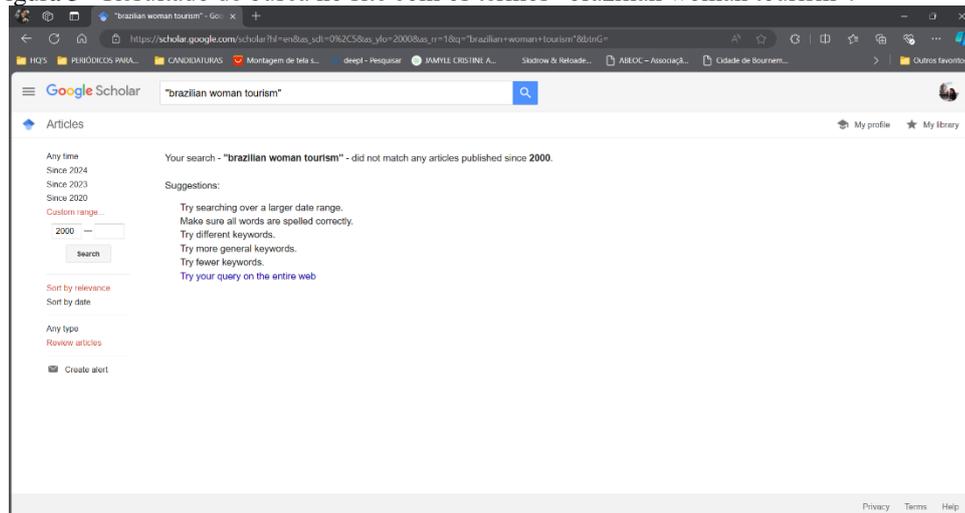
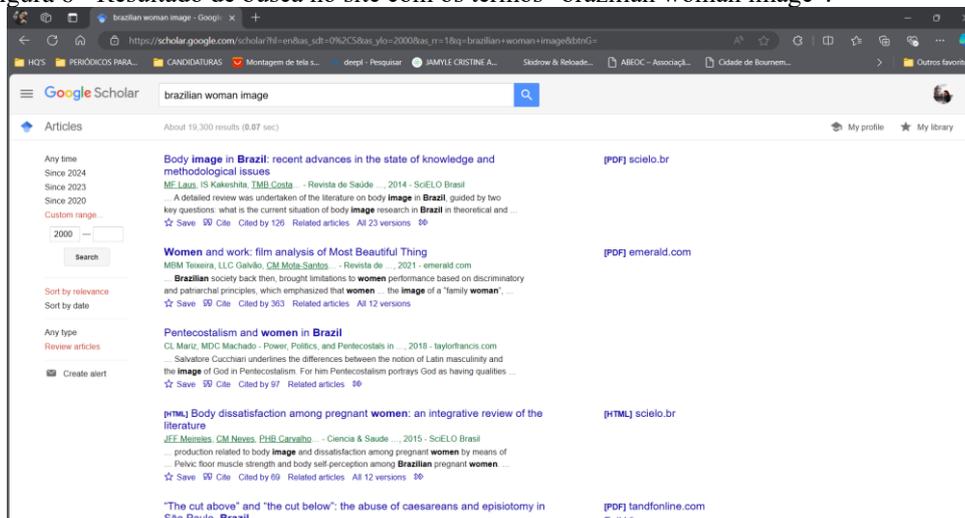


Figura 6 - Resultado de busca no site com os termos “brazilian woman image”.



ANEXO C – CAPTURAS DE TELA DO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES.

Figura 7 - Resultado de busca no site com o termo “turismo sexual”.

The screenshot shows the search results for the term "turismo sexual" on the CAPES website. The search bar contains the text "turismo sexual" and the search button is labeled "Buscar". The results section displays "75 resultados para turismo sexual" and "Exibindo 1-20 de 75". There are navigation arrows and page numbers (1, 2, 3, 4). A filter section on the left allows refining results by type: "Mestrado (Dissertação)" with 48 options and "Doutorado (Tese)" with 16 options. The first three results are listed:

- Schlemper, Maricéla. **A PROSTITUIÇÃO [CLÁSSICA] E A PROSTITUIÇÃO NO ÂMBITO DO TURISMO SEXUAL: Uma abordagem Sociológica Sobre Fronteiras Pouco Visíveis** 30/09/2010 168 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- MARQUEZ, ANIELE DA SILVA. **A "invisibilidade" de crianças e adolescentes no contexto do turismo sexual em Salvador** 30/04/2009 125 f. Mestrado em ADMINISTRAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO - UFBA
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- Marinho, Marcela Ferreira. **O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção como objeto de**

Figura 8 - Resultado de busca no site com o termo “turismo sexual”.

The screenshot shows the search results for the term "mulher brasileira turismo" on the CAPES website. The search bar contains the text "mulher brasileira turismo" and the search button is labeled "Buscar". The results section displays "16 resultados para mulher brasileira turismo" and "Exibindo 1-20 de 16". There are navigation arrows and page numbers (1). A filter section on the left allows refining results by type: "Mestrado (Dissertação)" with 11 options and "Doutorado (Tese)" with 3 options. The first two results are listed:

- FILHO, ANTÔNIO JONAS DIAS. **FULÔS, RITAS, GABRIELAS, GRINGÓLOGAS E GAROTAS DE PROGRAMA: FALAS, PRÁTICAS, TEXTOS E IMAGENS, EM TORNO DE NEGRAS E MESTIÇAS, QUE APONTAM PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NACIONAL, A PARTIR DA SENSUALIDADE ATRIBUÍDA À MULHER BRASILEIRA** 30/06/1998 185 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DOS MESTRADOS DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA/UFBA
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- LEITE, CLEA AGUIAR. **A representação da "mulher brasileira" construída pela Embratur entre 1966 e 1985** 07/03/2017 173 f. Mestrado Profissional em TURISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE-UNB